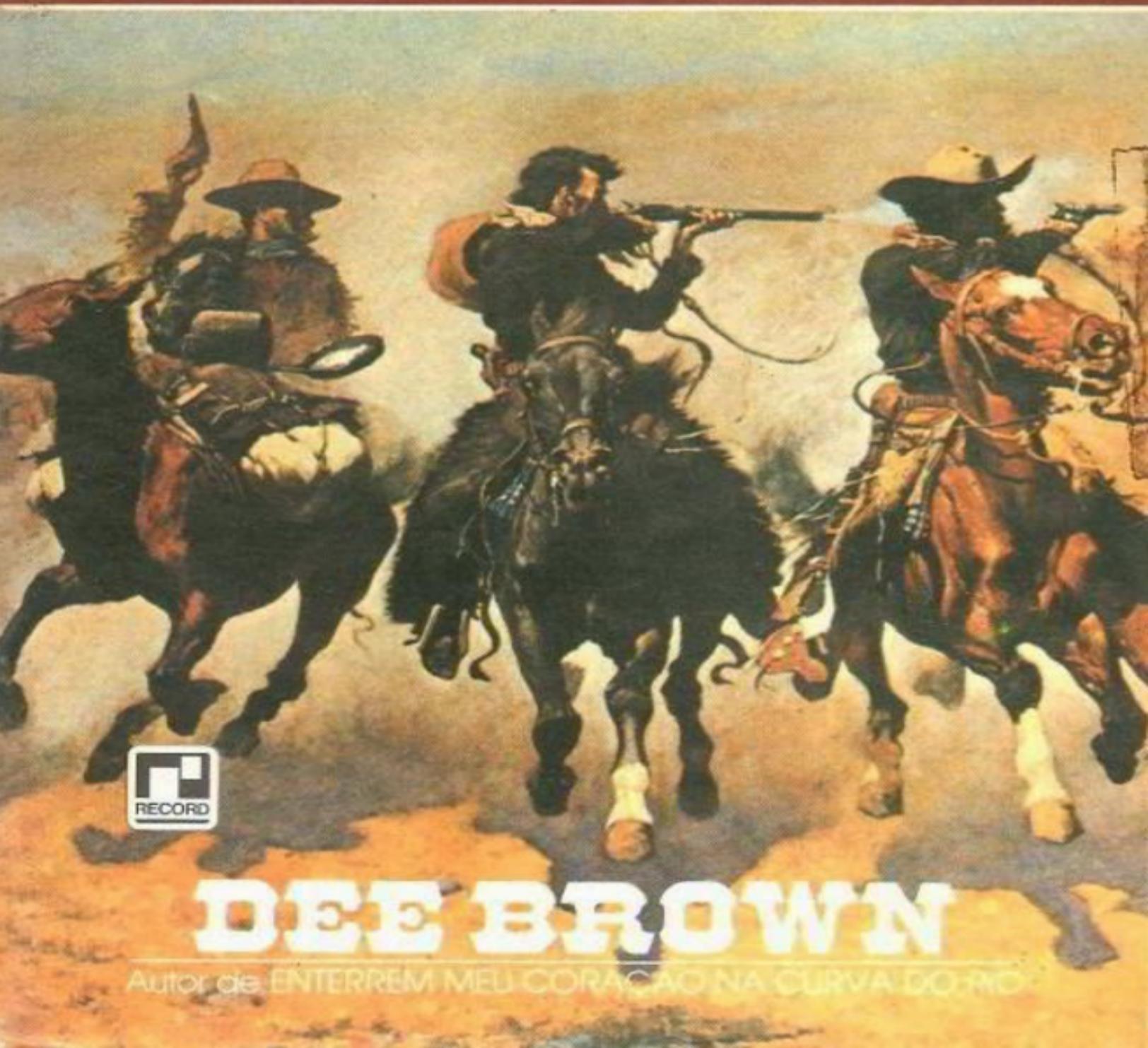


O FAROESTE

A história épica do oeste americano, vivida pelos homens que ajudaram a construir uma nação



DEE BROWN

Autor de ENTERREM MEU CORAÇÃO NA CURVA DO RIO

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

DEE BROWN

O FAROESTE

Tradução de
AUGUSTO MEYER FILHO



EDITORA RECORD

Título original: The Westerners
Copyright © 1974 by George Rainbird Ltd

Conversão para EPUB:

EREMITA

Este e-book foi revisado em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa em todo o mundo
com exceção de Portugal adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

INTRODUÇÃO

A história do Oeste norte-americano possui todos os elementos das sagas da Ilíada e da Odisseia. É um mundo heroico de desafios e guerras, de viagens a terras remotas, caçadas corajosas, resistência até o último homem e explorações legendárias. Trata-se de um épico de grandiosos feitos, de triunfos e fracassos, de heróis e heroínas contraditórios. O Oeste é uma tragédia interrompida por interlúdios de comédia, ou um conto do bem e do mal, uma peça moralista de abstrações personificadas. Somente um poeta épico, um Homero, poderia englobar o Oeste norte-americano e celebrar sua essência em um só volume compacto.

A narrativa que se segue é a história do Oeste contada através das experiências de alguns representantes selecionados do que ocorreu na região, entre o século XVI e o século XX. Alguns são bem conhecidos historicamente, outros nem tanto, mas todos representam milhares de homens do Oeste como eles próprios, que contribuíram de algum modo significativo para o passado desta região.

No começo foi a busca pelo Mar Ocidental e suas sete cidades míticas de ouro. A maioria dos homens que se aventuraram até lá foram motivados pela simples cobiça. As riquezas legendárias, mais do que a grandeza e a beleza da terra, atraíram homens e mulheres de toda parte do mundo. Em vez de admirarem o esplendor deslumbrante do Grand Canyon, os homens de Coronado amaldiçoaram a sua extensão, pois o abismo era uma barreira contra a busca do ouro. Alguns encontraram riquezas e outros não; para quase todos, o Oeste americano era um lugar para onde as pessoas viajavam enfrentando toda sorte de dificuldades, ficavam ricas e então regressavam. Tratavam o Oeste como um armazém a ser explorado para lucro pessoal.

D. H. Lawrence, que esteve algum tempo no estado do Novo México, ficou fascinado pela ausência de raízes dos norte-americanos que para lá se dirigiam. Afirmou que os homens são livres somente quando pertencem a uma terra ativa, uma comunidade orgânica. *"Não quando estão fugindo para um oeste selvagem. As almas menos livres*

vão para lá e gritam por liberdade. Os homens se tornam mais livres quando são menos conscientes da liberdade. O grito corresponde ao ruído dos grilhões(...)"

Entre os pioneiros do Oeste cujas histórias são contadas aqui, somente três deles realmente buscavam a liberdade e um era um nativo, um índio norte-americano que a havia perdido. Os outros estavam atrás de riquezas, além de liberdade. Pelo menos uma dúzia deles desejava nada mais que riqueza, se bem que alguns fizessem isso e ao mesmo tempo falassem em liberdade. Somente um desejava apenas aventura; dois tinham esperança de conseguir riqueza juntamente com aventuras, outros tinham sede de conhecer o desconhecido — aventura combinada com compreensão. Quatro foram para o Oeste em busca de glória, dois dos quais exigindo riqueza junto com a glória. Todos eram, de uma maneira ou de outra, o que os índios do Texas disseram sobre Cabeza de Vaca e seus companheiros: Filhos do Sol.

Dentre todos, talvez Lewis e Clark fossem os que tivessem os motivos mais puros: eram exploradores que buscavam o conhecimento do país; lógico que desejavam riquezas tanto quanto qualquer homem, mas o que queriam, acima de tudo, era só conhecer. No entanto, eles mesmos tinham ânsia em informar aos nativos que iam encontrando que os índios americanos não estavam mais submetidos a reis e imperadores europeus, mas sob a proteção benevolente de um Grande Pai Branco de Washington. E onde estão as tribos protegidas agora? O esforço artístico de George Catlin foi admirável, embora ele estivesse menos interessado na sobrevivência das tribos ameaçadas do que em fixar em suas telas aquelas civilizações condenadas.

Alguns dos mais famosos pioneiros do Oeste estiveram lá apenas por curto período. Menos de uma dúzia das figuras apresentadas neste livro terminaram seus dias nas terras às quais seus nomes se ligam e alguns morreram violentamente antes que pudessem voltar. Os homens da montanha gostaram da vida sem grilhões, do Grande Céu e das Montanhas Brilhantes; mas, após haverem praticamente exterminado os animais que forneciam peles, regressaram à civilização do homem branco para lá morrerem. Eles e os outros ganharam suas riquezas e glórias e sobreviveram a grandes dificuldades e aventuras, ou sofreram amargas derrotas. E então foram embora.

O Oeste estava ali, esperando para ser explorado, e, ao realizarem a marcha para o Mar Ocidental, eles e muitos milhares exterminaram inúmeras espécies de animais e pássaros. Destruíram a ondulação do capim das Grandes Pradarias, despojaram as montanhas de seus metais e envenenaram a terra, arrasaram as florestas e produziram áreas desérticas. Estupraram, desnudaram e roubaram a terra como se odiassem o jardim do Oeste com paixão violenta. Construíram grandes cidades em lugares sem água, onde mesmo as mais primitivas tribos sabiam que não podiam ser construídas. Nos gramados de suas casas de cidade os exterminadores de animais selvagens colocaram figuras de ferro de veados e búfalos; encimando os telhados dos matadores de águias erguiam-se esculturas douradas de grandes pássaros.

Os desertos e os canyons intocados, as florestas e os rios começaram a ser entupidos de detritos, lixo e restos dos conquistadores — montículos de metal e vidro à deriva, avalanchas de carroções abandonados, vagões e locomotivas de estrada de ferro, aço, borracha e plásticos de aviões e automóveis abandonados. Toda vez que uma crise nacional determinou que fossem liberadas forças; destrutivas — bactérias mortais, produtos químicos letais, ou bombardeios de nêutrons nos átomos de urânio — a terra do Oeste aguentou as investidas.

Os primeiros pioneiros do Oeste eram homens de grande fibra e cheios de vigorosa seiva da vida. Alguns deles, que permaneceram ao longo das gerações, aprenderam a amar a terra. Uns chegaram a agir como Touro Sentado, chefe índio dos sioux tetons, que percebeu o que estava acontecendo e tentou evitar o perigo afastando-se dele, pedindo apenas para ser deixado em paz; mas, no último momento, teve de parar e lutar. Não pôde escapar das forças da destruição fugindo para outro país e regressou ao seu próprio, para tentar salvar o que restara. *"Deixem-nos em paz"*, disse ele. *"Não queremos seu ouro ou prata, ou qualquer de seus bens. Podemos viver bem, se vocês pelo menos nos deixarem em paz."* Mas era muito tarde. O Oeste que amava estava condenado, tal como ele.

SUMÁRIO

[CAPA](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Introdução](#)

[1. Os Filhos do Sol](#)

[2. Rumo ao Mar Ocidental](#)

[3. Paladinos Vestidos de Pele de Gamo](#)

[4. Catlin, o "Pintura Mágica"](#)

[5. Parkman e o Ano da Decisão](#)

[6. Josiah Gregg e a Princesa Errante](#)

[7. A Estrada Para o Eldorado](#)

[8. Um Anjo de Luz, um Duende Amaldiçoado](#)

[9. As Carroças Velozes de John Butterfield](#)

[10. O Napoleão das Planícies](#)

[11. O Maior Empreendimento Abençoado por Deus](#)

[12. Os Assassinos dos Índios](#)

[13. O Pai dos Cowboys](#)

[14. As Rebeldes de Saias](#)

[15. Libbie e Autie](#)

[16. Os Despojados](#)

[17. Teddy, o Cavaleiro Destemido](#)

OS FILHOS DO SOL

Num dia de maio do ano de 1539, os índios zunis, que viviam num povoado chamado Hawikuh, na área onde hoje se localiza o estado do Novo México, notaram a aproximação de um estranho grupo que se deslocava na árida planície do sul. À frente do cortejo vinha um preto seminu, com uma parelha de galgos correndo ao seu lado. Acompanhando-os vinham cerca de 200 a 300 índios mexicanos, entre eles um número considerável de belas e jovens mulheres. Todos estavam a pé; não havia nem mesmo um burro para ajudar a carregar suas coisas.

O preto trazia à cabeça um cocar de plumas, tão comprido que o fazia parecer muito mais alto que todos os companheiros, e seu corpo musculoso estava enfeitado com um punhado de plumas brilhantes e peças de turquesa e coral, presas em colares em volta do pescoço. Amarrados em seus braços e pernas havia guizos que chocalhavam quando ele caminhava com ar de rei. Trazia também uma cabaça de chocalhos, ornamentada com penas vermelhas e brancas, e uma tira de sininhos bimbalhando.

Ainda a alguma distância dos muros e terraços de Hawikuh, o preto, que se chamava Esteban, parou o grupo e enviou mensageiros correndo à frente, para anunciar sua chegada aos cibolanos, nome dado pelos espanhóis aos zunis daquela época. Um dos mensageiros era Bartolomeu, um jovem índio de Petlatán, da maior confiança de Esteban; foi justamente ele quem levou a cabaça de chocalhos até os muros de Hawikuh, onde os zunis se encontraram com os estranhos. Quando o chefe dos zunis examinou a cabaça que lhe foi oferecida e reconheceu os pequenos sininhos presos a ela, arremessou-a furiosamente ao chão. Disse aos emissários para irem embora imediatamente, pois sabia muito bem que espécie de gente eram eles, e que deviam dizer aos companheiros para não entrarem na cidade, ou

mandaria matar a todos. Os emissários voltaram e disseram a Esteban o que acontecera. Ele respondeu que isto não era importante e que aqueles que demonstravam raiva o recebiam melhor.

Com os seus guizos chocalhando musicalmente, o destemido negro caminhou em direção aos muros de Hawikuh, seguido de Bartolomeu e alguns índios mexicanos e de seus dois galgos. Quase ao por do sol, os zunis os detiveram à entrada do povoado, cercaram o grupo e tomaram tudo o que traziam para comerciar, turquesas e outras coisas. O confiante Esteban não ofereceu resistência, nem mesmo quando os zunis aprisionaram a ele e seus companheiros, colocando-os numa casa fora dos muros de Hawikuh. Passaram a noite ali, sem água ou comida, mas Esteban não teve medo. A mágica de seu chocalho falhara daquela vez, mas o mouro infiel confiava no poder da cruz cristã, poder este que havia sido utilizado muitas outras vezes, com grande sucesso, pelos seus antigos mestres espanhóis.

Como foi que Esteban (*às vezes chamado de Estevanico, Stephen ou simplesmente "O Negro"*) tornou-se o primeiro homem do outro lado do Atlântico a entrar em território zunis, o primeiro explorador a se aventurar na região agora conhecida como Sudoeste dos Estados Unidos? Dez anos antes, este preto, que agora aparentava ares de realeza, não passava de um servo fiel, um escravo aprisionado ainda jovem na costa ocidental do Marrocos, para tornar-se propriedade de Andrés Doraníes, um cavalheiro espanhol. Em 1528, Dorantes e Esteban, com Alonzo dei Castillo e o extraordinário explorador Álvaro Nunez Cabeza de Vaca, foram os únicos sobreviventes de uma expedição que naufragou durante uma tempestade no litoral do Texas. Por seis anos, estes homens vagaram através do Texas, escapando de uma tribo de índios para logo caírem prisioneiros de outra, até que, um dia, Castillo aventurou-se a fazer o sinal da cruz sobre alguns índios que estavam tendo fortes dores de cabeça. Após Castillo encomendá-los a Deus, os índios declararam que todas as dores haviam passado. Desde então, os espanhóis foram encarados como seres sobrenaturais e divulgou-se que poderes mágicos os precediam. De modo que, quando viajavam em direção ao sudoeste, esperando encontrar a Nova Espanha (México), o avanço era impedido por multidões de índios que os cobriam de presentes e imploravam que os curassem de suas doenças, "*Durante todo este tempo, as pessoas nos*

procuravam de todas as partes", relatou Cabeza de Vaca, "e diziam que éramos verdadeiramente os Filhos do Sol."

Entre os presentes ofertados por uma tribo nômade do Texas Ocidental estava "uma sineta de falcão feita de cobre, grossa e larga, enfeitada com uma efígie". Os espanhóis ficaram muito excitados com esta primeira peça de metal trabalhado, a primeira que viam desde o começo de sua jornada. A razão pela qual tinham vindo para o Novo Mundo era, fundamentalmente, encontrar ouro ou outra riqueza, e ali, por fim, estava a prova disto. Onde quer que houvesse cobre devia haver ouro. Quando os espanhóis perguntaram aos índios sobre a origem da sineta, eles disseram que havia sido trazida da direção norte, de uma região de habitações permanentes. Poucos dias depois, da boca de outros índios, ficaram sabendo que os objetos como a sineta de cobre eram procedentes de um lugar muito ao norte, onde estavam enterradas várias placas do mesmo metal...

Os espanhóis estavam certos agora de que a sineta de cobre deveria ser originária das legendárias Sete Cidades, que estariam repletas de ouro e prata e de pedras preciosas — as Sete Cidades onde os chefes polvilhavam a si mesmos e às suas mulheres todos os dias com pó de ouro e andavam em carruagens de prata.

"Nós lhes pedimos que nos conduzissem para o norte", conta Cabeza de Vaca, "e eles responderam, como antes, que somente muito longe havia gente e que nada existia naquela direção, nada para comer ou água para beber."

Quando alcançaram o Rio Grande, os espanhóis tomaram o rumo norte, na esperança de encontrar as Sete Cidades de Ouro. Aonde quer que fossem agora, os índios os cercavam, saudando os estrangeiros como deuses e suplicando somente para tocá-los. Reuniam-se em grupos tão grandes, que Esteban, o mouro infiel, passou a auxiliar seu amo Dorantes no ato de fazer o sinal-da-cruz e encomendar os índios a Deus. O preto rapidamente tornou-se popular entre os índios. Eles o selecionavam para receber favores especiais, inclusive jovens mulheres, pelas quais demonstrava uma particular atração. Esteban começou a usar penas nos cabelos, aderiu à dança dos índios, aprendeu seus cantos e um pouco de suas línguas. De todos os presentes que recebera, o que mais

apreciava era uma cabaça mágica de chocalhos, decorada com penas brancas e vermelhas e uma tira de sininhos.

Por ser um excelente embaixador, os espanhóis passaram a enviá-lo à frente do grupo, e logo Esteban começou a receber, dos índios que encontrava, finas turquesas e esmeraldas, que diziam ser procedentes do misterioso Norte. Nessa altura, o nosso preto mouro, que havia dançado e cantado por todo o caminho através das planícies do Texas, estava tomado pela febre de encontrar grandes riquezas. Se descobrisse ouro antes de seu amo, poderia comprar a liberdade e regressar à terra natal com a riqueza de um rei. "O Negro", relata Cabeza de Vaca, *"estava em constante conversação; informava-se sobre os caminhos que desejávamos tomar, as cidades que possivelmente existiriam e os assuntos que nos interessavam."* Mas as riquezas das Sete Cidades ficavam sempre *"mais para lá"*, além do horizonte, sempre em algum longínquo lugar lá para o norte.

Então, um dia, os viajantes perceberam *"a fivela de um talabarte pendurado em volta do pescoço de um índio, e preso nela um cravo de ferradura"*. Perguntaram a ele onde havia obtido aquelas coisas. *"Do Céu"*, disse ele; e depois, pressionado pelos excitados espanhóis, acabou explicando que certos homens barbudos como eles tinham descido do Céu trazendo lanças e espadas, e que haviam matado dois índios a lança. *"Ao ouvirmos isto"*, conta Cabeza de Vaca, *"agradecemos profundamente a Deus. Já havíamos perdido as esperanças de, algum dia, tornar-nos a ver outros cristãos."*

O objetivo agora era encontrar o mais próximo estabelecimento espanhol. Algumas semanas depois, alcançaram Culiacán, na Nova Espanha. Então, uma procissão triunfante, composta de espanhóis e índios pacificados, entrou na Cidade do México no dia 24 de julho de 1536. Ali não foram saudados como heróis sobreviventes, mas sim como confirmadores da existência das legendárias Sete Cidades e suas fantásticas riquezas. Antônio de Mendoza, Vice-rei da Nova Espanha, mostrou-se particularmente interessado, como também um jovem amigo seu, Francisco Vásquez de Coronado.

Durante alguns meses, as histórias de Cabeza de Vaca e seus companheiros circularam pela Cidade do México, sendo gloriosamente aumentadas cada vez que as repetiam. Curiosamente, nenhum dos

aventureiros parecia muito entusiasmado em regressar ao Norte. Cabeza de Vaca e Dorantes, saudosos da Espanha, recusaram um convite oficial para comandarem uma expedição em busca das Sete Cidades. Castillo casara-se com uma viúva rica, recusando-se sequer a levar em consideração o regresso para tentar resolver os mistérios do Norte. Ora, isto deixou sobrando apenas o escravo Esteban, que deixara de ser propriedade de Dorantes para ficar sob a autoridade do Vice-rei Mendoza. Mas mesmo Mendoza, sedento de ouro, reconhecia a impossibilidade de conceder o comando de uma expedição oficial a um escravo. No entanto, sabia que Esteban seria de valor inestimável numa missão exploradora nas terras desconhecidas do Norte; o negro era inteligente e possuía um dom especial para lidar com os índios, além de entender suas línguas.

O Vice-rei Mendoza finalmente resolveu o problema, autorizando Dom Francisco Coronado, um nobre de 28 anos, a organizar uma expedição e tomando providências para que Esteban e um jovem e ativo missionário franciscano, Frei Marcos de Niza, fizessem explorações preliminares, para definir um caminho que os levasse às Sete Cidades. A seu modo, Frei Marcos era um caçador de riquezas tal como Esteban, com a diferença de que o preto queria ouro para si mesmo, enquanto o missionário o desejava para sua igreja.

No início de 1539, o frade e o preto, com um pequeno grupo de índios mexicanos, deixaram a cidade de Culiacan em direção ao Norte. No caminho, outros índios juntaram-se a eles, atraídos pelo entusiasmo de Esteban, que, para mal-estar do frade, ia incluindo jovens bonitas na expedição, a fim de formarem em seu séquito mais imediato. Esteban prometeu a todos os seguidores que retornariam ao México cheios de riquezas, e eles acreditaram.

Tendo sido encarregado pelo Vice-rei Mendoza de enviar relatórios sobre os povos que fosse encontrando pelo litoral do Pacífico, Frei Marcos acampou para a Páscoa em Vacapa, no Vale de Sonora, e despachou mensageiros índios até o mar, por três caminhos diferentes. Eles deviam trazer nativos do litoral para que vissem o "Enviado dos Céus", Marcos, que desejava interrogá-los. Durante esta parada em Vacapa, Marcos decidiu mandar Esteban *"na direção norte, para verificar se por esse caminho conseguiríamos alguma informação*

importante sobre aquilo que procurávamos. Combinei com ele que, caso descobrisse alguma região rica e desabitada, algo realmente importante, não deveria seguir em frente e sim retornar pessoalmente ou enviar-me índios portanto o seguinte código que estabelecemos: se fosse algo moderado, deveria enviar-me uma cruz branca do tamanho de um palmo; se fosse de maior importância, a cruz deveria ter dois palmos; e, em se tratando de algo mais importante do que a própria Nova Espanha, ele me enviaria uma grande cruz".

Esteban seguiu adiante com entusiasmo, e quatro dias depois despachou mensageiros para Frei Marcos. Carregavam uma enorme cruz, da altura de um homem. "*Disseram-me*", relatou Marcos de Niza, "*que, em nome de Esteban, eu deveria partir imediatamente e segui-lo, porque ele encontrara pessoas que o haviam informado da maior maravilha deste mundo.*" Acompanhando os portadores da cruz estava um índio do Norte, enviado por Esteban para corroborar a história. Este índio contou a Marcos tamanhas maravilhas sobre seu país, que o frade decidiu não acreditar até ver com os próprios olhos. Esta terra chamava-se Cibola, disse o índio, e ali existiam realmente sete grandes cidades cobertas de turquesas e outros indícios de riqueza.

Tão logo pôde encerrar seus negócios em Vacapa, Frei Marcos partiu rumo norte, esperando encontrar Esteban. O preto, no entanto, estava tão entusiasmado com a febre do ouro que não conseguiu adiar a partida. Durante os dias que se seguiram, o avanço de Marcos e Esteban através da região que é hoje o Arizona transformou-se numa corrida pelo primeiro prêmio. Para desculpar-se por não obedecer às ordens de esperar por Marcos, Esteban sempre deixava atrás de si, em cada lugar que acampava, um abrigo confortável, provido de água e comida, para uso do frade. Também marcava a trilha cuidadosamente e uma vez enviou até mesmo uma cruz maior que a primeira.

Por vários dias o frade apressou o passo, tentando alcançar Esteban. E então, um dia, encontrou um índio que voltava da trilha do norte, um dos que haviam estado com Esteban. O corpo do índio estava coberto de suor e ele se lamentava. O povo de Cibola, disse ele a Marcos, havia assassinado Esteban e um considerável número de seus seguidores.

Pode-se apenas imaginar o que aconteceu com Esteban em Hawikuh. Seu primeiro erro foi pensar que os zunis o aceitariam da mesma

maneira que as tribos do Texas — como um feiticeiro capaz de fazer mágica com o sinal-da-cruz e de curar doenças. Os zunis jamais tinham ouvido falar de Esteban, mas, quando ele apresentou o chocalho de guizos, reconheceram-no como um símbolo das tribos inimigas, que às vezes os atacavam — apaches mescaleros ou talvez comanches. Portanto, não podiam confiar nele.

Entre os zunis havia uma tradição, uma velha profecia de que homens barbudos, de pele clara, apareceriam um dia, vindos do sul, e conquistariam a região. Esteban, no entanto, era preto — eles o chamaram de "Mexicano Preto" — e seu chocalho de guizos um símbolo de inimigos tradicionais.

Na sua cobiça pelo ouro, Esteban provavelmente ameaçou-os em demasia, na manhã seguinte em que foi preso pelos zunis, na casa situada fora dos muros de Hawikuh. As lendas zunis contam que os chefes perguntaram a Esteban se ele tinha irmãos, e que quando respondeu que possuía uma infinidade deles e que eles tinham muitas armas e não estavam longe, os chefes decidiram matá-lo, para que não pudesse revelar a localização de Cibola aos companheiros.

O fato dos cibolanos recusarem entrada aos estranhos e matarem Esteban e alguns outros membros deste grupo de reconhecimento convenceu Frei Marcos de que deveria existir ouro em Cibola. Sabia que, se Esteban não pudera entrar na cidade, então provavelmente ninguém poderia, a não ser pela força das armas. Com o destemor que muitas vezes acompanha fanáticos caçadores de tesouros, o frade prosseguiu rumo norte, determinado a contemplar a cidade de ouro. Se realmente chegou perto de Hawikuh não se tem certeza, mas do alto de uma pequena colina descreveu um povoado, a distância: "*Tem muito boa aparência (...) as casas, tal como os índios me haviam dito, são todas de pedra, construídas em andares e terraços planos. Julgando pelo que posso ver do alto, onde me coloquei para observação, o lugar é maior do que a Cidade do México (...) Parece-me que esta terra é a melhor e maior de todas já descobertas antes.*" Frei Marcos imediatamente batizou a terra com o nome de San Francisco, tomando posse dela em nome de Deus e do Rei da Espanha, e apressou-se a regressar para o México com seu espantoso relatório. Frei Marcos acreditava na riqueza de Cibola porque assim o desejava, tal como Esteban havia sido levado a

acreditar. E quando apresentou sua história, de regresso ao México, esta foi aceita sem maiores dúvidas, porque todos, do Vice-Rei até o mais humilde dos trabalhadores espanhóis, queriam acreditar numa terra mais rica em ouro do que o México ou o Peru jamais haviam sido. A Cidade do México estava repleta de jovens nobres espanhóis que haviam chegado ao Novo Mundo tarde demais para participar das pilhagens de Pizarro e Cortez. O próprio Coronado não enriqueceu, mas casou-se com uma jovem muito rica. As novidades trazidas por Frei Marcos eram exatamente aquilo que a nobreza inativa esperava ouvir, e Coronado não teve nenhum trabalho para reunir uma expedição equipada com armas, cavalos e um grande número de bois e ovelhas, como suprimento. Ele e todos os outros membros nobres da expedição providenciaram armaduras para si mesmos e suas montarias, além de índios e negros como serventes para cuidarem de seus cavalos e artigos pessoais.

Na primavera de 1540, a expedição de Coronado estava em marcha para o norte — 336 homens, algumas mulheres e crianças e centenas de índios. Em Culiacán, Coronado parou para preparar uma base para o seu exército, que se deslocava muito lentamente; então, em 22 de abril, após selecionar 80 cavaleiros bem armados e 30 soldados de infantaria, pôs-se a caminho, em busca da cidade de Cibola.

Em fins de junho, os zunis começaram a receber comunicados de que animais estranhos estavam se aproximando, vindos do sul. Por nunca terem visto um cavalo, ou homens vestidos em cotas de malha, os zunis pensaram primeiro que os cavaleiros eram monstros, com cabeça e tronco de homens e corpos com quatro pernas de animais. No dia 6 de julho, estes seres estranhos — que os zunis temiam ser os irmãos de Esteban, o Mexicano Preto — estavam acampados do lado de fora das muralhas de Hawikuh. Os zunis imediatamente prepararam-se para a defesa do pueblo, enviando as mulheres e as crianças para lugar seguro, na Montanha do Trovão, e acumulando pedras pesadas, que empilharam nos telhados das casas mais altas. Armados de arcos e flechas, os guerreiros se juntaram do lado de fora do povoado, "*formados em esquadrões*".

Se bem que a aparência de Hawikuh tivesse sido um desapontamento para os espanhóis em busca de ouro — "*um povoado rochoso e pequeno, um amontoado de pedras, sendo que havia várias fazendas em*

Nova Espanha de bem melhor aparência" — muitos ainda acreditavam que não havia dúvida de que existia ouro lá dentro. Como um incentivo suplementar para entrarem em ação, os espanhóis sofriam as agonias da fome, pois as rações trazidas do México estavam completamente esgotadas. Coronado ordenou que seu mestre-de-campo, Garcia López de Cárdenas, avançasse e exigisse que os índios se rendessem. Em resposta, os zunis traçaram linhas de farinha de milho sagrada no solo, e quando os espanhóis tentaram cruzá-las, dispararam um monte de flechas contra eles, ferindo dois homens.

Ansiosos tanto por ouro quanto por comida, os soldados de Coronado aguentaram firme, aguardando as ordens de atacar. Envergando sua melhor armadura e um elmo dourado com uma pena no alto, Coronado foi à frente para avaliar a situação. Esperando evitar uma luta, levou alguns presentes baratos e, através de um intérprete, apelou aos zunis que se submetessem pacificamente a ele, na qualidade de representante do Rei da Espanha. Os zunis replicaram com outra chuva de flechas.

"Quando os índios viram que permanecemos imóveis", disse Coronado, "tomaram mais coragem e ficaram tão valentes que chegaram quase às patas dos cavalos para lançar suas flechas. Então percebi que não podia hesitar mais; como os padres aprovassem a ação, avancei contra eles." Um dos padres que aprovaram o ataque foi Frei Marcos, que gritou: *"Empunhem os escudos e corram atrás deles!"* O frade estava tão próximo de entrar na cidade de ouro que não podia aceitar a ideia de desistir agora.

Quando os espanhóis atacaram com bestas e mosquetes, os zunis fugiram, alguns se espalhando pelo campo, outros recuando para Hawikuh. O último grupo apressou-se a levantar suas escadas dos níveis mais baixos das casas, reunindo-se em volta das pilhas de pedra nos tetos mais altos e preparando-se para resistir ao cerco. *"Já que a fome não nos permitiria nenhuma espera"*, explicou Coronado mais tarde, *"ordenei (...) o ataque"*. Para seu desapontamento, os arqueiros e mosqueteiros espanhóis não conseguiram desalojar os índios de seus terraços. Coronado desmontou e correu à frente, para liderar seus homens através da entrada estreita e irregular de Hawikuh. Os zunis lançaram pedras sobre os atacantes, tentando atingir Coronado, que

envergava sua brilhante armadura dourada. *"Eles me derrubaram no chão duas vezes, com inúmeros pedregulhos (...) se eu não estivesse protegido pelo excelente capacete que trazia, creio que teria me dado mal."* Tal como foi, os homens de Coronado tiveram que carregá-lo, como se estivesse morto, do campo de batalha. Quando recobrou a consciência, teve a agradável surpresa de saber que os índios se haviam rendido. Seus soldados, entretanto, não foram capazes de descobrir nenhum ouro em Hawikuh. Encontraram conforto apenas na comida que havia. *"Achamos uma coisa que reputamos melhor que ouro ou prata"*, admitiu um deles. *"Ou seja, milho, feijão em abundância, perus maiores que os (...) da Nova Espanha."* Encontraram também, e libertaram, um jovem escravo, Bartolomeu, o índio de Petatlán que tinha sido o emissário de confiança de Esteban.

Após saciarem a fome e os pensamentos se voltarem novamente para o ouro, os espanhóis lançaram sua ira contra o frade franciscano que espalhara todas suas falsas histórias sobre as Sete Cidades de Cibola. *"As maldições lançadas sobre Frei Marcos foram tantas, que espero que o Senhor possa impedir que caíam sobre ele"*, escreveu um cronista da expedição. Tão logo Coronado recuperou-se dos ferimentos, escreveu ao Vice-Rei Mendoza: *"Garanto-lhe que ele [Marcos] não disse uma só palavra verdadeira em seu relato."* Coronado, entretanto, não estava preparado para abandonar a ideia de *"uma fortuna em ouro e pedrarias"* a ser encontrada nessa vasta região nova. Enquanto Frei Marcos retornava em desgraça para o México (onde morreu alguns anos depois), Coronado enviava uma pequena expedição para o noroeste.

Foram informados pelos zunis sobre as Sete Cidades de Tusayan, e no dia 15 de julho Pedro Tovar liderou um destacamento de cavaleiros de Hawikuh para o norte, a fim de tentar descobrir se Tusayan era uma das cidades de ouro das lendas. Tusayan encontrava-se em território dos hopis, e alguns dias depois esses índios se alarmaram quando ouviram falar que havia um grupo de homens de aparência feroz cavalgando em animais que devoravam pessoas. Quando Tovar e seus cavaleiros alcançaram os platôs dos hopis, os índios traçaram a tradicional linha de farinha de milho no solo, tal como os zunis haviam feito. Após advertirem aos espanhóis que não cruzassem a linha, os hopis ordenaram severamente que eles abandonassem seus platôs de imediato.

Em vez de recuar, Tovar atacou, matou e capturou muitos hopis, exigindo deles então um compromisso de obediência em nome de Deus e do Rei. Sobrepujados pelas armas de qualidade superior dos destemidos cavaleiros, os pacíficos hopis não ofereceram qualquer resistência e tentaram apaziguar os espanhóis, presenteando-os com algumas turquesas. Isto só serviu para incentivar-lhes a cobiça por mais riquezas, mas eles não conseguiram encontrar nenhum sinal de ouro em Tusayan.

Em agosto, Coronado enviou outra expedição, sob o comando de López de Cárdenas, diretamente em direção oeste. A missão de Cárdenas tinha por objetivo verificar histórias contadas pelos índios sobre um rio caudaloso e um canyon habitado por gigantes. "Depois de haverem marchado por 20 dias, chegaram às margens de um grande rio, de onde parecia que o outro lado encontrava-se bem mais que a três ou quatro léguas de distância pelo ar (...) foi completamente impossível encontrar uma maneira de descer, a cavalo ou a pé (...) Embora os homens procurassem com insistência muitos pontos para fazer a travessia, nenhum lugar foi encontrado.⁵ Cárdenas e seus cavaleiros foram os primeiros europeus a contemplarem o Grand Canyon do Colorado. Não conseguiram encontrar meio de descer os penhascos ou de cruzar o rio, não viram os gigantes legendários, nem tampouco encontraram ouro. E não estavam interessados em cenários magníficos.

No final do verão, as novidades das conquistas de Hawikuh e dos espanhóis montados a cavalo já haviam se espalhado através de todos os povoados de leste a oeste. De Cicuye, o pueblo que seria mais tarde conhecido como Pecos, no Novo México, um chefe viajou por longo tempo até Hawikuh para ver os estranhos e corajosos homens que ali estavam acampados. "*Era uma figura alta, jovem e de boa aparência*", foi como Pedro de Castañeda, um cronista da expedição, descreveu-o. Devido aos seus bigodes longos, os espanhóis o chamaram de "Bigotes". Ele ofereceu sua amizade a Coronado e disse que, se desejassem viajar através de suas terras e ver seu povo, os índios pecos, seriam bem-vindos. Bigotes viveria o bastante para se arrepender amargamente de tal convite.

Retribuindo a visita de Bigotes, Coronado enviou Hernando de Alvarado e 20 cavaleiros para acompanharem o chefe de volta a Cicuye e

explorarem a terra para o leste. Alvarado deveria investigar e potencial de alimentos nas terras de Bigotes, principalmente as grandes manadas de búfalos a que o chefe se referira, e se a região era boa para seu exército passar o inverno.

O outono estava chegando quando Alvarado alcançou Tiguex, um grupo de 12 povoados que se erguia ao longo das duas margens do Rio Grande, mais ou menos perto do local onde hoje se ergue a cidade de Bernalillo. Tiguex era naquela época o centro do poder da grande tribo dos índios tiguas, e a chegada dos espanhóis determinou o início de sua decadência, que os levaria à extinção quase total. Por confiarem no seu vizinho Bigotes, o índio peço, os tiguas receberam bem os espanhóis, naquele dia claro de setembro. Um grande grupo marchou em volta da tenda de Alvarado, um deles tocando flauta enquanto outros presenteavam o homem branco barbudo com alimentos, cobertores e peles. "*O povo parece bom, mais dado à agricultura do que à guerra*⁵⁵, informou Alvarado a Coronado. "Eles têm reservas de milho, feijão, melões e galinhas [perus] em grande abundância. Vestem-se com algodão, peles e casacos feitos com penas de pássaros. Em outras palavras, Tiguex seria um bom lugar para os espanhóis viverem à custa dos índios. Havia comida, abrigo e roupa para serem utilizados.

Após sua inspeção de Tiguex, Alvarado seguiu para Cicuye (Pecos) com Bigotes, e quando o povo do chefe bigodudo viu o seu líder regressando, veio ao seu encontro para saudá-lo e aos espanhóis, "conduzindo-os até a cidade ao som de tambores e flautas, que eles têm em grande quantidade. Ofertaram muitos presentes de tecidos e turquesas, que abundam nas redondezas.

Ansioso por ver as manadas de búfalos ao leste, Alvarado pediu a Bigotes para guiar a ele e a seus cavaleiros, mas o chefe dos pecos recusou-se, alegando cansaço da viagem e necessidade de ficar com seu povo. Em seu lugar, Bigotes ofereceu dois escravos que havia capturado durante uma caçada nas planícies. Um destes escravos era Sopete, que diziam ser de Quivira. O outro era de uma região que os índios chamavam de Harahey; os espanhóis chamaram-no "El Turco"⁵, porque seu penteado era semelhante ao dos turcos. Sopete era um wichita, sendo Quivira a terra desta tribo, localizada no atual estado do Kansas. El Turco era um pawnee, uma tribo ainda mais para o norte.

No início de outubro, com os guias El Turco e Sopete, Alvarado reiniciou sua marcha para o leste. Quando alcançaram o Rio Canadian, os espanhóis viram os primeiros búfalos, *"as mais monstruosas bestas jamais vistas ou de que se ouvira falar. Havia tamanha quantidade que não sei como fazer comparação com outra coisa, exceto com os peixes do mar (...) porque a região está coberta delas"*.

Alvarado e seus homens não haviam perdido a esperança de ainda encontrar ouro, as Sete Cidades de Ouro, e durante a viagem interrogavam continuamente a Sopete e a El Turco a respeito. Conforme as dificuldades de linguagem diminuía e ele entendia o que os espanhóis queriam, o esperto El Turco começou a contar-lhes histórias de "Gran Quivira", bem para o norte, onde havia muito ouro e prata. Quando Alvarado perguntou-lhe se tinha algum objeto de ouro ou prata de Quivira, o índio respondeu que não, mas que seu amo Bigotes possuía um bracelete de ouro que havia sido trazido de lá. Alvarado ficou tão excitado com a história do bracelete que perdeu todo o interesse na exploração da planície dos búfalos. Regressou a Pecos para ver pessoalmente o bracelete.

Logo após seu regresso a Pecos, onde foi de novo calorosamente recebido, Alvarado perguntou a Bigotes se poderia ver o bracelete que havia sido tomado de El Turco. Bigotes demonstrou grande surpresa e respondeu que não possuía nenhum bracelete de ouro. Se El Turco contara tal história, estava mentindo. Alvarado, no entanto, desejava tão desesperadamente crer que havia ouro em Quivira que se recusou a acreditar na resposta de Bigotes.

Enquanto isso, Coronado havia trazido todo o seu exército do México e começou a transferir seus quartéis-generais de Hawikuh para Tiguex, onde pretendia passar o inverno. Ao tomar conhecimento disto, Alvarado convidou Bigotes a ir com ele a Tiguex para uma visita a Coronado, mas o desconfiado chefe recusou-se firmemente. Vendo que não havia outra maneira de levar Bigotes até a presença de Coronado para um interrogatório apropriado sobre o bracelete de ouro, Alvarado convidou o chefe à sua tenda, uma noite, e aprisionou-o. Pouco tempo depois, os espanhóis deixaram Pecos em direção a Tiguex — com Bigotes, El Turco e Sopete presos e sob severa vigilância.

Para seu primeiro encontro com Coronado em Tiguex, Alvarado levou consigo somente El Turco, que respondeu de boa vontade às perguntas sobre as riquezas de Quivira. A região era plana, disse ele, com um enorme rio cheio de peixes tão grandes quanto os cavalos que os espanhóis montavam. Os chefes de Quivira viajavam em botes movidos por 20 remadores de cada lado, e instaladas nas proas destes barcos encontravam-se grandes águias feitas de ouro sólido. Todas as tardes, os chefes de Gran Quivira tiravam sua sesta sob as árvores ornamentadas com sinos de ouro que produziam uma música suave. Quando perguntaram se os objetos caseiros em Quivira eram feitos de ouro, El Turco garantiu a Coronado que mesmo os pratos das famílias comuns eram feitos de ouro, assim como as bacias e jarros d'água.

Para assegurar-se de que El Turco sabia o que era ouro, Coronado mostrou-lhe objetos feitos de estanho. Após apalpar e cheirar os objetos baratos, El Turco declarou que não eram de ouro: "*Eu conheço ouro e prata muito bem e pouco me importo com outros metais.*"

Coronado agora estava tão excitado quanto Alvarado com as perspectivas de ouro em Quivira e perguntou mais sobre o bracelete de ouro que El Turco dissera que Bigotes tomara dele. O esperto El Turco fez uma sugestão: se Coronado permitisse que ele voltasse sozinho a Pecos, poderia encontrar o bracelete, pois tinha certeza de que Bigotes o escondera. Nem Coronado nem Alvarado estavam inclinados a confiar em El Turco para tal missão. Em vez disso, Alvarado ordenou que Frei Juan Padilla fosse interrogar de novo o prisioneiro Bigotes a respeito do bracelete.

Para o interrogatório, Alvarado e Frei Juan levaram Bigotes acorrentado para um campo do lado de fora do povoado. Com eles estava Pedro de Tovar, que havia maltratado os pacíficos índios hopis de Tusayan. Tovar levou consigo seus cães de caça, e quando Bigotes negou repetidamente qualquer conhecimento sobre o bracelete de ouro, lançou os cães contra ele, para forçá-lo a confessar que realmente possuía o objeto. Embora mordido nas pernas e nos braços, Bigotes assim mesmo não confessou, gritando que El Turco tinha inventado a história. Os espanhóis, inclusive o homem de Deus, Frei Juan Padilla, estavam certos de que era Bigotes o mentiroso. Eles tinham de acreditar na miragem dourada de Quivira.

O inverno se aproximava rapidamente, com nevascas excepcionalmente têmporas. Para abrigar seu exército, Coronado ordenou que os tiguas evacuassem um de seus 12 povoados. Os  ndios desalojados queixaram-se porque teriam de amontoar-se nos povoados vizinhos, mas não podiam resistir às forças superiores daqueles homens de armaduras e animais de quatro pernas, os conquistadores sedentos de ouro de Hawikuh.

Elmos e cotas de malha não eram suficientes para que se protegessem contra o frio do inverno. Notando que seus homens estavam com muito frio, Coronado ordenou que os tiguas fornecessem roupas para seus 300 espanhóis. *"Não foi dado aos nativos tempo para discutirem ou se consultarem a respeito do assunto"*, disse Casta eda. *"Não houve nada que eles pudessem fazer, a não ser tirar suas t nicas e entreg -las, até que todos os espanhóis estivessem abrigados. Alguns dos soldados que escoltavam os coletores, quando recebiam dos índios algum cobertor ou pele que não consideravam de boa qualidade e viam um  ndio com algo melhor faziam a troca sem nenhuma considera o ou respeito e sem perguntar sobre a importância da pessoa que despojavam. Os  ndios ficavam extremamente ressentidos com isso."*

Os tiguas também se ressentiam porque os espanhóis molestavam suas mulheres. Após um caso de estupro, os índios se vingaram matando alguns cavalos dos soldados e tocando outros para uma paliçada no povoado de Arenal. Quando Coronado enviou López de Cárdenas, descobridor do Grand Canyon, para recuperar os cavalos, os índios recusaram-se a sair de Arenal até mesmo para confabular. Em vez disso, subiram para os terraços mais altos do pueblo, *"ecoaram seus gritos de guerra e agitaram no ar, como se fossem bandeiras, os rabos dos cavalos espanhóis que haviam matado"*.

Com o orgulho ferido, os espanhóis decidiram que deveriam forçar a submissão. Atacaram e, após numerosas baixas, conseguiram atingir os terraços de Arenal. Os tiguas, no entanto, recusaram capitular, tal como haviam feito os zunis em Hawikuh. Permaneceram abrigados atrás de suas muralhas espessas e desafiaram os espanhóis a tentarem expulsá-los dali.

No dia seguinte, os soldados romperam as muralhas mais baixas com ar etes e puseram fogo nas aberturas. Para evitar sufoca o, alguns

dos tiguas fugiram e foram imediatamente mortos pelos espanhóis. Cerca de 300, que permaneceram no povoado, fizeram o sinal-da-cruz para indicar que estavam dispostos a se render, caso suas vidas fossem poupadas. Dois oficiais espanhóis responderam com sinais semelhantes. *"Então, baixaram as armas e receberam perdão"*, diz Castañeda. *"Foram conduzidos à tenda de Dom Garcia [Cárdenas], que, de acordo com o que disse, não sabia a respeito do tratado de paz e pensava que eles se haviam entregado por livre e espontânea vontade, por terem sido derrotados. E como ele recebera ordens do general [Coronado] de não os trazer de volta com vida, mas transformá-los num exemplo para que os outros nativos temessem os espanhóis, ordenou a colocação de 200 estacas para queimá-los vivos. Ninguém fez menção ao tratado de paz concedido a eles, pois os soldados sabiam pouco a respeito; e aqueles que deveriam ter-lhes comunicado permaneceram em silêncio, achando que o assunto não era de sua conta. Então, quando os inimigos viram que estavam sendo amarrados pelos espanhóis e que começavam a ser queimados, cerca de cem homens que estavam na tenda começaram a debater-se e a defender-se, com tudo o que fosse possível encontrar ali e com as estacas de que conseguiram se apossar. Nossos infantes atacaram a tenda de todos os lados, de modo a reinar a confusão em torno dela, e então os cavaleiros perseguiram aqueles que fugiam, dos quais, por ser o terreno plano, nenhum sobreviveu. Restaram apenas alguns outros, escondidos no povoado e que escaparam à noite para espalhar a notícia de que os estrangeiros não haviam respeitado o acordo de paz, o que mais tarde veio a transformar-se numa grande infelicidade. Após tudo isto estar terminado, começou a nevar (...)"*

Nunca mais os tiguas voltaram a confiar nos espanhóis, devido aos homens de Coronado terem quebrado sua palavra após aceitarem o sinal-da-cruz dos guerreiros que se entregaram. Durante o longo e frio inverno ocorreram outras lutas e cercos e os espanhóis aumentavam o nível de ferocidade a cada demonstração de resistência de seus hospedeiros descontentes, que lutavam até o último homem, ao invés de se renderem de novo.

À medida que os primeiros sinais da primavera começaram a aparecer no lugar, El Turco passou a falar cada vez mais entusiasticamente a Coronado sobre o ouro de Quivira, *"tanto ouro que*

poderiam não somente carregar os cavalos com ele, mas até carroças". E, para estar certo de que os espanhóis o levariam até a sua terra de Harahey, El Turco disse que o chefe de Harahey, Tatarrax, era ainda mais rico que os chefes de Quivira. E além de Harahey ficava Guaes, igualmente rica em ouro e prata. Os ambiciosos espanhóis mal podiam esperar para começar, mas quando partiram de Tiguex, a 23 de abril de 1541, tomaram providências para que El Turco e o jovem quivirano Sopete não fugissem. Colocaram em seus pescoços anéis e correntes de ferro.

Quando a coluna atingiu Cicuye (Pecos), Coronado, num gesto de reconciliação, devolveu Bigotes ao seu povo. Afinal de contas, o chefe dos pecos não tinha mais utilidade; não haviam nem mesmo entregue o misterioso bracelete de ouro tantas vezes mencionado por El Turco.

No início de maio, Coronado achava-se no Liana Estacado, encontrando-se com os apaches das planícies (chamou-os de querechos), maravilhado com seus **tipis**,* suas carroças puxadas por cães e com as imensas manadas de búfalos que proviam seu sustento. Sem o conhecimento dos espanhóis, El Turco conseguiu comunicar-se com os querechos e convencê-los a ajudarem-no a guiar os soldados através das verdes planícies, onde eles poderiam ficar perdidos e confusos, dando-lhe assim a oportunidade de fugir. Os querechos mantiveram o acordo, contando a Coronado e aos seus homens a respeito dos ricos povoados ao leste e oferecendo-se para auxiliar El Turco a guiá-los até lá. "*Por cinco dias*", informou Coronado mais tarde, "*fui aonde eles queriam, até que atingimos terrenos planos tão desnudos de marcas que parecíamos cercados pelo mar. Ali os guias perderam a trilha porque não havia em lugar algum uma pedra, um monte, uma árvore, um arbusto, ou nada deste tipo.*" Os guias, naturalmente, estavam apenas fingindo que haviam perdido as trilhas, mas, durante uma caçada aos búfalos, um dos soldados espanhóis perdeu-se e nunca mais foi encontrado.

* Tendias cônicas usadas pelos índios norte-americanos das planícies. (N. do T.)

Poucos dias depois, a coluna encontrou "*outra nação de um povo chamado teyas*", que bem podiam ser apaches ou comanches.

Depois de descobrirem que os teyas tinham vindo de uma região mais distante do leste, Coronado os interrogou a respeito da rica povoação que deveria existir lá. Os teyas disseram que não havia cidades de ouro para aqueles lados, mas somente casas feitas de palha e peles de búfalo, e que os povos que lá viviam eram muito pobres, mesmo em milho.

"Esta informação causou-me considerável preocupação", disse Coronado. Não só os espanhóis marchavam na direção errada como também esgotavam-se a comida e a água, tendo eles que beber de poços cobertos de limo. Quando seus guias querechos os abandonaram, os espanhóis ficaram somente com El Turco e Sopete. Sopete tentou informar aos seus captores que estavam se afastando cada vez mais de Quivira, que ficava ao norte, mas ninguém prestou atenção ao jovem wichita. El Turco era tão convincente que os espanhóis preferiam acreditar nele. Na verdade, ele parecia manter Coronado sob uma espécie de encantamento.

Finalmente, a coluna alcançou uma grande barranca (Canyon Tule), onde outra tribo de teyas estava acampada. Foi ali que Sopete escolheu para fazer uma cena, esperando assim forçar Coronado a ouvi-lo. Lançou-se ao solo e mostrou, através de sinais, que preferiria ter a cabeça cortada a seguir naquela direção. Coronado, evidentemente, passou a acreditar em Sopete, que insistia que Quivira ficava ao norte. Sopete declarou que El Turco havia conspirado com os querechos para que eles afirmassem que as cidades de ouro ficavam a leste. Coronado teve o bom senso de interrogar os teyas no Canyon Tule antes de El Turco ter oportunidade de entrar em contato com eles. E esses teyas também disseram que não havia nenhuma cidade de ouro a leste. Quivira? Sim, Quivira ficava ao norte, mas não havia nenhuma grande cidade lá tampouco. As aldeias wichitas eram feitas de palha e sua única riqueza era o milho.

Nenhum cronista espanhol deixou uma descrição de como Coronado arrancou uma confissão de El Turco. *"O que o índio dissera era mentira, com exceção de que havia uma província chamada Quivira e que havia milho e casas de palha ali"*, foi a maneira pela qual um dos relatórios referiu-se ao fato.

Nos dias seguintes, o exército confuso e faminto de Coronado vagou pela região até que chegou ao Canyon Paio Duro — um oásis extraordinário na vasta planície, em alguns pontos com cerca de 300 metros de profundidade, com água perene e grama que atraía imensas manadas de búfalos. *"A ravina (...) tinha uma légua de largura de um lado ao outro, com um pequeno rio no fundo, e havia muitos bosques de amoreiras por perto e roseiras com a mesma qualidade de frutos que têm na França. Eles fizeram suco das uvas verdes desta ravina, se bem que existissem maduras. Havia nozes, certos pássaros semelhantes aos da Nova Espanha e uma grande quantidade de ameixas, tais como as de Castela."*

Paio Duro, o canyon descoberto pelos europeus naquele dia de maio de 1541, estava destinado a tornar-se um local simbólico na história do Oeste americano. Ali, três séculos depois, os índios das planícies do sul resistiram pela última vez para não serem confinados à força nas reservas. Ali viveria uma das últimas manadas livres de búfalos selvagens, e após a destruição total desses animais peludos, Paio Duro tornar-se-ia o local da instalação dos primeiros ranchos nas planícies do Oeste durante a fase das trilhas de gado dos cowboys.

Coronado descansou seu exército por vários dias em Paio Duro. Os soldados restauraram as forças utilizando a fartura de recursos naturais do canyon na primavera, com bons jantares de carne e procurando evitar o escorbuto bebendo suco dos frutos silvestres. Deveriam abandonar a busca das cidades douradas e regressar ao México? Ou deveriam prosseguir a exploração da nova terra? Entre os capitães havia muitos que acreditavam que no início El Turco estivera dizendo a verdade sobre Quivira, mas depois mudara a sua história e os desnorteara, levado pelo medo do que os espanhóis fariam quando alcançassem a cidade de ouro. Não, não regressariam agora sem terem visto Quivira pessoalmente, dando mais uma busca ao ouro.

Praticamente todos os membros da expedição queriam ir para Quivira, mas pela distância e aparente escassez de água e comida ao longo do caminho, Coronado selecionou somente 30 soldados e Frei Juan de Padilla para a viagem. O restante do grupo regressaria para Tiguex. *"Quando os homens do exército ouviram esta decisão, imploraram ao general que não os deixasse lá, permitindo que todos*

fossem com ele, pois gostariam de morrer por ele e não queriam voltar. Não adiantou nada, mas o general concordou em enviar mensageiros dentro de oito dias, dizendo se isto seria possível. Depois, seguiu caminho com os guias que possuía [alguns teyas] e com Sopete. El Turco foi levado acorrentado."

(Por uma dessas estranhas coincidências da história, à medida que Coronado seguia para o norte pelo vale superior do Rio Arkansas, outro espanhol em busca de riquezas, Hernando de Soto, procurava cidades legendárias de ouro ao longo do vale inferior do rio. De Soto percorreu a maior parte do que é hoje o estado do Arkansas, atrás de boatos de cidades douradas na longínqua direção do pôr-do-sol, mas nunca alcançou as planícies do oeste.)

Sopete havia pedido aos espanhóis para não levarem El Turco "porque ele iria provocar confusões e tentar impedi-lo de agir a nosso favor". Coronado, entretanto, achava que ele seria de alguma utilidade para a expedição. Para agradar Sopete, ordenou que El Turco fosse mantido na retaguarda durante a marcha e fora de vista durante os acampamentos.

Seguindo trilhas recentes de búfalos, em direção norte, a coluna viveu um mês praticamente de carne deste animal, cozinhando-a com suas fezes secas, "porque não existe outro tipo de combustível nestas planícies, exceto ao longo dos arroios, que são poucos". Com o calor do fim de junho, cruzaram o Rio Arkansas num ponto usado pelos índios e búfalos desde tempos imemoriais, e que se tornaria bem conhecido daqueles que fossem rumo oeste nos próximos séculos. A famosa Trilha de Santa Fé usaria este mesmo vau, e a cidade que seria construída ali pelos homens brancos receberia o nome de **Ford** * devido a isto.

* Ford, em inglês, significa vau. (N. do T.)

No dia 2 de julho um grupo de wichitas que caçava búfalos avistou a coluna dos homens de Coronado seguindo em direção a cies pelo vale do Arkansas. Diante da aproximação dos homens de cima cavalgando estranhos animais de quatro pernas, os wichitas "puseram-se a gritar e a fugir (...) Sopete começou a chamá-los de volta em sua língua, e desta maneira eles vieram até nós sem medo".

As esperanças dos espanhóis brotaram de novo. Estes caçadores eram de Quivira e a primeira cidade dessa terra de mistério estava somente a quatro dias de viagem, em direção nordeste. Não havia dúvida de que devia haver ouro e outros minerais preciosos em Quivira. Após apressarem o passo através das verdes planícies do verão, passando por Pawnee Rock e a Grande Curva do Arkansas, os espanhóis finalmente puderam contemplar cerca de cem casas de telhados redondos, que cintilavam como ouro sob o sol de julho. Até hoje existe uma tradição entre os wichitas de que Coronado e seus 30 homens chegaram a todo galope, gritando e brandindo as espadas em triunfo. Estavam tão convencidos de que o que viam eram casas folheadas a ouro que recusavam-se a acreditar em outra coisa, até que espetaram as espadas nas coberturas de palha e sentiram com suas próprias mãos que as fibras entremeadas brilhavam como ouro devido aos reflexos do sol. As casas estavam localizadas onde é hoje o condado de Rice, no Kansas.

Se bem que profundamente desapontado, Coronado não estava pronto ainda para desistir. De seus hospedeiros ouviu a confirmação da história de El Turco sobre Tatarrax, o chefe de Harahey. Coronado não sabia que Tatarrax era apenas uma palavra wichita para chefe, mas sabia que Harahey — a terra de El Turco — seria provavelmente a última chance de cidades de ouro. E, desta maneira, encaminhou seus homens para outra marcha de cinco dias.

Tatarrax era, na verdade, um índio pawnee muito velho, de cabelos grisalhos e um cocar de penas de peru. Toda sua riqueza não passava de um ornamento de cobre no pescoço. Quando lhe perguntaram, Tatarrax declarou que havia muito daquele metal mais adiante. Os espanhóis, no entanto, não conseguiram encontrar nenhum vestígio de cobre durante o mês que passaram no Katías.

Ainda acorrentado, El Turco planejava sua fuga, tentando encontrar aliados entre os wichitas toda vez que alguns deles se aproximavam. Estava consciente de um ressentimento cada vez maior dos espanhóis em relação a ele, o responsável pelas histórias do ouro de Quivira, e daí por diante passou a temer por sua vida.

Da boca de Sopete e de outros wichitas, alguns homens de Coronado souberam dos planos de El Turco contra eles. El Turco estava sugerindo aos wichitas que não dessem milho aos espanhóis, mas que matassem

seus cavalos, deixando-os a pé; deste modo, poderiam liquidá-los mais facilmente a flechadas e porretes.

Os capitães de Coronado aconselharam-no a executar El Turco antes que ele pudesse causar qualquer dano. Com alguma relutância, Coronado ordenou uma investigação. Evidentemente, ainda se agarrava a uma vã esperança de que El Turco soubesse a localização de uma cidade de ouro; seria impossível que um simples índio tivesse inventado todas aquelas histórias complicadas que contara.

Os espanhóis registraram apenas alguns detalhes do segundo interrogatório de El Turco, o imaginativo pawnee. Desta vez, ele comprometeu Bigotes, o chefe dos pecos, na trama inicial de levar os espanhóis a se perderem no Llano Estacado. Então, Coronado ordenou uma execução secreta e imediata. Quando os soldados destacados para cumprirem a sentença chegaram à tenda onde El Turco era mantido prisioneiro, um deles perguntou ao índio, pela última vez, onde estavam o ouro e as riquezas que ele mencionara em Tiguex.

— A cidade que possui ouro e riquezas fica mais adiante — respondeu El Turco. — Eu guiei vocês até Quivira para poder pegar minha mulher e levá-la comigo.

Desta vez os espanhóis recusaram-se a acreditar; haviam sido enganados muitas vezes antes acreditando que era sempre "*mais adiante*"; já haviam cruzado muitos horizontes. Desta vez colocaram um garrote no pescoço de El Turco e apertaram até que ele morresse sufocado.

Poucos dias depois, Coronado erigiu uma cruz no centro do Kansas, tomando posse da terra em nome de Deus e do Rei da Espanha. Após dar liberdade ao fiel Sopete, os desiludidos espanhóis voltaram para Tiguex. Quando os 30 soldados exaustos ali chegaram, já era meado de setembro. Os camaradas que os esperavam recusaram-se a aceitar o fracasso da missão a Quivira. O ouro, estavam certos, seria encontrado mais para o interior da região.

Durante o segundo inverno passado em Tiguex, Coronado teve muito tempo para refletir sobre os seus fracassos — primeiro nas Sete Cidades de Cibola, depois em Tiguex e finalmente em Quivira. Tinha gasto uma fortuna — a fortuna de sua mulher e a fortuna dos homens que haviam pedido para se juntar a ele — e, no entanto, nada tinha para dar de volta.

A maioria dos homens queria prosseguir na exploração das terras mais para o interior assim que a primavera chegasse, e ele prometeu — mas sem o entusiasmo anterior — levá-los para onde desejassem. Dois dias depois do Natal, quando estava cavalgando para exercitar-se fora de Tiguex, a barrigueira da sela rompeu-se. Ao cair, a pata do cavalo atingiu-lhe a cabeça, e por muitos dias ele esteve entre a vida e a morte.

Coronado nunca mais foi um entusiasmado perseguidor de miragens douradas. À medida que se recobrava lentamente durante o inverno, seus pensamentos estavam mais voltados para os confortos do lar e da família. Não falou mais de expedição ao interior em busca de grandes fortunas.

Em abril de 1542, contra a oposição de considerável número dos seus seguidores, Coronado ordenou o regresso ao México. Até o último instante, 60 homens recusaram-se a partir, não querendo desistir dos sonhos de um novo reino de ouro, mas por fim submeteram-se à vontade dos demais. Somente os frades receberam permissão de permanecer na região, para que pudessem levar adiante a missão de erigir cruzes e "*batizar as crianças que estivessem à morte, fazendo assim que elas pudessem ir para o céu*".

Não muito tempo depois da poeira da coluna de Coronado ter-se assentado, o Padre Juan Padilla — o frade que havia feito a viagem até Quivira com os soldados — deixou quietamente a região do Rio Grande e encaminhou-se para o norte na companhia de um português, um intérprete negro e alguns criados. Aparentemente, Frei Juan Padilla estava retornando a Quivira para tentar converter os wichitas à sua religião. Mas, ao chegar lá, ele não parou. Prosseguiu "*para ver com seus próprios olhos*" a maravilhosa terra de Harahey. Nunca alcançou essa região mítica. Durante o percurso, uma patrulha de guerra indígena bloqueou-lhe o caminho, e embora o frade se ajoelhasse e rezasse para Deus, os índios — que talvez fossem de Harahey — crivaram seu corpo de flechas. Em Herington, Kansas, existe um monumento em sua memória.

Coronado não regressou para o México como herói porque não conseguiu ouro, e, à medida em que os detalhes da expedição foram se tornando conhecidos, ele foi criticado por não ter prosseguido a marcha para Harahey, a fim de encontrar as cidades douradas que certamente ali

estariam. O governo espanhol insistiu em fazer um inquérito público, mas, após uma série prolongada de audiências, Coronado foi absolvido de todas as acusações. O homem amargurado, que havia arriscado tudo numa jornada de cobiça, viveu quietamente no México durante os 12 anos seguintes de sua vida, morrendo a 22 de setembro de 1554, aos 44 anos de idade.

RUMO AO MAR OCIDENTAL

Após a moderna marinha inglesa de Elizabeth I ter derrotado a Armada Invencible da Espanha em 1588, o vigor da conquista espanhola começou a declinar. Em 1598, mais uma inútil tentativa foi feita pela Nova Espanha por Juan de Onate, tentando encontrar o ouro de Quivira. A verdadeira missão de Onate era colonizar o Novo México e a Califórnia, como uma barreira às incursões rumo oeste dos audaciosos ingleses, mas ele passou a maior parte do tempo em expedições exploratórias. Se não fosse pelos missionários franciscanos, provavelmente não existiriam um Novo México e uma Califórnia sob domínio espanhol. Como resultado de seus esforços, Santa Fé, a primeira capital do que mais tarde seriam os Estados Unidos, tornou-se um símbolo da glória espanhola, o mais longínquo posto de um império decadente.

Os tiguas, os pecos e outras tribos eram maltratados, e em 1680, liderados por Pope, um curandeiro tewa, os índios se revoltaram e expulsaram os espanhóis de Santa Fé, matando 21 padres e cerca de 400 colonos do México. Os índios revoltosos pegaram todos os outros que haviam sido batizados como cristãos e os lavaram com espuma de incá, para restaurar sua autenticidade nativa. Proibiram o uso da língua espanhola e destruíram todas as cruzes e objetos religiosos.

O orgulho espanhol e o zelo da Igreja não poderiam tolerar tamanha afronta. Doze anos após, soldados espanhóis e padres regressaram a Santa Fé para reconstruí-la, e desde essa época a cidade transformou-se numa lenda do Oeste. Ingleses da costa leste da América do Norte ouviam falar da cidade e a invejavam; franceses da Nova França (Canadá) ouviam histórias da grande riqueza de Santa Fé. Os homens de Santa Fé, diziam, possuem botões de prata nas suas calças e as mulheres

chinelas de ouro. Estes metais eram tão comuns que até os aros das carroças e carruagens de Santa Fé eram feitos de prata ou de ouro.

Franceses do Nordeste — como os espanhóis do Sudoeste — procuravam havia muito tempo lugares onde a riqueza estivesse concentrada em grandes quantidades. Norembega e Reino de Saguenay, era como os franceses denominavam seus eldorados ao norte. Procuraram minas de ouro, prata e rubis pelas praias da Baía de Fundy e pelos rios São Lourenço e Ottawa acima, até o Estreito de Geórgia. Se não pudessem encontrar Norembega, então achariam um caminho pela água através da América, para as riquezas do Oriente, para as índias originalmente procuradas por Colombo. A única riqueza encontrada foi o comércio de peles, e na busca desse artigo construíram entrepostos e missões jesuítas em torno dos Grandes Lagos e pelo Mississippi e seus afluentes. Em cada parada gritavam o tradicional *Vive le Roi* e exigiam a terra para a França.

Nem todos os franceses abandonaram o sonho de Norembega, o de encontrarem riqueza imediata num só esforço. Entre eles estavam Pierre e Paul Mallet, que decidiram seguir a miragem desde o Canadá até a cidade dourada de Santa Fé. Contratando seis companheiros, compraram um suprimento de facas, machados, sovelas e outros bens de fácil comércio e viajaram do São Lourenço até os Grandes Lagos e pelos rios Illinois e Mississippi até o Missouri. Dois séculos haviam decorrido desde a aventura de Coronado pelo Oeste, mas esta região ainda tinha um mapeamento tão precário que os irmãos Mallet acreditavam que o Rio Missouri os levaria até Santa Fé.

Embora o diário deles tenha-se perdido, documentos oficiais a respeito dizem que quando os Mallets alcançaram a boca do Rio Niobrara, suspeitaram que estavam viajando na direção errada. Neste ponto voltaram-se para o sul, para uma corrente larga e rasa que batizaram de Platte. Sem poderem mais usar pirogas e canoas, trocaram alguns de seus bens por cavalos com os índios pawnees. Estes índios eram o mesmo povo de El Turco, naturalmente. Os franceses, sequiosos de riquezas, estavam na terra legendária de Harahey. Durante aqueles dois séculos, desde a chegada de Coronado, os cavalos da expedição haviam penetrado muito mais para oeste que os próprios espanhóis. Os

cavalos eram valiosos, se bem que não tanto como armas, facas e outros objetos de metal.

Em junho de 1739, seguindo os conselhos dos pawnees, que sabiam onde ficava Santa Fé, o grupo Mallet começou a cruzar as planícies *"onde não podiam encontrar lenha suficiente para acender uma fogueira (...) onde o único meio de acender um fogo era estrume seco de búfalo"*. Então, praticamente todos tinham de vadear uma das inumeráveis correntes que fluíam na direção leste através do Kansas. Quando alcançaram o Rio Smoky Hill, este estava inundado pelas tempestades de junho; eles subestimaram a força da correnteza e perderam sete cavalos carregados de mercadoria. Dez dias depois, a 30 de junho, estavam no Rio Arkansas e encontraram junto a uma de suas margens *"pedras com inscrições espanholas"*. Como o diário da expedição tivesse se perdido, não sabemos que inscrições eram estas ou quem as deixara ali: se Coronado, o infeliz Frei Juan Padilla, ou Juan de Onate.

No início de junho, os Mallets encontraram uma tribo que chamaram de laitanes — provavelmente comanches. Entre eles encontraram um cativo muito viajado da tribo arikara. O índio disse aos franceses *"que fora escravo dos espanhóis e havia até sido batizado"*. Após prevenir os franceses de que os laitanes *"tinham algum plano maldoso contra eles"*, o arikara concordou em guiá-los até Santa Fé, em troca de liberdade. No dia seguinte, os oito franceses e o guia escapuliram e *"viajaram dez léguas para fugirem dos índios laitanes"*.

No dia 15 de julho estavam do lado de fora do povoado de Taos. Um dos Mallets escreveu uma carta para o comandante espanhol e enviou-a através de três índios pueblos amistosos. Logo depois que os sinos da missão começaram a tocar, o comandante, um padre e grande número de pessoas saíram para dar as boas vindas aos primeiros europeus que cruzaram o território desconhecido entre a região do Missouri e o Novo México.

Uma semana depois, os Mallets e seus companheiros tiveram uma recepção igualmente calorosa do Governador Gaspar Mendoza e do General Juan Hurtado, alcaide e capitão-mor em Santa Fé. Os franceses estavam desapontados por não encontrarem o ouro e a prata de que tanto haviam ouvido falar lá no distante Canadá; encontraram somente

algumas centenas de famílias numa cidade pequena, "*construída de madeira, sem nenhuma fortificação, uma guarnição composta de 80 soldados, um bando de má qualidade e mal armado*".

Se bem que a lei espanhola proibisse o comércio estrangeiro em Santa Fé, o povo ali estava tão ansioso por adquirir roupas, facas e outros bens, que nem o governador nem o general interferiram com os Mallets, que puderam vender toda sua mercadoria por dez vezes mais que o preço vigente no Canadá. Quando os Mallets pediram permissão para trazerem suprimentos regulares da Nova França, o governador respondeu que necessitava de permissão do Vice-Rei do México para tal concessão. Os Mallets esperaram alguns meses, e então veio do México uma recusa formal. Na realidade, o Vice-Rei sugeriu ao Governador Mendoza que não desse permissão para que os oito franceses deixassem a missão, pois eles haviam espionado a região. Louis Moreau, um barbeiro-cirurgião que já havia se casado com uma mulher de Santa Fé, e provavelmente um outro membro do grupo ficaram lá voluntariamente, mas o Governador Mendoza permitiu que os Mallets e o resto de seus companheiros partissem.

Tomando rumo leste, os franceses seguiram na direção de Nova Orleans, surpreendendo e agradando o governador francês do território da Louisiana, Sieur de Bienville. Este, que havia fundado a cidade, incentivou os Mallets a organizarem outras expedições comerciais até Santa Fé. Eles fizeram mais duas tentativas, mas cada vez que se aproximavam do Novo México confirmavam que Santa Fé havia se tornado uma cidade proibida. Seus bens eram apreendidos e confiscados.

O decadente império espanhol estava cada vez mais desconfiado dos estrangeiros, e para manter seu posto em Santa Fé, o Governador Mendoza, antes amistoso, tornara-se extremamente duro. Em 30 de junho de 1743, ele informou à Cidade do México: "*Minha missão mais importante foi a investigação sobre a conduta abominável de um francês, um dos que aqui chegaram no ano de 1739 e a respeito dos quais já informei detalhadamente (...) Esta pessoa, após chegar aqui, tentou de maneira astuciosa incitar os índios deste reino à revolta (...) eu o sentenciei à morte, mandando arrancar seu coração pelas costas.*"

Rejeitado pelos espanhóis desconfiados do Sudoeste, o ativo francês voltou sua atenção para o Noroeste. Tomado de uma compulsão tão grande quanto a que havia levado os Mallets para Santa Fé, Pierre de La Vérendrye iniciou uma busca tenaz ao chamado "Mar Ocidental", uma via pela água através da América, que o conduziria até as riquezas da China e da verdadeira Índia. Apoiado por um monopólio, uma companhia de peles da região sioux do Canadá, Vérendrye construiu fortes na direção oeste do Lago Superior. Aonde quer que fosse, constantemente interrogava os índios, buscando informações sobre o Mar Ocidental. Para chegar ali, disseram-lhe, precisava viajar até alcançar um rio no qual a água tinha gosto de sal e se agitava para trás e para a frente, num ruído assustador. Nesse lugar existiam homens que se vestiam de ferro, bem como seus cavalos.

Tomando conhecimento, através dos índios assiniboinés, de uma tribo chamada mandan, que sabia muito a respeito do Mar Ocidental, Vérendrye e seus dois filhos viajaram até o Rio Missouri. Antes que alcançassem os mandans, o intérprete de Vérendrye fugiu e ele perdeu sua bagagem contendo quinquilharias e outros artigos para comerciar. Regressando para sua base mais próxima, Vérendrye adoeceu e temeu não poder prosseguir na busca da passagem para o oceano.

Seus dois filhos, Louis-Joseph e François (Chevalier), estavam imbuídos do mesmo entusiasmo do pai pela missão, e na primavera de 1742 regressaram à aldeia dos mandans, conseguiram um guia e partiram a cavalo na tentativa de encontrar outros índios que os levassem até o Mar Ocidental. Durante o verão, visitaram os crows, os cheyennes e os shoshones, no Wyoming e nas planícies de Montana. Em toda parte diziam que na direção do poente havia grandes montanhas e, por trás destas, um imenso mar de água salgada. Em janeiro de 1743, um dos Vérendryes juntou-se a um grupo de cheyennes, para um ataque a cavalo contra os shoshones, sendo levado até as proximidades de umas montanhas "*que possuíam toda espécie de madeira e pareciam ser muito altas*". O jovem Vérendrye estava provavelmente nos chamados Big Horns do Wyoming, o ponto mais próximo do Oceano Pacífico a que ele e seu irmão conseguiram chegar.

Antes de voltarem para o trabalho na companhia peleteira do pai, os Vérendryes tomaram posse de toda a terra até o pico das montanhas, em

nome de Deus e do Rei, cravando uma placa de chumbo numa alta barranca do Rio Missouri. Caminhando uma tarde nas proximidades de Pierre, capital de Dakota do Sul, 170 anos mais tarde, dois estudantes encontraram a placa de 15x20 cm, que dizia: "*Colocada pelo Cavaleiro de La Vérendrye, Lo Jos, Louey la Londette, Amiotte, no dia 30 de março de 1743.*"

O território da Louisiana, assim denominado em homenagem a Luís XIV, estava se tornando um vasto domínio, sendo que os franceses exigiam a maioria das terras banhadas pelo Mississippi e seus mais distantes afluentes. O destino da América Ocidental, no entanto, estava preso às oscilações políticas na Europa, com guerras incessantes e monarcas indolentes, mais interessados em amantes e na etiqueta da corte do que nas terras selvagens e que pareciam distantes como a Lua.

Em 1763, no final dos nove anos da guerra europeia (os ingleses da América assim chamavam a guerra entre os índios e os franceses), a França foi obrigada a ceder a Louisiana a oeste do Mississippi para a Espanha, enquanto que a Grã-Bretanha tomou praticamente todo o resto do território francês na América do Norte.

Durante os 40 anos seguintes, o mundo virou de cabeça para baixo. Quando terminou a confusão, parte das colônias britânicas havia conquistado sua independência e formado os Estados Unidos da América; os franceses haviam derrubado seu último Rei Luís e aceitado o governo de Napoleão Bonaparte; os espanhóis haviam esbanjado o último centavo das riquezas encontradas no Novo Mundo numa série de guerras europeias inúteis. No dia 19 de outubro de 1800, a Espanha devolveu a Louisiana para a França.

Cinco meses depois, um homem extraordinário tornou-se Presidente dos Estados Unidos. Era Thomas Jefferson, o único gênio que um dia alcançou a liderança política de seu povo. Não foi somente o autor da Declaração de Independência; Jefferson era cientista, arquiteto, matemático, linguista, geógrafo, etnólogo, filósofo, e inventor de muitas máquinas práticas. Tinha um grande interesse pelas fronteiras do oeste de seu país e estava apreensivo pelo que o imprevisível Napoleão Bonaparte poderia fazer na região além do Mississippi, Naquela época de transporte por água e com o rápido estabelecimento do território dos Estados Unidos a oeste dos Alleghanys, Nova Orleans, na foz do

Mississippi, havia-se tornado uma entrada vital para o mar. Qualquer governo estrangeiro com o poder de bloquear o rio era encarado por Jefferson como um "*inimigo natural e constante*" dos Estados Unidos. Mandou seu ministro em Paris fazer uma oferta de compra de Nova Orleans. Na primavera de 1803, para grande surpresa de Jefferson, a França concordou em vender não somente Nova Orleans, mas todo o território da Louisiana. Napoleão precisava de muito dinheiro para reestruturar seus exércitos europeus, sabia pouco a respeito e não se importava com o grande império selvagem da América Ocidental, que havia sido conquistado para três reis por milhares de resolutos exploradores franceses. Jefferson aproveitou imediatamente a oportunidade. Por 15 milhões de dólares, dobrou a área dos Estados Unidos, adquirindo mais de 500 milhões de acres por menos de três centavos o acre. Mesmo antes de se completar a transação, começou a dedicar muito de sua energia a uma planificação extremamente detalhada para uma expedição exploratória. Acreditava que seriam necessários pelo menos dez séculos para preencher este território de fazendas e cidades, e que durante este longo período as tribos indígenas seriam absorvidas pacificamente no conjunto da população norte-americana. No entanto, sua curiosidade científica era tamanha que desejava saber o que havia naquele território desconhecido da Louisiana. Se bem que as Montanhas Rochosas marcassem o limite ocidental do território da Louisiana, Jefferson estava determinado a "*explorar toda a região, até o Oceano Ocidental*". Tanto a Inglaterra quanto a Rússia reivindicavam a região do Oregon, entre as Rochosas e o Pacífico, mas nenhum dos dois países jamais estabelecera colônias ali.

Para liderar a expedição ao Oceano Ocidental, Jefferson escolheu o Capitão Meriwether Lewis, o qual ele requisitara do Exército, em 1801, para servir como seu secretário particular. Lewis, por seu turno, escolheu William Clark como companheiro de expedição, dividindo as mesmas responsabilidades e posto. Os três homens eram velhos conhecidos, tendo crescido na região de Charlottesville, na Virgínia. Em 1804, Lewis tinha 30 anos, Clark 34 e se completavam muito bem. Lewis era um introvertido, preferindo a solidão; sua mente era inquieta e sempre inquisidora. Clark era um ruivo extrovertido, cordial, otimista e prático. Ambos eram altamente inteligentes e muito preparados, tão

entrosados na vida da fronteira selvagem quanto os astronautas de hoje em dia estão na vida do espaço sideral.

Prepararam-se para a jornada tão cuidadosamente como se fossem partir para um planeta desconhecido. Não possuíam mapas nem indicações além das aldeias dos mandans no Rio Missouri — visitado pelos Vérendryes 60 anos antes, em sua inútil busca pelo Mar Ocidental. O conhecimento a respeito das distantes Montanhas Rochosas era mais mito que realidade — lendas de mamutes vivos vagando dentro de canyons profundos e de montanhas de sal sólido com centenas de quilômetros de comprimento, gigantes tão ferozes que matavam todos os intrusos que invadissem suas terras. Comida, remédios e artigos manufaturados, necessários para suprir 30 homens durante dois anos, deviam ser carregados em três pequenos barcos. Arrumaram tudo com muito cuidado; a pólvora, por exemplo, foi envolta em finas folhas de chumbo, para que não pegasse umidade e pudesse ser derretida facilmente para o fabrico de balas. Os artigos foram divididos igualmente em cada fardo.

Assim, se por acaso um fardo se perdesse, não ficariam privados de nenhum gênero em particular.

Meses antes de iniciar-se a viagem, Jefferson escreveu uma carta de instrução muito detalhada, para não haver dúvidas quanto aos objetivos da missão. Não mencionou qualquer plano de se encontrarem as riquezas do Oriente, de cidades de ouro, de Quivira, ou Norembega. Lewis e Clark deveriam subir o Missouri, cruzar as Montanhas Rochosas e descer rumo ao Pacífico pelo rio mais favorável. Deveriam fazer um cuidadoso levantamento acerca de uma possível via fluvial para o Pacífico, considerar e cultivar a amizade com os índios que encontrassem, analisando a possibilidade de estabelecer comércio com eles. Deveriam observar e registrar tudo de interessante com relação a animais e plantas, minerais, solos e climas. Deveriam mapear as nascentes e cursos de rios e determinar a latitude e longitude dos pontos importantes.

A primeira expedição científica para o Oeste começou numa tarde chuvosa de 14 de maio de 1804, poucos quilômetros ao norte de St. Louis, no Rio Wood, do lado oposto à foz do Missouri. Além de Lewis e Clark, a expedição permanente era composta de 14 soldados do Exército

dos Estados Unidos e outros nove recém-recrutados jovens das regiões agrestes do Kentucky. Naquele grupo não havia nobres ou filhos de ricos buscando riqueza fácil. Suas especificações, como descreveu Meriwether Lewis, eram de "*bons caçadores, homens solteiros, fortes e saudáveis, habituados às florestas e capazes de suportar a fadiga física no mais alto grau*". A expedição também incluía dois barqueiros franceses, o criado negro do Capitão Clark, o intérprete civil George Drouillard, Scannon, o cão terra-nova do Capitão Lewis, e dois cavalos a serem usados para rebocar, caçar e outras coisas. Soldados adicionais e barqueiros deveriam acompanhá-los somente até as aldeias dos mandans, onde, segundo os planos, a expedição deveria acampar para o inverno.

Nos primeiros dias de viagem rio acima, o progresso foi lento e monótono. A barcaça de 18 metros era equipada com uma vela quadrada e 22 remos; as duas pirogas tinham seis ou sete remos, de maneira que havia trabalho de sobra para todos. Tal como seria o padrão por quase toda a viagem, Lewis passava a maior parte do tempo em terra com Scannon, caminhando e explorando, enquanto os barcos faziam seu progresso médio de nove milhas por dia. Clark ficou no barco, para garantir que tudo funcionaria direito, a tempo e a hora.

No dia 21 de julho, após lutarem contra as correntes e o calor do verão, enfrentarem temporais e mosquitos, alcançaram a foz arenosa do Platte — assim batizado pelos irmãos Mallet 60 anos antes. Dez dias depois, o Sargento Charles Floyd, de 22 anos, anotou em seu diário: "*Estive doente por algum tempo, mas recobrei a saúde novamente.*" O jovem Floyd estava bem mais doente do que pensava, mas a excitação do primeiro conselho com os índios mantido pela expedição fez com que esquecesse sua doença.

Os índios eram das tribos oto, omaha e missouri. Clark ordenou a todos os membros da comitiva que estivessem preparados para qualquer emergência, mas ele e Lewis conseguiram manter as reuniões em nível amigável, mostrando respeito pelos índios mas informando-lhes calmamente que agora estavam sob a proteção de um novo Pai Branco em Washington, que gostaria de vê-los em paz e que logo enviaria "*comerciantes para equipá-los com tudo o que necessitavam*". Eles batizaram o lugar onde os conselhos foram realizados de "*Councile Bluff*

[Barranca do Conselho], um lugar muito apropriado para o estabelecimento de um armazém de trocas". Anos depois, seria fundada naquela região, em Iowa, a cidade de Council Bluff.

"*O Sargento Floyd está passando muito mal, com um derramamento de bÍlis*", escreveu Clark no dia 19 de agosto. Os historiadores médicos acreditam que Floyd tenha tido uma apendicite aguda e que nenhum dos remédios levados na expedição pudera salvá-lo. Ele morreu no dia seguinte, "com grande dignidade". O jovem do Kentucky foi enterrado numa alta barranca e seu nome foi dado a um rio das vizinhanças.

Para substituir o Sargento Floyd, os homens foram convocados para uma votação. Escolheram Patrick Gass, um irlandês moreno de cabelos pretos, de 30 anos de idade, de Chambesburg, Pensilvânia — mestre em carpintaria e palavrões. Gass agora era o quarto em comando. O Sargento John Ordway, um ianque da Nova Inglaterra, magricela e desengonçado, era o terceiro.

No final de agosto, já estavam em plena região das planícies e Lewis ocupava-se em terra firme, colecionando e descrevendo animais que nunca havia visto antes — tais como esquilos que latiam e espécies estranhas de cabritos e raposas. Os esquilos que latiam eram marmotas norte-americanas; os estranhos cabritos e raposas eram antÍlopes e coiotes.

No dia 24 de dezembro, cinco índios saudaram-nos da barranca do rio. Clark ancorou os barcos bem no meio do rio. Auxiliados por George Drouillard, os exploradores logo souberam, pela linguagem de sinais, que os índios eram sioux tetons e que havia um acampamento de mais de mil deles nas cercanias. Combinaram organizar um conselho no dia seguinte com o chefe, Búfalo Preto.

Ao alvorecer do dia seguinte, tinham hasteado a bandeira dos Estados Unidos numa barranca na margem sul do rio (*lado oposto àquele onde mais tarde se situaria a cidade de Pierre, Dakota do Sul, onde os irmãos Vérendrye haviam enterrado a placa de chumbo*). Lá pelo meio-dia, teve início o conselho. "*O Capitão Lewis começou um discurso que tivemos de encurtar, devido à falta de um bom intérprete.*" Talvez as frases de Lewis fossem muito complicadas para tradução na linguagem de sinais. Ele resolveu temporariamente o problema entregando medalhas e presentes para Búfalo Preto e outros chefes. Os

índios aceitaram os casacos vermelhos, chapéus de bico, penas e fumo com grande entusiasmo, mas deixaram bem claro que não era suficiente. Se os exploradores desejassem prosseguir rio acima, teriam de presentear os sioux com uma das pirogas, com todos os seus mantimentos. Quando Lewis fingiu não entender, três guerreiros tomaram o leme de uma das pirogas, como se fossem apropriar-se dela, enquanto outros mantiveram os arcos retesados e as flechas fora das aljavas, como se prontos para a ação.

Por breves momentos, o destino da expedição esteve por um fio. Lewis, que havia retornado para a barça, reagiu prontamente, ordenando aos homens que pegassem suas armas e preparassem os canhões móveis. Mandou 12 soldados da infantaria às pressas para terra firme; quando eles chegaram, os rifles prontos para disparar, o chefe Búfalo Preto desistiu, diante da firme disposição dos soldados, e toda a hostilidade desapareceu. O chefe pediu a Clark que ele e três outros chefes fossem levados a bordo da barça para passarem a noite. Queriam viajar para suas aldeias no dia seguinte e mostrar as maravilhas do barco ao seu povo. Clark estava em dúvida, mas Lewis argumentou que talvez pudesse ser um gesto conciliatório levá-los a bordo. Foi uma longa noite para o Capitão Clark. Desconfiado das intenções de seus hóspedes, manteve-se acordado até o amanhecer.

Na manhã seguinte, os índios alinhavam-se nas barrancas do Missouri, ao longo de seis quilômetros. Búfalo Preto parecia divertir-se com a ideia de que seu povo o estava contemplando a bordo da barça dos homens brancos. Quando alcançaram a aldeia de tipis, Lewis foi a terra firme com os chefes, levou mais presentes e tentou comunicar-se com seus hospedeiros através de George Drouillard e Peter Cruzart, barqueiros franceses que sabiam algumas palavras da língua dakota.

Em contraste com a hostilidade do dia anterior, os sioux mostraram-se tão amigos que os exploradores permaneceram na aldeia por dois dias e duas noites, entretidos com música e dança e jantando "*algumas das partes mais delicadas de cachorro*". No dia 28 de setembro, no entanto, quando estavam se preparando para continuar viagem, os chefes sioux vieram a bordo e protestaram com veemência.

"Disseram que deveríamos regressar com aquilo que possuíamos ou permanecer com eles", escreveu o Sargento Ordway. "Mas nós não

pudemos prosseguir subindo o Rio Missouri. Cerca de 200 índios ali estavam, na barranca. Alguns deles tinham armas de fogo; outros, lanças; ainda outros tinham uma espécie de chicote cortante e os demais arcos e flechas com pontas de ferro ou aço." (Uma das razões dos sioux se mostrarem relutantes em deixar os homens brancos subirem o rio era que havia tribos inimigas a oeste, às quais temiam que os comerciantes fornecessem rifles e outras armas.)

Lewis pediu aos chefes que deixassem o barco. Quando se recusaram, deu ordem aos seus homens para tomarem posição de combate. Clark tomou a mecha em brasa de um dos artilheiros e preparou-se para disparar um dos canhões móveis diretamente sobre os guerreiros da margem. Búfalo Preto fincou pé e exigiu um tributo de fumo. Lewis, furioso, levantou sua espada como se fosse cortar as amarras. Os guerreiros em terra firme prepararam suas armas. Pela segunda vez, o destino da expedição estava em jogo. Foi Clark quem aliviou a tensão; deu a Búfalo Preto um grande fardo de fumo e os chefes partiram com grande dignidade. "*Nós então partimos, impelidos por uma brisa leve*", anotou concisamente o Sargento Ordway. Naquela noite, pela primeira vez em quatro dias, os Capitães Clark e Lewis dormiram. Havia vencido os truques dos sioux, e a informação de que eles, os exploradores, não podiam ser intimidados os precedeu na sua subida pelo rio barrento.

Lá pelo dia 8 de outubro, a aldeia dos arikaras, na foz do Grand River, já ouvira falar dos exploradores, que foram recebidos como heróis visitantes. "*Tudo arrumado para a paz ou para a guerra*", anotou Clark, mas a reunião terminou sendo bastante amistosa. Outro boato fora ouvido na aldeia a respeito de um homem negro, de cabelo encarapinhado. Naturalmente, era York o criado de Clark, que apreciou a atenção dada à sua figura pelos índios arikara. "*Aqueles índios ficaram atônitos com meu criado*", escreveu Clark. "*Eles nunca tinham visto um negro antes; reuniam-se em torno de York e o examinavam da cabeça aos pés.*" Os índios acreditavam que a pele de York era pintada; algumas das mulheres aproximavam-se audaciosamente dele e tentavam apagar a cor, esfregando-lhe a pele.

Na opinião de Clark, as mulheres arikaras eram mais bonitas e mais amorosas do que as mulheres sioux. "*Nossos homens não encontraram*

dificuldade em arrumar companheiras para a noite, através dos intérpretes." Mas não podiam permanecer por mais tempo entre os arikaras. Os dias de outono estavam encurtando rapidamente e as noites ficando mais frias;urgia alcançarem as aldeias dos mandans antes que a neve começasse a cair.

No dia 27 de outubro, alcançaram a primeira aldeia e conheceram Shahaka (ou Sheheke), um chefe bem-humorado e gordo que, como muitos dos mandans, tinha a pele clara. Às vezes era chamado de "Grande Branco". Shahaka se prontificou a dividir seu milho de inverno com os exploradores. "*Se nós comermos, vocês devem comer*", disse ele. "*Se nós morrermos de fome, vocês morrerão de fome.*" Ele ensinou o Capitão Clark a matar búfalos com arco e flecha, para que a munição da expedição fosse poupada.

À medida que iam de aldeia em aldeia, os exploradores procuravam um bom lugar para o acampamento de inverno, que seria chamado de Forte Mandan. A 2 de novembro começaram a derrubar árvores para a construção de cabanas e o trabalho de inverno teve início. Construíram canoas para levá-los até as Montanhas Rochosas, secaram grandes quantidades de carne e substituíram suas roupas gastas por outras feitas de pele de animais. Acumularam também informações de índios visitantes e comerciantes franco-canadenses. Na verdade, os mais importantes visitantes dos mandans naquele inverno foram um insignificante comerciante e sua mulher. Toussaint Charbonneau era um canadense que colecionava mulheres índias. Sacagawea (Mulher-Pássaro) era sua última aquisição, uma frágil moça shoshone de 16 anos, que havia sido capturada pelos minnetarees. Quando o casal chegou, no dia 11 de novembro, Sacagawea estava grávida. Durante sua permanência, Lewis e Clark conheceram-na bem, sendo que Clark assistiu o nascimento da criança. "*Foi a primeira criança que essa mulher teve*", anotou ele em 11 de fevereiro de 1805, "*e, como é comum nestes casos, seu parto foi lento e a dor violenta.*"

Através de Sacagawea, os exploradores souberam que teriam que abandonar seus barcos na nascente do Missouri. Para a travessia das Rochosas precisariam de cavalos, que só poderiam ser obtidos com os shoshones — o povo de Mulher-Pássaro.

Tanto Lewis quanto Clark perceberam subitamente o quanto Sacagawea tornara-se importante para a missão. Ela poderia falar e interpretar a língua shoshone, além de ter alguns conhecimentos sobre a região que iriam cruzar. Mas, para obter seus préstimos, teriam de levar junto seu malandro e preguiçoso marido, Charbonneau. "*Nós o chamamos e conversamos sobre o assunto*", escreveu Clark a 17 de março. "*Ele concordou com nossos termos.*" No começo de abril, os gansos selvagens voaram para o norte e o gelo começou a quebrar-se no Missouri. Eles empacotaram nove caixas de amostras e relatórios para o Presidente Jefferson, e no dia 7 de abril uma reduzida equipe de oito homens, numa única barcaça, tomou o caminho de volta a St. Louis.

Nesse mesmo dia, Lewis, Clark e os 31 homens restantes embarcaram em suas seis canoas e duas pirogas, retomando a jornada rumo oeste. Com eles iam Charbonneau, Sacagawea e seu filho Baptiste, a quem Clark apelidou de Pomp. Lewis descreveu: *íamos agora penetrar num território de pelo menos três mil quilômetros de extensão, no qual os pés de homens civilizados jamais haviam pisado; o bem ou o mal que nos esperava ainda teria que ser experimentado, os pequenos barcos continham todos os artigos necessários para subsistência ou defesa. Entretanto, no estado de espírito em que nos encontrávamos, que geralmente dá um colorido aos acontecimentos quando a imaginação está sofrida demais para especular sobre o futuro, o quadro que agora tínhamos diante dos olhos era agradável. Divertindo-me como fazia, e com muita esperança e confiança no sucesso da viagem, um acalentado projeto meu nos últimos dez anos, só pude considerar o momento da partida como um dos mais felizes de toda a minha existência. A expedição estava em excelente estado de espírito e de saúde, todos zelosamente empenhados nas tarefas e ansiosos por prosseguirem; nenhum murmúrio de descontentamento se ouvia entre os homens e todos agiam irmanados e na mais perfeita harmonia.*

A cada dia o Missouri tornava-se mais difícil de subir, com correntezas violentas e rápidas. Para manter os pequenos botes flutuando, os homens muitas vezes precisavam pular para fora e nadar ou vadear ao lado dos barcos. A caça era farta e suficiente, possibilitando que economizassem carne-seca para a travessia das Montanhas Rochosas. O terra-nova de Lewis, Scannon, tornou-se um

hábil caçador; sua especialidade era acuar veados, antílopes ou gansos selvagens na água e trazê-los para terra. Ele também conseguia correr mais que um carneiro e derrubá-lo. No dia 19 de maio, entretanto, um castor vingou-se do cão. Um dos homens atirou num castor e Scannon nadou para recuperá-lo. "*O castor mordeu-o na pata traseira e cortou-lhe a artéria*", registrou Lewis. "*Foi com grande dificuldade que consegui estancar o sangue; receio que a ferida venha a ser fatal para ele.*" Lewis tinha uma grande afeição por seu companheiro peludo como um urso, e cuidou do animal com tanto cuidado como se fosse uma criança. Uma semana depois, Scannon estava em terra firme de novo com o seu dono.

Durante dias, Lewis andou subindo montes ao pé do rio, tentando avistar o lado oeste, na esperança de ver as Grandes Montanhas Brilhantes de que já ouvira falar tantas vezes nas histórias. No dia 26 de maio viu a alta cordilheira pela primeira vez, "*coberta de neve e com o sol brilhando sobre ela de tal maneira que me deu a mais completa impressão de plenitude e beleza de cenário*".

Da boca dos índios ouviram histórias de uma cachoeira gigante, que caía das montanhas com ruído de trovão. Ali chegaram a 13 de junho. "*O maior cenário que jamais contemplei*", anotou Lewis. Mas as cachoeiras os atrasaram por quase um mês, enquanto procuravam contorná-las com seus mantimentos.

No dia 20 de julho, avistaram sinais de fumaça adiante, mas ninguém soube captar o seu significado. Os exploradores tinham esperança de que talvez fossem sinais dos shoshones, e hastearam bandeiras brancas nos barcos, indicando que vinham em missão de paz.

O próximo problema surgiu dias depois, quando o Rio Missouri dividiu-se em três braços mais ou menos do mesmo tamanho. Após explorarem uma distância pequena em cada um dos braços, decidiram que o braço procedente do sudoeste oferecia maiores chances de levá-los às Montanhas Rochosas. Em homenagem ao Presidente, batizaram de Jefferson esse braço de rio. Os outros dois receberam os nomes de Madison e Gallatin, em homenagem a dois outros membros do gabinete presidencial.

No dia 30 de julho, a expedição tornou a movimentar-se, subindo o Rio Jefferson. Em pouco tempo, Sacagawea tornou-se muito excitada.

Reconheceu algumas das marcas ao longo do rio e subitamente viu o próprio acampamento, onde os minnetarees haviam atacado seu povo, capturando-a quando ela tentava escapar vadeando o rio por um banco de areia. Finalmente, a expedição alcançou a região dos shoshones.

Mas onde estariam os shoshones e seus cavalos? Praticamente todos os dias encontravam indícios da presença deles, mas os índios pareciam estar deliberadamente evitando-os (e realmente estavam, com medo destes estranhos homens barbudos). No dia 10 de agosto, grupos enviados a terra firme encontraram marcas recentes de patas de cavalos. Sacagawea assegurou que estavam no coração da região de seu povo e apontou para uma colina da qual se recordava desde a infância; tinha a forma de uma cabeça de castor e era chamada assim pelos shoshones.

Percebendo que o verão logo terminaria e que o tempo para cruzar os cimos nevados das Rochosas estava chegando ao fim, os capitães redobram seus esforços no sentido de encontrar os shoshones. Na manhã do dia 11, Lewis escolheu três homens para acompanhá-lo em uma longa busca: John Shields, um ferreiro do Kentucky, homem de confiança; Hugh McNeal, soldado veterano; e George Drouillard, que conhecia a linguagem de sinais dos índios. Dois dias mais tarde, encontraram por fim os shoshones, virtualmente capturando três mulheres. Com a ajuda de Drouillard, Lewis conseguiu convencê-las de que não seriam molestadas, dando-lhes uma série de presentes, como contas, espelhos e outras bijuterias. *"Depois que se acalmaram, informei-lhes através de sinais que queríamos que nos levassem ao seu acampamento e que estávamos ansiosos para conhecer os chefes e guerreiros de sua nação."*

Quando seguiam as submissas mulheres pela trilha na direção do rio, os exploradores avistaram os chefes shoshones e os guerreiros muito antes do que esperavam. Montados e de armas prontas, cerca de 60 guerreiros vieram a todo galope numa carga selvagem, a fim de resgatarem suas mulheres sequestradas.

Seria este o final da jornada, o fim de Meriwether Lewis, o fim do sonho de Thomas Jefferson? Tudo o que ocorreu naquele momento a Lewis foi deixar cair o rifle e tirar uma pequena bandeira americana de sua mochila. Enfrentando a carga dos guerreiros, desfraldou a bandeira americana, com suas estrelas e listras; à medida que caminhava para

enfrentar a fúria dos índios, passou a balançar a bandeira de um lado para o outro.

Naqueles breves momentos em que Meriwether Lewis e seus três companheiros aguardavam a carga dos guerreiros shoshones montados, devem ter rezado para que Sacagawea aparecesse subitamente e os salvasse da morte certa. Sacagawea, no entanto, estava a muitos quilômetros dali, no rio, com o Capitão Clark. Foi outra mulher shoshone quem mudou a situação deles, uma das três que haviam encontrado e tratado com bondade. Ela gritou para o chefe que os estrangeiros eram amistosos e, para provar isto, mostrou os presentes que havia recebido.

Desmontando de um salto, o chefe correu para eles e abraçou Lewis. Pressionando sua face toda pintada contra a face do capitão, disse, em shoshone: "*Estou contente! Estou feliz!*"

Desse momento em diante, a reunião tornou-se uma celebração alegre, e quando Sacagawea chegou, mais tarde, para juntar-se ao seu povo, as danças e cantos foram repetidos. Por uma coincidência extraordinária, o chefe, chamado Cameahwait, era irmão de Sacagawea. Isto, naturalmente, aumentou muito as chances dos exploradores na obtenção de cavalos para a travessia das Montanhas Rochosas.

Negociar cavalos, no entanto, tornou-se um ato longo e tedioso. Para conseguirem os quatro primeiros animais, trocaram um casaco de uniforme, dois pares de polainas, alguns lenços, quatro facas e uma camisa xadrez. Quando ficou bem claro que o grupo de Cameahwait não estava mais inclinado a trocar nenhum outro cavalo, foram enviadas missões para outras aldeias vizinhas, na esperança de encontrarem mais. Sacagawea, com o conhecimento da língua e suas sugestões aos exploradores de como deviam proceder, foi de valor inestimável nessas negociações.

Durante este atraso forçado, o Capitão Clark e o Sargento Gass, usando guias shoshones, tentaram encontrar uma rota através das montanhas. O que observaram e ouviram dos shoshones não foi encorajador. Um velho índio disse-lhes que as montanhas eram inacessíveis ao homem e aos cavalos, e os rios tão pedregosos e de corredeiras tão espumantes que nenhum barco poderia manter-se

flutuando ali, que a região era tão desprovida de caça ou plantas comestíveis que nenhum shoshone havia tentado antes atravessá-la.

O velho shoshone, no entanto, admitiu que ocasionalmente um índio nez percé vinha do outro lado. Clark se convenceu de que, se um nez percé podia passar, então eles, os exploradores, também poderiam.

Finalmente, a 29 de agosto, a expedição estava pronta para iniciar a parte mais difícil da jornada. Com 28 cavalos, uma mula e seis guias shoshones, começaram a marcha rumo norte, em direção ao Vale Bitterroot. Sacagawea, Charbonneau e Pomp ainda se encontravam com eles. A jovem mulher shoshone queria ir ver o Grande Oceano, e todos os homens do grupo receberam-na bem. O Capitão Clark estava apaixonado por ela. Apelidou-a de Janey e estava constantemente defendendo-a do tratamento leviano que Charbonneau lhe dispensava. "*Nenhuma mulher acompanha uma missão de guerra dos índios*", disse Clark, certo de que a presença de Sacagawea os salvaria de mais de um ataque.

As noites estavam ficando extremamente frias e a trilha quase intransponível. O Sargento Gass observou, com sua concisão habitual: "*É extremamente fatigante.*" Durante a noite de 3 de setembro, a neve caiu sobre o campo. "*Nossos mocassins congelaram*", disse o Sargento Ordway. "*Só nos resta algum milho ressecado para comer. O ar das montanhas é muito frio e úmido. Nossos dedos doem.*"

Mais tarde, nesse mesmo dia, num vale agora conhecido como Ross's Hole, depararam com um grande acampamento de índios flathead.

A presença de Sacagawea e dos guias shoshones garantiu a realização de um conselho amigável, e como os flatheads possuíam grande quantidade de cavalos mustangue, os dois capitães não tiveram dificuldade em negociar mais 11 animais.

Uma semana depois, começaram a cruzar a Cordilheira Bitterroot, seguindo parte da atual Lolo Trail. Por volta de 14 de setembro, toda a farinha e milho haviam acabado e praticamente não podiam encontrar caça ou peixe em lugar algum. Mataram um cavalo novo e sobreviveram por vários dias de frutinhas silvestres, carne de lobo e lagostins. Para não morrerem de frio tiveram que utilizar parte do suprimento de velas e óleo de urso. A água era obtida de neve derretida dos montes, que se

acumulava diariamente. No dia 18 de setembro, Clark seguiu adiante com seis homens, numa desesperada busca por comida. Dois dias depois, encontraram um bando de índios nez percés, que foram amistosos e supriram os exploradores com salmão seco e farinha de raiz de camásia.

Finalmente, cruzaram as Rochosas e chegaram no vale do Clearwater, já fora dos limites dos Estados Unidos. O frio, a dieta deficiente e as durezas da jornada haviam causado efeitos sobre a expedição. Praticamente todos os homens estavam sofrendo de disenteria. Durante os últimos quilômetros de descida, alguns tombaram exaustos na trilha e tiveram que ser carregados para o acampamento no lombo dos cavalos. Lewis estava completamente debilitado. Embora Clark não tivesse contraído doenças sérias, havia caído de um pônei índio e machucado a bacia. Ele assumiu os habituais deveres médicos de Lewis e, tão logo um acampamento de descanso foi armado no vale do Clearwater, começou a distribuir doses de sais, tártaro emético e jalapa. Surpreendentemente, todos se recuperaram, mas por dois ou três dias a expedição esteve indefesa.

Assim que tiveram homens suficientes para trabalhar, cortaram cinco grandes pinheiros e escavaram os troncos com fogo, transformando-os em barcos grandes o suficiente para carregar todos os membros da expedição e o resto dos suprimentos. O que fazer com os 38 cavalos restantes, dos quais necessitariam na viagem de volta, foi um problema sério. Resolveram o problema confiando-os aos nez percés, dando-lhes presentes e prometendo mais no regresso. Lembrando-se de que os cavalos eram propriedade do Exército dos Estados Unidos, Lewis marcou-os a ferro em brasa. (*O ferro de marcar, contendo as palavras "U. S. Cap. M. Lewis", evidentemente foi perdido quando o trabalho terminou; quase um século depois foi encontrado numa ilha do Rio Colúmbia.*) Durante o mês de outubro, apressaram-se para alcançar o Oceano Pacífico antes que o inverno os imobilizasse. As fortes correntezas do Clearwater balançavam tanto os exploradores através das corredeiras, que a tripulação de um dos barcos quase se afogou. Após sobreviverem a uma das piores passagens, os guias shoshones, aterrados, desertaram sem mesmo exigirem o pagamento prometido em bens comerciáveis.

Quando o Rio Clearwater os fez desembocar no Rio Snake, os capitães pensaram que certamente haviam alcançado o tão esperado Rio Colúmbia. (*O acampamento daquela noite foi do outro lado das atuais cidades de Clarkston e Lewiston, na fronteira dos estados de Washington e Idaho.*) O rio era abundante em peixes, o que lhes permitiu suplementar a dieta restrita.

Todo o sal disponível havia terminado, e a dieta de peixe inosso tornou-se tão monótona que aceitaram com prazer o ensopado de carne de cachorro oferecido pelos hospedeiros índios. Quando chegaram ao Rio Colúmbia, em 16 de outubro, estavam comprando cães para comer, com tanta naturalidade como se fosse caça selvagem. Após ter-se inicialmente recusado a comer carne de cachorro, o Sargento Gass finalmente admitiu; "*Quando bem cozida, até que se torna bastante gostosa.*" Lewis declarou que era melhor que carne de cavalo. "*Enquanto vivemos principalmente dessa carne, mantivemos a saúde em bom estado, permanecendo mais forte e musculosos do que quando estávamos na região dos búfalos.*" Durante todo esse período de poucos rações, ninguém levou em conta a ideia de sacrificar o cão Scannon. Todos teriam considerado isto um ato de canibalismo.

Quando chegaram à Cachoeira de Celilo, no dia 22 de outubro, tiveram de contornar a queda de sete metros de água espumante. Os índios amistosos os ajudaram e um chefe avisou a Clark que a próxima tribo que encontrariam no rio era hostil e poderia atacá-los. "*Devido a isto, examinamos todas as armas e aumentamos a munição para 100 tiros.*"

Em vez de atacar os exploradores, no entanto, a tribo contemplou com grande admiração aqueles estrangeiros loucos e barbudos, navegando os Estreitos de Dalles, descritos por Clark como "*agitados, transbordantes, turbilhonantes e ferventes em todas as direções*".

Uma semana depois, após uma dura passagem pelas cascatas, viram sinais crescentes de que estavam se aproximando do Pacífico. Focas marinhas surgiram nas águas do rio, cada vez mais largo. Alguns dos índios portavam conchas nos narizes, outros carregavam artigos feitos de cobre ou latão e tecelagem. Então, encontraram um índio com um casaco de marinheiro e um chapéu redondo. Falava um pouco de inglês: "*Filho da puta*", era uma de suas exclamações, e os expedicionários

deduziram que, ocasionalmente, navios americanos deviam atracar por ali.

A manhã de 7 de novembro iniciou-se nevoenta e nublada, com uma garoa caindo. Gradualmente, o ar clareou e então eles viram "*o objeto de todos os nossos esforços, a recompensa de todas as nossas ansiedades*", escreveu o Capitão Clark em seu diário. "*Oceano à vista! Que alegria!*"

Esperavam encontrar um navio, talvez conseguir uma viagem de volta para a costa leste, mas não viram mais que vestígios de um acampamento de comerciantes de um navio. "*Todos já partiram*", anotou o Sargento Gass com desapontamento. Com o inverno chegando, a ideia de percorrerem de volta os seis mil quilômetros até St. Louis tornou-se inviável.

Em terreno alto, cerca de cinco quilômetros acima de um pequeno afluente do Rio Colúmbia (agora chamado Rio Lewis e Clark), construíram o Forte Clatsop, batizado em homenagem aos amistosos índios clatsops. Chuvas frias caíam quase todos os dias, atrapalhando a construção. Já era véspera de Natal quando terminaram o último madeirame do telhado. Na manhã seguinte, Lewis e Clark foram despertados por uma salva de canhões disparada por seus homens, "*seguida de um coro de saudação natalina*". Era o segundo Natal fora de casa e todos trocaram alguns presentes modestos. Clark escreveu ter recebido de Lewis um par de calças de malha e de Sacagawea duas dúzias de rabos de doninha.

Havia pouco a fazer no Forte Clatsop, além de caçar e pescar, vigiar atentamente a chegada de algum navio e esperar pela primavera e a viagem de volta. "*Nenhuma ocorrência importante no dia de hoje*", era uma frase rotineira no diário. Uma patrulha de soldados foi incumbida do tedioso trabalho de ferver água do mar, a fim de repor o estoque de sal; produziram 20 galões e sal até o final de fevereiro. As jovens índias eram a melhor diversão, mas as tribos ao longo da costa tinham sido corrompidas pelos comerciantes e marinheiros, e várias mulheres contraíram doenças. Tal como disse o Sargento Gass, estavam tendo muitas doenças venéreas. Lewis, no papel de médico oficial, avisava continuamente aos homens sobre o perigo das infecções, mas, antes do inverno, teve de administrar muitas doses de mercúrio, o remédio padrão daqueles dias contra as doenças venéreas.

No dia 23 de março de 1806, os exploradores deixaram o Forte Clatsop para a longa viagem de regresso a St. Louis. Tornaram a passar fome e frio na travessia das cascatas, mas os nez percés haviam guardado fielmente seus cavalos. Afora umas pequenas dificuldades, eles conseguiram cruzar de novo o Bitterroot. Em julho, Lewis e Drouillard, acompanhados de oito homens, deixaram a missão principal para uma incursão ao território hostil dos sioux pés-pretos. Os espertos pés-pretos quase tomaram seus cavalos, armas e provavelmente suas vidas, mas os habilidosos exploradores conseguiram escapar. No entanto, antes de reencontrar Clark, Lewis levou um tiro acidental de Peter Cruzat, que o confundiu com um veado. Foi uma ferida nas nádegas — sem gravidade, mas que causou enorme mal-estar a Lewis. Ele precisou deitar-se de bruços em um dos botes, por uma distância considerável Missouri abaixo.

O grupo de exploradores chegou a St. Louis em 23 de setembro, após uma viagem de dois anos, quatro meses e nove dias — com a perda de apenas um homem. Talvez o acontecimento mais importante da viagem de regresso tenha sido o do dia 12 de agosto, quando os exploradores encontraram dois jovens subindo o rio numa canoa. Eram Joseph Dickson e Forrest Hancock, do Illinois, remando para oeste a fim de enriquecerem com a caça de peles de castor. Os chapeleiros do mundo inteiro estavam encomendando mais peles de castor: os exércitos em expansão na Europa desejavam chapéus tricórnios de castor; os trabalhadores queriam chapéus de abas largas de castor; grã-finos ricos queriam chapéus altos de pele de castor. A Companhia da Baía de Hudson, do Canadá, não podia atender à demanda, e Dick e Hancock viram aí a oportunidade de fazer algum dinheiro.

Os dois jovens do Illinois estavam naturalmente ansiosos por qualquer informação que os exploradores pudessem dar-lhes quanto a sinais de castores rio acima. John Colter, um dos veteranos da expedição, tivera oportunidade de pegar alguns castores em armadilhas e, evidentemente, estava mais capacitado a dar informações sobre o assunto do que qualquer dos outros exploradores. Quando os dois caçadores convidaram-no a juntar-se a eles como sócio, Colter imediatamente pediu ao Capitão Clark que o liberasse de suas obrigações militares.

"Como estávamos dispostos a retribuir os serviços de qualquer dos homens de nossa missão que houvesse desempenhado bem suas tarefas, tal como Colter havia feito, concordamos em atender-lhe o pedido feito, com a condição de que ninguém mais do grupo pedisse coisa semelhante até que chegássemos a St. Louis." Os soldados amigos de Colter não somente concordaram com este arranjo, como até mesmo doaram-lhe artigos essenciais para sua sobrevivência no agreste: facas, polvorinhos de chifre, machadinhas e outros utensílios que, de acordo com o Sargento Ordway, "o deixaram preparado para uma viagem de caça de dois anos, período que estão dispostos a ficar até que façam fortuna".

PALADINOS VESTIDOS DE PELE DE GAMO

John Colter nunca fez fortuna como caçador de peles. Naqueles primeiros anos do século XIX, o comércio de peles tornou-se um jogo monetário internacional, algo como seria o petróleo no século XX. A Companhia do Noroeste, dominada por um grupo de escoceses obstinados, tornou-se rival da Companhia da Baía de Hudson, estabelecida havia longos anos, e estendeu suas operações até o território da Louisiana. John Jacob Astor fundou a Companhia Americana de Peles, indo para oeste dos Grandes Lagos a fim de construir um posto de comércio, Astoria, na foz do Rio Lewis e Clark, junto ao Rio Colúmbia. As grandes companhias negociavam com as tribos indígenas fazendo intrigas entre elas ou com os caçadores das organizações rivais. Controlavam também leilões e preços. Caçadores independentes que se aventurassem nas regiões dos castores — zelosamente vigiadas pelos índios para uma das grandes companhias — não só arriscavam a vida como também tinham dificuldade em colocar suas peles em mercados lucrativos.

Colter deve ter compreendido sua difícil situação na primavera de 1807, quando desceu o Missouri numa canoa contendo algumas peles de castor, fraco resultado de um ano de armadilhas no mato. Durante o inverno, Colter se separara de Dickson e Hancock, pois preferia trabalhar sozinho. Perto da foz do Rio Platte, o dos irmãos Mallet, encontrou uma barça subindo o rio. Entre os 42 homens a bordo estava um velho amigo da expedição Lewis e Clark, George Drouillard. O líder do grupo era Manuel Lisa, que recentemente organizara a Companhia de Peles do Missouri, e Drouillard era um dos sócios. Outro sócio em St. Louis era William Clark, que lá estava instalado como comandante da milícia territorial da Louisiana. (*Clark seria nomeado*

governador do território após a misteriosa morte de Meriwether Lewis, em 1809.)

Quando Lisa perguntou a Colter se queria unir-se à companhia como armadilheiro, o homem das regiões inóspitas não hesitou um segundo. Embora ausente da civilização por mais de três anos, Colter rapidamente transferiu seus pertences para a barcaça e voltou rumo oeste.

Nos três anos seguintes, Colter foi um empregado de grande valia para a Companhia de Peles do Missouri, que construiu fortes na foz do Big Horn e nos Três Braços do Missouri, desafiando assim a supremacia das gigantescas companhias britânicas das Montanhas Rochosas e do Alto Saskatchewan, no Canadá. Assim como os britânicos haviam feito os pés-pretos dependerem deles para comerciarem utensílios, rifles e uísque, o mesmo fizeram os americanos em relação aos crows. Um sangrento conflito entre os índios foi engendrado pelos brancos cobiçosos de peles. A situação também tornou a vida bastante perigosa para homens como Colter, que preferiam pôr suas armadilhas sozinhos.

Em sua busca de peles, John Colter foi o primeiro homem branco a vislumbrar o atual Parque de Yellowstone, mas ninguém acreditaria em seus relatos de fontes quentes e borbulhantes e de gêiseres ferventes. Foi capturado duas vezes pelos pés-pretos, escapando miraculosamente em ambas. Certa ocasião, quando ele e outro armadilheiro infiltraram-se em território pé-preto, Colter foi capturado e desnudado pelos índios, enquanto seu sócio continuava a resistir, atirando contra eles e matando um dos líderes. Os índios, em represália, mataram e estriparam o sócio, atirando suas vísceras no rosto de Colter. Ele foi então desafiado para uma corrida, tendo como prêmio sua própria vida. Colter venceu, criando assim uma das maiores lendas folclóricas do Oeste. Após uma outra série de encontros mortais, nos quais vários de seus companheiros foram mortos, Colter apareceu no escritório da Companhia de Peles do Missouri e declarou que havia prometido a Deus abandonar o Oeste e a vida selvagem. "*Se Deus pelo menos me perdoasse desta vez e me deixasse ir*", gritou Colter, "*eu deixaria esta região depois de amanhã... e seria amaldiçoado se voltasse aqui de novo.*" Colter manteve sua promessa; regressou a St. Louis numa canoa, casou-se e teve um filho. Herói praticamente esquecido da expedição de Lewis e Clark, viveu quase na pobreza, atormentado por más recordações de um interior

selvagem que o havia derrotado, morrendo três anos mais tarde, com a idade de 38 anos.

Enquanto isso, a Companhia de Peles do Missouri, de Manuel Lisa, lutava para sobreviver. A guerra de 1812 veio e terminou; os ingleses apossaram-se da Companhia de Peles Astoria, no Rio Colúmbia, integrando-a à Companhia do Noroeste e rebatizando-a de Forte George. Com os pés-pretos operando como um exército mercenário, os fortes de Lisa viviam sob constante cerco, enquanto os índios matavam os melhores homens da companhia do Missouri, inclusive George Drouillard, forçando os americanos a recuarem da rica região de castores dos Três Braços.

Um dos mais tenazes sobreviventes desta guerra das peles foi Andrew Henry. Após a morte de Lisa, em 1820, Henry estava em St. Louis quando teve a oportunidade de encontrar-se com o General William H. Ashley. Este havia sucedido a William Clark como comandante da milícia e estava também no negócio de pólvora, mas não enriquecia com rapidez suficiente para satisfazer um homem ambicioso que já passara dos 40 anos. Henry assegurou a Ashley que havia fortunas enormes a serem feitas com as peles dos castores, se alguém topasse o negócio em grande estilo. Um pequeno grupo tentando trabalhar num forte cercado, tal como fizeram os homens de Lisa, não poderia ter sucesso. Cem ou mais homens circulando a cavalo em brigadas bem armadas ao longo das correntes ricas em castores poderiam fazer fortunas para seus empregadores.

Ashley tinha pouco dinheiro, mas sabia onde obter crédito. Ele e Henry formaram uma sociedade. No dia 13 de fevereiro de 1822, publicaram um anúncio em dois jornais de St. Louis, deixando-o sair por mais de um mês. Levando em consideração o número de homens que foram reunidos graças a ele, e o que fizeram, certamente nenhum outro anúncio de emprego teve efeitos tão profundos na história do Oeste americano.

AOS JOVENS EMPREENDEDORES

Necessitamos contratar cem homens para subir o Rio Missouri até suas cabeceiras, trabalhando por um, dois ou três anos. Para detalhes, procurar o Major Andrew Henry — perto das Minas de Chumbo, no

condado de Washington — (que fará a viagem e comandará a expedição), ou então diretamente o abaixo assinado, em St. Louis.

William H. Ashley

Um dos primeiros a aparecer na porta de Ashley, em St. Louis, foi um homem alto e esguio, de olhos azuis e aparência muito séria, de 23 anos de idade. Deu o nome de Jedediah Strong Smith. Disse a Ashley que havia trabalhado nos barcos dos Grandes Lagos e nos rios do Illinois, mas que seu maior desejo era seguir para o Oeste e estudar os hábitos dos índios, para que pudesse se aperfeiçoar como eles nas artes de escultura em madeira e na caça. O jovem Smith disse que desejava especialmente descobrir as nascentes do Rio Colúmbia e seguí-lo até o Mar Ocidental, tal como Lewis e Clark haviam feito. E, como todo mundo, também desejava fazer fortuna na rota do sol do Oeste.

Smith era provavelmente o mais bem-educado dos 150 homens contratados por Ashley e Henry para sua vigorosa entrada no mercado de peles. Quando o jovem Jed vivia na Pensilvânia, um médico do campo ensinara-o não apenas a escrever e a ler bem, mas também dera-lhe uma sólida base em matemática e latim. Quando o menino estava com 15 anos, o médico o presenteara com um conjunto de dois volumes, História da Expedição Sob o Comando de Lewis e Clark, publicado na Filadélfia em 1814. Deste modo é que a palavra impressa afeta o curso da história; aí é que tudo parece ter começado para Jedediah Smith. Ele estava obcecado pelo desejo de ver todas as coisas descritas por Lewis e Clark, em especial o Rio Colúmbia. Quando chegou a St. Louis, vinha carregando o livro e um surrado exemplar da Bíblia. Jed Smith era um homem religioso, um asceta, um cavaleiro ligado a uma busca mística.

Mesmo antes da expedição Ashley-Henry ter começado a subir o Rio Missouri, a 15 de abril de 1822, havia rumores de que a Companhia da Baía de Hudson absorvera a Companhia do Noroeste. Este gigantesco grupo estabelecera seus escritórios centrais no Forte Vancouver, no Rio Colúmbia, e estava criando um monopólio mundial de peles. A nova empresa de Ashley e Henry, à qual deram o nome de Companhia de Peles das Montanhas Rochosas, mesmo que tivesse muita sorte, teria de enfrentar uma concorrência mais violenta que a companhia do Missouri, de Lisa.

De início, a sorte foi má. Ao subir o rio, uma das barcaças bateu contra uma rocha e afundou, com milhares de dólares de víveres e equipamentos. Após os caçadores passarem pelas aldeias dos mandans, um grupo de guerreiros assiniboines achou que os 50 cavalos da expedição eram uma boa presa e roubou a maioria deles. Mais tarde, os arikaras atacaram e mataram 13 homens, ferindo outros.

Estas derrotas poderiam ter abatido os menos entusiasmados por riquezas, mas Ashley juntara um grupo excepcionalmente forte de caçadores: Jedediah Smith, James Bridger, Thomas Fitzpatrick, James Clyman, William L. Sublette, David E. Jackson, Hugh Glass, Mike Fink e muitos outros, cujos nomes até hoje ainda são lembrados. Eram todos jovens, alguns com a barba apenas despontando. Dentro de dez anos, os sobreviventes seriam conhecidos como os "Homens da Montanha", vestidos com roupas gordurosas de peles, com cabelos emaranhados, barbudos, exalando o fedor de suas peles não curtidas, exterminando os castores e explorando os índios. Jed Smith era a exceção. Tomava banho e barbear regularmente, mantinha as roupas limpas, lia diariamente a Bíblia e ficava longe de brigas e mulheres. Em menos de dez anos, após ver e mapear mais do Oeste que qualquer de seus colegas, ao mesmo tempo conseguindo sua parte no lucro das peles, Smith deixaria a vida agreste por motivos talvez demasiadamente ligados ao misticismo para serem entendidos pela maioria dos homens.

Em 1823, Ashley promoveu-o a capitão de uma brigada de armadilheiros. E foi enquanto comandava seu grupo numa região desconhecida, a oeste das Black Hills, que Smith experimentou pela primeira vez a proximidade da morte, seu primeiro contato amargo com a violência elementar no jardim da selvageria. Um de seus homens, James Clyman, relatou, alguns anos depois:

Estando na dianteira, o Capitão Smith foi dar num descampado, e, quando saía dos arbustos fechados, ele e o urso viram-se frente a frente. O urso-pardo não hesitou um segundo e atacou o capitão, atingindo-o primeiro na cabeça; rolaram pelo chão e o capitão conseguiu, felizmente, enfiar sua faca até quebrá-la, mas terminou com várias costelas partidas e diversos cortes fundos no rosto. Nenhum de nós tinha qualquer conhecimento cirúrgico e não sabíamos o que fazer. Alguém dizia 'vamos pegá-lo', outro respondia 'vá você', e ninguém se

entendia. Perguntei ao capitão o que seria melhor. Ele pediu que um ou dois homens fossem buscar água e que eu pegasse agulha e linha e costurasse as feridas em volta da cabeça, que sangrava abundantemente. Peguei uma tesoura e cortei seu cabelo; depois, dei início ao meu primeiro trabalho de costurar feridas. Após um exame, verifiquei que o urso abocanhara quase toda a cabeça, passara perto do olho esquerdo e da orelha direita; o crânio fora arranhado até o topo, com listras brancas por onde os dentes ralaram. Uma das orelhas fora quase decepada. Depois de costurar todas as feridas da melhor maneira que pude, e de acordo com as instruções do capitão, olhei a orelha por último e disse-lhe que nada poderia fazer por ela. 'Você deve tentar costurá-la de alguma forma', disse-me ele. Então, pus a agulha para trabalhar, costurando através das camadas laceradas. Encontramos água a cerca de um quilômetro, e lá decidimos acampar. O capitão conseguiu cavalgar até o local, onde armamos uma tenda, a única disponível, e o colocamos o mais confortável possível, considerando as circunstâncias. Isto nos deu uma lição sobre o caráter do urso-pardo que jamais esqueceremos.

Dentro de dez dias, o Capitão Smith estava suficientemente bem para prosseguir, mas deixou o cabelo crescer, tapando a orelha defeituosa, e nunca mais tornou a cortá-lo curto. Ao longo da estrada encontraram cheyennes e crows amistosos e perguntaram-lhes qual o melhor caminho para o Rio Green, que, segundo todos os relatos, era cheio de castores. Foi nesta direção que encontraram o South Pass; não um penhasco de caminhos tortuosos e profundos indo até o topo de altas montanhas, como esperavam, mas sim um vale largo e sem árvores, coberto de relva, com cerca de 30 a 50 quilômetros. Smith e seus caçadores não eram os primeiros brancos a atravessarem o South Pass, mas ele foi talvez o primeiro a reconhecer sua importância para os viajantes terrestres. Era a passagem para o Mar Ocidental; as Montanhas Rochosas não eram um obstáculo intransponível, uma barreira à viagem terrestre e ao transporte, conforme Lewis e Clark acreditavam. Jedediah Smith sabia que carroções podiam atravessar o South Pass, mas nem mesmo ele seria capaz de prever que, em menos de uma geração, os carroções ali trafegariam em contínuas caravanas, transportando milhares de pessoas viajando para o Oeste em busca de ouro e terras.

O Rio Green, conhecido como Siskadee pelos índios crows, era realmente rico em castores. Esta região das Rochosas estendia-se por parte dos atuais estados de Wyoming, Utah e Colorado. A região tornou-se o campo de treinamento para Smith, Clyman, Fitzpatrick, Sublette, Bridger e todos os outros. Descobriram que para ter sucesso na caça de castores era necessário vadear quilômetros e quilômetros por água gelada, para não deixar cheiro humano, e que a melhor isca era um feixe de varas no qual se esfregavam glândulas de almíscar de castores. Aprenderam que o homem branco não podia sobreviver na região, a menos que assimilasse todos os conhecimentos dos índios. Eles estudaram os métodos das tribos — hostis e amistosas — aprendendo a reconhecer o sentido de qualquer folha virada, galho quebrado ou súbito voo de pássaros. Concentraram-se na terra, nos seus vales e picos, correntes e florestas. E tornaram-se os "Homens da Montanha".

Na primavera de 1825, Jed Smith e outros capitães levaram suas brigadas dispersas para um encontro numa das bifurcações do Rio Green. Ali encontraram-se com o General Ashley, que havia levado mantimentos para todos e artigos para comerciar com os índios. Assim começou o primeiro de uma série de "encontros peleteiros", que evoluíram para feiras anuais de verão, acompanhando os armadilheiros de uma região virgem a outra, enquanto eles exploravam todos os vales de castores das Montanhas Rochosas. Esses encontros, tiveram lugar, em sua maioria, perto da região que é hoje o Wyoming ocidental. Para descrever um desses encontros, o artista Alfred Jacob Miller usava a expressão "*Uma Grande Farra*", acrescentando que eram "*uma espécie de saturnal, onde o que importava era beber e jogar*". Naqueles dias de atividade sexual discreta, ele omitiu as orgias com as quais os Homens da Montanha tinham sonhado durante os longos e solitários invernos. Além da devassidão e das doenças transmitidas pelos homens brancos, a trapaça contra os índios nas transações comerciais era outro aspecto das reuniões, raramente citado pelos observadores da época. Quando os índios traziam peles de castores para comerciar, geralmente recebiam um por cento do valor das mesmas, na forma de uísque aguado ou quinquilharia barata. A troca de mercadorias inúteis por peles valiosas tornou-se o mais lucrativo complemento para o negócio.

Depois que Ashley e Henry inauguraram tais encontros, grupos de caçadores não mais iriam deixar as florestas para gastar seu tempo e energia no transporte das peles para St. Louis. Outros homens, como barqueiros ou tropeiros, faziam isso em seu lugar; os Homens da Montanha permaneciam nas Rochosas, caçando continuamente. O comércio de peles estava se especializando, tornando-se mais eficiente e altamente lucrativo para seus operadores. Ashley e Henry, de fato, fizeram tanto dinheiro em 1826, que ambos decidiram passar para campos mais fáceis de trabalho. Quando sua companhia foi posta à venda, Jedediah Smith, William Sublette e David Jackson tornaram-se os novos proprietários. Dividiram as responsabilidades, Sublette gastando maior parte de seu tempo com o transporte até St. Louis, Jackson supervisionando as operações de campo e Smith encarregando-se de procurar por novas áreas de castores, para substituir aquelas já improdutivas pelo extermínio total dos animais.

Ver o Oeste, especialmente as partes que nenhum branco jamais vira, foi o verdadeiro motivo que levou Smith a aventurar-se na região; o acúmulo de riquezas parece ter sido mais circunstancial, embora não fosse elemento desprezível.

Depois que Jim Bridger comunicou a descoberta do Grande Lago Salgado, Smith partiu para lá, a fim de ver com os próprios olhos este mar mediterrâneo; e, provavelmente, foi quando ali se encontrava que começou a imaginar o que haveria nos grandes espaços em branco ainda existentes nos mapas do Oeste — a área entre as Rochosas e a Califórnia. Achou que já era tempo da Companhia de Peles das Montanhas Rochosas expandir-se para a Califórnia.

Em agosto de 1826, selecionou 14 dos melhores homens e abandonou o quartel-general do Lago Bear, encaminhando-se para o sul, ao longo do Rio Virgin, e cruzando o Colorado para o Vale de Mojave. Estava tão satisfeito com os índios mojaves e sua fartura em milho, feijão, melões e belas mulheres de seios nus que decidiu ficar ali por vários dias. Os índios ofereceram-se para guiar os Homens da Montanha através do deserto até a missão de San Gabriel, e ali chegaram no final de novembro. Os desconfiados espanhóis expulsaram Smith para San Diego, onde o governador apreendeu seus mapas e diários e acusou-o de ser um espião. O governador ordenou que ele e seus homens deixassem

a Califórnia imediatamente. Quando Smith pediu permissão para partir em direção ao norte, para que pudesse caçar castores, recebeu uma negativa peremptória. Ele deveria deixar a Califórnia pelo mesmo caminho que viera.

Smith fingiu obedecer, mas quando alcançou a parte mais baixa das High Sierras, rumou para o norte à medida que o inverno chegava, procurando por antigas torrentes de castores. Encontrou castores suficientes para convencer-se de que a Califórnia devia ser um império virgem de peles em seus vales ao norte. Com a chegada da primavera de 1827, tentou cruzar as serras de regresso para o Lago Bear. Mas as neves estavam muito pesadas aquele ano nos picos, e, após a morte por congelamento de cinco cavalos, Smith regressou e estabeleceu um campo no Rio Stanislaus. Deixando a maioria do grupo ali, com a promessa de regressar com armadilhas e outros suprimentos, levou dois homens, sete cavalos e duas mulas e fez uma segunda tentativa de conquistar as montanhas. Foi assim que teve início um desses martírios ou expiações quixotescas que Smith parecia procurar deliberadamente, contra as forças naturais. Ele e seus dois companheiros passaram oito dias cruzando as serras, 'sobre a neve congelada que cortava as patas dos cavalos. Três dos animais morreram.

Quando conseguiram sair das serras, depararam com um deserto que teriam de atravessar, a fim de alcançarem o posto da Companhia de Peles das Montanhas Rochosas, no Lago Bear. Era mês de junho e o calor estava tão insuportável que, para buscar alívio, eles cavavam buracos nas barrancas sombreadas e enterravam-se na areia. Quando encontravam algum poço, geralmente a água era por demais salobra para se beber. À medida que morriam, os cavalos iam sendo comidos. Quando um de seus companheiros perdeu finalmente todas as esperanças e deitou-se para morrer, Smith e outro caçador percorreram quilômetros, encontraram água e voltaram com uma vasilha cheia, para tentar reanimar o moribundo. "*Nestes momentos*", escreveu Smith, "*como pareciam frívolas todas as coisas que mantêm controle absoluto sobre o mundo próspero e ativo. Não sonhava com ouro ou honras ambiciosas, mas com o meu lar quieto e distante, onde os riachos murmuravam.*"

Entre os paiutes e gosiutes do Skull Valley, Utah, ainda existe a tradição dos primeiros homens brancos que chegaram até eles — três

homens se materializando através da bruxuleante planície arenosa, cambaleando, maltrapilhos, até um curso d'água, onde mergulharam as cabeças. Uma semana depois, Smith e seus dois companheiros estavam de volta ao Lago Bear, ainda a tempo de celebrarem o Quatro de Julho e se reunirem com seus sócios no, encontro de verão de 1827.

Tão logo terminou o encontro, no mês de julho, o Capitão Smith escolheu 18 homens para regressarem à Califórnia. Não tentou transportar mantimentos pela via direta através do deserto ao qual havia tão recentemente sobrevivido; optou por um grande contorno e, lá pelos meados de agosto, chegou às aldeias amistosas dos mojavés, nas barrancas do Rio Colorado. Ali, Smith e seus homens passaram mais de três dias construindo jangadas para transportar mantimentos através do rio.

No dia da travessia, centenas de mojavés aglomeraram-se à beira do rio para olhar. Smith e oito homens partiram com as primeiras jangadas, carregadas com objetos pessoais e carne-seca. Dez homens e os cavalos do grupo permaneceram na barranca. Assim que Smith e o seu grupo se distanciaram descendo o rio, os mojavés, sem aviso prévio, apenas lançando um curto grito de guerra, atacaram os dez homens, matando-os a todos em menos de um minuto.

A razão para os "amistosos" mojavés cometerem este ataque totalmente imprevisto nunca foi descoberta. Uma explicação seria de que os índios eram aliados dos espanhóis; outra, que um grupo de caçadores do Novo México passara por lá, alguns meses antes, e maltratara tanto os mojavés que eles juraram matar todos os homens brancos que ali surgissem; outra explicação seria a de que alguns dos caçadores de Smith teriam molestado as mulheres índias de peito nu tatuado.

Enquanto seus amigos morriam súbita e violentamente, Smith e os oito homens presenciavam tudo, paralisados, na outra margem; então, por ordem de Smith, rapidamente desfizeram-se de quase todos os seus pertences e começaram a caminhada rumo oeste. Quatrocentos ou quinhentos mojavés os seguiram, no entanto, e um quilômetro adiante começaram a cercar o grupo de Smith. Rapidamente, ele levou seus homens até um algodoal na beira do rio, onde se apressaram a cortar pequenas árvores em número suficiente para improvisar uma barricada.

"Alguns dos homens perguntaram-me se eu achava que seríamos capazes de nos defendermos", recordou Smith mais tarde, "e eu disse que sim, embora esta não fosse a minha opinião."

Alternando com precisão os disparos de seus cinco rifles, contudo, os caçadores conseguiram repelir os mojavés. Quando caiu a noite, puderam retomar o caminho para oeste, rumo ao deserto. Nos dias que se seguiram, a maioria das anotações do diário de Smith não passavam de frases repetitivas, como esta: *"Sofremos muita sede. Encontramos algum alívio mastigando pedaços de uma planta singular, muito suculenta, e encontrada frequentemente em terreno seco e gretado."* Agora um veterano da sobrevivência no deserto, Smith conduziu seus homens do Mojave até Cajon Pass, e a 18 de setembro de 1827 estava de volta ao Stanislaus, para reencontrar os homens que ali havia deixado na primeira expedição à Califórnia. Durante sua ausência os homens haviam acumulado uma quantidade razoável de peles, mas ficaram muito chocados ao saberem da morte de seus amigos e da perda de armadilhas e outros equipamentos na aldeia dos mojavés.

Apesar da desvantagem da falta de armadilhas e cavalos, Smith dispôs-se a permanecer na Califórnia por tempo bastante para explorar os vales do norte. Enquanto seus homens pegavam mais peles, ele encaminhou-se para a costa e foi preso pelo governador, por voltar à Califórnia sem permissão, mas conseguiu não ser mandado para a Cidade do México para julgamento e vendeu peles de castor em San Francisco suficientes para comprar 250 cavalos, suprimentos e mais algumas armadilhas.

Em janeiro de 1828, com uma vaga promessa feita ao governador espanhol de cruzar as High Sierras e deixar a Califórnia para sempre, o Capitão Smith e seus homens seguiram pelo vale do Rio American. Até mesmo os armadilheiros acreditavam que Smith pretendia cruzar as montanhas, e de tempos em tempos ele os guiava ao que parecia ser um desfiladeiro, para logo regressar com o veredicto de que seria impossível cruzá-las a cavalo. Se bem que existam provas de suas intenções, Smith provavelmente não pretendia encontrar um caminho para leste através das Sierras. Seis anos antes, quando assinara contrato com Ashley em St. Louis, ele dissera ao general que desejava ver o Rio Colúmbia e seguí-lo até o Pacífico, tal como Lewis e Clark haviam feito. Nos mapas

que Smith sempre guardava consigo — e que atualizava constantemente, colocando novos cursos d'água e montanhas que não haviam sido anotados — o Rio Colúmbia estava plenamente marcado. A Companhia da Baía de Hudson, do Forte Vancouver, ficava no Rio Colúmbia, a apenas 800 quilômetros ao norte, Jedediah Smith desejava ardentemente ver o Rio Colúmbia; quando ali chegasse, poderia levar seus homens rio acima, até os Três Braços do Missouri, tal como Lewis e Clark haviam feito, e então voltar para o sul, a tempo do próximo encontro de verão dos caçadores de peles.

Através de chuva constante, lamaçais e densas florestas marcharam para o norte, viajando devagar o bastante para recolher peles de castor quase diariamente e colocá-las em fardos sobre os cavalos. Cruzaram o Rio Klamath e fizeram um contorno em direção à costa, na região que é hoje o sudoeste do Oregon. No dia 13 de julho de 1828, estavam nas barrancas do Umpqua, onde encontraram cerca de 60 índios que se denominavam kelawatsets. Os índios transportavam algumas peles de castor que pretendiam trocar com a Companhia da Baía de Hudson. Smith fez ele mesmo a troca e amarrou as peles a seus cavalos.

Na manhã seguinte, Smith e dois de seus armadilheiros deixaram os companheiros no acampamento e subiram o rio numa canoa, visando encontrar uma rota seca, fora do terreno pantanoso que rodeava o Rio Umpqua. Ao regressarem, encontraram todo o acampamento (*com exceção de um homem*) exterminado pelos índios kelawatsets. Cavalos, peles e equipamentos — até mesmo os mapas e diários — haviam desaparecido. Smith e os dois homens foram também atacados perto do desolado acampamento, mas conseguiram escapar escondendo-se na floresta. (*Ao reconstituírem o massacre do Umpqua, os sobreviventes acharam que havia sido causado por um incidente que julgaram sem importância na ocasião. Um índio, suspeito de ter roubado um machado no acampamento, foi apanhado pelos caçadores; apertaram-lhe fortemente o pescoço, a fim de obrigá-lo a devolver o machado. O índio insultado era um chefe, e, é claro, vingou-se, liderando um ataque contra o acampamento na manhã em que Smith se ausentou.*)

Alguns dias depois, Smith, seus dois companheiros e o único caçador que escapara ao massacre chegaram ao Forte Vancouver. Para o Dr. John McLoughlin, um escocês de ar severo que dirigia o império da

Baía de Hudson, esses quatro americanos em mau estado não pareciam concorrentes perigosos. Aceitou-os como hóspedes e enviou uma expedição que recuperou suas peles, cavalos e, por grande felicidade, os diários e mapas de Smith. McLoughlin, mais tarde, comprou de seus rivais as peles e os cavalos aos preços vigentes. Como já era muito tarde naquele ano para uma travessia de inverno das Montanhas Rochosas, Smith passou os i meses frios no Forte Vancouver, pagando ao seu hospedeiro com mapas e informações sobre a Califórnia.

Em março de 1829, Smith finalmente teve sua oportunidade de seguir a mesma rota de Lewis e Clark no Rio Colúmbia, mas, evidentemente, não estava com disposição de anotar suas reações quanto à realização deste sonho; as anotações revelam muito pouco de seus pensamentos e emoções. A morte violenta de muitos dos companheiros, primeiro no Colorado e depois no Umpqua, certamente influenciou sua mente. Ele era o líder e foi por sua vontade que eles chegaram ao lugar onde morreram. Era próprio de sua natureza carregar o peso da responsabilidade.

Após reunir-se com seus companheiros em Pierre's Hole, no verão, estabeleceu o acampamento de inverno no Rio Wind. Para Jedediah seria um inverno de reflexão sobre os terrores da vida e da morte. "*Eu me deixo envolver demasiadamente pelas coisas do tempo*", escreveu ele a um de seus irmãos em dezembro de 1829. "*Cruzei o país (...) até o Oceano Pacífico Norte, de diferentes maneiras — quase sempre em regiões desoladas e raramente do tipo contrário (...) em agosto de 1827, dez componentes de meu grupo perderam suas vidas (...) em julho de 1828, 15 homens, que formavam meu grupo, também perderam suas vidas (...)*" Em outra carta ele parece estar tentando se punir: "*Foi por achar que seria capaz de ajudar aqueles que necessitavam que enfrentei todos os perigos, foi para isso que atravessei as montanhas cobertas de neve eterna (...) foi para isso que passei pelas planícies arenosas, com calor de verão, louco de sede e contente de poder encontrar uma sombra em vez de água, onde pudesse refrescar meu corpo superaquecido (...) foi para isso que passei dias sem comer, dando-me por muito feliz de poder catar algumas raízes, umas lesmas (...) e, acima de tudo, foi para isso que me afastei dos privilégios da sociedade e da satisfação de conversar com meus amigos!*"

No verão seguinte, Smith foi ao seu último encontro dos caçadores de peles. Seu sócio, Sublette, surpreendeu a todos levando dez carroças de St. Louis até o Rio Wind, para provar que uma estrada natural de carroças corria desde as Montanhas Rochosas. "*Smith, Sublette e Jackson foram os primeiros homens a levarem carroções para as Montanhas Rochosas*", comentou o St Louis Beacon. "*A maneira fácil como fizeram isto — e poderiam ter prosseguido [através do South Pass] até a foz do Rio Colúmbia — demonstra a loucura e a falta de senso daqueles tipos 'científicos', que falam das Montanhas Rochosas como uma barreira que impedirá a marcha para o Oeste do povo norte-americano.*"

Jedediah Smith, no entanto, aproveitou esta oportunidade para afastar-se por completo de tudo aquilo. Quando informou aos sócios que desejava vender sua parte na companhia, eles também decidiram fazer o mesmo. Após transferirem a propriedade da Companhia de Peles das Montanhas Rochosas para Jim Bridger, Thomas Fitzpatrick e três outros caçadores, Smith e os sócios regressaram a St. Louis com suas carroças carregadas de milhares de dólares em peles.

Aos 31 anos de idade e mais rico que a média dos homens, Jed Smith estava sem uma ocupação definida em St. Louis. É possível que ele invejasse o jovem Jim Bridger, de 26 anos, que assumira os seus encargos e que ainda se encontrava nas florestas do Oeste. Bridger era analfabeto, mas havia aprendido a aceitar a dureza da vida primitiva, fizera de si mesmo parte da violência, da dor e do sangue, distribuindo a morte e aceitando a inevitabilidade disto para si mesmo, levando as mulheres da região para debaixo de seus cobertores e nunca se imaginando um homem civilizado corrompendo a inocência da natureza.

Jed Smith não havia regressado a St. Louis cercado de histórias de horror, como havia feito John Colter, mas evidentemente acreditava que não poderia manter-se como um cavaleiro de honra diante do Senhor, caso permanecesse no Oeste. Temia regredir a um estado natural de bestialidade que os homens civilizados tinham conseguido cobrir com uma fina camada de religião, honra e cortesia. Talvez sentisse também que havia sido um instrumento na violação da natureza. Gostaria ele de deixar a incrível beleza do Oeste tal como a encontrara, intocada pelos

homens civilizados? Se algumas centenas de homens podiam destruir a maioria dos castores existentes nas Montanhas Rochosas em menos de uma década, o que não fariam milhares, ou talvez milhões?

Lembrava-se de haver comandado uma brigada de caçadores montados até uma aldeia indígena nas Rochosas, onde o homem branco nunca pusera os pés; amedrontados, os índios fugiram e uma jovem caiu ao chão, louca de terror. Jim Bridger teria tido tão-somente uma reação divertida com o incidente, mas Smith se preocupara. "*Será possível que nós possamos nos chamar de cristãos e provoquemos tanto medo em pobres selvagens?*"

Devido à sua reputação de explorador, um jovem do estado de Connecticut, que fora a St. Louis para cuidar da saúde, visitou-o um dia, para pedir conselho sobre como ir às Montanhas Rochosas. "*Se você for às Montanhas Rochosas*", disse Smith bruscamente, "*terá grande possibilidade de encontrar a morte e não de restaurar sua saúde. Se conseguir escapar da morte e garantir a saúde, é provável que fique arruinado para tudo na vida, a não ser as coisas que são agradáveis às paixões dos semisselvagens.*"

Para não se deixar levar pelas paixões de um semisselvagem, Smith decidiu imitar Lewis e Clark e escrever um livro sobre suas explorações no Oeste. Enquanto este livro estava em fase de planejamento — contratando um funcionário, montando e copiando seus diários — ele começou a ouvir muitas conversas de amigos e conhecidos sobre as fortunas a serem feitas no comércio com Santa Fé. O comerciante William Becknell já estava explorando uma trilha de carroções entre St. Louis e Santa Fé e as autoridades mexicanas aceitavam de bom grado os produtos vindos dos Estados Unidos, pois o México havia conseguido recentemente sua independência da Espanha.

Quando seus antigos sócios, Sublette e Jackson, lhe propuseram organizar uma firma de transporte em carroções para a primavera de 1831, Smith deixou-se levar pelo encantamento da ideia de Santa Fé. Não era tanto a ideia de lucrar nesta aventura, disse para si mesmo, mas como o Sudoeste era a única parte que não havia visto, e como ia publicar um livro sobre o Oeste, então precisava ir a Santa Fé. Pediu ao Governador William Clark um passaporte para o Novo México e mandou seu funcionário começar a estudar espanhol.

O comboio de carroções deixou St. Louis em 10 de abril de 1831 — 22 carroções puxados por mulas, e 74 homens, inclusive o irmão de Smith, Austin. No final de maio alcançaram a planície árida abaixo do Rio Arkansas; uma seca de primavera o havia deixado mais seco do que na época em que Coronado o cruzara, três séculos atrás. No dia 27, após três dias de viagem sem água, o comboio parou e homens foram enviados em todas as direções, em busca de um poço d'água. Smith encaminhou-se para o sul com um companheiro e encontraram um poço com o fundo coberto por uma crosta de lama. Deixando o homem lá, para cavar e conseguir água, Smith prosseguiu, cruzou uma pequena elevação e desapareceu para sempre.

Após procurarem por ele em vão, seus sócios assumiram o comando dos carroções e partiram para Santa Fé. Poucos dias depois, um bando de comancheros — mexicanos que comerciavam com os comanches — entrou na cidade. Tentavam vender um rifle e um par de pistolas prateadas. Quando Austin viu as armas, reconheceu-as como pertencentes ao seu irmão desaparecido, Jedediah. Os mexicanos disseram tê-las obtido numa troca com um bando de comanches, que haviam matado Smith num poço d'água.

Várias versões da morte de Smith, tal como descreveram os comancheros, tornaram-se legendárias: de como ele se aproximou dos índios sem medo, de como eles arremessaram lanças em suas costas quando tentou escapar e de como ele resistiu e lutou até o fim. Austin Smith descreve o fato desta maneira, numa carta ao seu pai: *"Os comerciantes espanhóis que faziam trocas com estes índios me informaram que Smith viu os índios antes que estes o atacassem, mas imaginou que não havia qualquer maneira de escapar; portanto levantou-se destemidamente e caminhou na direção deles, na esperança de fazer a paz. Mas descobriu que sua única chance era a defesa e matou o chefe principal. Suponho que eles <então tenham partido para cima de Jed como sabujos; os espanhóis contaram que eram cerca de 15 a 20 índios."*

Jedediah Strong Smith foi um pioneiro do Oeste por menos de dez anos e ninguém pode afirmar se no seu julgamento final ele odiou o Oeste ou se o temeu, amou-o ou encarou-o, impassível, como um campo de provas para a resistência de um cavaleiro medieval. Embora não tenha

nunca aceitado sua selvageria terrena, certamente ninguém viu mais do Oeste ou foi um pioneiro da região como ele.

CATLIN, O "PINTURA MÁGICA"

Na primavera de 1830, quando Jedediah Smith estava se preparando para deixar as Montanhas Rochosas para sempre, um belo jovem, ao estilo de Byron, com seus 30 anos — olhos azuis, pele morena, cabelos pretos — chegou a St. Louis com a intenção de aventurar-se no Oeste com um propósito bem diferente dos aventureiros comuns. Era George Catlin, da Pensilvânia, ex-advogado e artista autodidata, que se havia tornado suficientemente capaz na arte de pintar para ser aceito como membro da Academia de Belas-Artes da Filadélfia. Nos últimos seis anos, Catlin vinha ganhando a vida pintando retratos de gente famosa, mas estava insatisfeito com o sentido de sua vida.

"Minha imaginação continuamente buscava algum ramo da arte a que me dedicar de corpo e alma para o resto da vida", explicou ele, "quando chegou à cidade uma delegação de cerca de dez a 15 índios de olhar digno e nobre, vindos do Oeste não desbravado, vestidos e equipados com toda a sua beleza clássica — de escudo e elmo (...) de túnica e manta (...) pintados e cheios de penduricalhos — perfeitos para a paleta de um pintor!"

O interesse de George Catlin pelos índios americanos vinha desde a mais tenra infância, quando ficou fascinado com as histórias das aventuras da mãe, ao ser presa pelos iroqueses durante a Guerra Revolucionária. Um tanto simbolicamente, ele tinha uma cicatriz na face, feita por um **tomahawk** * atirado sem cuidado por um companheiro com quem geralmente brincava de índio. Na Filadélfia passara muito tempo em museus, fazendo desenhos de costumes tribais, armas e ornamentos — grande parte dos quais trazidos do Oeste pela expedição de Lewis e Clark.

* Machado de guerra dos índios norte-americanos. (N. do T.)

Catlin início seu plano, ainda em formação, de registrar em tela os índios americanos, visitando as reservas do estado de Nova York, e mesmo depois de se casar, em 1828, frequentemente rejeitava generosos pagamentos para fazer retratos, a fim de poder seguir para uma reserva do Leste e acrescentar a face de um índio à sua coleção. Pintar índios aculturados, tais como Jaqueta Vermelha, dos sênecas, e John Quinney, dos moicanos, só serviu para fortalecer sua determinação de pintar índios *"livres e soltos do disfarce da arte"*. Para fazer isto, sabia que teria de ir muito mais para longe, no Oeste. *"A história e os costumes desses povos preservados em ilustrações pictóricas são temas que valem toda a existência de um homem"*, disse ele, *"e só se eu morrer é que deixarei de visitar suas regiões e de me tornar o historiador deles."*

Embora não tenha tido nenhum apoio da família ou dos amigos, uma vez tomada esta decisão Catlin não mais hesitou. *"Afastei-me de todos eles — da minha mulher e de meus parentes idosos — sendo eu mesmo meu único conselheiro e protetor."* Quando procurou por William Clark, em St. Louis, estava bem preparado com cartas de recomendação de gente importante do Leste e também com uma seleção de desenhos dos índios da região. Nessa época, Clark tinha 60 anos e servia tanto como governador do território do Missouri quanto como agente dos índios no território da Alta Louisiana. Este último posto dava-lhe completa autoridade sobre todos os assuntos referentes aos índios do Oeste, e ele poderia ter acabado com os sonhos de Catlin ali mesmo em St. Louis. Clark, no entanto, estava intrigado com o esquema grandioso do artista; afinal de contas, não era um objetivo mais impossível do que fora a sua própria missão com Lewis, apenas um quarto de século antes. Embora o governador não se tivesse impressionado com as cartas de recomendação, gostou das pinturas de índios de Catlin.

A convite de Clark, Catlin instalou seu cavalete no escritório dele, e quase diariamente tinha a oportunidade de fazer um esboço dos índios do Oeste que iam regularmente a St. Louis para comerciar e discutir matérias de tratados com o seu Chefe de Cabelos Vermelhos (Clark). Quando Clark subiu o Mississippi até o Forte Crawford, em julho, para encontrar-se com os sauks e foxes, levou Catlin em sua companhia. No outono, os dois homens — que agora eram amigos íntimos — viajaram pelo Mississippi até o posto militar de Leavenworth e depois por terra

até o Kansas. Um dos retratos mais notáveis feitos por Catlin durante esta jornada foi o do irmão de Tecumseh, o famoso profeta shawnee.

Catlin regressou à Pensilvânia para passar o Natal com sua mulher, mas já estava de volta a St. Louis no início de 1831. O Governador Clark, suspeitando que seu jovem protegido necessitava de verba, posou para um retrato de corpo inteiro — e depois animou seus prósperos amigos de St. Louis a lhe seguirem o exemplo. (*Se Catlin chegou a encontrar-se com Jedediah Smith, que estava ocupado em preparar sua expedição malsucedida para Santa Fé, é bastante duvidoso. Ninguém até hoje encontrou um retrato pintado por Catlin do Paladino Vestido de Pele de Gamo, mas se existe algum, deve hoje valer uma fortuna.*) Após ganhar o bastante para suas despesas mais prementes, Catlin juntou-se ao Major John Dougherty, agente especial das tribos pawnee, oto, omaha e missouri, para uma viagem de verão ao vale do Platte. Pela primeira vez, o artista teve oportunidade de ver as planícies índias "*em sua natural simplicidade e beleza*". Os que mais lhe chamaram a atenção foram os pawnees, o povo da remota Harahey, que Coronado conhecera, e de El Turco, que tanto irritou os espanhóis que eles acabaram matando-o no garrote. Catlin viu guerreiros pawnees com cabeças raspadas e corpo pintado, envoltos em mantas escarlates e azuis, galopando seus indóceis cavalos. Viu arcos e flechas funcionando de verdade em caçadas a búfalos; viu mulheres pawnees secando carne e enfiando-a em caixas de couro curtido de búfalo, cultivando milho e tecendo cestas; viu também as casas abobadadas de barro batido das aldeias pawnees.

Continuou a pintar apenas retratos, mas começou a tomar notas e a fazer pequenos esboços dos objetos ao fundo e dos cenários.

Para George Catlin, esses dois primeiros anos de trabalho, entrando e saindo de St. Louis, foram os seus exercícios preliminares. Deram-lhe a oportunidade de aprender o que procurar entre os índios do Oeste e de descobrir meios e maneiras de convencer os modelos a posarem com naturalidade e de aceitá-los como membros de "*uma raça realmente nobre e superior*".

Após um segundo inverno na Pensilvânia — onde mostrou seus trabalhos aos amigos e vendeu algumas cópias para obter o dinheiro de que tanto necessitava — regressou novamente a St. Louis. Desta vez,

conseguiu com Pierre Chouteau, da Companhia Americana de Peles, subir o Missouri a bordo do Yellowstone, até o ponto mais distante que o vapor pudesse alcançar. Foi uma viagem significativa; o Yellowstone era o primeiro vapor a penetrar na zona selvagem dos índios do Oeste. Em poucos anos, os índios que viviam ao longo do rio iriam se queixar de que as árvores das margens estavam sendo todas cortadas para alimentar as caldeiras de uma contínua procissão de barcos a vapor.

O Yellowstone deixou St. Louis a 26 de março de 1832. Para ganhar dinheiro aquele ano no Oeste, Catlin combinara com o jornal *Commercial Advertiser*, de Nova York, enviar matéria, sempre que houvesse uma oportunidade, e cartas de viagens para publicação — um método ainda hoje usado por aventureiros cultos mas sem dinheiro para pagar as despesas de suas jornadas.

À medida que o Yellowstone subia o rio, Catlin ocupava-se fazendo esboços de cenas ao longo do caminho. Cada vez que o navio parava numa aldeia índia, ele apressava-se em desembarcar e fazer esboços rápidos e anotações. Em meados de maio, muitos quilômetros antes do Forte Pierre, o navio encalhou de proa num banco de areia. Após um esforço inútil para pô-lo flutuando de novo, Pierre Chouteau disse a Catlin que ele poderia ficar com a tripulação, até que as cheias soltassem o navio, ou juntar-se a um grupo de caçadores que iriam para o forte por terra, a 300 quilômetros dali a pé. "*Empacotei minhas coisas e vários homens carregaram todos os artigos de pintura de que eu iria precisar*", anotou Catlin em seu diário. "*E com meu caderno de esboços pendurado nas costas e meu rifle na mão, comecei a viagem com eles.*"

Fizeram uma travessia de seis dias através de um verdadeiro mar de relva verde e flores silvestres. "*Vimos imensas manadas de búfalos, e, se bem que não tivéssemos cavalos para perseguí-los, conseguimos nos aproximar deles a pé e obtivemos um suprimento abundante de carne fresca (...)* Divertidos com muitos dos acidentes e acontecimentos da caçada, chegamos bastante exaustos ao Forte Pierre."

Catlin imediatamente instalou seu cavalete, e a novidade do que estava fazendo ali, no meio da selvagem região sioux, atraiu tantos índios curiosos que o pintor foi forçado a colocá-los em fila para aguardar sua vez como modelos. Ele então começou a desenvolver um método estenográfico para registro pictórico. Era um pouco semelhante

aos pictogramas que os índios pintavam nas peles de búfalo para registrar a contagem de inverno e calendários. Se a máquina fotográfica já tivesse sido inventada, ele estaria batendo uma foto atrás da outra, esperando talvez conseguir uma boa tomada; mas como a câmara ainda não existia, ele teve que inventar uma nova técnica de desenhar rapidamente, semelhante à tomada rápida de fotos de um fotógrafo. Trabalhou obsessivamente, como um homem que tivesse o privilégio de visitar um novo planeta somente por um breve período; sentiu-se compelido a registrar tudo o que via nesse Oeste novo e fértil.

Algumas vezes desenhava às pressas um cenário e espalhava figuras de índios em primeiro plano. Como ele estava sempre em movimento, pintava uma fina camada de tinta nas telas soltas para que secassem depressa e fossem enroladas e colocadas em tubos de latão, que usava para proteger seu trabalho. Alguns anos depois, quando seus livros ilustrados foram publicados, os processos primitivos de impressão daqueles dias reproduziram seus desenhos lineares com cores de litografia. Os contemporâneos de Catlin, que conheciam sua arte somente através da reprodução em livros, não levaram em conta suas pinturas existentes nas galerias e se inclinaram a rotulá-la de primitiva, reputação que ficou ligada ao seu nome. Seus esboços de campo e seus óleos aperfeiçoados são diferentes quanto os instantâneos de um amador diferem de fotografias de estúdio.

A 31 de maio, o Yellowstone chegou ao Forte Pierre na crista da neve derretida que subitamente encheu o Missouri. Um mês depois, o vapor, com Catlin a bordo, alcançou seu destino: Forte Union, na foz do rio que dera nome ao navio. Lá era o quartel-general do milionário John Jacob Astor, da Companhia Americana de Peles, que se havia tornado uma empresa dinâmica sob a direção de Pierre Chouteau. A Companhia Americana de Peles recentemente conquistara a confiança dos índios pés-pretos, que antes lhe eram hostis e leais à Companhia da Baía de Hudson. Em breve, Jim Bridger e seus sócios, da antiga Companhia de Peles das Montanhas Rochosas de Jed Smith, se veriam forçados a uma fusão com a Companhia Americana de Peles, nos últimos anos do boom do comércio peleteiro.

Catlin não perdeu tempo e pintou os crows, assiniboines e pés-pretos acampados em volta do forte e depois partiu numa canoa em visita às

aldeias cheyenne, gros ventre e cree da região. Sua admiração pelos índios parecia ser recíproca; a única dificuldade que teve deveu-se a um bando de ursos-pardos que invadiu o acampamento e mastigou algumas de suas telas a óleo. Como as cores eram importantes e, algumas vezes, símbolos sagrados para os índios, Catlin adquiriu um lugar especial aos olhos dessa gente, que amava pinturas brilhantes e admirava a habilidade de quem as fazia. Em pouco tempo, deram-lhe o nome de Pintura Mágica, ou Pintor Feiticeiro Branco.

"Não há imaginação humana", escreveu ele em uma de suas cartas do Forte Union, "por mais que se descreva, que consiga apreender a beleza e selvageria das cenas que podem ser testemunhadas diariamente nesta região romântica; as centenas de graciosas jovens, sem um ricto de preocupação ou medo que perturbe a expressão de prazer e divertimento que brilha em seus rostos; os longos cabelos negros, confundindo-se com os rabos de seus cavalos, flutuando ao vento, quando elas voam pela pradaria atapetada, enfrentando a morte com suas lanças e flechas contra uma manada de búfalos furiosos."

O artista observador viu claramente que os comerciantes de peles aviltavam os índios; compreendeu bem o sentido daquele primeiro navio a vapor encalhado na junção do Missouri com o Yellowstone:

Contemplei as nobres raças dos peles-vermelhas que estão desaparecendo, à medida que a civilização se aproxima; seus direitos são desrespeitados, sua moral corrompida, suas terras tomadas, seus costumes alterados e, portanto, perdidos para o mundo, e finalmente eles desaparecem na terra e o arado cobre de torrões seus túmulos; corri em socorro deles, não para salvar suas vidas ou suas raças (porque eles estão condenados a desaparecer), mas para salvar suas aparências e seus hábitos, pois o mundo ganancioso talvez venha a despejar seu veneno e qualquer outra forma de destruição, pisá-los e esmigalhá-los até a morte. No entanto, como a fênix, eles ressurgirão 'das manchas de uma paleta de pintor' e viverão de novo nas telas e permanecerão por séculos e séculos — monumentos vivos de sua nobre raça.

No final do verão, Catlin deixou o Forte Union numa canoa? acompanhado de dois caçadores, em direção a St. Louis. Com Jean Baptiste e Abrahm Bogard, Catlin aprendeu um bocado sobre os hábitos

do Oeste, alguns deles audaciosos que chocaram não somente a sua atitude romântica como sua filosofia metodista wesleyana. As histórias dos caçadores ajudaram a prepará-lo para os rituais pagãos e as cerimônias de tortura dos índios mandans. Quando chegaram às aldeias mandans, onde Lewis e Clark tinham passado o inverno 25 anos antes, os índios se preparavam para suas cerimônias de Okeepa. Catlin foi um dos primeiros homens brancos a ter a oportunidade de presenciar o sofrimento de quatro dias e foi o único a registrá-lo em pintura.

"Esta região estranha em que me encontro", escreveu eles das aldeias mandans em julho, "seus excitamentos, seus acidentes e cenas selvagens, que me perturbam a cada minuto, me impedem de fornecer uma descrição mais detalhada dos acontecimentos notáveis no momento". Mas ele tinha seus desenhos, alguns dos quais não poderiam ser exibidos publicamente naquela época de moralismo, e posteriormente escreveu a maior parte disso em seu livro O Kee Pa, inclusive uma interessante descrição da figura central do ato, um dançarino mandan com um pênis gigantesco esculpido em madeira e pintado de vermelhão brilhante. A cerimônia de tortura era uma variação da Dança do Sol, com ganchos espetados nos músculos peitorais dos participantes. "Havia duas cordas que saíam do topo da cabana (...) e eram então ligadas aos ganchos, e depois começavam a puxá-las, suspendendo os participantes; cada um era suspenso até que seu corpo ficasse fora do chão, onde permanecia até que a faca, o espeto ou o gancho fossem passados através de sua carne ou membranas, de maneira igual em ambos os braços, abaixo dos ombros, abaixo dos cotovelos, nas coxas e abaixo dos joelhos. Cada um deles era então instantaneamente erguido com cordas até que o peso do seu corpo ficasse pendente; e enquanto o sangue escorria pelos seus membros, as pessoas penduravam nos espetos os escudos de cada homem, seu arco e sua aljava (...)"

Os mandans perturbaram e fascinaram Catlin; em uma carta, seu metodismo prevalece sobre o desprendimento artístico: *"Este povo pode ser salvo"*, escreveu, recomendando então que os missionários fossem para lá e introduzissem o arado e as orações, para que os mandans pudessem vir a ser civilizados e cristianizados (e conseqüentemente salvos) no coração da América selvagem. Não havia nada que Catlin ou

alguém mais pudesse fazer para salvar os mandans, em qualquer sentido da palavra. Cinco anos mais tarde, 95 por cento deles morreriam de uma peste fatal levada pelo homem branco: a varíola. Os sobreviventes foram acolhidos por seus primos, os hidatsas, e este foi virtualmente o fim da tribo mandan.

Muito mais tarde do que haviam planejado, Catlin e seus amigos caçadores chegaram a St. Louis em seu pequeno barco, que ia carregado com pinturas, costumes índios, esboços e livros de anotações. Catlin havia completado a mais proveitosa expedição de sua vida. Em três meses de duras jornadas e trabalho constante, havia criado uma coleção de 66 retratos de índios, 36 cenas da vida índia, 25 paisagens e centenas de esboços inacabados. Havia também escrito uma série de longas cartas de viagem. Parte do trabalho já fora enviada para St. Louis *"através do navio a vapor e outros transportes; cerca de 20 caixas e pacotes em épocas diferentes (...) ao contemplá-los e enumerá-los, tive bastante sorte de receber e reconhecer cerca de 15, o que é uma excelente proporção nesta terra selvagem e desesperada"*.

Certo agora de que seus três anos passados no Oeste haviam produzido bastante material para um museu, Catlin apressou-se em voltar à Pensilvânia para preparar suas exposições. De acordo com o Gazette de Pittsburgh, de 23 de abril de 1833, a maioria de suas pinturas estavam *"ainda inacabadas, pois só tivera tempo de apreender uma semelhança correta dos vários modelos vivos que posaram para ele e os aspectos gerais da paisagem que selecionara, sendo que o segundo plano e os detalhes foram deixados para o futuro"*.

Por coincidência, nessa mesma primavera de 1833, Charles Bodmer, um artista suíço de 27 anos, estava subindo o Missouri com um alemão rico, o Príncipe Maximilian de WiedNewvied. Quando pararam por pouco tempo em St. Louis, Bodmer teve oportunidade de ver várias telas de Catlin, de propriedade do agente dos índios Benjamin OTallon, e talvez tenha sido influenciado por elas na escolha dos seus modelos. Bodmer era um artista formado, e como não tinha pressa nem problema financeiro, produziu um trabalho mais bem acabado que o de Catlin. Infelizmente, os retratos e cenas do Oeste de Bodmer iriam permanecer enterrados e praticamente despercebidos por muitos anos como meros complementos do luxuoso livro de viagem, publicado por seu

patrocinador. (*Frederic Remington, que estudou minuciosamente o trabalho dos primeiros pintores, só foi descobrir Bodmer em 1892*).

Catlin, por outro lado, decidira que o mundo inteiro deveria ver o Oeste americano através de suas pinturas. Após uma acolhida bastante indiferente em Pittsburgh, ele e sua mulher, Clara, levaram a coleção através do Ohio até Cincinnati. Lá, os dois trabalharam dias no acabamento e emolduramento das pinturas, e a exposição de Cincinnati, acompanhada de palestras feitas pelo artista, atraiu multidões consideráveis e críticas elogiosas. "*Uma coleção de pinturas que consideramos das mais extraordinárias e interessantes; nunca tínhamos visto antes algo semelhante. Sua coleção contém cerca de 140 pinturas e estamos informados de que o artista possui o mesmo número de obras inacabadas.*"

Após outra exposição em Louisville, os Catlins ganharam dinheiro suficiente para uma viagem de férias de inverno pelo Sul. Quando George regressou a St. Louis, na primavera de 1834, Clara o acompanhava, e enquanto ele começou o que seria a sua última viagem produtiva ao Oeste, ela permaneceu com amigos nas vizinhanças de Alton, Illinois.

"*Na primavera de 1834, consegui permissão do Secretário da Guerra*", disse Catlin, "*para acompanhar o 1º Regimento de Dragões, sob o comando do Coronel [Henry] Dodge, até os comanches e outras tribos do sudoeste.*" Os dragões, uma tropa de infantaria montada, havia sido recentemente organizada e essa era a sua primeira marcha em território índio. Os cavalarianos e seus magníficos cavalos e uniformes tinham o propósito de impressionar os índios do Oeste com o poder dos Estados Unidos; à medida que mais carroções passavam a rolar pelas trilhas de Santa Fé e do Oregon, mais e mais tribos tendiam a resistir à invasão de suas terras.

Para Catlin, a expedição militar lhe proporcionou uma maneira conveniente e segura de pintar os índios que ainda não havia visto — comanches, kiowas, osages, wichitas, wacos, arapahos e apaches jicarilla. "*Eu estou indo mais longe conseguir modelos do que qualquer outro colega artista*", escreveu ele do Forte Gibson em junho, "*mas tenho um prazer indescritível em passear pela natureza selvagem e sem trilhas, selecionando meus modelos, numa terra onde me sinto livre e*

desobrigado das restrições sufocantes da sociedade. Apesar do trabalho, das privações e das despesas de viagem a essas regiões remotas do mundo, para encontrar modelos para o meu lápis, dos lugares quase intransponíveis e algumas vezes de obstáculos penosos, sinto-me incentivado pela contínua convicção de que estou trabalhando na verdadeira Escola de Arte (...) Aprendi mais sobre as partes essenciais da minha arte nos três últimos anos do que aprenderia em Nova York durante toda a vida."

Durante essa travessia calorenta de verão através das planícies do sudoeste, muitos dragões ficaram doentes e morreram, e, apesar de Catlin ter tido "*uma longa e penosa febre provocada por derramamento de bÍlis*", levou de volta alguns dos melhores retratos e cenas para acrescentar à sua coleção — cenários, cavalos e búfalos, bando compactos de comanches e dragões, a mais original pintura de uma aldeia wichita de casas de palha, que deveriam ser, provavelmente, as mesmas encontradas por Coronado três séculos antes. "*Uma das cenas mais emocionantes e belas que jamais vi*", foi como Catlin descreveu seu encontro com os comanches. Quando os dragões formaram as três colunas numa linha de frente, do lado de fora de uma aldeia comanche, os guerreiros cavalgaram ao seu encontro, tocando seus cavalos, formando uma fileira e movimentando-se como uma cavalaria muito bem disciplinada.

As duas linhas estavam formadas frente a frente, cerca de 20 a 30 metros uma da outra, como inimigos inveterados que jamais houvessem se encontrado; e, para crédito eterno dos comanches, que todo mundo sempre considerou criminosos e hostis, todos saíram desse modo, de cabeças descobertas e sem armas de espécie alguma ao encontro de um grupo de guerra rebrilhando de armas e invadindo a metade do seu território. Tinham toda razão de nos olharem como seus inimigos naturais, tal como vinham fazendo com todos os caras-pálidas; e, no entanto, em vez de armas e caras feias, galoparam em nossa direção e olharam-nos francamente, sem denotarem medo ou covardia, com evidente expressão de alegria e prazer, impacientes para darem um aperto de mão, aceitando a simples garantia do Coronel Dodge ao chefe deles de que "*nós viemos como amigos*".

Catlin passou os dois verões seguintes aumentando sua coleção, mas em nenhuma dessas viagens foi muito para o interior do Oeste. Em 1835, visitou os ojibways e os sioux santee, no Wisconsin e no Minnesota, e em 1836 voltou ao Minnesota com o propósito de encontrar e pintar, em Coteau des Prairies, a oeste do Forte Snelling, a pedreira sagrada (que, segundo a tradição, nenhum homem branco jamais havia visto) onde os índios do Oeste obtinham a pedra argilosa vermelha para fazer seus cachimbos rituais.

No caminho, Catlin foi detido por um grupo de sioux que lhe ordenaram que se afastasse da pedreira. Sua capacidade de persuasão venceu. Sua teimosia, seus pincéis, pinturas coloridas e telas serviram de passaporte para a pedreira. Além de esboços e pinturas, ele levou de volta amostras da pedra vermelha, para os cientistas examinarem. A originalidade da pedra deu a Catlin outro tipo de imortalidade; um mineralogista chamou a pedra de "catlinita", e ela é conhecida assim até hoje.

Durante o inverno de 1836/37, Catlin juntou suas várias coleções — que estavam espalhadas de St. Louis à Pensilvânia — e instalou-se temporariamente em Albany, Nova York, cidade natal de sua mulher. Ali organizou o que veio a chamar de "Galeria Índia". Fazendo o levantamento do estoque, verificou que possuía 494 pinturas representando 48 tribos. Por conveniência de armazenagem e transporte, havia mantido a maioria dos óleos em tamanho uniforme: 72 x 58 centímetros. Durante a primavera e o verão de 1837, ele tentou algumas exposições, primeiro em Albany e depois em Troy.

(Nesse mesmo ano, Alfred Jacob Miller foi para o Oeste com um escocês rico, Capitão William Drummond Stewart, e trouxe de volta 300 cenas das planícies e das Montanhas Rochosas que nenhum outro artista havia pintado antes. Miller posteriormente veio a pintar várias telas grandes originadas de seus esboços, para Stewart e outros colecionadores, mas a maior parte de seu trabalho ficou esquecida por mais de um século. Ao contrário de Catlin, ele não era um exibicionista.)

No jornal Commercial Advertiser de Nova York, de 23 de setembro de 1837, apareceu a seguinte notícia: *galeria índia de Catlin. Será aberta para exposição na tarde de segunda-feira, dia 25, e todas as*

tardas a partir daí (...) No Salão de Palestras de Clinton Hall. Serão apresentadas centenas de retratos, como também esplêndidas roupas, pinturas de suas aldeias, danças, caçadas de búfalos, cerimônias religiosas etc. Obra realizada por ele próprio entre as mais selvagens tribos da América, durante uma ausência de sete anos desta cidade. O Sr. Catlin estará presente a todas essas exposições], dando explicações em forma de palestra (...) Entrada a 50 centavos.

A exposição foi um sucesso imediato e tanta gente surgiu para pagar seus 50 centavos que ele foi forçado a transferi-la para um espaço maior no Instituto Stuyvesant, na Broadway. Pela primeira vez o pessoal do Leste podia ver o Oeste em todas as suas cores, romance e grandeza, e Catlin estava ansioso para lhes explicar suas pinturas. "*Seu modo de falar era ágil e inteligente*", comentou um dos ouvintes, "*e suas palavras agradáveis e divertidas.*" Embora a galeria ainda estivesse atraindo grandes plateias em dezembro, Catlin fechou-a para viajar para a Carolina do Sul e investigar sobre mau tratamento dado aos osceolas e pintar o retrato do líder dos seminóis.

A uma certa altura daquele inverno ele evidentemente chegou à conclusão de que sua galeria deveria tornar-se um museu, pertencente ao povo dos Estados Unidos e localizado em Washington. Para mostrar ao Congresso e aos outros funcionários do governo a sua obra, abriu uma exposição em Washington, a 9 de abril de 1838. Lá recebeu o apoio de Henry Clay, Daniel Webster e William H. Seward, em sua campanha de transformar a galeria em núcleo de um museu nacional. Apesar de ter sido apresentado um parecer na Câmara para que fosse adquirida "*a coleção de retratos índios e curiosidades de Catlin*", nada de concreto foi feito neste sentido.

Após o recesso do Congresso, Catlin e sua exposição foram para Baltimore e Filadélfia. No dia 16 de agosto, quando a inaugurou em Boston, ele ficou apreensivo quanto à acolhida que teria no maior centro cultural dos Estados Unidos. Tantos bostonianos compareceram à exposição que ele teve de transferir-se para Faneuil Hall. "*O Sr. Catlin admira os índios*", disse um crítico, "*e fala de suas altas qualidades e das injustiças cruéis cometidas pelos americanos (...)* As pinturas, como obras de arte, são deficientes em desenho, perspectiva e acabamento, mas oferecem uma vivida impressão dos temas e impressionam o

espírito dos espectadores por uma convicção de sua fidelidade à natureza, que lhe dá um charme inexcedível."

Para forçar o Congresso a apressar a aquisição da galeria para um museu, Catlin anunciou à imprensa que se o governo dos Estados Unidos não desejasse suas pinturas, ele as levaria para a Europa ou as venderia a um governo europeu ou a colecionadores particulares, peça por peça. Catlin, na realidade, não queria levar sua coleção para o estrangeiro, mas, mesmo com o apoio de vários jornais de prestígio, desejosos de que a coleção permanecesse nos Estados Unidos, não conseguiu nenhuma ação do governo. Para agravar suas dificuldades naqueles anos, o Congresso estava numa fase de hostilidade aos índios, e Catlin havia sido rotulado de simpatizante deles.

Quando o Congresso entrou em recesso em 1839, Catlin decidiu levar adiante sua ameaça de transferir a galeria para a Europa. No outono daquele ano, abriu uma exposição no Egyptian Hall de Londres, pensando que ficaria só por alguns dias. A exposição tornou-se tão popular, no entanto, que ele permaneceu na Inglaterra por quase cinco anos, convertendo gradualmente sua galeria num show do Oeste Selvagem — com a presença de índios de verdade, tipis, peles de búfalo, arcos, flechas e outras coisas do gênero. Em 1841, suas Cartas e Anotações sobre as Maneiras, os Costumes e as Condições do índio dos Estados Unidos foram publicados em Londres, trazendo-lhe fama, mas não fortuna.

Quando as multidões de visitantes ingleses diminuiu, Catlin transferiu a mostra para Paris, alugando um salão amplo na Rua St. Honoré. O poeta Baudelaire ficou "*particularmente impressionado com a transparência e luminosidade*" dos céus pintados por Catlin e disse que o seu uso das cores continha "*um elemento de mistério que me deleita mais do que sou capaz de expressar. O vermelho, a cor do sangue, a cor da vida, brilha com tanta abundância em seu melancólico museu que chegou a me intoxicar; e as paisagens — montanhas arborizadas, imensas savanas, rios abandonados — são monótonas e permanentemente verdes*". O Rei Luís Filipe foi um dos visitantes, e ficou tão entusiasmado que conseguiu que Catlin transferisse a exposição para o Louvre. Todo este tempo, o pintor manteve-se em

contato estreito com seus amigos em Washington, ainda esperançoso de que o governo dos Estados Unidos comprasse a galeria para um museu.

Luís Filipe encomendou a Catlin uma série de pinturas dos acontecimentos históricos relacionados com os franceses nos Estados Unidos, mas antes que os pedidos pudessem ser completados, o Rei foi deposto por revolucionários e forçado a fugir para a Inglaterra. Catlin nunca recebeu um centavo pelos quadros que tomaram meses do seu tempo e, devido à amizade íntima com o Rei, também teve de abandonar a França, mas conseguiu transportar sua galeria intacta para Londres.

Num esforço para levantar dinheiro que cobrisse seus gastos e o sustento dos filhos — sua mulher tinha falecido havia pouco — abriu a exposição novamente em Londres. Desta vez houve pouco público. As pinturas de índios estavam agora fora de moda e a nova técnica da fotografia era o furor do momento. Mesmo durante o período de prosperidade, Catlin fora incapaz de conduzir corretamente sua situação financeira; em dificuldades, pediu dinheiro emprestado e depois entrou em falência. Subitamente ficou cercado de credores e sua galeria seria provavelmente dispersa entre marchands e colecionadores de toda a Europa, se um milionário da Filadélfia, fabricante de caldeiras, Joseph Harrison, não tivesse pago todas as dívidas de Catlin. Harrison, então, tomou posse da galeria, empacotou e enviou tudo para a Filadélfia, deixando Catlin sem dinheiro e sem possibilidade de ganhar a vida.

Em 1852, ele vivia sozinho em Paris, abandonado e pobre, após ter mandado os filhos para serem criados pela família de sua mulher. Sempre um visionário, não foi necessário muito para que ele fosse convencido por um conhecido parisiense a se juntar a ele numa viagem quixotesca ao Brasil, em busca de fabulosas minas de ouro. Não encontraram ouro, mas Catlin descobriu os índios sul-americanos e passou a pintá-los. Nos cinco anos seguintes, fez duas grandes viagens às florestas e montanhas da América do Sul, e depois à costa oeste dos Estados Unidos, até o Alasca. Ao passar dos 60 anos, entrou numa batalha contra a sua própria dissolução física. Tal como o jovem Jedediah Smith, o envelhecido George Catlin estabeleceu difíceis obstáculos no mundo natural e depois tentou ultrapassá-los. Ele também sentiu-se inclinado a descer o Rio Colúmbia, de Lewis e Clark, a visitar as grandes cataratas, a conquistar as águas turbilhonantes do Snake.

Tendo como companheiro um escravo fugitivo chamado Caesar Bolla, atravessou as Montanhas Rochosas na direção leste, até o Rio Colorado, e então viajou para o Rio Grande. Ao longo de 1.200 quilômetros, Catlin e Bolla viveram numa pequena canoa, remando rio abaixo até Matamoros.

Em 1870, à idade de 74 anos, George Catlin retornou aos Estados Unidos, levando cerca de 400 telas a óleo feitas em papelão, muitas delas sendo cópia dos originais que Joseph Harrison ainda mantinha guardados na Filadélfia, em sua fábrica de caldeiras, recusando-se a permitir que fossem resgatados. Por outro lado, Catlin possuía muitas obras sobre índios sul-americanos, como também as séries históricas que fizera para o destituído Rei Luís Filipe. "A Coleção de Desenhos de Catlin" foi o nome divulgado para a nova exposição. As guerras índias no Oeste figurava diariamente nos noticiários, e, como Catlin havia profetizado 30 anos antes, aquele povo, as magníficas tribos que ele visitara, estava sendo agora transformado em "*despojos de caça — perseguido, caçado e morto; com suas plumas e cores destruídas (...)*"

Não eram muitos os nova-iorquinos desejosos de visitar a Coleção de Desenhos de Catlin, e ele teve que empacotar todos e guardá-los. No ano seguinte, recebeu um convite inesperado para expor no Smithsonian Institution. Velho e doente, sabia que seria sua última chance de persuadir o governo a adquirir o conjunto de pinturas que registrava um Oeste que estava acabando para sempre. Preparou sua exposição com grande cuidado, fez um catálogo de 99 páginas para explicar cada uma das pinturas e aguardou que o governo agisse.

Em 1872, o Congresso estava mais preocupado em levantar fundos para o Departamento da Guerra — para perseguir os apaches e derrotar Nuvem Vermelha, o sioux desafiador — do que em fornecer dinheiro para comprar quadros de índios mortos. Em outubro, Catlin empacotou pela última vez suas pinturas e foi para Jersey City, onde morreu antes do fim do ano.

Em 1879, o governo recebeu com indiferença o que havia sobrado da galeria original, como um presente dos herdeiros de Joseph Harrison, o caldeireiro. Através dos anos, a coleção havia sofrido a ação das traças, dois incêndios e fora danificada pela água; as mantas, roupas, máscaras, mocassins e tipis haviam sido roídos; muitas das pinturas estavam

enegrecidas pela fuligem. O Smithsonian Institution empacotou as pinturas, mantendo-as armazenadas até o século XX. Em 1912, uma das filhas sobreviventes de Catlin vendeu a coleção para o Museu de História Nacional de Nova York. O homem cuja pintura levava a toda uma geração de milhões de pessoas suas impressões visuais únicas do Oeste norte-americano jaz num cemitério, tão esquecido quanto cada índio que tentou salvar do esquecimento, "*despojos de caça — perseguido, caçado, sangrado e morto*".

PARKMAN E O ANO DA DECISÃO

No final do verão de 1838, quando George Catlin abriu sua Galeria Índia em Boston, entre os que pagaram sem discutir os 50 centavos de entrada estava Francis Parkman Jr., de 15 anos, descendente de religiosos da Nova Inglaterra e ricos comerciantes de Boston. Francis Parkman, com suas ideias britânicas e modos aristocráticos, parecia um candidato pouco provável a se tornar um pioneiro do Oeste. A influência das pinturas e das palestras de Catlin deve ter sido considerável. Seis anos mais tarde, quando Parkman tirou umas férias no seu último ano em Harvard para fazer uma longa viagem pela Europa, anotou em seu diário, após chegar a Londres: "*Fui imediatamente à Galeria Índia de Catlin. Está no Egyptian Hall, em Piccadilly (...) Os retratos dos chefes, empoeirados e gastos, estão pendurados nas paredes; acima deles, algumas camisas de caça e um feixe de duas flechas; mas a rica e inestimável coleção que eu havia visto em Boston desapareceu (...)*"

Pouco tempo depois de iniciar seus estudos em Harvard, Francis Parkman já havia decidido ser historiador — não da Europa, mas da América. Imaginava muitas vezes ser um personagem de James Fenimore Cooper, e sempre que ia passear nas matas próximas de Boston carregava um rifle — como Haweye ou Chingachgook. Um dos seus colegas disse que ele tinha "*índios na cabeça*". Em 1846, um ano após ter-se diplomado em Harvard, decidiu que iria mesmo para o Oeste, viver algum tempo com os índios. A razão disto, explicava, era que nenhuma história da América poderia ser escrita sem um conhecimento profundo dos índios primitivos. Como os índios do Leste haviam sido exterminados ou forçados a adotar a cultura do homem branco, Parkman achou necessário ver os índios de Catlin nas planícies do Oeste.

Com o seu primo Quincy Adams Shaw — outro aristocrata e homem rico de Boston — Parkman chegou a Independence, Missouri, no início de maio de 1846. Na cidade vizinha de Westport conseguiram cavalos e mulas para sua jornada através das planícies até a base da Companhia Americana de Peles, no Forte Laramie. Parkman imediatamente batizou seu cavalo de Pontiac, nome tirado do famoso chefe ottawa que teve um papel destacado nas primeiras histórias da fronteira americana. Em Independence, Parkman e Shaw tiveram a oportunidade de ver os comerciantes de Santa Fé e os colonos a caminho do Oregon. *"Entre eles se encontram alguns dos piores bandidos do país. Eu às vezes fico intrigado, tentando saber os vários motivos que impulsionaram esta migração, mas sejam lá quais forem — uma esperança louca de melhores condições de vida, um desejo de libertar-se de todas as restrições da lei da sociedade, ou então pura e simples inquietude — é certo que multidões arrependem-se amargamente da viagem e, após alcançarem a terra da promessa, sentem-se bem felizes de escaparem dela."*

Para acompanhá-los em sua viagem pelo Oeste, Parkman e Shaw empregaram dois franco-canadenses que haviam trabalhado anteriormente para companhias de peles. Henry Chatillon, de cerca de 30 anos, seria o guia e intermediário com os índios; Deslauriers, cujo primeiro nome não foi anotado, seria o condutor das mulas, responsável pela carga de suprimentos, material para acampamento e munições. Devido ao declínio do comércio de peles, muitos montanhesees estavam reduzidos agora a este gênero de atividade; em 1846, Jim Bridger estava caçando búfalos para tirar seu couro.

Sendo bastante ingênuos, Parkman e seu primo aceitaram todas as fantasias dos homens da fronteira a respeito de *"grupos armados e perigosos de mórmons polígamos (...) marginais do Kentucky, vindos das regiões perigosas"* e *"índios pawnees, assassinos e ladrões das planícies"*. Para se sentirem mais seguros contra este perigos, decidiram unir-se a três ingleses que estavam viajando para o Oeste em busca de aventuras e esporte.

No Forte Leavenworth, Parkman e Shaw pararam para falar com o Coronel Stephen Watts Kearny, que tinham conhecido em St. Louis. Kearny contou-lhes histórias da marcha dos seus dragões no ano

anterior, até o Forte Laramie e o Forte Bent — uma demonstração de força às tribos índias, que estavam se tornando cada vez mais hostis em relação à invasão de suas terras. Foi aí que Parkman teve sua primeira pista de que 1846 seria um ano de decisão no Oeste. O movimento expansionista americano, Destino Manifesto, empenhava-se em conquistar o Oregon, Santa Fé e a Califórnia. Enquanto os jovens bostonianos tomavam vinho madeira com o coronel no Forte Leavenworth, sentados em volta de uma mesa forrada de toalha branca, ocorriam lutas entre as forças dos Estados Unidos e tropas mexicanas ao longo do Rio Grande. Dentro de mais algumas semanas, a região do Oregon seria tomada dos britânicos por mera formalidade da assinatura de um tratado.

No dia 23 de maio, Parkman, Shaw e seus companheiros britânicos iniciaram a viagem rumo ao Oeste, através das planícies. Naquela tarde, acamparam próximo à "trilha dos colonos do Oregon". Foi então que Parkman começou a usar o nome "Trilha do Oregon", que havia surgido impresso pela primeira vez no ano anterior.

Poucos dias depois, Parkman compreendeu que o Capitão Bill Chandler, do Exército Britânico, não passava de um amador na liderança de uma expedição ao Oeste americano. O tempo parecia não ter nenhum significado para os ingleses. As partidas eram adiadas; os cavalos eram soltos para pastar; o mau tempo mantinha-os abrigados. A 10 de julho, Parkman e Shaw decidiram separar-se amigavelmente dos colegas ingleses e juntaram-se a uma pequena caravana de colonos, viajando rapidamente para o Oregon via Forte Laramie.

A atitude de Parkman para com os colonos variava de acordo com seus humores. Um dia, ele se afastava das mulheres, considerando-as "*muito feias*", e dos homens, considerando-os ignorantes e rudes. Em outra hora, descrevia os colonos com todo o encanto que Chaucer demonstrou em seus peregrinos de Canterbury; por exemplo, a descrição de uma bela garota com um guarda-chuva, montada a cavalo com um rapaz: "*A garota e seu par, aparentemente, encontraram algo muito agradável entre eles, pois mantinham-se dois quilômetros à frente do grupo, o que H. [Henry Chatillon] considerava muito imprudente, pois os índios sioux poderiam estar pelas redondezas.*" Parkman nunca perdeu o receio dos "*terríveis mórmons*", evitando qualquer contato com

eles, e se zangava sempre que algum dos colonos tentava invadir sua privacidade ianque. *"Eles perguntavam como nos chamávamos, de onde vínhamos, para onde pretendíamos ir e quais eram os nossos interesses,"* A última pergunta era especialmente penosa para Parkman. Ele se irritava, tentando explicar aos colonos o objetivo de sua viagem para o Oeste. *"Viajar naquela região",* escreveu ele, *"por qualquer outro motivo que não fosse lucro, era uma ideia que não entrava na cabeça deles."*

Quando viajavam ao longo do Rio Platte, que ele descreveu como uma rasa camada de água, tentou analisar os objetivos daquela onda de colonos. *"Eles não são robustos ou de constituição sólida, no entanto, parecem ser muito resistentes. Como não encontraram meios de aplicar suas energias onde nasceram, decidiram-se pelas pradarias; e neles parece revivido, com força redobrada, aquele espírito determinado que levou seus ancestrais, um pouco menos marginalizados do que eles, para fora das florestas germânicas, a fim de inundarem a Europa e sobrepujarem o império romano."*

Dez anos antes, o Reverendo Samuel Parker e o Dr. Marcus Whitman, que desejavam cristianizar os índios do Oeste, haviam tomado a mesma rota. Após cruzarem o South Pass, o Reverendo Parker escreveu: *"Não haveria dificuldade em construir-se uma ferrovia do Atlântico ao Pacífico."* No encontro peleteiro do Rio Green naquele verão, o Dr. Whitman provou suas habilidades cirúrgicas removendo uma ponta de flecha cravada nas costas de Jim Bridger anos antes, por um guerreiro pé-preto leal às companhias de peles britânicas na região do Oregon. O Dr. Whitman regressou para o Leste naquele inverno, e na primavera seguinte trouxe consigo uma bela noiva loura, Narcissa Prentiss Whitman. Viajando com eles no carroção, vindo de Westport Landing, no Missouri, estava outro casal recém-chegado, Henry e Eliza Spalding. Narcissa e Eliza foram as primeiras mulheres brancas que cruzaram as Montanhas Rochosas, e com seus maridos foram os primeiros americanos a tentarem alcançar o Rio Colúmbia por via terrestre.

Embora tenham abandonado o carroção no Forte Snake, no Rio Boise, abriram a "Trilha do Oregon", como Parkman chamou-a. Em 1840, o peleteiro Joe Meek levou três carroções através das montanhas

até o Colúmbia. No verão de 1841, 70 americanos reuniram-se em Independence, Missouri, para uma caravana em direção oeste pela Trilha do Oregon. No ano seguinte, uma centena de homens, mulheres e crianças seguiram o mesmo exemplo. Em 1843, mil pessoas fizeram essa viagem, e em Champoeg, apesar dos britânicos se arvorarem em donos desse território, estabeleceram o governo provisório do Oregon, "*até que um dia o governo norte-americano estenda sua jurisprudência sobre nós*". No ano em que Francis Parkman viajou pela trilha, o número de americanos no Oregon ultrapassou dez mil.

No dia 14 de junho, o jovem Parkman encontrou seus primeiros índios "*de verdade*", um bando de sioux oglalla, chefiados por Fumaça Velha, que também viajavam em direção ao Forte Laramie. Uns anos antes, Henry Chatillon se casara com uma mulher da tribo, e sem nenhum receio marchou com seus jovens bostonianos para a aldeia de tipis em Horse Creek, para fazer uma visita a Fumaça Velha. "*Guerreiros, mulheres e crianças acudiram como um enxame de abelhas; centenas de cachorros, de todos os tamanhos e cores, corriam inquietos em torno; e, bem perto, na corrente larga e rasa, havia dezenas de meninos, meninas e jovens mulheres, pulando, gritando e rindo na água.*" Um dos jovens guerreiros entre esses sioux oglallas era o sobrinho de Fumaça Velha, Nuvem Vermelha, que 20 anos depois se tornaria famoso por sua persistente defesa da região do Rio Powder.

Em 1846, Nuvem Vermelha estava com pouco mais de 20 anos, mas se Parkman o encontrou, não mencionou seu nome. Nesta época os oglallas estavam divididos em duas facções, uma liderada por Fumaça Velha e a outra por Urso Macho, cujo pai, de mesmo nome, tivera o rosto magnífico pintado por Alfred Jacob Miller em 1837. Urso Macho, pai, fora morto em 1841, durante uma luta intertribal na disputa de uma mulher, e Nuvem Vermelha fora o principal atacante. O interesse de Parkman por estes assuntos foi intensificado porque seu guia, Chatillon, era casado com uma das filhas de Urso Macho.

Dos oglallas, Parkman recebeu sua primeira queixa de que os índios das planícies estavam sendo incomodados por grandes manadas de gado e grande quantidade de carroças que passavam através da região deles, que chamavam de A Grande Estrada da Magia. "*Eles mal podiam acreditar que a terra contivesse uma quantidade tão grande de homens*

brancos", disse ele. "E o espanto deles está dando lugar à indignação; o resultado, a menos que haja grande vigilância, pode vir a ser extremamente perigoso." No entanto, tal como George Catlin anteriormente, Parkman, naquele verão de 1846, não vislumbrava nenhum modo de evitar a catástrofe que aguardava os índios quanto às longas caravanas de colonos "arrastando-se em lenta procissão pelos acampamentos dos povos a quem mais tarde eles e seus descendentes, no espaço de um século, iriam varrer da superfície da terra".

No dia seguinte, Parkman e seus companheiros cavalgaram até os portões do Forte Laramie, onde foram recebidos "*com pouca cortesia*" por James Bordeaux, diretor substituto da Companhia Americana de Peles. Parkman entregou a ele uma carta de Pierre Chouteau, que havia conseguido em St. Louis. Serviu como um passaporte mágico. A falta de cordialidade inicial transformou-se em recepção calorosa. Como notou Parkman, a companhia de peles tinha um controle total no Oeste. "*O braço dos Estados Unidos tem pouca força (...) os postos avançados de suas tropas estão a cerca de mil quilômetros ao leste.*" Bordeaux deu a Parkman e seus companheiros um grande apartamento no interior do forte, onde espalhou cobertores pelo chão. "*De uma espécie de balcão podíamos ver nossos cavalos e carroças sendo trazidos e presenciemos uma pitoresca cena de fronteira. Conversamos e fumamos no balcão batido pelo vento. Os cavalos estavam amarrados em linha no curral. À noite, os índios começaram a cantar.*"

Na manhã seguinte, os oglallas de Fumaça Velha vieram espalhando água através do riacho Laramie, os cavalos e cachorros carregando pequenas e grandes cargas cheias de peles para os **tipis**, utensílios, crianças e bonecos. Foi uma cena de grande confusão, barulho e cores espiralantes, mas, após alguns momentos, cada família oglalla, com seus cavalos e equipamentos, estava organizada nos fundos do forte; dentro de meia hora, 60 ou 70 tendas estavam montadas, prontas para o uso. "Seus cavalos pastavam às centenas na pradaria em frente e os cães perambulavam por todos os lados. O forte estava cheio de guerreiros e as crianças gritavam e choravam por toda parte, junto às paliçadas.

Parkman não pôde resistir a estabelecer um paralelo entre a amizade autêntica dos índios e as expressões severas dos camponeses rudes do grupo de colonos rumo ao Oregon, que acamparam no Forte Laramie no

mesmo dia. *"Homens altos e desajeitados, vestidos em tecido marrom grosseiro; mulheres com rostos cavernosos e corpos magricelas (...) Pareciam pessoas completamente fora de seu elemento, espantadas e admiradas, como grupo de escolares perdido na floresta (...) na sua grande maioria eram os mais rudes e ignorantes da população da fronteira; não sabiam nada sobre a região e seus habitantes; já haviam passado muita privação e ainda estavam passando mais."*

Poucos dias depois, Parkman encontrou um grande grupo de colonos mais prósperos e educados, a caminho da Califórnia. Haviam deposto seu líder recentemente e se dividido em muitos outros grupos. Um desses grupos foi mais tarde dirigido por dois irmãos chamados Donner, que, contra o conselho dos Homens da Montanha no Forte Laramie, tomaram um atalho em direção à Califórnia. Segundo escreveu Parkman, o grupo Donner foi *"detido pelas neves profundas das montanhas e, loucos de fome e frio, seus membros se alimentaram da carne uns dos outros!"*

Francis Parkman ainda não viajara muito, no entanto, e não podia perder seu tempo com colonos brancos em busca do Oeste. *"Vim para esta região principalmente para observar o caráter índio. Para conseguir meu objetivo precisaria viver no meio deles e, se possível, tornar-me um deles. Decidi ficar numa aldeia e ser um morador de uma de suas tendas."*

Graças a Henry Chatillon, Parkman pôde realizar seu sonho. Logo após sua chegada ao Forte Laramie, Chatillon teve notícia da doença de sua mulher, Manta de Urso, que estava vivendo com o irmão (Urso Macho, o filho) e seu grupo de oglallas. No dia 20 de junho, Chatillon, Parkman, Shaw e Deslauriers com mais dois comerciantes franceses, Raymond e Reynal, e dois jovens oglallas, Chuva de Granizo e Cavalo, partiram para a aldeia de Urso Macho. Cavalo, muito admirado por Parkman, era "Jovem Medroso dos seus Cavalos", que depois viria a se casar com a filha de Chatillon e de Manta de Urso. Durante as guerras sioux da década de 1870, ele tornou-se tanto um rival quanto um ajudante-de-ordens de Nuvem Vermelha.

Para esta jornada, Parkman e seu primo conseguiram camisas de flanela vermelha, casacos de franjas, calças de couro de veado e mocassins sioux, tudo feito pelas índias do Forte Laramie. Meio século

depois, Parkman ainda possuía sua camisa de couro de veado, quando deu a Frederic Remington detalhes completos de suas roupas e dos companheiros para as ilustrações que o artista fez para a edição de luxo de 1892 de *A Trilha do Oregon*.

Quando viajavam para oeste, saindo do Forte Laramie, deixaram pela primeira vez a trilha dos colonos. Parkman soube então que estava em campo indígena autêntico, quando viu uma manada de 200 veados-galheiros emergirem do mato e saírem em campo aberto, "*com seus chifres chocalhando à medida que se moviam em grupo fechado*".

Logo após Chatillon haver encontrado sua mulher, ela faleceu. Um cavalo foi morto em homenagem a ela e comida e objetos caseiros foram fornecidos para sua última jornada para o mundo dos espíritos. Tornou-se depois evidente para Parkman que os sioux oglallas de Urso Macho estavam sem uma verdadeira liderança. A autoridade do jovem Urso Macho estava sendo desafiada por Tufão (às vezes chamado de Túnica) e também por Cavalo e dois ou três homens mais velhos. Entre estes últimos estavam Água Vermelha, de mais de 60 anos, e quando Parkman descobriu que este grupo planejava uma caçada na região dos shoshones, pediu para ir com eles.

Por três semanas, em julho, viveu com os oglallas e se tornou "*um morador de uma de suas tendas*". Ele dividia a tenda com o filho de Água Vermelha, Corvo Grande, enquanto a tribo se deslocava sem pressa pelas Montanhas Laramie, na época chamada de Black Hills, porque John C. Frémont as havia marcado com esse nome em seu mapa — cuja cópia Parkman possuía. Este foi o ponto mais alto da experiência de Parkman no Oeste e possivelmente de toda a sua vida.

Embora sofrendo de disenteria e outras doenças, o jovem de Boston forçou-se a continuar. (*Seu primo Quincy Shaw regressou ao Forte Laramie para recuperar-se de uma séria erupção da pele provocada por urtiga.*) Cada dia era uma nova aventura, e, com Reynal servindo de intérprete, Parkman aprendeu as lendas sioux, o folclore e a cultura que ali abundavam. Juntou uma vasta quantidade de informações sobre as atitudes, roupas, armas, linguagem, comida, meios de caça e tarefas cotidianas dos índios. Como ele disse, tudo estava fotografado em sua memória.

Tal como Jed Smith, no entanto, havia momentos em que percebia ser um intruso num mundo do qual jamais poderia participar. Ficava perturbado quando as crianças índias berravam de terror ao ver sua cara branca; mas elas logo conseguiam dominar o medo, e nas noites frias iam até a tenda de Corvo Grande procurar abrigo debaixo dos cobertores quentes do estranho homem branco. Não se pode deixar de pensar que Cavalo Doido tenha sido uma das crianças desta expedição de caça; ele teria quatro ou cinco anos então.

Tendo aprendido a comer carne de cachorro, que achava deliciosa, Parkman decidiu dar aos seus hóspedes um banquete com essa carne. Com algumas contas e um lenço bonito, comprou um cachorro gordo de uma velha, que o matou e preparou para ele, cozinhando dois panelões de carne. Com chá, pão e açúcar de seus suprimentos, Parkman organizou um bom banquete na cabana de Corvo Grande, e naturalmente Água Vermelha foi o convidado de honra; após o jantar, o velho chefe caminhou pelo campo, entoando uma canção em honra à festa. Parkman ficou encantado.

No dia seguinte, ele estava novamente doente e tomou um pouco de ópio — o remédio popular daqueles tempos. *"Eu me senti como se estivesse sonhando"*, disse. *"Deitei-me na cabana de Corvo Grande e dormi, totalmente inconsciente até a manhã seguinte. A primeira coisa a me acordar foi um barulho surdo de pano sobre a minha cabeça e um súbito raio de luz que me ofuscou. O acampamento estava sendo desmontado e as mulheres retiravam a cobertura do tipi."* Ele mal podia montar a cavalo, mas, um ou dois dias depois, quando os oglallas descobriram uma manada de búfalos, ele mergulhou na caçada com vigor redobrado. .

No final das caçadas sempre havia festas e celebrações. Para prestar uma colaboração maior às festividades, Parkman arrancou umas páginas do livro de Frémont, Expedição Exploradora às Montanhas Rochosas, e enrolou-as com pólvora e carvão, para improvisar fogos de artifício; quando foram acesos, assobiaram e explodiram no ar, para espanto dos sioux. *"A partir daí, passei a ter uma grande reputação como 'feiticeiro do fogo'."*

Estavam agora na região dos shoshones, região inimiga, e Parkman esqueceu-se completamente da sua doença quando os oglallas

começaram a falar de um grupo de guerra. Os guerreiros nunca chegaram a qualquer conclusão, no entanto, e deve ter sido durante essa semana de banquetes de búfalo, de relatos de histórias e de alegria que Parkman desfez-se das suas últimas ideias românticas sobre os índios, que na juventude alimentara através de leituras de James Fenimore Cooper. Os índios com quem estava vivendo começavam a tomar a forma de homens de carne e osso. Devido à sua formação puritana, não podia deixar de ficar escandalizado com a franqueza deles sobre sexo e não podia aceitar suas crenças nos poderes da "magia", que deveria ter identificado como semelhante às dos antigos guerreiros gregos e romanos. No entanto, aprendeu a vê-los como seres humanos reais e não deuses ou demônios.

O jovem guerreiro Escudo Branco, por exemplo, fez uma grande demonstração, todo vestido para a guerra, desfilando em torno do campo para animar o grupo de guerra a vingar-se da morte de um irmão. Mas, tal como qualquer outro ser humano, Escudo Branco contraiu dor de garganta e um violento resfriado — e desistiu do ataque. Então, foi a vez do velho Água Vermelha, sempre se movimentando com a dignidade de um chefe, medindo as palavras e ações cuidadosamente. Em certo dia da jornada de caça, quando sua liderança se fez necessária devido a uma violenta briga no acampamento, Água Vermelha caminhou majestosamente a sua tenda, com a espingarda, o arco e as flechas na mão; subitamente tropeçou e caiu de cara no chão, suas armas voando e se espalhando por todo lado.

Todavia, quanto mais Parkman os considerava seres humanos como ele, maior parecia a distância entre ele e seus novos amigos. "*Quando o cachimbo passa pelo círculo em volta do fogo ao entardecer*", anotou a 29 de julho, "*há muita conversa obscena que parece ser o máximo para os índios e que agrada muito às mulheres. Os índios são gente muito licenciosa.*"

Uma semana depois, ficou feliz em retomar ao Forte Laramie, conversando com Quincy Shaw e divertindo-se com a poesia libertina de Byron. No dia 4 de agosto, os viajantes iniciaram os preparativos para a jornada de volta. Parkman desejava ver o Forte Bent, um porto importante na parte montanhosa da Trilha de Santa Fé, tal como o Forte Laramie era para a Trilha do Oregon. Ao seguirem para o sul através do

atual Colorado, ficaram muito impressionados com a beleza e magnificência das Rochosas, que se erguiam como torres para oeste.

Por duas semanas, os viajantes não viram nenhum ser humano, mas Quincy Shaw notou que a região era tão bonita que, inevitavelmente, seria ocupada por fazendeiros e rancheiros, e que esse povoamento logo expulsaria os índios. "*Nós nos consolamos mutuamente a respeito dessa perspectiva tão melancólica*", Parkman iria se lembrar um quarto de século mais tarde — breve período no qual a descoberta de ouro e de prata nas montanhas viria a modificar tudo, atraindo legiões de caçadores de riquezas, que encheram as novas cidades. "*Nós não sonhávamos então que o comércio e o ouro iriam criar nações ao longo do Pacífico, com o ruído sem encanto das locomotivas quebrando o feitiço misterioso das montanhas, que o direito das mulheres violaria a estabilidade dos arapahos e que a desesperada selvageria, atacando por todos os lados, tiraria seus escalpos e penas, antecipando-se a um triunfante lugar-comum.*"

No dia 20 de agosto, num modesto posto comercial que mais tarde viria a se tornar a cidade de Pueblo, Colorado, ouviram as primeiras notícias de que a guerra mexicana havia começado durante o verão. Todo o comércio até a cidade de Taos tinha sido suspenso, enquanto o General Kearny reunia seu exército do Oeste para a captura de Santa Fé. Cinco dias depois, Parkman e seus companheiros estavam no Forte Bent. "*Um homem na estrada nos disse que os espanhóis iriam sair de Santa Fé sem resistir*", anotou ele. Isto foi precisamente o que aconteceu, e se Parkman houvesse chegado ao Forte Bent poucos dias antes, teria encontrado Susan Shelby Magoffin, de 19 anos, cujo marido Samuel e seu irmão James estiveram envolvidos com um misterioso saquinho de ouro e um plano sub-reptício que possibilitou ao General Kearny e ao Destino Manifesto ocuparem Santa Fé sem um único tiro.

Infelizmente, Parkman perdeu a oportunidade de conhecer a espirituosa Susan, mas na Trilha de Santa Fé, no final de agosto, conheceu um quarto membro dessa enriquecida família de comerciantes, William Magoffin. William estava a caminho de Santa Fé com um longo comboio de carroças cheias de suprimentos. Previu o pequeno grupo de Parkman contra os índios belicosos das planícies, que pareciam ter

sido atraídos pelas longas filas de soldados que patrulhavam as rotas do Oeste através de seus territórios.

Parkman e seus companheiros encontraram apenas um grande bando de índios arapahos, que não lhes deram nenhum trabalho e "*que viviam assustados ultimamente pelos avisos do General Kearny (...) Por toda a estrada encontramos destacamentos de tropas e postos militares no rumo de Santa Fé*". A maioria das tropas eram companhias esparsas do regimento do Coronel Sterling Price, "*gente de pernas compridas do Missouri, vestindo roupas de pano grosseiro, por sobre as quais pendiam seus polvorinhos, cartucheiras etc. Havia alguns soldados regulares marchando na retaguarda, usando uniformes que não passariam por uma inspeção*".

Encontraram também o Batalhão Mórmon, formado por 500 jovens desta fé perseguida, que se haviam alistado somente por um soldo, alimento e uma passagem para o Oeste. O General Kearny havia prometido dispensá-los na Califórnia, tão logo essa região estivesse segura nas mãos dos Estados Unidos. "*Há algo de extraordinário*", diz Parkman, "*na aparência quase militar, quase patriarcal destes fanáticos armados*". Dois anos depois, um pequeno grupo destes "*fanáticos*" que se dirigiam para a Califórnia seria importante na descoberta de ouro na Califórnia — acontecimento que atrairia uma torrente de gente cobiçosa para o Oeste americano.

O próprio Francis Parkman iria ter um papel influente nesta poderosa migração que destruiria a civilização dos índios do Oeste. Tão logo regressou a Boston, ele iniciou a preparação da história de sua grande aventura para a revista Knickerbocker. A primeira história, com o título *A Trilha do Oregon: Um Diário de Verão Além-Fronteiras*, apareceu em fevereiro de 1847. O pessoal do Leste estava ansioso por histórias, uma narrativa autêntica do novo Império do Oeste, e a circulação da revista aumentava a cada novo episódio. O editor, espertamente, alongou *A Trilha do Oregon* de 1848 até 1849, ano em que George Palmer Putnam editou a história em livro. Devido à descoberta de ouro, que criou uma nova busca de informações sobre as trilhas para a Califórnia, Putnam mudou o título para *A Trilha do Oregon e da Califórnia*. "*Um truque sujo de editor*", disse o autor Parkman, mas deve ter ficado bem contente com a popularidade do livro.

Apenas uma década antes, Washington Irving publicara três livros sobre o Oeste em rápida sucessão, mas o país não estava pronto para eles na época. A Trilha do Oregon, de fato, despertou mais atenção para as primeiras histórias de Irving do que estas tinham despertado anteriormente, e novas edições ilustradas foram publicadas após o livro de Parkman ter surgido, para satisfazer a sede de informação sobre aquela terra romântica.

Quantos americanos tornaram-se homens do Oeste após a leitura de A Trilha do Oregon, é difícil dizer. Edições sucessivas do livro saíram ao longo dos anos até não haver mais nenhuma fronteira do Oeste, e na década de 1970 quatro edições estavam sendo impressas. Ninguém sabe quantas centenas de novos livros sobre o Oeste foram escritos a partir de A Trilha do Oregon, copiados e plagiados dele. Por mais de um século, as descrições de Parkman sobre a vida índia — costumes, roupas, crenças, habitações, métodos de caça, artes, armas — foram filtradas na literatura posterior do Oeste, utilizadas por escritores de viagens, por homens que lutaram contra os índios, bem como suas mulheres, por cronistas sérios e romancistas baratos em seus relatos sobre o Oeste. Pode-se afirmar com segurança que não se lê um livro ou se vê um filme sobre o Oeste sem se encontrar alguma coisa proveniente de A Trilha do Oregon, de Francis Parkman.

Em 1847, enquanto Francis Parkman enviava os capítulos de A Trilha do Oregon para a revista Knickerbocker, mais de quatro mil colonos seguiam para lá. No extremo oeste da trilha, Marcus e Narcissa Whitman haviam completado a construção de uma missão em Waiilatpu e trabalhavam muito, tentando cristianizar os índios cayuses.

No verão desse ano, Narcissa anotou em seu diário: "*Os pobres índios estão admirados com o número espantoso de americanos que chegam à região. Eles não sabem o que fazer a respeito disto.*" Narcissa acreditava que o povo cayuse gostava dela e de Marcus. Ela cantava hinos para eles e Marcus curava suas doenças. No começo, os índios olhavam-na como uma deusa loura e a Marcus como um poderoso *tewat*, ou feiticeiro.

Mas tudo andou mal durante o verão e o outono de 1847. Marcus colocou veneno para matar animais e isto desgostou os índios; ele foi o primeiro de muitos americanos do Oeste a usar este método de

destruição da vida selvagem, uma prática que continua até nossos dias. Ele ou alguns dos homens brancos que trabalhavam na missão também colocaram fortes catárticos nos melões cultivados no local, para evitar roubos por parte dos índios. Vários cayuses morreram ao comerem carne envenenada e melões com fortes purgativos. Correu um boato entre eles de que o Dr. Whitman estava envenenando os índios para se apossar de suas terras e cavalos.

Naquele verão, as levas de colonos disseminaram uma epidemia de sarampo em toda a região cayuse; as crianças índias começaram a morrer envenenadas como a vida selvagem. Quando as crianças brancas da missão também adoeceram de sarampo, Whitman as curou, mas, por qualquer motivo, não fez o mesmo com as crianças índias. Os cayuses não sabiam nada sobre imunidade; tudo que sabiam era que o tão poderoso tawat estava deixando suas crianças morrerem. Se Whitman, um poderoso homem branco, não podia ou não queria curar uma de suas próprias doenças, então devia morrer.

No dia 29 de novembro, Marcus Whitman ajudou a enterrar três filhos do chefe cayuse, todos mortos de sarampo. Mais tarde, no mesmo dia, os índios atacaram a missão. Mataram Marcus e Narcissa e sete outros brancos; então, aprisionaram 51 mulheres e crianças, inclusive a filha mestiça de Jim Bridger, Mary Ann. Com a esperança de poderem assustar todos os brancos, para que voltassem ao lugar de onde tinham vindo, os índios queimaram os prédios da missão, derrubaram as cercas e arrancaram as árvores frutíferas plantadas pela deusa loura e pelo expoderoso tawat. Este foi o começo da guerra dos cayuses, que, em lugar de expulsar os brancos, virtualmente extinguiu sua tribo.

JOSIAH GREGG E A PRINCESA ERRANTE

Viajando poucos dias depois de Jedediah Smith, em sua malfadada jornada até Santa Fé, no verão de 1831, ia Josiah Gregg, de 25 anos. O jovem Gregg fora doente toda a vida, e naquele ano, enquanto lutava para tornar-se advogado na comunidade de Independence, Missouri, sua saúde agravou-se completamente. Um médico diagnosticou sua doença como sendo "*tuberculose*" e disse-lhe que a única maneira de se recuperar seria viajando de carroção até Santa Fé. O ar saudável das planícies poderia curá-lo ou matá-lo de vez.

Embora Gregg estivesse quase certo de que morreria antes de alcançar Santa Fé, providenciou sua viagem numa caravana que deixaria Independence no dia 15 de maio de 1831. Incapaz de cavalgar, começou a viagem numa carroça leve. Dentro de poucos dias, para sua surpresa, já era capaz de montar e de fazer seu turno de vigia noturno, e também adquiriu um apetite insaciável pela comida grosseira dos carroceiros. Passou a ter grande interesse por cada detalhe da jornada em carroças e, entre outras coisas, aprendeu que os rastros recentes de carroças que estavam seguindo pertenciam a Jedediah Smith. Certo dia, encontraram um caçador de búfalos mexicano que lhes deu "*a mais melancólica das notícias*" sobre a morte de um homem que viajava com a caravana anterior. "*Por sua descrição, presumimos que o morto seria o Capitão Smith (...) havia sido crivado de flechas por um grupo de comanches que estava emboscado, aguardando por ele!*"

A viagem até Santa Fé não somente restaurou a saúde de Gregg, como também convenceu-o de que, a despeito dos constantes perigos e do desconforto físico do calor e da sede, poderia enriquecer muito mais depressa em Santa Fé do que exercendo advocacia na fronteira do Missouri. Uma vez por ano, nos oito anos seguintes, ele levava uma

carroça transportando bens para Santa Fé. Em 1843, aos 36 anos, mudou-se para Van Buren, Arkansas, com a intenção de aposentar-se. Para matar o tempo, decidiu escrever um livro sobre suas experiências. O livro, a que deu o nome de Comércio das Pradarias, foi publicado em dois volumes, em 1844. Gregg nunca esperou nenhum sucesso popular de seu livro; na realidade, pelo contrato com o editor de Nova York, recebeu um considerável número de livros a preço de custo para presentear amigos e parentes. Ignorava, no entanto, o novo surto de interesse pelo Oeste, e ficou admirado quando duas novas edições tiveram que ser publicadas em rápida sucessão, para atender a demanda.

Em 1º de julho de 1846, em Little Cow Creek, na Trilha de Santa Fé, Susan Shelby Magoffin, de 18 anos, consultou um de seus volumes do Comércio das Pradarias e anotou em seu diário: "*De acordo com os cálculos do Sr. Gregg, um cavaleiro que fez várias expedições através das pradarias e que escreveu uma história do comércio local, nós estamos a 400 quilômetros de Independence.*" Como 1846 era o Ano da Decisão, a lua-de-mel de Susan em Nova York com seu marido milionário de 45 anos, Samuel Magoffin, havia sido interrompida. Esta jovem de cabelos negros, sensual e bonita, já estava grávida. Mas Samuel Magoffin não podia suportar a ideia de deixá-la em Independence. Quando seu irmão mais velho, James, convocou-o para uma missão secreta em Santa Fé, Samuel preparou para sua mulher a mais luxuosa carruagem jamais vista no Oeste. Era toda forrada de almofadas, e à disposição de Susan havia livros, remédios, vinhos e todas as necessidades femininas daquela época. A tenda para passar a noite era atapetada e continha uma mesa com toalha e cadeiras dobráveis. Ela e Samuel dormiam em lençóis de seda e eram atendidos por uma empregada chamada Jane e dois empregados mexicanos.

James e Samuel Magoffin, do Kentucky, estiveram na Trilha de Santa Fé por muitos anos e enriqueceram muito mais do que Josiah Gregg. Eles não apenas dominaram o mercado de Santa Fé como expandiram seus negócios muito além de Chihuahua; eram tão queridos nos círculos mexicanos que frequentavam, que ficaram conhecidos por Dom Santiago e Dom Manuel. James havia se casado com Maria Valdez, uma prima de Manuel Armijo, Governador do Novo México em Santa Fé.

Para o Senador Thomas Hart Benton, do Missouri, e o Presidente James K. Polk, que planejavam anexar o Novo México e a Califórnia aos Estados Unidos, os irmãos Magoffin tinham todos os atributos para serem agentes secretos úteis. Através de cuidadoso planejamento, o Oregon tinha sido anexado numa penada, quando, em 1846, o limite entre os Estados Unidos e o Canadá na região foi fixado no paralelo 49° N. Talvez, com lisonjas e subornos, o Novo México pudesse também ser conquistado facilmente. O Senador Benton levou James Magoffin a Washington e, após uma reunião secreta com o Presidente Polk, James dispôs-se, naquele portentoso verão de 1846, a convencer seu irmão Samuel sobre o assunto da Trilha de Santa Fé. Sua missão era permitir que o General Stephen Kearny, com seu exército do Oeste, capturasse Santa Fé sem precisar recorrer às armas. Como iriam fazer isto, talvez nunca tenha sido dito por escrito. Diz a lenda que James carregou um saco cheio de moedas de ouro, mas ninguém até hoje encontrou provas documentadas sobre isso. Qual o papel exato de Samuel Magoffin nesta missão, ninguém sabe tampouco. Se Susan sabia, não o revelou em seu diário. Ela estava ocupada demais durante a viagem. *"Ah! Não trocaria esta vida por nada! Respiro livremente sem aquela opressão e nervosismo que se sente nos círculos de falatórios de um lar permanente (...) Minha vida é de princesa errante."*

Susan fazia a maioria das anotações do seu diário ao meio-dia, quando o comboio de carroças parava para descansar e dar água aos animais. Após o almoço, ela e Samuel — o apelido que dava a ele era mi'alma — se reclinavam numa pele de búfalo à sombra da carroça, bebendo vinho ou *"um pouco de uísque com água"*. Seu estilo de escrever era obviamente influenciado por Josiah Gregg, até mesmo a mania de citar algumas palavras e frases em espanhol.

Gregg, nesse verão de 1846, também tinha sido recrutado pelo Presidente Polk e os planejadores do Destino Manifesto da América. *"Recebi um recado de alguns dos meus amigos em Washington"*, escreveu ele em julho, *"pedindo, caso fosse possível, que eu me incorporasse ao exército que vai a caminho de Chihuahua, ou algum outro ponto no norte do México (...) Estou disposto a passar qualquer privação e trabalho que minha saúde possa suportar, pois existe uma pequena oportunidade de servir ao meu país"*. Desta maneira, Gregg foi

envolvido na febre expansionista da fronteira. Ingressou num regime de cavalaria do Arkansas, e, enquanto ele cruzava o Texas para conquistar o México, Susan Magoffin estava acampada em sua luxuosa tenda, perto do rio Arkansas. Ela começava a sentir saudades de casa, tendo também os primeiros problemas que geralmente advêm da gravidez. As águas escuras do Arkansas lhe faziam lembrar o rio Mississípi. "*Fico triste quando > vejo estas águas, pois me lembro de casa.*"

Não ocorreu a Susan que, deixando sua casa, ela havia invadido o lar dos índios das planícies. Nem ela nem Josiah Gregg jamais notaram que a Trilha de Santa Fé cruzava território pertencente aos índios. Durante a juventude de Susan Magoffin, "*uma fronteira índia permanente*" tinha sido estabelecida pelo Congresso ao longo do meridiano 95, a oeste da qual nenhum homem branco poderia comerciar sem licença nem exigir posse de terra. Tudo isto foi esquecido pela cobiça louca por terras, na corrida para realizar o destino da nação, expandindo-a a qualquer custo até o Mar Ocidental. Os índios ao longo do caminho eram um incômodo constante, um perigo a ser evitado ou eliminado.

Em Pawnee Rock, no Quatro de Julho, Susan registrou que o morro alto recebera o nome Pawnee em homenagem à tribo, "*muito ameaçadora e agressiva*". Ela nunca vira um índio Pawnee e jamais poderia imaginar que a tribo tivesse razão para estar intranquila com o número cada vez maior de comerciantes e soldados que passava através de seus campos de caça. Comemorou o feriado subindo o morro para gravar seu nome "*entre os vários que havia ali, muitos dos quais eu conheço*".

Naquela tarde, quando a caravana retomou sua rota para o oeste, o cocheiro da carruagem de Susan foi pouco cuidadoso ao cruzar um riacho seco. A carruagem capotou e o teto e os lados caíram. Foi um golpe duro para uma mulher grávida. "*Eu fiquei muito confusa no começo e não pude me levantar.*" O marido transportou-a para a sombra de uma árvore e despertou-a do desmaio esfregando seu rosto e suas mãos com uísque. Embora ela se queixasse de dores nas costas e no lado, estava mais preocupada com seus livros, garrafas, malas, caixas e cestas.

No dia seguinte, em Pawnee Fork, a caravana de Magoffin foi alcançada por um correio do governo. Eles deveriam parar e aguardar a

chegada do General Kearny e suas tropas para o estágio final de sua entrada em Santa Fé. Durante a espera, Magoffin e alguns de seus homens organizaram uma bem-sucedida caçada de búfalos e Susan pôde saborear costeletas de corcova, que afirmou serem melhores que qualquer carne dos melhores hotéis de Nova York e Filadélfia.

No dia 8 de julho, as primeiras companhias dos soldados de Kearny alcançaram a caravana, com ordens para Samuel Magoffin prosseguir rumo ao Forte Bent. Ali deveria esperar pela chegada do seu irmão James e do General Kearny, que estavam com vários dias de atraso.

No começo dos restantes 280 quilômetros até o Forte Bent, Susan decidiu tolamente montar a cavalo, em vez de ficar na carruagem. Após algumas horas, a moça de 18 anos, grávida, começou a sentir saudades dos seus dias de juventude, quando não tinha de se preocupar por estar no lombo de um cavalo sacolejante. Na manhã seguinte, estava se sentindo muito mal e foi ficar com a empregada Jane numa carroça Dearborn, sem molas e coberta de lona.

Samuel estava agora evidentemente preocupado com o estado de saúde de Susan, e ficou tão ansioso por chegar ao Forte Bent que começou a discutir com os carroceiros, quando eles se recusaram a prosseguir viagem à luz da lua. O dia seguinte era domingo, e Susan perdoou os homens por haverem desobedecido seu marido, pois eles celebraram o dia santo cantando hinos, em vez de proferirem os palavrões costumeiros.

No dia 17 de julho, Susan estava tão doente que Samuel decidiu buscar um médico que viajava em direção ao México numa pequena caravana a apenas alguns quilômetros adiante. Ele era o Dr. Philip Masure, um belga de barba e cabelo cor de areia, homem gentil, de "*boa conversa e boas maneiras*", que assegurou aos Magoffins ser profissionalmente capaz em todos os ramos da "*física, cirurgia e parto*".

A presença do médico pareceu ter acalmado Susan, mas uma ou duas noites depois uma tempestade atingiu a tenda dos Magoffins, derrubando o esteio central. Antes que Samuel pudesse acudir, ela ficou encharcada. Ele enrolou-a em cobertores e colocou-a na carroça Dearborn, para que se secasse.

Finalmente, em 26 de julho, chegaram ao Forte Bent e William Bent apressou-se em preparar um quarto para a mulher doente de seu velho

amigo Samuel Magoffin. Para Susan, o forte, com suas paredes grossas de adobe e sua única entrada vigiada, mais parecia um castelo antigo. O chão de terra do seu quarto tinha de ser molhado continuamente, para a poeira não levantar, mas havia janelas pelas quais ela podia ver a planície do Colorado ou o pátio interno em atividade.

Na manhã seguinte, ela sentiu-se bastante bem para dar um pequeno passeio a pé ao longo da margem do Rio Arkansas, e não pôde deixar de notar o contraste entre o cenário agreste e seus passeios de Spring Street a Wall Street, quando ela e Samuel estavam em lua-de-mel, em Nova York. Continuou tomando os remédios prescritos pelo Dr. Masure, que a encantou com seus conselhos a Samuel para que a retirasse dos rigores do Oeste e viajasse com ela pela Europa, para que Susan pudesse se restabelecer. *(Neste dia, Josiah Gregg e seus cavalarianos do Arkansas estavam se preparando para vadear o Rio Vermelho e viajar através do Texas. Em San Antônio, encontrariam o exército do Rio Grande para uma invasão do México, com o intuito de desviar a atenção daquele país da iminente conquista do Novo México e da Califórnia.)*

A presença de uma mulher jovem e bonita no Forte Bent foi uma novidade tão grande, que praticamente cada comerciante e oficial militar das vizinhas deu um jeito de fazer-lhe uma visita e apresentar seus respeitos através de brindes à sua beleza e saúde. O dia 30 de julho era uma ocasião especial, pois ela fazia 19 anos, mas Susan estava muito doente para celebrar. Em vez disso, queixou-se dos barulhos do forte: mulas no pátio, ferreiros colocando ferraduras em cavalos, crianças chorando e homens gritando.

No dia seguinte, ela sofreu um aborto, e uma semana depois escreveu em seu diário: *"Em poucos meses eu deveria ser uma mãe feliz e alegrar o coração de um pai, mas a mão da Providência Divina não permitiu, e um aborto privou-nos da esperança, da profunda esperança dos mortais!"* Enquanto ela jazia semiconsciente, o General Kearny e o cunhado dela, James Magoffin, chegaram ao Forte Bent. James foi visitá-la em seu quarto para animar o irmão Samuel, que se achava preocupado; mas os dois irmãos estavam agora muito atarefados, conferenciando sobre o plano da captura de Santa Fé.

No mesmo dia, o General Kearny dirigiu uma proclamação aos cidadãos do Novo México, informando-os de que ele estava entrando na

região "com uma grande força militar, com o objetivo de promover a união e melhorar as condições de seus habitantes; tudo isto por instrução de seu governo, que o apoiaria eficazmente na execução destes projetos". Kearny não explicou quais eram as condições dos habitantes do Novo México que necessitavam de melhoria, mas prosseguiu recomendando que permanecessem tranquilos, advertindo-os de que se pegassem em armas para resistir à conquista, seriam encarados como inimigos e tratados como tal.

No dia 19 de agosto, James Magoffin, acompanhado pelo Capitão Philip St. George Cooke e um destacamento de dragões, deixou o Forte Bent em direção a Santa Fé. Magoffin provavelmente estava transportando o legendário saco de moedas de ouro; certamente levava uma cópia da proclamação e a carta do General Kearny endereçada a Don Manuel Armijo, Governador e Comandante-geral do Novo México — e parente de Magoffin por casamento na família.

Entre outras coisas, a carta do General Kearny informava a Armijo que o Rio Grande, desde o seu delta até as cabeceiras, seria agora a fronteira entre os Estados Unidos e o México. "*Venho sob as ordens de meu governo tomar posse da região na qual Vossa Senhoria exerce parcialmente as funções de governador. Venho como amigo (...) Venho com uma considerável força militar, e outra mais poderosa ainda chegará para me reforçar (...) Aconselho-o a se conformar com seu destino (...) Caso decida resistir e opor-se a nós, com tropas que possa reunir, eu o previno de que o sangue que acaso venha a correr, os sofrimentos e as misérias que possam advir serão de sua responsabilidade, e, em vez das bênçãos de seus concidadãos, Vossa Senhoria receberá suas maldições.*"

Poucas horas após James Magoffin e seus acompanhantes deixarem o Forte Bent, o General Kearny deu partida às primeiras unidades de seu exército do Oeste, marchando pela mesma trilha para Santa Fé. Durante três dias as saídas de soldados perturbaram o sono de Susan Magoffin — o toque das cometas, o clangor dos sabres, o tilintar das esporas, o bater dos martelos dos ferreiros, os gritos dos sargentos dando ordens. Enquanto permanecia deitada no seu leito de convalescente, ela meditava sobre as loucuras e fraquezas do homem que se permitia

descer ao nível dos animais, "fazendo guerra com seus próprios irmãos (...) lutando por riquezas, honra e fama, para a ruína de sua alma (...)"

(Aproximadamente ao mesmo tempo, lá longe, em Massachusetts, Henry David Thoreau estava retornando a Walden Pond, após passar um breve período na prisão de Concord. Thoreau havia sido sentenciado à prisão por recusar-se a pagar um imposto — um gesto de protesto contra a guerra mexicana. "Quando todo um país é injustamente vencido e conquistado por uma força estrangeira e submetido à lei militar", disse ele, "penso que está na hora dos homens honestos se rebelarem e promoverem a revolução." Ele estava convencido de que a guerra era obra de proprietários de escravos tentando expandir seu território.)

No dia 7 de agosto, Samuel Magoffin recebeu autorização para prosseguir com sua caravana em direção a Santa Fé. Transferiu Susan de sua cama no Forte Bent para as almofadas da carruagem consertada. Logo após a passagem do Rio Arkansas, estavam em território mexicano. Se o irmão James tivesse sucesso em sua missão em Santa Fé, esta terra passaria para os Estados Unidos antes da caravana alcançar a cidade.

Quando as carroças rodavam através da planície de artemísias em direção ao Raton Pass, Susan viu sua primeira miragem e encantou-se por ter encontrado no livro Comércio das Pradarias, de Gregg, a explicação de tal ocorrência. "Falsos poços", Gregg os intitulava e prosseguia explicando que os fenômenos enganavam muitos viajantes nas planícies áridas. Acreditava ser o resultado do reflexo do sol em gases emanando da terra escaldante. Enquanto Susan Magoffin lia Gregg, o próprio autor se aproximava de San Antônio, onde uma coluna invasora estava se reunindo para juntar-se ao General Zachary Taylor em sua marcha até Monterey.

Em meados de agosto, a caravana de Magoffin encontrava-se nos desfiladeiros rochosos ao norte de Santa Fé. Certa manhã, durante a espera, o Dr. Masure trouxe para Susan dois coelhos recém-abatidos. "Então descansamos ali do sol violento, com as janelas da tenda levantadas", escreveu ela, "comendo assado de lebre e bebendo vinho."

Enquanto isso, no palácio do governo em Santa Fé, James Magoffin e o Capitão Cooke reuniam-se em segredo com o Governador Armijo,

um homem corpulento, de roupas luxuosas. Para a reunião de 12 de agosto, Armijo recebeu seus visitantes "*com uma túnica azul, de colarinho alto e divisas de general no ombro, calças azuis listradas, com renda dourada, e uma faixa vermelha*". Que ameaças e promessas foram feitas nesta reunião, provavelmente nunca saberemos. Poucos dias depois, o Governador Armijo, com uma pequena escolta, preparou-se para deixar Santa Fé. Quando estava montando seu cavalo, em frente ao palácio, um pequeno grupo de mexicanos leais juntou-se para impedir sua partida. O governador tirou punhados de moedas de ouro e prata do bolso do casaco e lançou-as para o ar, e enquanto a multidão tentava pegá-las, Armijo esporeou o cavalo e galopou para o sul, em direção a Chihuahua.

No Raton Pass, ao norte de Santa Fé, quase ao mesmo tempo, Samuel Magoffin recebia uma mensagem de seu irmão, avisando que as negociações estavam indo bem; se alguma coisa não desse certo, ele receberia aviso para regressar ao Forte Bent. As unidades avançadas do General Kearny já estavam acampadas perto das ruínas do pueblo de Pecos, a um dia de marcha de Santa Fé.

No dia 27 de agosto, um mensageiro levou à caravana as espantosas notícias de que o exército do Oeste estava de posse de Santa Fé. Sem disparar um tiro, o General Kearny havia marchado e entrado na praça, no dia 18 de agosto, e hasteado a bandeira dos Estados Unidos. Samuel imediatamente pediu aos seus carroceiros que se apressassem; se Susan não estivesse presente, ele teria montado seu cavalo mais veloz e corrido para Santa Fé, para juntar-se às celebrações.

A caravana fez sua última parada no pueblo de Pecos, a outrora próspera Cicuye, onde três séculos antes o amigável e bigodudo índio Bigotes acolhera os espanhóis de Coronado sequiosos por ouro e sofrerá nas mãos deles, porque El Turco inventara uma história sobre um bracelete de ouro que nunca existira. Quando os espanhóis lá chegaram, Pecos era uma próspera povoação com estruturas de quatro terraços, mais de mil casas solidamente construídas, onde viviam milhares de pessoas. Por se recusarem a aceitar a escravidão imposta por sucessivas hordas de invasores espanhóis, os índios Pecos foram reduzidos a 152 sobreviventes, segundo uma contagem feita em 1790. Somente oito anos antes de Susan Magoffin passar rapidamente por lá, os 17 sobreviventes

do povo de Bigotes tinham abandonado sua cidade arruinada e cruzado as montanhas para Jemez, sendo absorvidos por aquele povoado e desaparecendo como tribo. Com eles, levaram brasas acesas do fogo sagrado, que seus ancestrais tinham prometido manter queimando até que o último homem branco fosse expulso da região dos pueblos.

Susan nunca ouvira falar de Bigotes ou do grande pueblo de Pecos, mas era suficientemente sensível para reconhecer o orgulho e o poder que uma vez tinham existido naquele lugar desolado onde agora só restava uma igreja abandonada, como uma espécie de símbolo. "*Nós saltamos dos cavalos na porta, entramos e fiquei assombrada.*"

No dia seguinte, com a ânsia de entrar em Santa Fé, a sombria Pecos foi esquecida. O irmão James tinha uma casa esperando por ela — quatro aposentos com teto de madeira e paredes bem brancas. James também deu um jeito de arrumar ostras frescas e os Magoffins comemoraram o reencontro com ostras e champanha. Quando receberam o General Kearny, Susan encantou-o com seu charme feminino. Ela confidenciou em seu diário que, embora fosse baixo, o General Kearny era muito agradável em sua conversa e maneiras e sabia receber e retribuir elogios com facilidade.

Os irmãos Magoffin, evidentemente, haviam recebido o apoio de Kearny para prosseguirem em direção sul, para Chihuahua, e avaliarem se outro golpe poderia ser aplicado tão facilmente quanto o de Santa Fé. Se havia mais território a ser tomado, por que não tomá-lo? Só de pensar no Destino Manifesto, James ficava mais ativo do que nunca; contou piadas e histórias e bebeu champanha mais do que habitualmente. No dia 19 de setembro, Susan registrou que James iria para o sul, a fim de preparar a chegada do General Kearny, mas que ela não estava muito bem informada sobre isso. O destino de Kearny era a Califórnia, onde um major americano muito eficiente, John C. Frémont, estava tentando sua própria conquista. Em Chihuahua, James deveria preparar o caminho para Zachary Taylor e seu exército do Rio Grande.

Com todo esse entusiasmo por conquistas fervendo ao seu redor, Susan deu um jeito de manter a cabeça fria, e, provavelmente, era a única americana em Santa Fé que não tinha qualquer dúvida sobre seus másculos e aguerridos compatriotas. Todos os oficiais de Kearny pareciam ansiosos para lutar, mesmo que tivessem de provocar a briga.

Em outubro, a caravana de Magoffin estava pronta para viajar para Chihuahua. Samuel mais uma vez ajeitou Susan na carruagem, para que ela continuasse sua vida de princesa errante. Adiante deles ia o Coronel Alexander Doniphan, marchando lentamente com seus cavaleiros do Missouri. Somente na última semana de dezembro é que as tropas expulsaram os mexicanos de El Paso, o que foi chamado por um dos oficiais de "uma brincadeira de Natal". O Ano da Decisão, 1846, terminou antes que os Magoffins pudessem deixar El Paso rumo a Chihuahua. De lá chegavam sérios boatos de que seu irmão James tinha sido preso e estava sendo condenado à morte, e Samuel não ousou arriscar uma outra viagem para o interior do México.

No final do inverno, eles souberam que James fora executado como espião e que os exércitos dos Estados Unidos tinham sofrido tremendas derrotas. Nenhum dos boatos era verdadeiro. James tinha dinheiro e habilidade para safar-se de qualquer dificuldade, se bem que, quando os cavaleiros do Missouri do Coronel Doniphan se aproximaram de Chihuahua, as autoridades mexicanas o tenham levado rapidamente para Durango, talvez temendo que o rico americano pudesse comprar Chihuahua como tinha comprado Santa Fé. Quanto aos exércitos americanos, marchavam vitoriosamente através do norte do México, tomando uma cidade após outra. Chihuahua caiu no começo de março.

Com James preso em Durango — na prisão ele comprou 2.900 garrafas de champanha, que dividiu com seus carcereiros — Samuel tinha agora de dirigir toda a empresa Magoffin. No dia 14 de março, Susan, embora novamente grávida, corajosamente juntou-se à caravana que começou a sacolejar para o sul, saindo de El Paso para atravessar a acidentada estrada para Chihuahua. Durante os meses seguintes, a princesa errante viu a maioria das cidades capturadas no norte do México — Chihuahua, Saltillo, Monterey, Cerraivo, Matamoros.

Viu também os arrogantes líderes de forças militares de seu país, oficiais voluntários mais ébrios de poder que os formados em West Point. Alguns homens nas fileiras estavam morrendo de febre e disenteria, mas praticamente nenhum foi morto a tiro. A guerra foi uma experiência gloriosa, especialmente para os oficiais. Por mais outra década eles viveriam das memórias do México exótico, e em 1861, quando apareceu uma oportunidade de fazer ressurgir as bandeiras,

bandas militares e as multidões entusiásticas, os canhões ressonantes e o poder de comando, eles mal puderam esperar para reiniciar novamente, mesmo que dessa vez significasse luta.

O velho Zachary Taylor assumiu o papel de forte e pronto para empunhar a espada, trocando seu uniforme resplandecente por uma túnica desbotada cinza, um lenço azul, calças listradas de algodão e um sombrero mexicano. Em certa ocasião, o general — que em breve seria recompensado pela conquista tornando-se Presidente dos Estados Unidos — tomou conhecimento de que a Sra. Magoffin iria oferecer uma recepção com bolo e champanha. Prontamente providenciou seu uniforme regular, mas a observadora Susan notou os vincos em sua camisa e calças e adivinhou que estavam guardadas havia muito tempo, desde que ele saíra dos Estados Unidos.

Como em todas as guerras, os homens alistados ocasionalmente tentavam se desfazer violentamente dos oficiais, que consideravam uma ameaça maior para eles do que para o inimigo. O alvo favorito era o Major Braxton Bragg. De acordo com Susan, alguns dos homens de Bragg colocaram um petardo de ação retardada em sua tenda e explodiram seu baú e sua cama, mas o major escapou vivo. Os homens tentaram novamente mais tarde, mas Bragg sobreviveria e se tornaria um dos mais incompetentes generais dos Confederados na Guerra de Secessão — fato que prova que os soldados podem ser excelentes juízes de líderes fracos.

Foi a caminho de Saltillo que Susan, grávida pela segunda vez, sofreu a viagem mais desconfortável e perigosa de sua curta vida. Por três semanas, a caravana de Magoffin, com 30 carroças, sacolejou sobre pedras e valas, através do calor e poeira sufocantes, parando às vezes somente por uma hora e pouco e prosseguindo a viagem à noite. Susan mal podia dormir e perdeu o entusiasmo de escrever no diário, abandonando-o por cerca de três meses.

No dia 11 de maio, o soldado John T. Hughes, do Primeiro Regimento dos Voluntários Montados do Missouri, que cavalgava à frente da caravana, anotou em seu diário: "*Relato da caravana de Magoffin sendo atacada por bandidos.*" Susan, Samuel e as carroças foram, porém, salvos pelo Tenente George Gordon e por um

destacamento de 60 cavalarianos que galoparam às pressas para a cena da emboscada. Susan não registrou este acontecimento excitante.

Como também não mencionou Josiah Gregg, que estava viajando com esta mesma coluna de cavalarianos do Missouri, embora ela certamente deva ter conhecido pessoalmente seu autor favorito. Menos de uma semana após haverem escapado por pouco dos bandidos, Samuel ofereceu a Gregg sociedade no seu negócio de importação. Em Saltillo, no dia 23 de maio, ele repetiu a oferta. *"Hoje"*, escreveu Gregg, *"Samuel Magoffin renovou a oferta de sociedade (mercantil — devendo ele fornecer a verba). Após madura reflexão (...) concluí que devia aceitar a oferta, partir para os Estados Unidos (...) e comprar talvez cerca de 40 mil dólares de mercadorias."*

Susan não registrou nenhum destes importantes acontecimentos, indicação segura de que estava doente ou, como ela teria dito, *"atormentada por provações e preocupações"*. No início de agosto, antes que Samuel a enviasse a Matamoros para aguardar o nascimento da criança, ela escreveu: *"Eu realmente acho que a mulher grávida passa um mau bocado, fica doente parte do tempo, sofre de azia, dor de cabeça, cãibra etc. E, no final, este negócio de casamento não é o que dizem."* Ela esteve a ponto de revoltar-se, mas nunca chegou realmente a dar o passo final. Seu filho, nascido em Matamoros enquanto ela estava sofrendo de febre amarela, viveu muito pouco. Por mais oito anos ela seguiu Samuel em sua busca incessante de riquezas e poder no Oeste. Após dar-lhe mais duas filhas, morreu em St. Louis, completamente esgotada, aos 28 anos.

Quanto ao autor que ela tanto estimava, Josiah Gregg, também foi liquidado pela miragem do Oeste e sua riqueza fácil. Após regressar para os Estados Unidos, a fim de comprar mercadorias para seu sócio, recebeu uma mensagem de Samuel Magoffin, avisando-o para suspender as compras. As condições no México estavam caóticas e, aparentemente, o governo dos Estados Unidos não tinha intenção de anexar o território abaixo da linha do Rio Grande.

Amargamente desiludido, Gregg decidiu ir a Washington ver o Presidente Polk. Esperava convencê-lo de que o norte do México deveria ser anexado ao território dos Estados Unidos; pelo menos poderia pedir a Polk para conceder-lhe uma missão oficial no México, para trabalhar

neste sentido. No dia 31 de julho de 1847, Gregg escreveu em seu diário: "*Fiquei tão espantado diante da evidente fraqueza do Sr. Polk, que cheguei à conclusão de que não poderia aceitar nada dele — e conseqüentemente me retirei. É inacreditável que um homem de inteligência tão curta tenha sido colocado no poder executivo!*"

Gregg voltou para o México, onde fez uma lucrativa carreira como médico em Saltillo. (*Ele tinha estudado Medicina por alguns meses em Louisville, Kentucky, após se afastar pela primeira vez do comércio da Trilha de Santa Fé.*) "*Penso há muito tempo que a raça anglo-saxã está destinada a governar todo o continente americano dentro de algum tempo.*" Mas enquanto Gregg esperava que o Destino Manifesto aparecesse no México, um acontecimento importante ocorreu na Califórnia. Outro ex-comerciante de Santa Fé, um suíço inescrupuloso que estava sempre endividado, tinha viajado para lá, procedente do Novo México, e conseguido uma concessão de 50 mil acres de terras na Califórnia, dada pelo governo mexicano. No dia 24 de janeiro de 1848, encontrou-se ouro em seu moinho no Rio American. O nome do ex-comerciante de Santa Fé era John Sutter. No dia 30 de agosto de 1849, Josiah Gregg chegou a San Francisco para aderir à corrida do ouro.

A ESTRADA PARA O ELDORADO

Na época da descoberta do ouro na Califórnia estava presente Henry W. Bigler, um membro do batalhão de mórmons que Francis Parkman encontrara em setembro de 1846, em sua marcha para Santa Fé. "*Os mórmons deveriam ser pagos na Califórnia e tinham permissão de levar suas famílias e propriedades*", escreveu Parkman. E prosseguiu dizendo que esses "*religiosos fanáticos*" provavelmente fundariam na Califórnia um império mórmon.

Os mórmons não planejaram um império na Califórnia; o lugar de refúgio que escolheram foi a bacia do Grande Lago Salgado. Após o assassinato do fundador da seita, Joseph Smith, em 1844, foram expulsos do Illinois e dispersos do Missouri através de Iowa e Nebraska. Como a maioria de suas terras, casas e outras propriedades haviam sido confiscadas ou destruídas, estavam sem recursos para emigrar além das Rochosas. O recrutamento do Batalhão Mórmon, portanto, foi de mútua vantagem: para o governo dos Estados Unidos porque necessitava de mão-de-obra para a conquista da Califórnia; e para os mórmons porque necessitavam partir para o Oeste e do dinheiro que deveria ser pago aos membros do batalhão.

Após alcançar Santa Fé, em outubro de 1846, o Batalhão Mórmon marchou para a Califórnia com o General Kearny. Por muitos meses praticaram deveres militares em San Diego e Los Angeles. Nesta última cidade, de cerca de três mil habitantes, os mexicanos estavam extremamente temerosos do batalhão, porque havia sido espalhado que os mórmons eram canibais, gostando especialmente de crianças. Em julho de 1847, após Kearny haver elogiado o batalhão por ajudar a anexar a Califórnia aos Estados Unidos, os homens foram dispensados do serviço militar. Nessa altura, unidades avançadas de colonos mórmons haviam chegado ao vale próximo do Grande Lago Salgado e já

estavam plantando batatas. *"Este é o lugar onde eu, numa visão, deparei com a arca do Senhor em repouso"*, declarou o líder da igreja Brigham Young. Tão logo os membros do Batalhão Mórmon souberam disto, começaram a organizar grupos a fim de voltarem para o Leste através das High Sierras e reunirem-se ao seu povo na Terra Prometida. Os líderes mórmons no Lago Salgado, no entanto enviaram mensageiros à Califórnia, para instruir aos membros do batalhão que permanecessem onde estavam. A colônia do Lago Salgado não possuía comida suficiente para alimentar outros membros durante o inverno. *"Fiquem na Califórnia e trabalhem durante o inverno; e venham para o Vale do Lago Salgado na primavera, trazendo seus bens com vocês"*.

Um grupo de nove, incluindo Henry Bigler e Ira Willis, conseguiu emprego com John Sutter, o ex-concorrente de Josiah Gregg no comércio da Trilha de Santa Fé. Sutter, imigrante falido da Suíça, entrara no comércio em 1835, ao obter mercadoria que dava para encher uma carroça: pistolas velhas, quinquilharia barata e roupas de segunda mão compradas a crédito em lojas de penhores de St. Louis. Tomando um trem para Santa Fé, transformou a mercadoria em lucro. Por volta de 1838, Sutter tinha feito dinheiro suficiente para ir para a Califórnia, onde esperava obter uma concessão de terras do governo mexicano. Chegou exatamente no momento em que a falida colônia russa no Forte se preparava para vender tudo e sair da Califórnia, por ordem do czar. Após conseguir uma grande concessão de terra na junção dos rios Sacramento e American, Sutter fez um negócio a crédito com os russos por 1.700 cabeças de gado, 940 cavalos e mulas, 9.000 ovelhas, numerosos instrumentos agrícolas e um arsenal de armas francesas que os russos haviam juntado um quarto de século antes, por ocasião da desastrosa retirada de Moscou do exército de Napoleão, através da neve.

Sutter transportou tudo para sua concessão de terras, que batizou de Nova Helvécia. Construiu um forte, montando 24 dos canhões de Napoleão nos muros, e começou a erguer uma casa de rancho, oficinas e moinhos. Quando Henry Bigler, Ira Willis e os outros membros desmobilizados do Batalhão Mórmon chegaram para trabalhar para ele, Sutter estava dirigindo seu domínio como um benevolente senhor feudal. Bandos de homens brancos trabalhavam em seus campos e cuidavam de

seus rebanhos, e várias centenas de índios se consideravam seus empregados.

Depois de empregar os mórmons, Sutter encaminhou-os a James W. Marshall, que estava construindo uma serraria no braço sul do Rio American, cerca de 80 quilômetros a nordeste do forte. No dia 24 de janeiro de 1848, Henry Bigler — que mal sabia escrever — anotou em seu diário: "*Hoje, uma espécie de metal parecido com ouro foi encontrado na canaleta de água da serraria, descoberto em primeiro lugar por James Marshall, o capataz da serraria*". Marshall levou as partículas metálicas brilhantes ao forte e mostrou-as a Sutter. Nenhum dos dois sabia quais os testes a fazer para identificar o ouro, mas Sutter possuía uma enciclopédia e nela encontrou instruções, que seguiram até se certificarem de que Marshall havia encontrado realmente ouro.

Por vários dias, Marshall, Sutter e alguns mórmons da serraria mantiveram em segredo a descoberta do ouro. Sutter, que tinha visão suficiente para prever que uma corrida do ouro poderia destruir seu pacífico reinado, suplicou aos empregados que não revelassem a descoberta a ninguém. Como os empregados não estavam certos se poderiam ganhar mais procurando ouro do que recebendo salários de Sutter, prosseguiram trabalhando na serraria. Aos domingos, no entanto, Bigler começou a escapar discretamente com o pretexto de ir caçar. Em fevereiro, encontrou um veio de ouro numa rocha a descoberto, e certa tarde extraiu mais ouro do que Sutter poderia pagar-lhe em uma semana. Os outros mórmons juntaram-se a ele nas excursões de fim de semana e Bigler comunicou as novidades ao moinho de milho de Sutter, onde seu amigo Ira Willis e dois outros ex-colegas do batalhão estavam trabalhando. Quando a serraria ficou pronta, em 11 de março, todos os mórmons começaram a procurar ouro. Nesse mês uma loucura varreu a Nova Helvécia. John Sutter viu-se abandonado em seu forte e os trabalhadores aderiram à corrida do ouro, deixando "*apenas os doentes e aleijados para trás*".

Os boatos sobre o ouro alcançaram a pequena cidade de San Francisco, e em abril um redator de jornal viajou até o forte de Sutter para investigar. Noticiou não ter sido capaz de encontrar bastante ouro sequer para comprar uma bebida. Em maio, um líder mórmon chamado Samuel Brannan visitou a serraria no Rio American. Brannan viajara de

navio pela rota do Cabo Horn, para determinar se a Califórnia seria um lugar melhor do que o Grande Lago Salgado para fundar uma colônia mórmon. Enquanto esperava notícias do Lago Salgado, Brannan instalou-se em San Francisco. Quando foi até a serraria de Sutter, seus confrades mórmons naturalmente contaram-lhe o segredo de que estavam encontrando ouro em quantidade. Brannan regressou a San Francisco o dia 8 de maio, com uma garrafa de ouro em pó, e convenceu todo mundo que verdadeiras fortunas poderiam ser encontradas no Rio American.

Deste dia em diante, a verdadeira corrida do ouro teve início, primeiro por um bando de pesquisadores curiosos, gradualmente passando a uma corrente contínua de pessoas ávidas por riqueza, até que finalmente tornou-se uma inundação de cobiçosos caçadores de ouro, o maior movimento de massa humana vindo de todos os cantos da Terra, desde os tempos das Cruzadas à Terra Santa. As novidades corriam devagar no começo, passando de boca em boca, quando se contavam e recontavam histórias, aumentando a verdade sobre o valor das descobertas de ouro. Passaram-se três semanas antes que a notícia alcançasse Monterey, somente a 150 quilômetros de San Francisco. *"Hoje nossa cidade foi despertada de seus modestos sonhos, com a notícia de que foi descoberto ouro no Rio American"*, escreveu o Reverendo Walter Colton, alcaide de Monterey, no dia 29 de maio. *"Os homens especularam e falaram e as mulheres também, mas ninguém acreditou"*. Os boatos tornaram-se porém tão persistentes, que, no dia 6 de junho, o Reverendo Colton despachou um mensageiro de confiança para o Rio American. Duas semanas mais tarde, o mensageiro regressou com várias amostras de ouro; não houve mais dúvida em Monterey sobre a grande descoberta.

"A excitação produzida foi intensa", disse Colton, *"e muitos, em pouco tempo, estavam preparados para partir em direção às minas. A família que me hospedava foi tomada pela febre de mudança. Marido e mulher estavam partindo juntos. O ferreiro largou seu martelo, o carpinteiro sua plaina, o pedreiro sua espátula, o fazendeiro sua foice, o padeiro seu pão e o dono do bar sua garrafa. Todos estavam a caminho das minas, uns a cavalo, outros em carroças, alguns em muletas e um até de maca. Uma mulher americana, que recentemente havia aberto*

uma pensão aqui, largou tudo e partiu antes mesmo que seus inquilinos tivessem tempo de pagar as contas. Os devedores fugiram, naturalmente. Fiquei somente com uma comunidade de mulheres, um bando de prisioneiros e uns poucos soldados, que deixariam seu capitão a qualquer momento."

Colton estava certo sobre os soldados. Poucos meses após o início da corrida do ouro, 40 por cento dos homens alistados e servindo na Califórnia desertaram para cavar ouro; e em muitas ocasiões, patrulhas inteiras de soldados enviadas atrás de desertores também desertavam. Um jovem tenente servindo em Monterey comentou que praticamente todos "*havia abandonado o trabalho atrás do vil metal, não ficando ninguém além de nós, desgraçados oficiais. Todos tinham seus bolsos cheios de ouro (...) com exceção daqueles que trabalhavam para o governo — nós éramos os sofrendores*". O nome do tenente era William Tecumseh Sherman.

Praticamente todas as cidades do norte da Califórnia haviam sido esvaziadas de seus habitantes, que em poucas semanas formaram aglomerados de barracas de lona ao longo do Rio Sacramento e seus afluentes. No início do verão de 1848, dois terços das casas de San Francisco estavam vazias e todos os hotéis e lojas tinham sido fechados. O forte de Sutter, enquanto isso, foi transformado na cidade de Sacramento, e John Sutter viu-se meio enlouquecido por um exército invasor de dez mil caçadores, soldados, marinheiros, fazendeiros, advogados escriturários, carpinteiros e professores transformados em caçadores de ouro. Ele se afastou para o Rio Feather, abandonando seu império feudal em dissolução.

A essa altura, as notícias começaram a chegar ao Leste dos Estados Unidos, mas ali a maioria dos jornais mostrava-se descrente. Mesmo antes dos rumores de ouro, o Oeste se tornara um lugar mítico e tudo parecia tão fanático que era impossível acreditar. No dia 29 de agosto, o Reverendo Colton enviou de Monterey para um amigo em Washington uma carta que levou três meses para chegar. Um jornal da capital publicou-a em 11 de dezembro de 1848: "*Atualmente as pessoas estão correndo pela região e apanhando ouro na terra aqui e ali, como mil javalis soltos numa floresta arrancando trufas do solo.*"

Durante esse mesmo mês, amostras do ouro da Califórnia foram recebidas pelo Secretário da Guerra em Washington, com um relatório informando que as pessoas estavam fazendo 50 dólares por dia com picareta, pá e bateia. Em sua mensagem anual ao Congresso, o Presidente Polk transformou os fabulosos boatos de descoberta de ouro em fato verdadeiro, e o Leste entrou em grande agitação. Antes que terminassem os feriados de dezembro, centenas de ansiosos caçadores de ouro compraram passagens em navios que iam para San Francisco via Cabo Horn. As notícias de jornal mudaram rapidamente de ceticismo ao exagero: *O ouro de Califórnia é inexaurível. Um homem disposto a trabalhar pode cavar mil dólares do metal brilhante amarelo num só dia. E existe lugar nessa vasta área para cem mil mineiros.*

Oitenta mil foram para a Califórnia nessa primeira corrida do ouro, no verão de 1848, a maioria viajando por terra, de preferência escolhendo a rota da Trilha do Oregon. Em cada cidade de parada ao longo do Rio Missouri e do meridiano 95 — aquela linha esquecida que um dia fora escolhida como uma barreira protetora para o povo índio — os sucessores de Francisco Coronado juntavam suas caravanas. Em Council Bluffs, St. Joseph, Forte Leavenworth, Independence e Forte Smith, comerciantes de gado, mulas e carroças fizeram maiores fortunas do que os caçadores de fortuna jamais fariam — os "*otários de 49*", foi como uma balada popular chamou os decididos a partir para a Califórnia.

A primeira leva de caçadores de ouro era uma migração masculina. Dos 80 mil, menos de cinco mil eram mulheres e crianças» Entre as poucas mulheres que fizeram a jornada através do país encontrava-se Sarah Royce. Com seu marido, Josiah, e sua filha de dois anos, Mary, ela cruzou o Missouri até Council Bluffs, Iowa, no dia 8 de junho de 1849, à procura do Eldorado, a terra do ouro. Ali, meio século antes, Lewis e Clark tinham tido seu primeiro conselho com os índios da planície. Ali, cerca de 12 anos depois, no ponto de desembarque na margem ocidental, onde os Royces nada viram além de uma cabana de madeira e uma serraria, seria iniciada a construção da primeira estrada de ferro transcontinental. Em torno das oficinas em febril atividade da ferrovia, cresceria a cidade de Omaha.

Por cinco meses, o lar de Sarah Royce seria uma carroça coberta em movimento, puxada por três juntas de bois. No primeiro mês, em companhia de várias outras carroças, os Royces seguiram a rota do Rio Platte, grande parte dele tão bem descrita por Francis Parkman. Além do Forte Laramie, no entanto, o novo livro de Parkman não tinha mais utilidade como guia. Sarah Royce tinha um exemplar do relatório do Capitão John C. Frémont sobre suas explorações, e no dia 21 de julho ela percebeu que haviam alcançado o Rio Sweetwater, "*assim chamado por Frémont e seus homens porque suas águas eram muito melhores que todas as outras que haviam provado antes por vários dias*". No dia 4 de agosto, alcançaram o South Pass — a porta de Jed Smith através das Montanhas Rochosas — e no ponto em que Frémont descrevera a divisão continental, "*o ponto culminante*", por estar entre dois montes baixos, Sarah deixou a carroça e realizou uma cerimônia silenciosa de despedida do Leste. Dali por diante, os rios não fluiriam para leste, para as praias de sua juventude, e ela se perguntou se algum dia tornaria a voltar.

Uma semana depois, estavam no Forte Bridger, onde o ex-caçador de peles agora mantinha uma ferraria bem equipada para consertar as carroças dos colonos. Lá os Royces precisaram decidir que rota tomar para a Califórnia. Podiam ir na direção do Forte Hall ou então voltar para oeste, dando a volta na extremidade superior do Lago Salgado, ou poderiam continuar diretamente pela rota do Forte Hall, mais fácil de atravessar, porém bem mais longa. Ambas as rotas passavam inevitavelmente através do temido Vale Humboldt, com suas águas alcalinas e desertos perigosos. Como já havia penado metade de verão, o grupo Royce decidiu escolher o caminho mais curto através da cidade santa dos mórmons.

Em 1849, a trilha entre o Forte Bridger e Salt Lake City era tão mal delineada que o Corpo de Engenharia Topográfica dos Estados Unidos pediu ao Capitão Howard Stansbury que localizasse uma estrada específica para uso dos colonos que se dirigiam para a Califórnia. Stansbury e seu grupo de pesquisa de 18 homens alcançaram o Forte Bridger dois dias antes dos Royces e ali estavam quando eles chegaram.

Durante sua jornada do Forte Laramie para o Forte Bridger, o Capitão Stansbury ficou surpreso com as condições desorganizadas dos

colonos que estava seguindo. Encontrou em seu caminho numerosos túmulos de vítimas de cólera, e numa travessia de barca lhe disseram que 28 viajantes se haviam afogado ali. A estrada estava coberta de artigos que tinham sido jogados fora. Carroças quebradas e bois mortos eram vistos ao longo dos lados da estrada. *"Grandes quantidades de sacos de feijão-branco que parece ter sido jogados fora por seus donos cansados de transportá-los ou com medo de estarem contaminados de cólera. Por este motivo, o comandante do Forte Kearny proibira a entrada das coisas que traziam. Fogões podiam ser apanhados a cada passo sem qualquer dificuldade"*. "Barras de ferro e de aço, bigornas e foles, pés-de-cabra, furadeira, bateias, talhadeiras, machados, chumbo, malões, espadas, arados, pedras de polir, fornos de assar, barris e barriletes, arreios, roupas, caixas, chapéus e bacon entupiam as estradas por onde passavam os topógrafos de Stansbury. Todos os trastes do século XIX começavam a atravancar o jardim do Oeste; em três gerações haveria uma avalanche de objetos descartados, sujando as estradas, rios e desertos.

O Forte Bridger, dizia Stansbury, *"foi construído de modo tradicional, com estacas, os alojamentos e escritórios dando para o pátio central quadrado, protegido contra ataque externo por um forte portão de madeira"*. Enquanto o capitão esperava que suas carroças fossem consertadas, os Royces, desprezando qualquer escolta militar, deixaram Salt Lake City. A passagem através da cordilheira de Wasatch foi penosa, mas tal como milhares de outros que tomaram este caminho, eles estavam maravilhados com sua primeira visão do Vale do Lago Salgado, devido à atmosfera transparente, pura e extraordinária daquela época. *"Nós fizemos uma pausa para respirar"*, lembrou-se Sarah mais tarde, *"e nos entreolhamos, maravilhados, concordando que não sabíamos quem éramos; e só depois de usarmos livremente as águas puras do vale, auxiliados algumas vezes pelas fontes termais de água mineral, é que recobramos nossa identidade."*

Salt Lake City já havia se tornado uma segunda área de descanso para os viajantes que se dirigiam à Califórnia. Lá comerciavam melhor o gado e os cavalos, consertavam suas carroças e reorganizavam caravanas, pois lhes haviam dito que aquela seria a mais extenuante experiência da longa jornada. A maioria dos componentes da caravana

dos Royces decidiu juntar suas carroças a um grupo que se organizava para seguir a rota sul — a trilha que Jed Smith usara, dando a volta pela mais baixa das High Sierras, para evitar neves prematuras. Os Royces corajosamente decidiram passar de qualquer jeito pelo deserto salgado, numa linha reta para oeste. O mapa do Capitão Frémont, no entanto, não tinha mais serventia para eles. Entre as marcas azuis do mapa, onde se localizavam Salt Lake City e a Nova Helvécia de John Sutter, o capitão deixara apenas um grande espaço em branco que ele chamou de *"Grande Bacia, cercada por altas montanhas, mas que se acredita estar cheia de rios e lagos que não se comunicam com o mar, desertos e oásis que nunca foram explorados e tribos selvagens que nenhum viajante jamais encontrou ou descreveu"*.

Em Salt Lake os Royces encontraram um ex-membro do Batalhão Mórmon — nada mais nada menos que Ira Willis, um dos nove homens que trabalhavam para John Sutter no momento da descoberta do ouro que levava os Royces até o Oeste. Após reunir-se ao seu povo em Salt Lake City, Willis viu que havia uma grande procura de guias por parte dos viajantes que queriam chegar às minas de ouro que ele havia abandonado. Decidiu suprir a demanda e escreveu um folheto intitulado: *"O Melhor Guia para as Minas de Ouro, 1.300 Quilômetros, Ira Willis, Great Salt Lake City"*. *"O pequeno folheto era todo escrito a mão"*, disse Sarah Royce, *"pois naquele tempo que havia gráfica em Salt Lake City"*.

J. Goldsborough Bruff, chefe de outra caravana que viajava atrás dos Royces, informou que encontrara Willis fora de Salt Lake City no dia 29 de agosto. Após procurar roteiros para a Califórnia, Willis *"tirou do bolso uma espécie de guia, cheio de erros, dizendo ser o último que possuía e que me venderia por 50 centavos, acentuando que já tinha vendido para colonos por um dólar. Comprei mais por curiosidade do que por achar que me pudesse ser útil no caminho"*.

Munidos apenas deste guia precário, Sarah, Josiah Royce, sua filha Mary e um velho não identificado partiram de Salt Lake City no dia 30 de agosto, determinados a cruzar a Grande Bacia de Frémont em sua única carroça. Não tinham conseguido convencer mais ninguém a ir com eles, e o voluntário que se apresentara para acompanhá-los possuía apenas um boi, que eles acrescentaram às juntas. Poucos dias depois,

aceitaram dois jovens que estavam tentando fazer a viagem num cavalo e numa mula. Os novos recrutas se ofereceram para fornecer caça, em troca de parte da farinha dos Royces. Era um mau acordo, pois, na realidade, a caça era quase inexistente naquelas planícies alcalinas.

Um dia, quando os caçadores estavam fora, um bando de índios armados bloqueou a carroça, aparentemente desejando algum pagamento pelo privilégio de estarem eles cruzando sua região. Cerca de uma hora depois, Josiah impacientou-se com aquela discussão infundável. Levantou o chicote e tocou as juntas de bois para a frente. Os espantados índios não se deram ao trabalho de segui-los. Talvez pensassem que os Royces não tivessem nada para dar.

Dois dias depois, encontraram vários mórmons retornando para Salt Lake City, após terem cavado em busca de ouro durante o verão. A pedido dos Royces eles desenharam na areia um mapa da rota desde a Fossa de Humboldt até o Rio Carson, dizendo onde deviam prestar atenção às marcas de outras carroças mudando de direção e onde podiam ser encontrados poços de água.

Nem o guia manuscrito de Ira Willis nem o mapa feito na areia pelos mórmons impediu que eles se perdessem naquelas terras ermas do Oeste, onde os ventos caprichosos podiam subitamente cobrir as trilhas e os poços. Viajando à noite para evitar o calor, a caravana dos Royces perdeu todos os pontos de orientação, e durante os primeiros dias de outubro vaguearam desorientados pelo deserto, com somente três litros de água para repartir entre cinco adultos e uma criança. No entanto, de alguma maneira, reencontraram o caminho e conseguiram alcançar as árvores e as águas frias do Rio Carson. Reuben Saw, que estava viajando com uma caravana poucos dias à frente dos Royces, descreveu a aproximação do rio.

Nos últimos 35 quilômetros da nossa marcha, passamos por esqueletos de muitos animais mortos antes de alcançarem a água. Bois morreram em suas cangas, cavalos e mulas com seus arreios, e utensílios de toda espécie, até mesmo camas, eram vistos largados na estrada. Carroças, ainda com suas coberturas de lona, estavam encolhendo ao sol com os aros quase caindo das rodas. Bois, após uma desesperada luta pela vida, morriam a dois quilômetros do rio e praticamente tudo ao

longo da estrada era uma prova de grande sofrimento para os homens e os animais.

Quando os Royces alcançaram o rio, as primeiras neves de outono estavam rodopiando no alto das High Sierras, que ficavam entre eles e o Eldorado da Califórnia. O único alimento que ainda possuíam eram pequenas quantidades de bacon embolorado e farinha de milho ressecada. Exatamente quando iam abandonar a carroça para cruzar a montanha, dois homens enviados de Sacramento para ajudar os viajantes retardatários, os guiaram através das Sierras. E no final de outubro de 1849, Sarah Royce levou sua filha de dois anos em lombo de mula sobre as montanhas íngremes, através de lufadas de neve e pelos canyons profundos, até o vale ensolarado de Sacramento. No guia manuscrito que ainda guardava, Sarah descobriu que Ira Willis tinha chamado o lugar de "*Vale Agradável das Minas de Ouro*". Os poucos mineiros que ainda permaneciam ali em tendas esfarrapadas informaram que "*as escavações já estavam esgotadas*". Mas em algum lugar além do horizonte — mas allá, como haviam gritado muitas vezes os homens de Coronado — certamente haveria ouro para ser encontrado, grandes quantidades de ouro.

Poucos realmente enriqueceram, mas somando-se a riqueza em dólares tirada da terra da Califórnia durante os anos da Grande Corrida e dividindo-se pelo número de pessoas que suaram para extraí-lo, o enriquecimento individual seria de cerca de um dólar por dia, 365 dólares por ano, se trabalhasse aos domingos. No Leste isto seria um ganho aceitável naquela época, mas no Eldorado da Califórnia, como Sarah Royce descobriu, cada batata cozida custava 75 centavos, e uma cebola um dólar.

Um dos mineiros, cujo nome foi esquecido, escravizou-se por três anos para cavar um quarto de milhão em ouro. Trabalhava tantas horas consecutivas que mal podia encontrar tempo para rabiscar uma carta para sua namorada na Pensilvânia, por quem estava penando, uma virgem que havia prometido esperar até ele voltar. De sua parte, ele tinha prometido levar para ela uma fortuna e o fez, mas ela se cansara de esperar e casara-se com outro.

Desiludido, o milionário foi para o Alabama e investiu sua fortuna em escravos negros e algodão, o que o tornou mais rico que antes.

Casou-se com uma beleza sulista e quando a terra do Alabama exauriu-se levou a mulher para o Oeste, para o Vale do Rio Vermelho, e instalou uma plantação em solo virgem. Era tão grande quanto a Nova Helvécia de John Sutter.

Quando estourou a guerra civil, este homem nascido na Pensilvânia, que havia encontrado sua fortuna no ouro da Califórnia, estava rico em papel-moeda do governo e crédito bancário. Quando a demanda por seu algodão aumentou, tornou-se ainda mais rico, mas como era um ianque e recusava-se a tomar o partido da sua mulher na guerra, preferindo continuar a fazer fortuna e a ser neutro, ela o abandonou e regressou para o Alabama. No final da guerra, tropas federais libertaram os escravos e o expulsaram da plantação, por ele ter apoiado a Confederação com seu algodão. Ele ainda possuía centenas de milhares de dólares; sua fortuna mudara numa década, de ouro para papel-moeda do governo norte-americano e depois para notas dos Confederados. Deixou essas notas inúteis no Texas e regressou para a Pensilvânia, onde morreu na pobreza.

Josiah Gregg, que havia sonhado tornar-se um mercador principesco no México, não teve paciência de esperar que o Destino Manifesto chegasse a ele em Saltillo. Quando ouviu falar da corrida do ouro, encaminhou-se para Mazatlán e tomou um vapor para San Francisco, determinado a recuperar sua fortuna minguada. Quando chegou lá, em 30 de agosto de 1849, encontrou o porto repleto de uma "*imensa floresta de mastros*". As tripulações haviam abandonado a maior parte dos navios e corrido para as minas de ouro.

Gregg permaneceu em San Francisco por vários dias, recuperando-se de uma pequena operação cirúrgica e recolhendo o máximo de informações sobre as possíveis localizações de recentes descobertas de ouro. Havia boatos de uma descoberta no Rio Trinity, 500 quilômetros ao norte. No início do outono, Gregg subiu para Rich Bar, no Rio Trinity, em companhia de vários aventureiros caçadores de ouro. Logo descobriram que os melhores veios de ouro já haviam sido requeridos; também descobriram que o clima nessa parte da Califórnia era completamente diferente do Vale do Sacramento, mais ao sul. Chovia diariamente e nevava à medida que o inverno se aproximava. Pelos

índios das vizinhanças de Rich Bar, Gregg soube que o Oceano Pacífico estava a somente oito dias de viagem para oeste.

Como havia um número insuficiente de lojas para suprir de alimentos o campo de Rich Bar durante o inverno, Gregg organizou uma expedição para viajar até a costa e depois seguir para o sul, de volta para San Francisco. Oito homens, incluindo Gregg, formaram o grupo que deixou Rich Bar no dia 5 de novembro. Uma semana depois, após dura jornada através de uma chuva contínua, pelas montanhas acidentadas e os canyons profundos, quase não tinham comida. Quando entraram nas florestas de sequoias, o progresso da marcha foi retardado para dez quilômetros por dia, e sobreviveram com a caça que podiam encontrar: águias, corvos, peixe. No dia 7 de dezembro, depararam com água, uma baía que chamaram de Trinidad. Gregg entalhou numa árvore a latitude, data, a leitura do barômetro e do termômetro e seu nome. À medida que se esforçavam para seguir na direção sul, ao longo da margem leste da Baía de Humboldt, as forças de Gregg começaram a diminuir. No dia de Natal, um membro do grupo encontrou um veado-galheiro morto nos arbustos. Eles assaram sua cabeça nas cinzas do fogo do acampamento para um banquete festivo. No início de janeiro de 1850, o grupo dividiu-se em dois. Como estavam progredindo muito lentamente ao longo da costa acidentada, Gregg e seus três companheiros embrenharam-se para o interior, esperando encontrar um campo de mineração no Vale do Sacramento. Durante vários dias não puderam encontrar nenhuma comida, com exceção de pinhas e raízes. No final de fevereiro, em algum lugar próximo ao Lago Clear, Gregg ficou muito fraco para manter-se na sela. "*Ele caiu do cavalo*", disse mais tarde um membro do grupo, "*e morreu em silêncio, morreu de fome.*" Seus três companheiros cavaram uma cova com galhos e ali enterraram Josiah Gregg, seus instrumentos científicos e seus diários debaixo de uma pilha de pedras. Os outros sobreviveram para contar a história.

James Marshall, o descobridor do metal amarelo que atraía caçadores de fortuna de todas as partes do mundo, observou sem esperanças quando esses invasores se espalharam por sua concessão de 640 acres. Eles roubaram seus cavalos, suas selas e ferramentas de mineração. Quando tentou expulsá-los à força, eles contrataram guardas armados para mantê-lo fora de sua propriedade, enquanto arrancavam o

máximo de ouro que pudessem encontrar ali, e depois venderam parte da terra em lotes, a preços de ocasião. Marshall tentou reparações legais nas cortes, mas os invasores subornaram o juiz e o júri, e até mesmo o advogado que contratara passou para o lado de seus inimigos. Finalmente, ele perdeu sua metade na serraria que construía para John Sutter. Embora todos achassem que ele era mais rico do que qualquer um na Califórnia, Marshall viu-se finalmente reduzido às roupas do corpo e a dez quilos de arroz chinês como alimento.

Quando Marshall cruzou as montanhas, numa tentativa de encontrar outra mina de ouro, multidões de mineiros o seguiram. Como ele havia descoberto o primeiro ouro, todos acreditavam que Marshall tinha poderes divinos, que os conduziria a uma nova fonte de riquezas. Onde quer que parasse para cavar, Marshall ficava rodeado de homens sedentos de ouro, e um grupo deles tornou-se tão impiedoso quanto os espanhóis de Coronado, ameaçando enforcá-lo caso não encontrasse um veio rico.

Durante sete anos, Marshall lutou para conseguir ouro; depois desistiu e voltou para Coloma, a cidade que crescera em volta da antiga serraria. Lá ganhou a vida trabalhando em jardins, serrando madeira ou fazendo qualquer outro tipo de trabalho que os bons habitantes lhe ofereciam. Conseguiu juntar uns poucos dólares e comprou um pequeno pedaço da terra que lhe fora tomada dez anos antes. Nesta terra começou a cultivar uvas e construiu uma pequena vinícola, para provar que o Vale de Sacramento se equiparava a qualquer área produtora de vinho do mundo. Os legisladores, no entanto, taxaram tão alto o seu vinho que ele foi à falência. Mais uma vez? pegou picareta e bateia e saiu para garimpar, mas sua sorte não melhorou.

Em 1871, aos 61 anos de idade, Marshall foi convencido a fazer umas palestras pela região Era mau orador, mas várias pessoas curiosas pagaram ingressos para garantir as despesas de sua viagem. Em Salt Lake City, ele foi levado para conhecer Brigham Young, mas quando apresentaram-no como o homem que descobrira ouro na Califórnia, Young disse que ele era um mentiroso. Constava nos registros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que os descobridores haviam sido os membros do Batalhão Mórmon.

Quando Marshall voltou à Califórnia, seu breve período de fama, evidentemente, induziu o legislativo a conceder-lhe uma pequena pensão, por sua contribuição à grandeza do Estado do Ouro. Dois anos depois, a pensão foi cancelada, sob a alegação de que ele a gastava quase toda em bebida.

Por mais uma década, entretanto, ele conseguiu sobreviver trabalhando como carpinteiro, esculpindo objetos em madeira e vendendo-os por qualquer preço. Quando morreu, em agosto de 1885, seu corpo foi conservado em gelo, enquanto se desenrolava uma longa discussão entre a Sociedade dos Pioneiros da Califórnia e os Filhos Nativos do Oeste Dourado quanto a um lugar apropriado para seu enterro. No momento em que morreu, James Marshall tornou-se uma pessoa de grande importância. Finalmente, decidira enterrá-lo numa colina que dava para o local onde ele descobrira o ouro. Logo depois, os mesmos californianos que não se dispuseram a ajudar Marshall em vida gastaram milhares de dólares num monumento glorioso e estipularam um salário mensal a um zelador, encarregado de limpar as sujeiras de passarinho que caíssem sobre a imagem de metal do morto, hastear e baixar a bandeira americana diariamente e manter o lugar limpo para os visitantes.

John Augustus Sutter, antigo comerciante de Santa Fé, fundador de Nova Helvécia, construtor do Forte de Sutter, queria apenas cultivar sua terra e aumentar seu rebanho. Quando enviou James Marshall para o Rio American, a fim de construir uma serraria, estava vivendo os melhores dias de sua vida. Então, os caçadores de ouro assolaram Nova Helvécia, matando seu gado e seus carneiros para se alimentarem e roubando até mesmo o canhão do forte. Quando ele apelou para as autoridades no sentido de reintegração de posse de suas terras, seu título de propriedade foi declarado sem validade, por ser uma concessão mexicana. Três anos após a descoberta do ouro, Sutter estava falido, e por um bom tempo viveu quase tão miseravelmente quanto Marshall.

Mais tarde, o legislativo da Califórnia concedeu uma pensão de 250 dólares a Sutter, considerando-a bastante apropriada por sua colaboração na descoberta do ouro e como uma compensação parcial pela perda de suas vastas terras. Este dinheiro lhe possibilitou ir para Washington, onde passava os dias tentando conseguir uma indenização

federal. De início, pediu 125 mil dólares, mas, ano após ano, como o Congresso não tomava nenhuma iniciativa, foi aos poucos baixando a quantia, na esperança de receber qualquer coisa pelo império que lhe tinha sido tomado. Em 1880 John Sutter morreu, ignorado e esquecido, num hotel barato de Washington. Seria trabalho e despesa demais para os Pioneiros e os Filhos Nativos trasladarem seu corpo até o Oeste. Este terminou num cemitério morávio, em Lititz, Pensilvânia. Depois que seu nome tornou-se historicamente importante, os californianos reconstruíram seu forte arrasado por vândalos, para que os turistas pudessem vê-lo quando chegassem a Sacramento.

Henry Bigler, Ira Willis e outros membros do Batalhão Mórmon juntaram cuidadosamente o ouro que tinham cavado no Rio American. No ano em que todos pareciam correr na direção da Califórnia, os membros do batalhão se voltaram para leste, para Salt Lake City.

Lá chegando, em obediência às leis da seita, deram um dízimo ou mais de seu ouro à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A maior parte deles prosperou no novo Estado de Deseret, assim chamado devido à Terra da Abelha no Livro dos Mórmons. Sem o ouro trazido da Califórnia, Deseret poderia ter entrado em colapso nos seus primeiros meses de existência, por falta de verba para as necessidades de desenvolvimento da colônia. De posse do ouro, o Concílio dos Cinquenta da seita se sentiu encorajado a reivindicar para Deseret os limites que se estendiam até o Oregon, ao norte; as Montanhas Rochosas, ao leste; o México, ao sul a Serra Nevada e a parte da costa do Pacífico que abrangia Los Angeles e o porto de San Diego, a oeste. O governante daquele imenso império era o Presidente dos Doze Apóstolos, o Provedor da Igreja, o Governador do Reino de Deus, marido de 70 mulheres — o Leão do Senhor, Brigham Young.

UM ANJO DE LUZ, UM DUENDE AMALDIÇOADO

As raízes de Brigham Young estavam em Vermont, onde ele nasceu no segundo ano do século XIX. Quando jovem, nos tempos difíceis daquela época, foi para o Oeste através do estado de Nova York, trabalhando como carpinteiro, pintor e vidraceiro. Em 1830, quando vivia num povoado fronteiriço próximo de Rochester, casou-se com uma mulher frágil, que lhe deu duas filhas e depois tornou-se inválida, tendo ele de levantá-la da cama todas as manhãs, após ter vestido e alimentado as filhas. As mãos dele eram calosas, tinha os ombros largos e musculosos, não usava barba e era bonitão, com cabelos castanha-vermelha cobrindo as orelhas, como era moda na época.

Assim como a maioria de seus vizinhos, Young se filiara a uma espécie de metodismo wesleyano primitivo, mas estava sempre desafiando a fé, pois não conseguia encontrar resposta ao enigma da vida.

No condado vizinho de Ontário, Joseph Smith, aos 17 anos, fora visitado por Moroni, um mensageiro dos céus, que revelou ao rapaz a presença de um registro sagrado gravado em placas de ouro. Smith escavou essas placas de uma colina chamada Cumorah e traduziu-as para o inglês, num estilo imitativo da versão da Bíblia Sagrada feita pelo Rei James, mas sem sua força poética. As placas consistiam de relatos de profetas que tinham vindo de Israel para a América. Alguns de seus descendentes eram índios americanos, mas no decorrer dos séculos suas práticas haviam sido corrompidas, tendo as tribos más triunfado sobre as boas até finalmente só restar Moroni.

Ao terminar a tradução das placas de ouro — que foram então devolvidas à guarda de Moroni — Smith arregimentou seguidores entre alguns dos seus vizinhos. Onze deles mais tarde testemunharam que

viram as placas, chegando a levantá-las em suas mãos. Um deles vendeu a fazenda para mandar imprimir em Palmyra, Nova York, cinco mil exemplares do Livro dos Mórmons, como foi traduzido por Joseph Smith.

Quando um desses exemplares do Livro dos Mórmons chegou a Brigham Young, ele leu-o com grande interesse. Após a visita dos missionários da nova Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, de Joseph Smith, ele foi totalmente convencido a deixar o metodismo e se tornar um mórmon. O que o atraía especialmente na doutrina mórmon era que a felicidade é a expectativa normal da vida, e gostava especialmente da citação do Segundo Livro de Nephi, capítulo dois, versículo 25: "*Os homens podem encontrar a alegria.*" Young não encontrara muita alegria no metodismo da fronteira. Aparentemente, um considerável número de outros americanos irrequietos, para o Oeste, mudando-se da mesma forma. Dentro de alguns meses, a nova seita tinha atraído milhares de membros, mas, devido à contínua perseguição, tiveram de sair do estado de Nova York. Seu novo refúgio foi Kirtland, Ohio, e o fluxo dos mórmons começou dobrando e depois triplicando a população local. Foi aí, em 1832, que Brigham Young conheceu Joseph Smith e falou com ele simbolicamente. "Eu queria tropejar e ribombar o evangelho para todas as nações (...) Ele queimava os meus ossos como fogo. Young, mais tarde, disse que Smith profetizara naquele momento que um dia ele, Brigham Young, presidiria a igreja.

Esse dia chegou 12 anos mais tarde, depois que os seguidores invejosos de outros credos levaram os mórmons à margem do Mississippi, em Nauvoo, Illinois. Lá, na fronteira do território dos índios, esse povo que sabia trabalhar com as mãos construiu uma nova Sião. Em volta do templo construíram uma cidade de tijolo sólido e pedra, a maior cidade do Illinois, e vários convertidos lá chegavam diariamente, vindos do Leste. Brigham Young partiu em missão para a Inglaterra, a fim de divulgar sua mensagem, e recrutou homens entre os marginais de Liverpool e Manchester — em todos os lugares da Grã-Bretanha onde pudesse encontrar homens de mãos calejadas que o ouvissem. Muitos deles foram para Nauvoo e os políticos do Illinois correram atrás de seus votos. Chicago era então apenas um vilarejo; os mórmons de Nauvoo promoveram o equilíbrio de poder entre os liberais

— conservadores e democratas. No final, este poder dos mórmons provou ser desastroso para eles, e os políticos ficaram temerosos; outras igrejas que lutavam por adeptos na fronteira oeste se ressentiam desse poder e queriam destruí-lo.

Quando Young voltou da Inglaterra, Joseph Smith informou-o de que tivera uma revelação de Deus, instruindo os mórmons a introduzirem a poligamia. Smith chamou a isso de casamento celestial e declarou que quanto mais mulheres o homem tivesse, maior seria sua glória no céu. Mais tarde, Young disse que sua primeira reação, ao ser informado por Smith da nova manifestação, foi de repulsa. No entanto, tanto ele quanto Smith começaram a arranjar várias mulheres, e Young se casou com quatro entre junho de 1842 e maio de 1844, sendo que a quarta tinha 14 anos de idade. Esta prática de poligamia devia ser secreta, conhecida apenas dentro da igreja, mas vários membros se opuseram a ela com tanta veemência que renunciaram à doutrina mórmon. Boatos agressivos sobre licenciosidade em Nauvoo começaram a se espalhar pelo Illinois e pelo Missouri. A 7 de junho de 1844, dois apóstatas publicaram um jornal repleto de ataques à igreja por sua prática da poligamia. Joseph Smith e seu Concílio dos Doze imediatamente ordenaram que a impressora fosse destruída, ato este que deu aos inimigos da seita o pretexto que esperavam para acabar com o poder crescente de Nauvoo. Smith foi preso pelas autoridades estaduais e mandado para uma prisão próxima de Carthage. Na tarde de 27 de junho, um grupo armado de camponeses que detestavam os mórmons invadiu a prisão, matando Smith a tiros. Ele foi o primeiro líder religioso a ser assassinado na América.

A igreja alquebrada que Joseph Smith fundara provavelmente seria exterminada, não fosse a vontade férrea de Brigham Young. Embora ela estivesse fragmentada, Young conseguiu manter a união entre a maioria dos crentes. Antes de entregar Nauvoo à população revoltada, ele acrescentou à sua coleção de mulheres várias viúvas do mártir Joseph Smith e depois levou seu povo para o Oeste.

Ficou então evidente para Young que os mórmons só poderiam viver em paz isolados de um governo que parecia determinado a não deixá-los adotar Deus à sua maneira, ao invés de oferecer proteção, como era garantido pela constituição. Sabia que precisava encontrar um lugar tão

indesejável que ninguém pudesse cobiçar. Com a ajuda dos mapas dos antigos exploradores, encontrou o que procurava no território então pertencente ao México, o deserto desvalorizado do Grande Salgado.

No verão de 1847, Young levou a primeira companhia através das planícies — 143 homens, três mulheres e duas crianças, em 73 carroças. A 28 de junho, em Big Sandy, conheceu Jim Bridger, que estava a caminho do Forte Laramie. Como Young ansiara muito conhecer Bridger em seu forte e colher informações sobre a bacia do Lago Salgado, convidou o veterano Homem da Montanha para acampar com os mórmons durante a noite. Bridger aceitou e, com seu habitual modo áspero, disse a Young que não seria prudente levar muita gente para a bacia do Lago Salgado; era pouco mais que um deserto. Quando o líder mórmon replicou que era guiado por Deus, Bridger zombou dele e ofereceu-lhe mil dólares pela primeira colheita de milho que conseguissem na bacia. Desenvolveu-se uma frieza entre os dois; o que aqueles dois homens tinham em comum era um gosto especial por várias mulheres.

A 24 de julho, Brigham Young chegou ao lugar indicado em sua visão e ficou lá até morrer, 30 anos depois, como um governante absoluto dos seus seguidores, fundindo a igreja ao estado, ditando a religião, a economia, a política e até mesmo as atividades sociais. Forçou seu povo a sobrepujar as secas, as pragas de insetos, a escassez de madeira, as primeiras geadas, a falta de mercado e transporte. Mostrou a eles como conseguir água derretendo a neve das montanhas que davam para os vales, tornando-os verdes e aumentando seus rebanhos com a boa pastagem. Construiu teatros para dança e diversões, escolas, pois acreditava que era impossível o homem ser salvo se fosse ignorante, e templos para os casamentos, batismos e pregação de suas mensagens.

Depois da Guerra Mexicana, quando a bacia do Lago Salgado tornou-se parte do território americano, Young fez uma petição para que seu estado de Deseret fosse anexado à União, mas a petição foi recusada, por Deseret ter população muito pequena. Para aumentar a população, enviou missionários por todos os estados e para vários países estrangeiros. Então, vários convertidos chegaram às centenas, em carroças arrebitadas ou a pé, puxando carros de mão. Mas não era falta

de população que mantinha os mórmons fora da União. O motivo real era a poligamia, que suscitava o ciúme feroz e amargo do sistema puritano, embora só cerca de cinco por cento das famílias mórmons fossem polígamas. Deseret tornou-se o fechado território de Utah, consideravelmente reduzido em relação à área original reivindicada por Young. Permitiram que ele permanecesse como governador, mas teve de aceitar as leis dos juízes federais, um dos quais foi descrito por ele como "*um novilhinho que devia ir direto para casa procurar sua mãe*".

Ignorando as fronteiras geográficas do território de Utah, Young e seu concílio estabeleceram povoações mórmons muito ao norte e ao sul, bem como na costa do Pacífico. Procuraram localizações estratégicas para controlarem as rotas de viagem para dentro e para fora de Utah, entre elas o forte de Jim Bridger. A pretexto de Bridger estar vendendo armas para os índios e incitando-os à guerra, uma força paramilitar de 150 mórmons escorraçou Bridger e sua família para as montanhas. Arrasaram seu posto de comércio, esvaziaram seus prédios e levaram seu gado. Depois de tudo feito, estabeleceram seus próprios postos de comércio ao longo das encruzilhadas das trilhas.

Enquanto isso, uma onda de revolta contra os mórmons varria o país. Histórias de haréns, meninas forçadas a se casarem, comportamentos bestiais, planos de expansão territorial, maus-tratos aos não-mórmons encheram os jornais do Leste. Os mórmons, naturalmente, reagiram tornando-se xenófobos, suspeitando de todos os atos do governo federal, criando uma situação que só serviu para fortalecer a mão poderosa de Young em sua batalha pelo poder absoluto. Ele desafiou as cortes que o acusaram de administrar um "*governo clerical(...) despótico, perigoso e condenado*". Mais uma vez, a razão mais profunda de pressão contra Young era provavelmente a poligamia. Em 1857, o Presidente James Buchanan declarou que Brigham Young e seus seguidores estavam em estado de revolta contra o governo dos Estados Unidos e, em maio daquele ano, ordenou que um exército marchasse do Forte Leavenworth e invadisse o Reino dos Santos. Jim Bridger ofereceu-se para servir de guia à expedição, reocupou o seu forte e arrendou-o ao Exército para servir de base de suprimentos. A 15 de setembro, Young anunciou que resistiria e lutaria com a espada do Senhor. Proclamou uma lei marcial

em Utah, ordenou ao seu povo que começasse a evacuar as cidades e fosse para o campo, onde início uma guerrilha.

Tal como a maioria dos combates com guerrilhas através da história, o Exército dos Estados Unidos sofreu uma série de fiascos, caçando um inimigo invisível, perdendo comboios de suprimentos e quase morrendo de fome e de congelamento durante o inverno. Young, nesse meio tempo, fez inúmeras denúncias e tornou-se uma celebridade nacional. Falava em mudar toda sua colônia para o México ou para o Alasca russo, a fim de escapar da "*turba armada de mercenários*" que tinha sido enviada contra ele. Nos bastidores, negociações eram feitas entre os representantes de Young e dos Estados Unidos. Em abril de 1858, as hostilidades terminaram com um empate. Young concordou em não mais resistir e aceitou as leis de um governador pagão (*não-mórmon*). Os Estados Unidos concordaram em retirar suas tropas depois de fazê-las marchar por Salt Lake City, como um símbolo da supremacia da república. Na verdade, nada mudou. Brigham Young continuou a governar sua igreja — que era Utah — e ignorou todas as diatribes contra a poligamia. De fato, depois que os problemas da invasão terminaram, ele acrescentou várias outras mulheres à sua coleção, e seus filhos se tornaram tão numerosos que precisou construir uma escola particular para eles.

Ele se tornara então uma figura mundial, sempre visitado por celebridades que passavam por Salt Lake City. Horace Greeley o entrevistou e disse que ele era um "*homem forte, de 55 anos, que parecia gostar da vida, não tendo nenhuma pressa especial de ir para o céu*". Sir Richard Burton, que viera da Grã-Bretanha esperando encontrar um hedonista às voltas com um harém igual aos da Arábia, viu em vez disso "*um fazendeiro gentil*" com roupas cinzentas e rústicas. "*Sua comida favorita é batata cozida com um pouco de soro de leite, e ele só bebe água (...) Tem as maneiras simples de um homem honesto. Seus seguidores o consideram um anjo de luz; seus inimigos, um duende amaldiçoado.*" Burton tentou ler um exemplar do Livro dos Mórmons que Brigham lhe dera de presente. "*Certamente nunca vi um livro tão cansativo e pesado; é tão monótono como uma pradaria de salvas (...) Num certo sentido, ele fez alguma coisa. A América, como a África, é*

um continente do futuro; o Livro dos Mórmons criou para ela um passado histórico e miraculoso."

E assim o Leão do Senhor floresceu, mas lutou em vão para conseguir a anexação do território de Utah à União, como um estado. Só muito depois da sua morte, e da poligamia ter sido abolida, é que Utah se tornou um estado, em 1896.

Inevitavelmente, foi uma mulher que quase dobrou o espírito de Brigham Young. Mulher nº 19, como ela se chamava, mas na verdade vinha muito abaixo na lista. Era a mulher nº 51, segundo as contagens. Seu nome era Ann Eliza Webb, mas ela era apenas uma adolescente no ano em que Young fez o acordo com o Exército Americano, e só foi aparecer em cena muito mais tarde — na época da Revolta das Mulheres no Oeste.

AS CARROÇAS VELOZES DE JOHN BUTTERFIELD

"Disseram-me que os mórmons permitiriam que fosse feita qualquer vistoria em suas terras", disse o Capitão Howard Stansbury quando o enviaram para Utah, em 1849, a fim de encontrar uma rota mais direta para a Califórnia. "Alguém me sugeriu que, se eu insistisse em tentar levar a cabo a missão, minha vida correria grave risco." Antes de iniciar sua vistoria, Stansbury tomou coragem, chamou Brigham Young e lhe disse o que o tinham mandado fazer. Para sua surpresa, Young falou que era muito a favor de melhores estradas, que ele e o concilio de sua igreja havia "pensado em alguma coisa assim, mas que ainda não tinham capacidade de enfrentar as despesas; mas que qualquer assistência que pudessem dar para facilitar nossas operações, seria oferecida de bom grado, na medida do possível".

Esta atitude de uma pessoa supostamente isolacionista também surpreendeu Sir Richard Burton, em 1860. *"Os mórmons, tendo perdido todas as esperanças de segurança no isolamento, agora procuram-na ao contrário; o atual hobby deles é comunicação postal entre os estados do Leste e do Oeste; estão ansiosos por comerciar seus produtos e por uma maior facilidade e economia de importação."* Brigham Young e seus seguidores não eram ascetas que viravam as costas para as bênçãos materiais do mundo. Os homens devem ter alegria, e a prosperidade é mais alegre que a adversidade. Tinham sido contaminados pela febre do Oeste, e, tão ansiosamente quanto os pagãos, procuraram ouro na Califórnia e o que podia ser comprado com ele. Para ter segurança, raciocinavam eles, o Reino dos Santos tinha que ser forte, e a fortuna ganha através da comunicação e do comércio tornaria o reino forte.

Um mês após se estabelecerem no Vale do Lago Salgado, os mórmons foram os primeiros que prestaram serviço de correio no Oeste,

mantendo um movimento irregular de correspondência e bagagens para o Missouri e a Califórnia, até que Deseret se tornou o território de Utah. Em 1850, o Correio dos Estados Unidos começou a prover um serviço regular no novo território e os mórmons ganharam a licitação por alguns contratos de entrega. Os registros de inverno de 1850/51 mostram que um correio de Salt Lake City para Independence "*passava por neve de 30 a 90 centímetros de profundidade durante 17 dias*", e outro registro mostra que Brigham Young tinha de mandar uma turma de estrada limpar a trilha bloqueada pela nevasca antes da passagem da carroça do correio.

Do fim do outono até o fim da primavera, as neves, as chuvas e as enchentes assolaram os portadores do correio, sendo as Montanhas Wasatch a barreira mais difícil em época de mau tempo. Em 1854, o contrato transcontinental passou para um pagão, W. M. F. Magraw, mas, dois anos depois, Hiram Kimball, um mórmon, obteve-o de volta. Dizendo que a seita de Kimball tinha subsidiado a baixa tarifa, o enraivecido Magraw foi a "Washington juntar sua voz ao protesto contra os mórmons, que acabou induzindo o Presidente Buchanan a enviar um exército contra os "*despóticos, perigosos e amaldiçoados*" seguidores de Brigham Young. A Guerra de Utah virtualmente parou o serviço de correio, bem na época em que os californianos faziam os maiores apelos para um transporte mais rápido e mais regular pelo país. A população branca da Califórnia tinha subido de 15 mil para 300 mil habitantes desde a descoberta do ouro, e eles se irritavam por ficarem de três a seis meses atrasados em relação ao resto do país. Grande parte do transporte de correspondência, bagagem e viajantes era feita por um navio a vapor de alto preço, que tinha o monopólio do ramo; e até mesmo com o término da estrada de ferro de 75 quilômetros através do istmo do Panamá, em 1855, o tempo perdido com baldeação e travessia era intolerável para os impacientes californianos, tão subitamente enriquecidos.

Em abril de 1856, 75 mil californianos da área de San Francisco assinaram uma petição gigantesca ao Congresso, exigindo a construção de uma estrada para as carroças e um serviço postal terrestre entre o Leste e o Oeste, diariamente. Esta lista formidável de eleitores zangados foi enrolada em couro e enviada para Washington pelo lento navio a

vapor. Um ano depois o Congresso respondeu, aprovando uma lei que autorizava o diretor-geral dos Correios a contratar um serviço duas vezes por semana, saindo de um determinado ponto do Rio Mississippi para San Francisco, em "*coches de quatro bons cavalos ou carroças de molas, para conveniência dos passageiros e segurança do correio (...)* tal serviço será realizado em 25 dias para cada viagem". Uma considerável manobra política precedeu e seguiu a aprovação da lei. Todas as cidades ao longo do Vale do Mississippi, de Chicago a Nova Orleans, reclamavam o privilégio de ser o ponto terminal do Leste do correio terrestre. O diretor-geral dos Correios, Aaron V. Brown era do Tennessee, e usou de sua influência para favorecer Memphis. Brown também queria uma rota para o Sul, pedido que suscitou a ira das forças antiescravagistas do Norte, que viam isso como um esquema para estender o poder sulista e a escravatura para o Oeste. "*Uma das maiores patifarias já perpetuadas no país pelos donos de escravos*", declarou o Tribune de Chicago, que tinha pleiteado fortemente para que sua cidade fosse escolhida como ponto terminal do Leste.

Na verdade, o Departamento de Correios perdera a fé na capacidade dos portadores de levarem a correspondência com alguma regularidade através dos desfiladeiros das Montanhas Rochosas durante o inverno, e também mostrava-se inseguro quanto às condições futuras do território de Utah, que estava em luta armada quando os contratos do correio terrestre lhe foram tirados.

A rota foi finalmente aprovada por Brown, com dois pontos terminais no Leste, um em Memphis e outro em St. Louis. As rotas convergiam para o Forte Smith, no Arkansas, e depois seguiam em direção sul, através do território índio e do Llano Estacado texano, até El Paso. De El Paso, as diligências passavam diretamente por 450 quilômetros do árido território do Novo México, através do Apache Pass, até Tucson, Maricopa Wells e Yuma, onde cruzavam o Rio Colorado numa balsa. Daí, no extremo sul da Califórnia, a rota seguia para norte, até Los Angeles, e depois, pelo vale central, até San Francisco. Sacramento, a orgulhosa capital, que recebia o correio e as notícias do Leste por portadores terrestres antes que chegassem a San Francisco, não estava incluída na rota. "*Um golpe sujo*", disse um jornal de Sacramento, "*um ultraje à maioria do povo do estado!*" Outras

críticas sobre a rota diziam que ela era demasiadamente longa, e logo a chamaram de "a rota do chifre de boi", por causa de sua forma semicircular nos mapas.

Mesmo o homem que obtivera o contrato terrestre do correio, John Butterfield, acreditava que podiam ter escolhido uma rota melhor. Butterfield, entretanto, não era homem de se dobrar a obstáculos difíceis. Horatio Alger poderia ter descrito sua vida num romance sem mudar uma linha sequer. Nascido no norte do estado de Nova York no mesmo ano em que nasceu Brigham Young, Butterfield teve uma educação deficiente antes de começar a ganhar a vida como condutor de diligência, ainda menino, em Utica, Nova York. Vivendo frugalmente e juntando seus pequenos salários, dentro de pouco tempo estava com sua própria frota de diligências e logo tinha a maioria das rotas a oeste de Nova York sob seu controle. Estendendo suas atividades às barcaças do Canal Erie, aos barcos a vapor do Lago Ontário e aos bondes urbanos de Utica, John Butterfield tornou-se o magnata dos transportes. Também criou estradas de ferro e linhas de telégrafo, e quando descobriu que dois outros nova-iorquinos, Henry Wells e William Fargo, estavam fazendo muito dinheiro com o negócio de expressos, estabeleceu uma companhia para competir com eles. Em 1850, os três homens fundiram suas operações na gigantesca companhia American Express, estendendo seus serviços às cidades ao longo da fronteira do Oeste e desalojando a maioria de seus rivais nesse campo. Quando Welles e Fargo formaram uma subsidiária com seus nomes, em 1852, para suprir as exigências de viagem e transporte para a Califórnia, de correio, de passageiros e de ouro através do istmo do Panamá, John Butterfield foi o diretor de operações que garantiu um transporte seguro.

Em 1857, quando Butterfield tentou conseguir o contrato do correio terrestre para o Oeste, um de seus sócios na aventura foi William Fargo e por trás deles estava a poderosa estrutura financeira da Wells, Fargo & Companhia. Os três estavam intimamente associados a James Buchanan, o celibatário Presidente dos Estados Unidos, que passava grande parte do tempo promovendo diversões exuberantes para seus amigos na Casa Branca enquanto a nação se encaminhava para uma guerra civil.

O contrato de Butterfield, assinado em 16 de setembro de 1857, lhe dava um ano para pôr na estrada diligências de correio vindas de St.

Louis, Memphis e San Francisco. Uma de suas primeiras tarefas foi supervisionar a rota. Ao terminar esta parte, a distância de St. Louis a San Francisco estava demarcada em 3.500 quilômetros. Nesse meio tempo, encomendaram 250 veículos aos fabricantes de diligências. Teriam também de construir estações, cavar poços no deserto, comprar 1.800 cavalos e mulas e contratar centenas de condutores, ferreiros e gerentes locais.

O supervisor pessoal deste empreendimento gigantesco era o próprio John Butterfield, homem que se impunha fisicamente pela força do seu olhar e pela voz. Tinha sido formado do mesmo material que seu contemporâneo de Nova York, Brigham Young — levado por uma tremenda energia numa busca interminável de poder e riqueza para além do horizonte do Oeste.

Embora tivesse quase 60 anos quando conseguiu o contrato do correio terrestre, dedicou todos os minutos do seu tempo preparando essa inauguração. Estava convencido de que esse empreendimento o faria um homem muito mais rico do que já era. A Califórnia era um tesouro e os homens que a ligassem ao Leste não poderia deixar de participar dessas riquezas. Tinha certeza de que os sulcos deixados pelas rodas de suas diligências em breve seriam trilhos de aço para as locomotivas a vapor. Butterfield vira isto acontecer no Leste; quem controlasse as estradas de ferro controlaria a riqueza da América.

Mesmo antes das estações serem construídas. John Butterfield já estava nas estradas, fazendo testes de velocidade. Com suas botas de couro de cano longo, um blusão amarelo e um chapéu mole de aba larga com copa achatada, ele parecia estar em toda parte ao mesmo tempo. Sua figura era tão impressionante que as lojas de todas as cidades por onde passava a estrada começaram a vender casacos, chapéus, botinas, camisas e gravatas estilo "Butterfield".

"Ele é o presidente mais ativo que já vi", comentou um repórter que cobria suas atividades. "Parece conhecer cada centímetro da estrada a ser conhecido por todos (...) Certamente, se o correio terrestre não tiver êxito, não será por falta de seu árduo esforço. Ele apressava os homens na troca dos cavalos em cada estação, muitas vezes indo ele próprio ajudar; e, certa ocasião, guiou durante uma curta distância. Sendo,

porém, um antigo condutor de diligência, ele está no seu elemento neste empreendimento."

Butterfield encontrou até mesmo tempo para fazer uma lista de instruções especiais para condutores, guardas e outros empregados. Frisou a importância de que os nomes dos passageiros constassem nas guias do ponto de embarque, insistindo para que as passagens fossem pagas antes e os nomes verificados na hora da partida das diligências. Estabeleceu o preço das passagens diretas de Memphis ou St. Louis para San Francisco em 200 dólares e para distâncias mais curtas em dez centavos por cada quilômetro e meio. *"As refeições e provisões dos passageiros correrão por sua própria conta, não sendo incluídas no preço da passagem regular. A companhia pretende, assim que possível, ter boas refeições, em lugares apropriados, preparadas para os passageiros a preço módico. Cada passageiro terá direito de levar bagagem que não exceda, de forma alguma, o peso de 80 quilos."* Butterfield concluiu seu plano pedindo aos empregados que oferecessem conforto e bem-estar aos passageiros e que tratassem tanto os usuários quanto o público com civilidade.

Como que se lembrando mais adiante, ele então acrescentou uma nota sobre os índios: *"Deve-se fazer uma boa observação em relação aos índios. Não deve haver nenhum intercâmbio e eles devem ser deixados em paz; não devem ser provocados ou maltratados de forma alguma. Todo o tempo será mantida uma guarda eficiente e esta guarda deverá sempre estar pronta para qualquer emergência. JOHN BUTTERFIELD, Presidente."*

Quando Butterfield estava preparado para iniciar o serviço das diligências, uma estrada já se estendia de St. Louis para Tipton, Missouri, e ele aproveitou-se disso para aumentar a velocidade da viagem, estabelecendo um ponto de baldeação em Tipton para o correio e os passageiros, com a diligência para o Oeste partindo de lá. A 16 de setembro de 1858, Butterfield, juntamente com Waterman L. Ormsby, repórter de 24 anos do Herald, de Nova York, embarcou num trem da ferrovia do Pacífico em St. Louis e viajou 250 quilômetros a oeste para Tipton. Levava consigo dois sacos do correio. Esperando por eles na boleia de uma diligência nova e reluzente estava, seu filho John Jay, esplendidamente vestido com uma roupa "Butterfield", que incluía uma

enorme gravata-borboleta xadrez. John Jay Butterfield acabara de posar para um artista do Jornal Ilustrado de Frank Leslie, que também retratou o "*estalo feliz do chicote do jovem Butterfield*" quando a diligência saiu de Tipton com seus dois sacos de correio e os três passageiros.

"*Viajamos a uma velocidade bastante rápida*", reportou Ormsby, do Herald, "*porque John Jr. decidira que o correio terrestre deveria chegar ao destino na hora certa; e embora seu pai a toda hora dissesse 'Cuidado, John', ele assegurou que 'estava tudo bem' e continuou a guiar.*"

Cada vez que a diligência se aproximava de um posto, o guarda, que ficava ao lado do cocheiro, tocava a cometa para avisar aos chefes de estação que preparassem novas parelhas de cavalos para serem atreladas. Graças à forma alerta de guiar de John Jay e à sua presteza em trocar os cavalos da diligência, estabeleceu-se um novo recorde para Springfield, onde os habitantes saudaram a chegada com uma salva de canhões. Lá eles se transferiram para um carro Celerity, um tipo de veículo mais rápido e mais leve que Butterfield tinha criado para as partes mais difíceis da rota.

O corpo do Celerity era semelhante ao da diligência comum, mas se apoiava em rodas menores e ficava mais próximo do solo. Nove passageiros podiam se sentar, em colunas de três. O teto e o arcabouço eram cobertos de lona pesada. "*Cada um deles tem três assentos*", anotou o jovem Ormsby, "*dispostos de modo que os encostos possam ser arriados, formando uma cama capaz de acomodar de quatro a dez pessoas, conforme seu tamanho e seu modo de deitar.*" Como Butterfield tinha programado que a viagem prosseguisse também durante a noite, a não ser quando o tempo e as condições da estrada não permitissem, essas camas improvisadas ofereciam algum alívio, embora o repórter do Herald admitisse que achava ótimo sair e andar um pouco quando chegavam às colinas íngremes, pois o exercício fazia com que ele se esquecesse da terrível dor nas costas que sentia devido à "*incessante viagem sem dormir*".

No Forte Smith, John Butterfield saiu da diligência e esperou a chegada do primeiro correio terrestre de San Francisco. Ormsby era agora o único passageiro. A 28 de setembro, 12 dias após deixar St. Louis, a diligência do repórter cruzou com o correio que ia na direção

leste. O ponto de encontro era Guadalupe Pass, 150 quilômetros a leste de El Paso, e indicava que ambas as diligências mantinham os horários que deviam observar dentro dos 25 dias estipulados pelo contrato. *"Depois de se congratularem e contarem as novidades, os dois grupos se separaram e tive a oportunidade de enviar para o Herald um artigo que havia escrito para aquela ocasião."*

Segundo os cálculos de Ormsby, a diligência dele fez uma média de cerca de dez quilômetros por hora de Tipton a El Paso, mas de El Paso a Tucson os cocheiros quase dobraram a velocidade. O Rio Grande era apenas *"uma pocinha insignificante"* e o Vale Mesilla parecia um *"vasto anfiteatro"*. Alguns quilômetros além de Cooke's Spring, encontraram uma segunda diligência de correio vinda de San Francisco, mantendo o esquema de duas vezes por semana do contrato de Butterfield. A 1º de outubro, passaram por uma tenda com um tosco letreiro que dizia: ADEUS DO SOLDADO. Estavam próximos à Linha Divisória Continental, e ali ficava a fonte onde os soldados em marcha para a Califórnia enchiam seus cantis e diziam adeus ao Leste que estavam deixando.

Os funcionários da estação estavam começando a construir uma barricada de pedra para se protegerem dos apaches ressentidos pelas invasões das suas terras. Quando a lua apareceu naquela noite, a diligência entrou no Apache Pass, onde três anos mais tarde Cochise e Mangas Colorado iriam desafiar o Exército dos Estados Unidos e parar as *"carroças velozes"* do correio de Butterfield. *"Estávamos entrando na parte mais perigosa da região apache"*, registrou Ormsby. *"Engoli um jantar às pressas — carne, bacon e bolo — para que pudéssemos atravessar o passo o mais cedo possível."*

Na tarde seguinte chegaram a Tucson, *"com umas poucas casas de adobe, habitantes em sua maioria mexicanos, a primeira cidade do Arizona digna de nota"*, a apenas 1.800 quilômetros de viagem de San Francisco. No Forte Yuma atravessaram o Colorado de balsa, e então, nos próximos mil quilômetros, viajaram pelas areias pesadas, que prendiam as rodas da diligência. De tempos em tempos, ao longo da estrada, viam pilhas de ossos esbranquiçados de animais servindo de marcos para que os viajantes não se perdessem durante as frequentes tempestades de areia, que cortavam o rosto dos passageiros e assustavam

os cavalos. A 7 de outubro chegaram a Los Angeles, uma cidade "*próspera de homens de negócios*", com cerca de seis mil habitantes (*desde a década em que o Batalhão Mórmon estivera lá, Los Angeles dobrara de tamanho*). De Los Angeles a San Francisco, as trilhas eram boas em quase todo o percurso e a diligência às vezes alcançava 20 quilômetros por hora. De Pacheco Pass a Gilroy, o ansioso cocheiro deixou a diligência descer voando as colinas íngremes, a 30 quilômetros por hora, quase matando Ormsby de medo. "*Eu me agarrei no assento e prendi a respiração, esperando que pudéssemos sair a salvo.*"

Em Gilroy, a maior parte dos 600 habitantes da cidade se reuniu para saudar o primeiro correio terrestre vindo do Leste.

— Há quanto tempo saíram de lá? — perguntou um homem a Ormsby.

— Deixamos St. Louis no dia 16 de setembro.

— Bem, é um recorde para as viagens de diligência. Como é que está a linha do outro lado?

Ormsby lhe disse que era lenta, em comparação com a viagem pelas estradas da Califórnia.

— Lenta, hem? É claro, todos os outros estados são lentos. Deixe que venham para a Califórnia e vejam um pouco da nossa vida. Aqui nós vivemos (...) e vivemos depressa.

San Francisco, o final da jornada, estava já a menos de 150 quilômetros agora, e Ormsby teve sua primeira visão da cidade mágica ao nascer do sol de uma manhã de domingo, a 10 de outubro. "*Em breve estávamos passando pelas ruas, e com o chicote estalando chegamos ao nosso destino, para grande consternação de tudo que estava no meio do caminho e para grande surpresa de todos. Rapidamente, subimos uma rua e descemos outra, viramos várias esquinas, até finalmente chegarmos ao escritório da companhia, em frente ao Plaza; nosso guarda deu um forte sopro na cometa com um ar de triunfo, pela chegada do primeiro correio terrestre a San Francisco, vindo de St. Louis.*" O tempo de viagem foi de 23 dias e 23 horas e meia. Ormsby, o único passageiro a fazer a viagem completa, disse ter sido a primeira pessoa a atravessar as planícies em menos de 50 dias. Não havia mais dúvida de que John Butterfield agora oferecia a viagem mais rápida e mais longa do mundo numa diligência..

Como o correio terrestre chegara um dia antes do horário previsto, não havia um comitê de recepção esperando por ele. Na manhã seguinte, o Bulletin de San Francisco saudou a chegada, desculpando-se: "*Se não fosse o sabá, o regozijo espontâneo e improvisado teria possivelmente sido maior do que quando anunciaram o sucesso do assentamento do cabo do Atlântico (...) A importância do empreendimento não pode ser apreciada à altura. A Califórnia torna-se assim ligada ao resto da União.*" Igualmente entusiasta foi o Alta Califórnia, que disse que o ressoar da cometa do primeiro correio terrestre vindo de St. Louis dava "*grande alegria*" a San Francisco. "*A grande verdade passou de repente para todos os corações, a todas as multidões que esperaram tanto tempo, ali na costa oeste do continente, pela consumação da abertura da grande estrada transcontinental.*"

Naquela tarde, a Companhia Monumental de Bombeiros de San Francisco celebrou a ocasião dando 32 salvas de canhão, e no dia seguinte a Primeira Guarda da Califórnia disparou 200 salvas. Os cidadãos fizeram um comício monstro e o jovem Waterman Ormsby foi o homem do dia. Quando o segundo Correio Butterfield chegou na sexta-feira, toda a cidade parou para as congratulações, as bandas tocaram e os canhões ressoaram.

John Butterfield continuou melhorando seu serviço, e por volta de 1860 suas "*carroças velozes*" carregavam muito mais correspondência que o antigo monopólio marítimo, via Panamá. Mais tarde, ele reduziu o tempo de viagem de dois a três dias. Baixou as passagens diretas para 150 dólares, e os pedidos cada vez maiores mantiveram suas carruagens Celerity sempre lotadas. Um passageiro que tentou comprar uma passagem em St Louis, em dezembro de 1858, disse que havia tantos candidatos que chegavam a tirar sorte para ver quem teria o privilégio de conseguir uma passagem. "*Mais de cem candidatos queriam fazer esta viagem, e ofereciam 100 dólares a mais por um lugar.*"

William Tallack, de Londres, que decidira fazer a viagem de San Francisco a St. Louis em 1860, teve de esperar dez dias por uma passagem direta; depois, ficou rodeado de tantos outros passageiros que só pôde embarcar "*dando cotoveladas, empurrando para sentar e ficando com os joelhos grudados aos dos outros. Do lado de fora estavam o cocheiro, o guarda e um número incontável de passageiros,*

pois, de acordo com o consenso popular, um veículo americano nunca fica 'cheio', há sempre lugar para 'mais um' (...) Além disso, havia as malas do correio e os passageiros, e estávamos tão apertados que quase não havia lugar para nos movermos no assento (...) Dormindo assim juntos, subimos 40 quilômetros por uma estrada montanhosa".

Nesse meio tempo, John Butterfield se mantinha em estreito contato com seus amigos do governo, tentando conseguir um lugar tão importante na estrada de ferro transcontinental em planejamento como tinha na rota do correio terrestre. Também estava decidido a aumentar para três vezes por semana o serviço de suas diligências. Trabalhando tanto quanto seus cocheiros e suas parselhas de cavalos, ele teve uma estafa no início de 1860. Voltou para Utica achando que ia se dar um breve descanso apenas, mas quando sua antiga energia não voltou a ser a mesma, decidiu abrir mão da presidência do Correio Terrestre Butterfield, pelo menos por algum tempo.

Entrementes, as primeiras sombras de desunião tinham-se formado no país. O antigo amigo de Butterfield, Presidente James Buchanan, era assediado por forças que não conhecia e que não sabia como controlar. John Brown atacou o arsenal de Harper's Ferry e foi enforcado. Os esforços de Buchanan para conciliar o Norte e o Sul dividiram seu próprio Partido Democrata e prepararam o caminho para a eleição de Abraham Lincoln. A Carolina do Sul separou-se e outros estados logo a seguiram, formando os Estados Confederados da América, tendo Jefferson Davis como Presidente. Buchanan proibiu a separação, mas não teve meios de detê-la. O Texas saiu da União em 19 de fevereiro de 1861, e dias depois as diligências de Butterfield foram detidas no Forte Smith e em Tucson. A 9 de março passou o último correio terrestre vindo do Oeste através de El Paso, chegando ao terminal da estrada de ferro, no Missouri, no dia 21, para descobrir que os simpatizantes dos Confederados tinham incendiado a estação e começavam a queimar as pontes ferroviárias.

Num esforço frenético para manter as linhas de comunicação abertas para a riqueza da Califórnia, o Congresso ordenou um serviço provisório na rota de Butterfield e gastou um milhão de dólares para abrir uma rota central, saindo de certo ponto do Rio Missouri para San Francisco. Como Butterfield ainda detinha o contrato do correio, sua companhia

transferiu os cavalos, mulas e diligências da rota sul e fez um arranjo contratual com a Central Overland Califórnia & Pike's Peak Express Company. Este último sistema de transporte tinha sido organizado para atender às necessidades de milhares de caçadores de riquezas que se haviam despejado sobre o Colorado após as descobertas de ouro e prata nesta região em 1858/59 — a chamada corrida do "tudo ou nada" ao Pico de Pike. A C.O.C. & P.P.E.C. pertencia a William H. Russel, Alexander Majors e William B. Waddell, três cavalheiros empreendedores que tinham enriquecido com contratos do governo e começavam a passar às operações de correios e passageiros.

A 1º de julho de 1861, teve início o serviço diário de correio entre St. Joseph, Missouri, e San Francisco, o tempo de viagem avaliado em cerca de oito dias. Durante os nove meses seguintes, o velho John Butterfield, do seu leito de doente em Utica, Nova York, viu seu sonho dourado de dominar o transporte do Oeste se esvaír em fumaça com a guerra civil, com as nevascas do inverno nas planícies e com as manobras financeiras de um magnata impiedoso, dominador e ladrão, chamado Ben Holladay.

Com 1,86m de altura, braços e pernas fortes, de cabelos desgrenhados e barba preta, Holladay parecia exatamente o pirata que era. Tinha vindo do desordeiro Vale do Rio Ohio do Kentucky para Weston, uma cidade turbulenta do Rio Missouri, e em 1839, aos 20 anos de idade, era dono de um bar e fazia dinheiro fácil com os caçadores de peles e os índios. Acrescentou um hotel ao bar, começou um negócio de encaixotamento e uma destilaria de uísque, e quando o General Kearny e seu exército do Oeste deixaram as cercanias do Forte Leavenworth, em 1846, Holladay conseguiu o contrato dos suprimentos. Vendeu as mercadorias e o gado a alto preço para o governo e comprou as mesmas mercadorias e o gado do governo a preço baixo. Quando foi encontrado ouro na Califórnia, ele fez provisões de mercadoria para lá e explorou os mineiros.

Holladay viu que podia fazer muito dinheiro com frete em carroças, mas o trio cavalheiresco de Russel, Majors e Waddell tinha-o vencido no monopólio daquela rica mina. Semelhante a um dos personagens fictícios do clã Snopes, de William Faulkner, Holladay, porém, abriu caminho naquela firma. Começou fornecendo animais de tração para R.

M, & W. a crédito, e durante a Guerra de Utah, quando William Russell precisou desesperadamente de farinha para conseguir um contrato de transporte com o Exército, Holladay milagrosamente surgiu com barris do produto. O preço da sua farinha era entrar como participante da aventura. Alguns anos mais tarde, quando Russell teve a ideia de fazer um expresso a cavalo para levar o correio com maior rapidez, novamente Holladay fez um empréstimo em dinheiro para o início daquele serviço de correio não lucrativo, que galopava para baixo e para cima pelas montanhas e planícies. Na época em que a guerra civil começou e o Correio de Butterfield foi ligado à companhia expressa de Russel, Majors & Waddell, Holladay mantinha uma influência financeira secreta sobre a nova . organização.

Ao contrário dos homens que o precederam no poder dos transportes do Oeste, Ben Holladay não se preocupava em esconder sua ganância. "*Ativo, incansável, inconsciente, inescrupuloso*", foi o que um de seus rivais falou dele, "*e totalmente destituído de honestidade, moralidade ou qualquer decência.*" A 7 de março de 1862, Holladay cobrou sua hipoteca e, pagando por cada dólar dez centavos, apossou-se do maior sistema de transporte do Oeste. Quando John Butterfield morria em Utica, Ben Holladay tornava-se o Rei das Diligências do Oeste.

O NAPOLEÃO DAS PLANÍCIES

"A empresa de transporte de Russell, Majors e Waddell é o grande acontecimento de Leavenworth", anotou Horace Greeley em sua viagem pelo Oeste, em 1859. "Quantos acres de carroças! Pirâmides de eixos de rodas! Manadas de bois! Regimentos de cocheiros e outros empregados! Quem não chega a ver isso não pode imaginar a grandeza do empreendimento, nem seus gastos imensos e sua renda. Presumo que esta grande firma tenha a esta altura dois milhões de dólares investidos em estoque, principalmente bois, mulas e em carroças."

Dos três sócios, Alexander Major e William Waddell pareciam contentes com seus milhões em 1859, mas William Hepburn Russell achava que o Oeste tinha um potencial a ser explorado infinitamente. Nunca parava de imaginar esquemas para empilhar dinheiro e crédito, assim como empilhava eixos de rodas. Os três homens tinham origem semelhante e haviam ido jovens para a fronteira do Missouri, quando lá prosperava o comércio de peles, trabalhando como empregados de lojas e bancos, economizando dinheiro suficiente para comprarem algumas carroças e entrarem no comércio de Santa Fé. O negócio deles era mercadorias, e, depois de juntarem suas forças em Leavenworth, praticamente monopolizaram o frete de carroças através do Oeste. Will Russell era o cérebro do grupo, diziam todos. Chamavam-no de Napoleão das Planícies.

Quando se descobriu ouro no Colorado, em 1858, Russell achou que tinha chance de fazer fortuna abrindo uma linha de diligências para Denver. Seus sócios estavam em dúvida e se recusaram a investir dinheiro da companhia naquela aventura. Falta de dinheiro nunca preocupara William Russell. Conseguindo crédito baseado principalmente na sua parte das ações da R. M. & W., formou uma sociedade separada com John S. Jones, um antigo rival, e juntos os dois

compraram 800 mulas e 50 diligências Concord, os primeiros veículos luxuosos a serem usados nas planícies do Kansas.

As faturas de Russell venciam em 90 dias, e suas despesas com cocheiros, animais e chefes de estação chegavam a mil dólares por dia antes dele iniciar a primeira viagem de uma Concord para Denver, a 17 de maio de 1859. "*Todos acharam que seria um grande sucesso*", lembrou-se mais tarde Alexander Majors, "*mas quando expiraram os 90 dias e as faturas venceram, eles [Russell e Jones] não foram capazes de resgatá-las. E, apesar dos meus protestos no início dessa organização, que não tinha nada a ver com a nossa, foi necessário que a Russell, Majors & Waddell saldasse os compromissos da Jones & Russell. Para salvar nosso sócio, tivemos de pagar as dívidas da empresa e ficar com as mulas e as diligências (...) para assegurarmos o dinheiro que tínhamos adiantado.*" Isto aconteceu a 28 de outubro de 1859. A R. M. & W. continuou a operar o serviço, estendendo-o a Salt Lake City na esperança vã de torná-lo lucrativo. Essa foi a linha que mais tarde se tornou a Central Overland Califórnia & Pike's Peak Express, tão cobiçada e que finalmente passou para as mãos de Ben Holladay.

Determinado a recuperar as perdas que causara aos sócios, William Russell então foi para Washington e começou a lutar para tirar das mãos de John Butterfield o lucrativo contrato do correio terrestre pela rota sul. Encontrou um aliado no Senador William Gwin, da Califórnia, cujos constituintes estavam em constante demanda de um serviço mais rápido de correio e passageiros do Leste para o Oeste. No mês de janeiro de 1860, Russell e Gwin fizeram um acordo mútuo: Russell se comprometeu a organizar um serviço de correio a cavalo, saindo do Rio Missouri para a Califórnia, e Gwin prometeu obter um subsídio do Congresso para assegurar o seu êxito. Assim, com uma demonstração prática de um rápido serviço de correio numa rota central, eles esperavam conseguir tirar o contrato de Butterfield. A 27 de janeiro, Russell telegrafou de Washington a seus sócios, dizendo que estava ajeitando as coisas para iniciar o correio a cavalo — o Pony Express — no dia 3 de abril. Três dias depois, o jornal Leavenworth News publicou o interessante projeto de Russell: *GRANDE AVENTURA DO EXPRESSO DE LEAVENWORTH A SACRAMENTO EM DEZ DIAS. LIMPEM AS TRILHAS E DEIXEM OS PÔNEIS PASSAREM.*

Quando Russell voltou para Leavenworth, encontrou seus sócios firmemente contrários ao Pony Express. Afinal de contas, já tinham gasto muito dinheiro com a linha de diligências para o Colorado do Napoleão das Planícies, e seu Pony Express parecia ser um risco financeiro ainda maior. Russell ficou frustrado com a falta de coragem dos seus sócios. Não encontrara falta de confiança na R. M. & W. em Washington. O crédito da companhia era tão bom que Russell facilmente conseguira títulos resgatáveis assinados pelo Secretário da Guerra, John B. Floyd — a serem pagos com contratos passados e futuros do Departamento da Guerra com a R. M. & W. Ben Holladay, que um dia fora rival deles, estava disposto a adiantar este dinheiro e investir na aventura. O Pony Express era uma coisa certa, dizia Russell; tinha certeza de que poderia fazer o transporte do correio de Leavenworth à Califórnia em dez dias, em menos da metade do tempo que Butterfield levava através da sua rota. Uma demonstração como essa poderia fazer com que eles ganhassem milhões de dólares em contratos do correio.

"O Sr. Russell insistiu ardentemente que ficássemos do seu lado", disse Alexander Majors, "já que havia se comprometido com o Senador Gwin antes de sair de Washington, assegurando-lhe que seus sócios se uniriam a ele e que podia confiar no sucesso do projeto; disse que seria muito humilhante voltar a Washington e ser obrigado a dizer que seu esquema falhara por falta de confiança dos sócios."

Majors e Waddell mais tarde concordaram com o empreendimento, embora com relutância, e Russell ficou à vontade com seus títulos para organizar o Pony Express. Em 60 dias, gastou milhares e milhares de dólares das promissórias, adquirindo cavalos rápidos e caros, construindo estações, comprando equipamentos e ração e empregando chefes de estação e cavaleiros. Para conseguir os cavaleiros que queria, Russell colocou anúncios nos jornais da fronteira:

PRECISA-SE — Rapazes jovens, magros e resistentes, até 18 anos. Devem ser exímios cavaleiros dispostos a arriscar a vida diariamente. Preferência por órfãos.

Entre os numerosos candidatos ele escolheu 80, um dos quais era um menino de 15 anos, órfão de pai, chamado William Frederick Cody, e que poucos anos depois seria conhecido como Buffalo Bill. Ao contrário da lenda, o amigo de Cody, James Butler (Wild Bill) Hickok, não era

cavaleiro como ele; Hickok tinha 23 anos e pesava mais de 65 quilos, que era o peso limite, mas conseguiu emprego em uma das estações.

Antes de cada cavaleiro ser contratado, exigiam que ele jurasse solenemente que não usaria linguagem profana, não se embebedaria, não jogaria, não trataria os pôneis com crueldade e nem interferiria com os direitos dos cidadãos ou dos índios. Ele era então presenteado com um exemplar da Bíblia Sagrada, "*para defender-se da contaminação contra a morai*", um par de revólveres Colt e um rifle "*para defender-se dos índios em pé de guerra*". Os rifles foram mais tarde devolvidos, pois eram difíceis de serem carregados nos pôneis que galopavam pelas planícies.

No final de março, Russell anunciou, através dos jornais da Califórnia e do Leste, os horários de partida do correio a cavalo das principais cidades fazendo conexão ou com Sacramento ou com St. Joseph, de onde, a 3 de abril, os cavaleiros estariam saindo para suas primeiras viagens de leste a oeste. Como uma linha de telégrafo tinha chegado a St. Joseph, as mensagens podiam ser enviadas para lá de qualquer cidade no Leste e transferidas para o Pony Express.

No horário exato, às cinco horas da tarde do dia 3 de abril, um canhão do lado do escritório da Companhia R. M. & W. ressoou e um cavaleiro vestindo uma camisa vermelha, calças azuis e botas longas montou um pônei preto e galopou para a barcaça do rio com sua saca de correspondência de primeira classe. Aproximadamente à mesma hora, em Sacramento, toda decorada com bandeiras, um cavaleiro montado num pônei todo branco galopava em direção ao Leste.

Setenta e cinco pôneis foram usados na primeira viagem para o Oeste, levando dez dias e meio para chegar lá. Apenas 25 cartas foram entregues, ao preço de cinco dólares cada 14 gramas. À medida que se espalhava a notícia da velocidade e eficiência do Pony Express, o número de cartas começou a aumentar. Os correspondentes aprenderam a usar papel fino para suas cartas, e os jornais de Nova York, Chicago e San Francisco imprimiram edições especiais em papel fino, para serem enviadas pelo correio a cavalo.

A sacola de sela escolhida por William Russell era uma mochila mexicana, com quatro divisões. Uma abertura no centro permitia que ela se encaixasse bem no cabeçote da sela, de modo que ao montar o

cavaleiro ficava com uma divisão da mochila na frente e a outra atrás de cada perna. Três divisões eram trancadas nos pontos de partida e só podiam ser abertas nas cinco paradas da rota, para que as cartas fossem retiradas ou acrescentadas. A quarta divisão era usada para a correspondência local e podia ser aberta por qualquer chefe de estação.

Na época em que o Pony Express começou a atrair grande quantidade de correspondência — alguns homens de negócios e funcionários do governo chegavam a gastar 135 dólares por carta — o Congresso dos Estados Unidos se apressou a construir uma linha de telégrafo para o Oeste. A 16 de junho de 1860 foi aprovada uma verba para o término da linha de Omaha para a Califórnia. O contrato, celebrado em 22 de setembro, exigia que o trabalho fosse terminado a 1º de julho de 1862.

Como na construção da estrada de ferro transcontinental, uma década mais tarde, a construção do telégrafo transcontinental foi organizada entre as companhias concorrentes, uma trabalhando na Califórnia, na direção leste, e a outra no Rio Missouri, na direção oeste. O responsável pela linha oeste, que saía de Omaha, era Edward Creighton, homem ambicioso, pertencente à segunda geração de católicos irlandeses. Em 1840, aos 20 anos, Creighton ganhou o contrato para uma seção em Ohio da Estrada Nacional — a estrada que fez com que os colonos que iam para o Oeste ficassem menos dependentes dos rios em suas viagens, que abriu o Meio-Oeste aos pioneiros que lá se estabeleceram e que tirou qualquer esperança dos índios quanto à posse do antigo território do noroeste, a leste do Rio Mississippi.

Quando as estradas de ferro começaram a esticar, ao longo dos trilhos, os fios para enviar mensagens transmitidas pelo novo e espantoso sistema de Samuel Morse, o telégrafo, Creighton largou a construção de estradas para construir linhas telegráficas. Em 1860, construiu uma de St. Louis a Omaha, e naquele mesmo ano a companhia telegráfica Western Union Pacific designou-o para a tarefa de construir uma linha de Omaha até o Oeste.

Por volta de novembro, Creighton tinha um fio esticado até o Forte Kearny, terminando a primeira etapa do seu contrato antes que o inverno interrompesse os trabalhos. Num canto de uma casa de taipa usada como

correio no Forte Kearny, a companhia telegráfica instalou instrumentos, baterias e outros equipamentos para uso de seu primeiro operador, um aluno recém-formado pela escola de telegrafia de Morse, em Washington. Seu nome era George Ellsworth, um rapaz convencido, de brincadeiras de mau gosto, que dois anos depois juntou-se à cavalaria dos Confederados do General John Morgan e se tornou conhecido como "Ellsworth Relâmpago", tormento dos comandantes federais, até ser finalmente capturado em um dos assaltos ousados de Morgan. Durante o inverno de 1860/61, no Forte Kearny, Ellsworth estava tão ocupado que a companhia teve de mandar uma pessoa auxiliá-lo. A estação de Ellsworth era o fim da linha, e a maior parte das mensagens chegadas pelo fio era transferida para as mochilas dos cavaleiros do Pony Express que iam para o Oeste. Os telegramas falavam basicamente do Presidente recém-eleito, Abraham Lincoln, e da iminência de uma guerra civil.

William Russell, nesse meio tempo, tentava ajeitar a estrutura financeira em desintegração da R. M. & W. Ele tinha aplicado 700 mil dólares no Pony Express, e sabia muito bem que seu correio rápido e caro não poderia jamais competir com o telégrafo. No dia em que Edward Creighton terminasse a construção de sua linha, o Pony Express estaria acabado. No verão de 1860, Russell acreditou que tinha ainda dois anos de prazo para manter seus pôneis galopando, enquanto tentaria tirar o contrato do correio regular de John Butterfield.

Para manter a R. M. & W. a salvo, entretanto, ele teve de voltar, ao Leste a fim de conseguir algum dinheiro emprestado para pagar as promissórias que precisava resgatar. Ficou desanimado com a recepção que teve em Nova York; o mundo financeiro estava em tumulto com a situação no Sul e também estava a par das imensas dívidas da R. M. & W. Ele não tinha mais crédito disponível.

Preocupado porque um grande número de títulos resgatáveis assinados por seu amigo, o Secretário da Guerra Floyd, estavam em vencimento, Russel correu para Washington, na tentativa de encontrar algum meio de esconder do público suas dívidas e não comprometer a posição de Floyd no gabinete do Presidente Buchanan. Através de um grande número de políticos e funcionários do governo, Russell conseguiu chegar a Godard Bailey, um funcionário subalterno do Departamento do Interior que tinha acesso aos bônus negociáveis

mantidos para o Fundo de Crédito dos índios. Sendo parente de Floyd por casamento, Bailey se sentiu motivado a salvar o Secretário da Guerra da desgraça. Passou a Russel alguns bônus do Fundo de Crédito dos índios e este os levou a Nova York, conseguindo o dinheiro suficiente para pagar os títulos vencidos de Floyd. Tinha prometido a Bailey que os bônus hipotecados lhe seriam devolvidos dentro de 90 dias e que ninguém saberia disso.

Em vez de devolver os bônus do Fundo de Crédito dos índios, contudo, Russell ficou em Washington todo o mês de setembro, implorando a Bailey que lhe passasse mais bônus para cobrir aqueles que ele já tinha sacado. (*Os bônus desviados, que tinham salvo da falência a companhia de Russell, representavam anuidades não pagas aos índios, que ironicamente estavam sendo expulsos de suas terras pelas diligências e trens de suprimentos militares da Russell, Majors & Waddell.*) No final do verão, Russell tinha conseguido outro monte de título resgatáveis com a assinatura de Floyd para pagar as dívidas do Pony Express e da R. M. & W. Na verdade, durante os 90 dias, ele tinha gasto sete dólares para cada dólar que a companhia ganhara.

Godard Bailey sabia que estava numa cilada, mas ainda acreditava que Russell pudesse livrar a ambos. Passou-lhe outro lote do bônus, no valor de 387 mil dólares. Infelizmente, para os dois defraudadores, o mundo financeiro começava a entrar em pânico com a situação cada vez pior entre os estados nortistas e sulistas. Os valores das ações e dos bônus estavam entrando em colapso e os banqueiros e pessoas físicas, tais como Ben Holladay, recusavam-se a fazer qualquer tipo de empréstimo, mesmo com o respaldo de bônus de Crédito dos Índios. No início de dezembro, Russell estava de volta a Washington, garantindo a Bailey que se este conseguisse mais um lote de bônus, no valor de cerca de 350 mil dólares, ele poderia com isso resgatar os anteriores e impedir que os dois fossem apanhados, Bailey concordou com relutância, mas poucos dias depois, quando ficou óbvio que Russell não seria capaz de cobrir os desvios, confessou sua falcatrua aos superiores. Na véspera de Natal, William Russell foi mandado para a prisão, sendo sua fiança estipulada em meio milhão de dólares.

Russell queixou-se amargamente do alto valor de fiança, que disse ele, "*era maior que qualquer outra jamais conhecida nos anais dos*

procedimentos judiciais em qualquer parte do mundo". Que ele tivesse empenhado um milhão de dólares pertencentes às tribos índias não lhe parecia tão importante. Encheu-se de espírito patriótico e disse que suas ações tinham sido motivadas puramente por um desejo nacionalista de manter os carroções da R.M.& W. em operação, para que os suprimentos do Exército não fossem cortados.

A guerra civil estava agora quase na porta. O Secretário Floyd, envolvido no escândalo, renunciou e foi para sua terra na Virgínia, tornando-se general do Exército Confederado. Na confusão da guerra, Godard Bailey desapareceu, provavelmente juntando-se também aos Confederados. Russell foi interrogado por um comitê do Congresso e acusado de fraude, mas em março de 1861 foi inocentado da acusação por problemas técnicos legais. Ficou em Washington por alguns tempo, tentando descaradamente tirar o contrato do correio de Butterfield. Os acontecimentos da guerra, como vimos, em breve forçaram Butterfield a passar para a rota central, dando à R.M.& W. apenas um subcontrato para a sua Central Overland Califórnia & Pike's, Peak Express Company.

Na época em que o Forte Sumter caía em poder dos Confederados, Russell voltou para o Oeste a fim de ajudar seus sócios, para que a outrora poderosa organização não falisse. Em maio de 1861, ele foi para Denver, que se transformara numa cidade progressista de homens rapidamente enriquecidos, ansiosos por participação na linha principal de sistemas de transportes — inclusive a tão falada estrada de ferro transcontinental do futuro. Russell, que estava sempre procurando projetos novos e excitantes, encontrou-se com Jim Bridger para estudar a possibilidade de uma rota de carroções direta para o Oeste, de Denver a Salt Lake City, através das Rochosas. A estrada reduziria em 300 quilômetros a antiga rota através do Wyoming, e Bridger achou que talvez fosse viável. Russell uniu-se aos magnatas de Denver, no intuito de conseguir verba para empregar Bridger como explorador e o Capitão E. L. Berthoud como engenheiro. Naquele verão, Bridger e Berthoud projetaram uma rota através de um desfiladeiro que recebeu o nome de Berthoud, mas que estava longe de poder ser usado a 1º de julho, quando se iniciaria o serviço de correio diário pela nova rota central, com a fusão recente de Butterfield e a R. M. & W. Russell estava, entretanto,

tão confiante no futuro da rota Bridger-Berlhoud que foi a Idaho Springs e comprou lotes na cidade e concessões de minas com um monte fresco de notas promissórias. Estava certo de que os investimentos o tornariam muito rico quando a estrada de ferro passasse por lá.

No Leste, em Washington, o Presidente Lincoln estava pedindo tropas de 75 mil voluntários para abafar a revolta do Sul, e começavam as manobras que levariam à primeira batalha de Bull Run. Para o povo do Oeste a guerra parecia muito longínqua, mas Edward Creighton percebeu a urgência do governo quando lhe deram um incentivo monetário para completar a linha telegráfica antes da data estipulada de 1º de julho de 1862. Foi oferecida uma grande soma de dinheiro para a primeira companhia que chegasse a Salt Lake. Embora a companhia da Califórnia ficasse a apenas 750 quilômetros de Salt Lake City e Creighton tivesse de cobrir 1.800 quilômetros, ele aceitou prontamente o desafio.

Escolhendo 80 dos seus melhores homens, Creighton dividiu-os em três grupos. Encarregou um de cavar buracos, outro de cortar e assentar os postes e o terceiro de esticar os fios. Uma força de retaguarda de cerca de 300 homens encarregou-se do transporte do material e provisões, incluindo 76 carroças puxadas por bois, carregadas de isoladores e fios, e 700 cabeças de gado para corte.

O maior problema de Creighton foi conseguir postes apropriados onde a linha cruzava vastas planícies despidas de árvores. Segundo as especificações, os postes deveriam ter seis metros de comprimento, para que 1,20m fosse enterrado no solo, e às vezes eles tinham de ser arrastados por mais de 150 quilômetros. Creighton, porém, tinha supervisionado a rota cuidadosamente, localizado a madeira de antemão e distribuído os cortadores dos postes e os bois de modo que estivessem nos lugares certos na hora exata. Para manter seus trabalhadores satisfeitos, deu-lhes boas tendas e grande quantidade de comida, preparada em fogões portáteis.

A corrida para Salt Lake City começou a 4 de julho de 1861. Os trabalhadores cavavam cerca de 18 quilômetros por dia, fazendo 24 buracos a cada quilômetro e meio, mas o grupo dos postes aos poucos foi ficando para trás, e estava a 250 quilômetros de Salt Lake City quando o último buraco foi cavado. A 18 de outubro, Creighton esticou

o último rolo de fio até a Cidade dos Santos e recebeu o pagamento prometido. O grupo da Califórnia chegou seis dias depois, os fios foram conectados e a comunicação telegráfica estabelecida entre o Atlântico e o Pacífico. O Governador da Califórnia enviou a primeira mensagem, o Presidente Lincoln respondeu e Brigham Young enviou saudações em ambas as direções.

A 26 de outubro, apareceram breves notícias nos jornais do Leste e do Oeste: *O PONY EXPRESS SERÁ SUSPENSO A PARTIR DE HOJE*. Naquele mesmo dia o jornal Bee, de Sacramento, publicou uma mensagem de adeus:

Nosso amiguinho, o pônei, não vai mais galopar. "Pare", foi a ordem dada pelas autoridades. Adeus para sempre, a este mensageiro leal e forte, desbravador dos sertões, de patas velozes. Pelo bem que fizeste nós te louvamos e, tendo ganho a corrida e realizado tudo o que de ti era esperado, nos despedimos de teu serviço sem queixas, porque, e só por isso, pelo progresso dos tempos, pelo adiantamento da ciência e pelo empreendimento da capital, tu foste suplantado por um serviço público mais eficiente, mais ativo, mas não mais fiel. Foste o pioneiro de um continente na rápida transmissão da notícia entre os povos e levaste contigo o próprio relâmpago, que, a tempo, será seguido pela comunicação da locomotiva a vapor. Descansa com honra; fica satisfeito com ela, teu destino foi cumprido — um novo e maior poder te suplantou. Nenhum sangue ou dificuldade foi capaz de sobrepujar tua energia e ardor; mas uma coisa sem sentido, sem alma, que não come, não bebe e não se cansa — uma coisa que não distingue o espaço — que não sabe a diferença entre uma vara do chão e a circunferência do próprio globo, te englobou, te derrotou e te dispersou.

Ben Holladay, que tinha em seu poder milhares de dólares em notas promissórias contra a R. M. & W., não se entristeceu com o fim do Pony Express. Em seus 18 meses de existência, o rápido serviço postal tinha dado como retorno menos de um décimo da soma investida por William Russell. Enquanto os meses passavam, sem que a R.M.& W. conseguisse melhorar sua situação financeira, Holladay a princípio pediu uma promessa de pagamento, para se resguardar dos empréstimos que concedera, e depois uma hipoteca. E, em março de 1862, o que outrora fora a maior e mais poderosa empresa de negócios do Oeste passou das

mãos daqueles homens para o grande e petulante jogador de pôquer, Ben Holladay. Em breve, ele trocou o nome da companhia para Correio Terrestre Holladay.

Os três sócios da R.M.& W. passaram rapidamente ao esquecimento. Alexandre Majors, com 48 anos de idade, mudou-se para as Montanhas Rochosas e tentou, sem sucesso, organizar outras linhas de frete de carroças. Falhou na sua exploração da prata, arranhou um emprego como fornecedor de dormentes para a nova estrada de ferro transcontinental e depois desapareceu de cena. Em 1891, um dos antigos empregados de Majors, Buffalo Bill Cody, encontrou-o vivendo sozinho e quase sem um centavo numa choupana perto de Denver. Cody apresentou a Majors seu ghost-writer, Prentiss Ingraham, e juntos os dois escreveram *Setenta Anos na Fronteira*, o que levou o antigo gigante do transporte a se tornar notícia mais uma vez. Ele viveu até os 86 anos, morrendo em Chicago, a 14 de janeiro de 1900.

William Waddell, abandonado por muitos de seus antigos amigos, perdeu a maior parte da sua fortuna pessoal e viu suas terras serem vendidas para pagar os impostos. Viveu seus últimos anos na fazenda de sua filha, perto de Lexington, Missouri, morrendo aos 65 anos, em 1872.

Quanto a William Russell, cuja busca frenética por riqueza e poder foi grandemente responsável pela decadência dos seus sócios e dele próprio, foi atrás das fontes de dinheiro, em Nova York, na esperança de recuperar sua fortuna perdida. Wall Street, contudo, rejeitou suas propostas e, para se sustentar, Russell tornou-se vendedor de um remédio popular patenteado. Depois disso, mudou-se para Washington, procurando renovar suas antigas ligações com políticos e burocratas, mas não teve mais sorte aí do que tivera com os financistas de Nova York. Com o espírito alquebrado, sem saúde, procurou abrigo com um filho em Palmyra, Missouri, e morreu lá aos 60 anos, poucos meses depois da morte de Waddell.

Logo após ter-se apossado das empresas R.M.& W., Ben Holladay foi para o Colorado, a fim de estudar as possibilidades da rota do Berthoud Pass, com a qual William Russell se entusiasmara tanto. Holladay foi assediado pelos homens de Denver, ansioso pela abertura da nova rota, para que Denver pudesse se tornar a "*grande estação intermediária entre Nova York e San Francisco*". Mais esperto que

Russell, Holladay arranhou outro engenheiro para inspecionar o Berthoud Pass. Quando o relatório chegou, com a notícia de que o grau de inclinação era muito grande para uma estrada de ferro e que seria necessário um túnel durante a maior parte do ano devido às inclementes nevascas, Holladay perdeu todo o interesse na rota. Em 1862, estava pensando mais em estradas de ferro do que em atalhos para diligências.

Em Washington, o Congresso acabara de aprovar um decreto "*para ajudar a construção de uma estrada de ferro do Rio Missouri ao Oceano Pacífico*", e Lincoln transformou-o em lei no dia 1º de julho. Entre os sócios agraciados pelo decreto que criava a Estrada de Ferro Union Pacific estava Ben Holladay. Ele e seus associados estavam autorizados a construir uma estrada numa área de 60 quilômetros de largura através do Oeste, tirando das regiões adjacentes toda a terra, pedras e madeira que fossem necessárias para a via férrea. Para cada quilômetro e meio de leito de estrada construída eles receberiam de 16 mil a 48 mil dólares, conforme a dificuldade da construção. Como incentivo extra, o governo concedeu à Union Pacific dez seções alternadas de terra ou 6.400 acres para cada quilômetro e meio construído. Para obter esta terra para a estrada de ferro, o Congresso e o Presidente Lincoln prometeram "*abolir tão rápido quanto possível os títulos de todas as terras dos índios que se encontrassem na área da operação do decreto e necessárias à passagem da via férrea e as concessões que viessem a ser feitas*".

Para Holladay, então com 43 anos de idade, a estrada de ferro era um investimento a longo prazo, que o manteria rico quando estivesse velho. Nesse meio tempo, ele fazia fortuna com seu monopólio do frete do Oeste em carroças, com o transporte de passageiros e o contrato do correio. Na última metade de 1863, os índios das planícies tentaram bloquear seus veículos ao longo do Vale do Platte, onde faziam suas caçadas. Holladay exigiu soldados do governo para proteger sua propriedade, mas estes estavam muito ocupados lutando contra os rebeldes no Leste. Desviou o tráfego das áreas de caça dos índios e eles o deixaram em paz.

Em janeiro de 1864, a recém-organizada Estrada de Ferro Central Pacific, que iria construir a via férrea da Califórnia para o Leste, fez uma cerimônia de início de perfuração do solo em Sacramento. Onze meses

depois, a Union Pacific, encarregada de construir rumo ao Oeste e se juntar à Central Pacific, começou a perfuração em Omaha. Holladay registrou estas ocorrências, mas mesmo assim investiu milhares de dólares em novas e caras diligências Concord, em 1864. Um de seus cocheiros da linha oeste do Forte Kearny era Bill Cody, de 18 anos, que fora um dos cavaleiros do extinto Pony Express. Holladay também tinha uma diligência com desenho especial para uso do Rei das Diligências, ele próprio. Pintada em tons de amarelo e vermelho brilhantes e puxada por pares de cavalos iguais com arreios de prata, tendo uma bandeira vermelha e branca com suas iniciais, a diligência chamava atenção em toda parte por onde passava. Assentos acolchoados de couro, lâmpadas de querosene para leitura, uma mesa dobrável e um bar embutido compunham o seu interior.

As atividades de guerra no Oeste só fizeram com que os lucros de Holladay redobrassem e quadruplicassem. A fim de ganhar ainda mais com os contratos militares, ele viajou para o Leste, seguindo o mesmo caminho de seu predecessor sem sorte, William Russell. Para impressionar os funcionários do governo, Holladay comprou uma bela casa em Washington e dava festas extravagantes. Depois, abriu um escritório em Wall Street e comprou uma grande casa de pedra em Nova York, para melhorar suas ligações com os financistas.

No Colorado, alguns de seus amigos de Denver organizaram um regimento de voluntários e trucidaram os cheyennes em Sand Creek. A reação dos enfurecidos índios das planícies levou o império de transporte de Holladay a uma paralisação. Ao longo de uma faixa de 650 quilômetros, eles atacaram carroças, diligências e estações. Desta vez, o governo deu a Holladay uma escolta militar e ele viajou para lá em sua bela diligência, para verificar os danos. Enquanto se ocupava disso, mantinha-se em constante comunicação telegráfica com Wall Street, e durante a viagem de inspeção fez muito dinheiro especulando no mercado de ouro dos tempos de guerra, compensando seus prejuízos.

Na primavera pacífica de 1865, um habitante de Denver, insatisfeito com o mau serviço da linha de Holladay para aquela cidade, abriu uma nova rota terrestre saindo de Atchison, Kansas, diretamente para Denver, com horários rápidos e expressos para frete e passageiros. Seu nome era David A. Butterfield (*sem nenhum parentesco com John*). A nova linha

chamava-se Despacho Terrestre Butterfield, mas como seguia um caminho direto para Denver, ao longo da confluência do Smoky Hill com o Rio Kansas, todos a chamavam de Rota Smoky Hill. Se Dave não sabia que o Smoky Hill desaguava numa região de caça de búfalos muito requisitada pelas tribos índias, em breve ficou sabendo. No outono de 1865, os índios atacaram suas diligências e queimaram suas estações, muitas vezes destruindo todo o serviço. Ao mesmo tempo, Ben Holladay — que se enciumava de qualquer competição — reduziu suas tarifas e passagens, a tal ponto que Butterfield não pôde competir com ele. Na primavera de 1866, os índios e Holladay levaram Butterfield à falência. Holladay acrescentou a Rota Smoky Hill ao seu império em expansão, exigindo e obtendo escolta militar. (Muitos desses soldados eram ex-prisioneiros de guerra dos Confederados, conhecidos como Ianques Galvanizados).

Nessa época, a Wells, Fargo & Companhia tinha se tornado rica e poderosa na Califórnia, e seus proprietários, que vinham cobiçando a fortuna que Holladay extraía do Oeste, fizeram uma oferta para comprar a companhia dele. Quando ele se recusou a vender, Wells e Fargo ameaçaram organizar sistemas que competiriam com todas as suas rotas. Holladay não era homem que se intimidasse, mas, através de suas ligações com a Union Pacific, ficou sabendo no verão que os difíceis problemas financeiros da projetada estrada de ferro transcontinental tinham sido finalmente solucionados. Os engenheiros estavam prontos para iniciar a construção, fazendo um quilômetro ô meio por dia na direção do Oeste.

Holladay calculou que em menos de três anos as carroças de frete, as diligências de passageiros e os contratos de correio passariam para a estrada de ferro. No final de 1866, ele deixou discretamente Wells e Fargo saberem que estava pronto para a venda. Os diretores da gigantesca companhia expressa se encontraram, avaliaram as possibilidades e calcularam que antes de seis anos a estrada de ferro transcontinental não estaria terminada. Durante aquele tempo, seu monopólio absoluto daria imensos lucros com os equipamentos e contratos de Holladay.

Como sempre, o impiedoso Holladay foi mais esperto que os os homens endinheirados que tinham tentado passá-lo para trás. Trocou seu

império condenado à decadência por uma fortuna em dinheiro, grande número de ações e um cargo de diretor na Wells, Fargo & Companhia. Três anos mais tarde, como ele previra, a estrada de ferro estava terminada, e a companhia expressa teve de pôr fim à aventura de Holladay com incrível prejuízo. Enquanto Wells e Fargo procuravam desesperadamente compradores para suas diligências e carroças obsoletas, as ações da companhia caíram de 100 para 13 dólares e os diretores não puderam pagar os dividendos. Wells e Fargo, contudo, eram muito fortes para entrarem em colapso, e, com um novo grupo de executivos à testa, em breve se tornaram mais poderosos do que nunca no domínio de serviço expresso das estradas de ferro do Oeste.

O MAIOR EMPREENDIMENTO ABENÇOADO POR DEUS

Na década que se seguiu à guerra civil, um acontecimento, mais que qualquer outro, instigou, a imaginação dos americanos que acreditavam na Conquista do Oeste. Foi a construção da primeira estrada de ferro transcontinental, a ligação do Leste com o Oeste através de milhares de quilômetros de trilhos de aço paralelos, numa consumação gloriosa do Destino Manifesto. Os americanos, que tinham se habituado durante a guerra a ler os boletins diários das frentes de batalha, agora olhavam o jornal em busca de notícias acerca do progresso das turmas da Central Pacific, na construção da estrada rumo leste, e da Union Pacific, rumo oeste.

Era um empreendimento tão grande e simbólico que poucos americanos pararam para observar, sob a superfície dele, o que uns tantos homens gananciosos iriam fazer com a riqueza arrancada do Oeste, a ser explorada mais tarde. Na verdade, ninguém parecia se importar que as vastas extensões de terras outorgadas aos donos da estrada de ferro tivessem sido espoliadas das tribos índias, violando assim os tratados. Quanto aos ricos solos e florestas, os fabulosos depósitos de carvão, prata, ferro e cobre, não eram recompensas mais que justas para os homens que arriscavam suas fortunas na Conquista do Oeste com a construção de uma estrada de ferro? Quem teria ousado estragar a ilusão, demonstrando que as fortunas arriscadas vinham dos bolsos dos próprios espectadores, os cidadãos que pagavam impostos à República, e que os verdadeiros construtores dos trilhos não eram os cavalheiros de fala mansa, cujos nomes apareciam diariamente nos jornais, e sim os veteranos anônimos da guerra civil, os imigrantes irlandeses e suecos, os ex-escravos negros e os trabalhadores importados

da China, levados a uma loucura de competição pelos manipuladores que acumulavam milhões com o trabalho dessa gente?

Um ser humano sozinho não poderia reivindicar ter sido responsável pela existência da estrada de ferro transcontinental, embora vários deles se gabassem disso, mas nenhum com tanta empáfia quanto George Francis Train. Talvez ninguém mereça mais glória por isso do que Train, que obteve na verdade muito pouca, embora tenha sido ele, com sua oratória e seu gênio promocional, o responsável por ter tirado o empreendimento da estaca zero.

George Francis Train iniciou sua carreira de acumulador de riqueza, magnata do transporte, promotor, comunista, conferencista e autor aos quatro anos de idade. Foi o ano em que seu pai prendeu uma etiqueta nele e o fez sair de Nova Orleans durante uma epidemia de febre amarela em 1833, a bordo de um navio com destino a Boston. Nessa viagem, aos quatro anos, Train adquiriu um rico vocabulário de xingamentos dos marinheiros e aprendeu a tomar conta de si mesmo. Até os 15 anos, o menino trabalhou na fazenda da avó, perto de Waltham, e depois foi trabalhar no negócio de navegação do seu tio Enoch, em Boston. Aos 20 anos, Train ganhava dez mil dólares por ano, uma renda magnífica em 1849. A corrida do ouro da Califórnia levou o rapaz a pensar em organizar uma frota de barcos a vela dando a volta pelo Cabo Horn, e seu tio o recompensou dando-lhe a gerência da firma no escritório de Liverpool. Achando a vida monótona aos 24 anos, Train viajou para a Austrália, fundou sua própria firma de navios, fez uma enorme fortuna, viajou pelo mundo, voltou para os Estados Unidos e construiu uma estrada de ferro no Leste, de 650 quilômetros, que se tornou mais tarde a Erie. Aos 30 anos, voltou à Inglaterra e construiu linhas de bondes puxados por cavalos, em Liverpool e Londres.

Quando começou a guerra civil, Train brigou com seus sócios ingleses, acusando-os de ajudarem o governo dos Confederados. Estes, por sua vez, o acusaram de ser um espião da União, e ele ficou preso por vários dias. Depois de solto, voltou para os Estados Unidos, e em 1862 se envolveu em debates acalorados a respeito do destino da guerra. Em Boston foi preso por interromper um discurso do Senador Charles Sumner. Assim que pagou a fiança, convidaram-no a fazer uma lucrativa viagem de conferências.

Quando se achava em Nova York, soube das discussões que estavam ocorrendo a respeito de uma proposta de construção de uma estrada de ferro transcontinental. Mais tarde, disse que reunira um grupo de novaiorquinos ricos — inclusive o Comodoro Cornelius Vanderbilt e William B. Astor — e tentara interessá-los em agir e não em falar. Convidou-os a se juntarem a ele no financiamento da estrada proposta. Desses homens, disse ele, não recebeu nenhuma palavra de encorajamento, nenhum centavo de contribuição, apenas indiretas de que devia ser maluco. "*Sem me importar com a fria recepção, continuei minha tarefa com persistência e organizei a grande via férrea. O Congresso me concedeu o decreto necessário em 62.*"

Outros homens além de Train o tinham precedido, naturalmente, no pedido urgente da construção da estrada de ferro, e trabalhado mais e durante mais tempo que ele para se assegurarem do apoio do governo. Entre eles, os financistas Asa Whitney e Thomas Durant, os senadores Thomas Hart Benton e William Gwin, o engenheiro Theodore Judah, e quatro ricos comerciantes da Califórnia — Huntington, Stanford, Hopkins e Crocker — os Quatro Grandes da Estrada de Ferro Central Pacific. Depois que o Presidente Lincoln assinou o Decreto de 1862 da ferrovia do Pacífico, os Quatro Grandes organizaram rapidamente o terminal da estrada na Califórnia e começaram a construção de Sacramento para o Leste, embora fossem grandemente dificultados por falta de trilhos e equipamentos, que tinham de ser enviados do Leste por via marítima. No Leste, a iminência do tumulto da guerra era um obstáculo aos esforços de organização da Union Pacific, e só em outubro de 1863 é que os acionistas da U.P. se reuniram em Wall Street para eleger a diretoria.

Entre os presentes encontrava-se George Francis Train, que mais tarde disse ter tido o equilíbrio de poder, e tê-lo usado para evitar que a New York Central e outras ferrovias do Leste conseguissem o controle da inexperiente Union Pacific. Os registros indicam, entretanto, que foi Thomas Durant quem se incumbiu da escolha dos diretores, ajeitando as coisas para que o General John Adams Dix fosse nomeado presidente. O próprio Durant foi feito vice-presidente e superintendente-geral. Idoso veterano da guerra de 1812, Dix era uma figura perfeita para Durant, pois o velho soldado tinha reputação de honesto numa época em que

essa qualidade era rara nos negócios e na política. Em 1860, os financistas de Wall Street tinham enviado Dix para Washington, a fim de livrar o Departamento do Tesouro de Buchanan do colapso, após a divulgação das negociatas de William H. Russell e Floyd no fiasco do Pony Express, utilizando bônus do governo.

Thomas Clark Durant, de 43 anos de idade, estava interessado apenas em fazer fortuna pessoal. Tinha tanta mania de dinheiro quanto os caçadores de ouro de Coronado, e para ele o Oeste oferecia uma oportunidade preciosa de extrair vastas somas, fazendo circular montes de títulos de hipotecas e empréstimos a juros altos na construção de uma ferrovia para o Pacífico. Durant não tinha nenhum espírito romântico quanto à ferrovia em si; o que lhe interessava era a fortuna que poderia ser acumulada com a sua construção. Embora tivesse se formado com louvor numa faculdade de Medicina de Albany, ficou cansado da vocação e passou a fazer fortuna especulando no mercado futuro de cereais e em ações da estrada de ferro. Empilhar cada vez mais dinheiro era a razão de viver de Durant; qualquer método que funcionasse, independente de como pudesse afetar outros seres humanos, era válido no seu jogo monetário.

George Train, dez anos mais moço que Durant, já perdera o interesse do dinheiro pelo dinheiro, mas gostava da excitação dos grandes empreendimentos. Por esta razão, ele se ligou ao impostor frenético que fazia fortuna com ações e auxiliou-o a extrair o capital empregado dos acumuladores de dinheiro como August Belmont, William H. Macy, Cyrus McCormick, Ben Holladay, Samuel J. Tilden, Thurlow Weed e Brigham Young.

Mesmo assim, a demanda por ações da Union Pacific continuava baixa, e, na esperança de gerar um interesse nacional na via férrea, Train viajou para Omaha para a cerimônia de perfuração do leito da estrada. "*Nenhum dos diretores foi comigo*", disse ele, "*eu estava inteiramente sozinho*." Quando chegou a hora dos tambores rufarem, entretanto, Train não precisou de ajuda. Rodeou-se do Governador de Nebraska, do Prefeito de Omaha e de duas companhias de artilharia, e depois dos tiros de canhões terem atraído grande número de pessoas da margem oeste do Missouri, leu telegramas do Presidente Lincoln e de outros personagens

notáveis, jogou uns punhados de terra enlameada no solo perfurado e fez um discurso comovente.

"A grande ferrovia do Pacífico foi iniciada", gritou, "na entrada de um jardim de 1.100 quilômetros de extensão e 30 de largura. Este é o maior empreendimento abençoado por Deus!... A colonização em breve surgirá nestes vales. Dez milhões de colonos se estabelecerão nesta terra dourada dentro de 20 anos." Train então apelou para o "homem padrão", que talvez ouvisse ou lesse seu discurso: *"Eu acho que cotas de mil dólares são muito altas. Elas devem ser reduzidas para 100 dólares e as subscrições devem ser abertas em todas as cidades que tiverem população de 500 habitantes. Que os trabalhadores tenham uma cota; que a estrada seja na verdade do povo."* O dia terminou com um grande banquete em Herndon House e uma dispendiosa queima de fogos de artifício.

Embora os jornais do Oeste noticiassem as cerimônias de perfuração do solo da estrada em detalhes, no Leste, onde haveria o maior investimento de capital, os jornais substituíram a reportagem por artigos sobre as batalhas da guerra civil, longas listas de mortos e a fuga da prisão do general confederado John Morgan. Os homens de dinheiro preferiram colocar seu capital nas mãos dos manufactureiros de guerra, que pagavam juros de até 30 por cento, e nenhum trabalhador tinha mil dólares para comprar uma cota de uma ação da ferrovia a ser construída através de uma região habitada por índios, que consideravam selvagens perigosos.

Sem se deixarem vencer, Train e Durant concentraram sua energia em Washington e começaram a luta por uma lei mais generosa para com a ferrovia do Pacífico — que lhes concedesse o dobro de terras por cada quilômetro e meio (12.800 acres), o direito de vender títulos de hipotecas preferenciais iguais aos prometidos subsídios do governo e transformar cem mil ações de mil dólares em um milhão de ações de 100 dólares.

Nessa mesma época, Train concebeu a ideia de estabelecer uma holding controlada pelos diretores da ferrovia. Train e Durant tinham aprendido por experiência anterior em construção de ferrovias que o dinheiro grosso provinha de contratos de construção e não dos lucros a longo prazo das ferrovias já em operação. Através de uma holding,

poderiam fazer contratos com eles próprios para a construção da estrada, filtrando todos os subsídios garantidos pelo governo, esquivando-se assim a qualquer divisão desses fundos com os acionistas ordinários.

Em suas experiências na Europa, Train observara as operações de uma companhia semelhante, organizada sob os auspícios do governo francês "*para facilitar a construção de obras públicas e desenvolver a indústria interna*". Era conhecida como *Crédit Mobilier de France*. Train copiou o nome e ele e Durant a chamaram de *Crédit Mobilier of America*.

Em sua organização inicial, Durant assumiu a direção e Train ficou com cotas em seu próprio nome e em nome da sua mulher. Dentre os amigos de confiança autorizados a comprar cotas da *Crédit Mobilier* encontravam-se Cyrus McCormick, Ben Holladay e William H. Macy. Para garantir bastante dinheiro em caixa no primeiro ano de operação, Durant também decidiu admitir Oakes Ames, um congressista de Massachusetts. Ames e seu irmão Oliver tinham feito imensa fortuna com contratos de guerra, vendendo pás e outras ferramentas manuais. Como a guerra estava chegando ao fim, os irmãos Ames procuravam novos mercados para suas ferramentas, e a construção da estrada era uma excelente perspectiva. Os irmãos compraram ansiosamente as ações do *Crédit Mobilier*. Durant, por esperteza, aceitou a participação deles como uma abertura ao Congresso, e o suborno de congressistas que se seguiu transpirou, dez anos depois, como o maior escândalo do governo na Era Dourada.

Uma das primeiras atitudes de Durant como vice-presidente e superintendente-geral da Union Pacific foi receber uma proposta de um certo H.M. Hoxie para a construção dos primeiros 150 quilômetros de trilhos. Uma semana depois, Hoxie, que era um testa-de-ferro, transferiu o contrato de volta a Durant, que era o cabeça do *Crédit Mobilier*. Semanas depois, Durant aceitou a demissão do engenheiro-chefe da U. P., Peter Dey, que enviara uma estimativa de custo de 30 mil dólares cada quilômetro e meio de construção. Durant então designou um novo engenheiro, que prazerosamente aumentou a estimativa para 50 mil dólares, ou seja, 20 mil dólares a mais em cada quilômetro e meio para os acionistas do *Crédit Mobilier*, que em breve estariam recebendo cem

por cento de dividendos anuais sobre seus investimentos, enquanto os acionistas da Union Pacific não recebiam nada.

Só a 10 de julho de 1865 é que o primeiro trilho foi assentado em Omaha, e um mês depois, numa manobra publicitária para vender mais ações da U. P., foram feitas confabulações para se apresentar o grande herói de guerra, General William Tecumseh Sherman. Muito provavelmente foi George Francis Train quem deu ordem para que a locomotiva nº 1 da ferrovia tivesse gravado em letras douradas: "General Sherman." Quando Sherman chegou em Omaha, Durant viajou com o general por trás da locomotiva com seu nome ao longo dos 25 quilômetros dos trilhos já assentados. Com a imprensa presente, Durant ofereceu a Sherman um piquenique com pato assado e vinho e converteu o herói de guerra num entusiasta dos construtores da estrada de ferro.

Durant, sem dúvida, tocou no assunto das hostilidades dos índios, que possivelmente se intensificariam à medida que os trilhos fossem penetrando na região dos sioux e dos cheyennes, e Sherman certamente lhe assegurou que o Exército daria total proteção. Como Durant estava à procura de um engenheiro ligado aos militares para continuar as inspeções inacabadas através das regiões hostis do Wyoming, o nome do General Grenville Dodge deve ter sido mencionado. Dodge tinha servido com Sherman na Geórgia, mantendo as estradas de ferro em funcionamento para ele. Naquele verão de 1865, Dodge estava nas altas planícies, perseguindo os índios que tentavam desesperadamente deter a maciça invasão de suas terras depois da guerra.

Alguns meses depois, Durant encontrou-se com Dodge em St. Joseph, Missouri, e na primavera de 1866 o antigo engenheiro militar de Sherman tornou-se engenheiro-chefe da Union Pacific. Além do salário, que era mais que o dobro do que recebia no Exército, ele recebeu um lote de ações da Crédit Mobilier, que foi cuidadosamente registrado no nome da sua mulher. Logo depois disso, a companhia discretamente ofereceu a Sherman toda uma seção de suas terras em Nebraska, concedidas a 30 por cento do valor real. Sherman comprou as terras, solidificando assim o complexo militar-industrial que iria dominar a Conquista do Oeste na geração seguinte.

Nesse meio tempo, na Califórnia, os Quatro Grandes da Central Pacific tinham criado sua própria holding, a Corporação de Crédito e

Finanças, que comprava todos os materiais e contratava toda a construção. Collis P. Huntington, um ex-vendedor ambulante, era agora encarregado de vender ações no Leste e procurar influenciar os congressistas. Como Governador da Califórnia, o ex-comerciante de víveres Leland Stanford mantinha o legislativo do estado em ordem. Mark Hopkins e Charles Crocker, ex-empregados de lojas de ferragens e de secos e molhados, cuidavam dos negócios e da construção da Central Pacific. Nenhum desses homens conhecia coisa alguma de ferrovias, a não ser que imensos lucros deveriam ser tirados do governo e dos acionistas para que se construísse o leito da estrada através das Sierras. Ainda mais gananciosos que Durant, eles mantinham todas as ações da Corporação de Crédito e Finanças para si próprios. Para terminar uma greve, importaram milhares de trabalhadores chineses, um dólar por dia, ou seja, metade do que pagavam aos trabalhadores brancos, forçando-os a assentar tantos quilômetros de trilhos na estrada quantos fossem os subsidiados pelo governo, até encontrarem os trilhos da Union Pacific. Como Durant, eles gastavam somas incalculáveis (os lucros do excesso iam todos para sua Corporação de Crédito e Finanças, e anos mais tarde os peritos avaliaram que metade dos muitos milhões de dólares recebidos pelo governo e pelos acionistas para a construção da Central Pacific fora embolsada pelos Quatro Grandes — Huntington, Stanford, Hopkins e Crocker. Durante a investigação do Congresso da década de 1870, os registros da Corporação de Crédito e Finanças foram convenientemente destruídos por um incêndio, de modo que não foi possível fazer uma estimativa exata.)

No verão de 1866, Crocker e Hopkins estavam abrindo túneis através das High Sierras (seu subsídio por quilômetro nas montanhas era o triplo do de Durant nas planícies). Em agosto, a Union Pacific anunciou que os viajantes rumo ao Oeste podiam agora usar o trem de passageiros até o Forte Kearney, onde baldeariam para uma das diligências de Ben Holladay, seguindo até a Califórnia. A fim de aumentar o interesse na compra de ações no Leste, George Francis Train organizou uma grande excursão de Nova York até o meridiano 100, em Nebraska. Ironicamente, o meridiano 100 ficava a 400 quilômetros do meridiano 95, que, durante a vida da maioria desses promotores de estrada de ferro tinha sido solenemente estabelecido pelo governo dos Estados Unidos

como "*a fronteira índia permanente*". A estrada de ferro foi rapidamente atravessando os limites das melhores reservas de caça dos índios das planícies.

Dentre os homens ricos e famosos a bordo dos vagões principescos da grande excursão ao meridiano 100, encontravam-se Rutherford B. Hayes, que dez anos depois iria tirar Samuel Tilden da presidência; Robert T. Lincoln, filho do Presidente assassinado; George M. Pullman, cujos vagões-leitos da estrada de ferro iriam em breve lhe dar uma fortuna; John Crerar e Joseph Medill, da comunidade financeira de Chicago; vários senadores e congressistas; do exterior vieram o Barão de Airlie e o Marquês Chambrun. O General Sherman não pôde comparecer, mas enviou seu comandante do Departamento do Platte, General Philip St. George Cooke, que 20 anos antes, quando jovem capitão dos dragões, tinha auxiliado James Magoffin na "*captura*" de Santa Fé e do Sudoeste mexicano. George Francis Train estava a bordo, naturalmente, com a mulher Wilhelmina e sua empregada francesa. Acompanhando o grupo ia a Great Western Light Guard Band, de Chicago, que tocou canções patrióticas apropriadas, e também um fotógrafo, John Carbutt, para fotografar os acontecimentos para a posteridade. Sentado na grama, na ponta dos trilhos, Train posou para uma fotografia aos pés da sua mulher e de Thomas Durant.

Para divertir os milionários do Leste, Train e Durant fizeram à noite uma fogueira na grama nas pradarias e encenaram uma luta simulada dos índios. Os índios eram todos pawnees, parte deles fazendo papéis de seus inimigos sioux. Todos estavam montados, galopando uns na direção dos outros, imitando uma batalha.

Os cavalos recuavam e se atiravam uns contra os outros, um índio agarrava o outro e ambos caíam no chão, num abraço mortal. Rifles, revólveres e flechas eram disparados, com efeito aparentemente mortal. Cavalos sem cavaleiros e cavaleiros sem montarias ficavam vagando pela planície. E reinava a confusão e uma imensa excitação, até que os pawnees vitoriosos traziam seus inimigos vencidos para o acampamento, dando gritos tempestuosos de triunfo e exaltação.

Após o término da batalha, o Sr. Durant distribuiu centenas de dólares em presentes entre os índios e suas mulheres (...) Aquela foi a melhor ilustração possível dos extremos da vida civilizada e selvagem

representada ali para nós, com as pessoas se olhando cara a cara. De um lado estavam os trilhos da Estrada de Ferro Union Pacific, por cima dos quais se via a grande civilizadora, a locomotiva, na direção oeste sobre a ponte Loup Fork, com um quilômetro e meio de extensão; no primeiro plano viam-se os excursionistas, com sua beleza, inteligência e refinamento; do outro lado, o grupo dos rudes selvagens, muitos deles quase que em seu estado natural, a não ser por uma profusão de penas e berloques que os enfeitavam; de hábitos rasteiros e brutais, mentalmente pouco acima do nível dos animais que habitavam sua vasta e bela região.

Mas as leis da civilização são tais que impelem as coisas para a frente; e foi em vão que aquelas pobres criaturas ignorantes tentaram deter o progresso, resistindo centímetro a centímetro, passo a passo, a sua marcha por aquelas planícies encantadoras, onde, havia apenas alguns anos, eles eram "*monarcas de tudo que os rodeava*".

A locomotiva iria adiante até alcançar as Montanhas Rochosas, as Planícies Laramie, o Grande Lago Salgado, a Serra Nevada e o Oceano Pacífico. As estradas laterais seriam construídas, estendendo-se em todas as direções a partir da linha principal, com vasos de uma artéria, penetrando nas regiões de caça daquelas tribos índias terríveis e inúteis, até que elas fossem varridas da face da terra ou forçadas a procurar segurança adotando a própria civilização e humanidade que eles agora desprezavam e ignoravam com tanta selvageria.

Essa foi a visão de Silas Seymour, engenheiro consultor de Nova York, que estava entre os presentes naquela linda tarde de outono, no oeste de Nebraska. Ele e os outros excursionistas lindos, inteligentes e refinados mal tinham voltado para suas casas elegantes no Leste quando um grupo guerreiro bem organizado de sioux verdadeiros e outras "*tribos índias terríveis e inúteis*" emboscaram uma força invasora de 81 soldados dos Estados Unidos e mataram todos eles. O Exército chamou a esta ação de Massacre Fetterman; os sioux e cheyennes chamaram de Batalha dos Cem Mortos.

O acontecimento criou temor entre os acionistas da Crédit Mobilier e da Union Pacific. Durant exigiu mais proteção do Exército. O General Sherman disse que faria o possível para proteger os niveladores e assentadores dos trilhos, prometendo que, assim que os trens pudessem levar seus soldados o mais próximo possível dos hostis "*nós poderemos*

agir com tanta energia que os sioux e cheyennes morrerão ou se submeterão à nossa lei".

Em março de 1867, Sherman autorizou que um grupo de pawnees, participantes da batalha fictícia, se organizasse numa força mercenária de reconhecimento, divididos em quatro companhias de 50 homens cada, sob o comando do Major Frank North. A tarefa principal dos batedores pawnees era desviar os ataques sioux e cheyennes do caminho dos construtores de trilhos e seu gado.

A resistência contra os índios das planícies era um desafio para os mercenários, e a 12 de agosto, a dez quilômetros do Plum Creek, um bando de cheyennes revidou destruindo um trem. Conseguiram isso empilhando dormentes soltos pelos trilhos. Quando a locomotiva colidiu com a barreira, descarrilou, matando o maquinista e o foguista. A guarnição do vagão-alojamento escapou, entretanto, e enviou os pawnees em perseguição aos cheyennes. Os funcionários da Union Pacific pediram mais proteção militar e o próprio Sherman apareceu em setembro, para cuidar da ameaça dos peles-vermelhas. Para Sherman, o término da estrada de ferro "*e seu efeito sobre os problemas dos índios equivalia a uma campanha vitoriosa*". Ordenou que novos fortes fossem construídos ao longo do caminho e reforçou os já existentes, gastando assim mais dinheiro dos contribuintes, mantendo dividendos cada vez maiores para os 75 acionistas sortudos da Crédit Mobilier. (Três deles — Thomas Durant, Oakes e Oliver Ames — detinham um terço das ações.)

Em setembro de 1867, Francis Train encarregou-se da tarefa de conduzir 200 editores de jornais até o final dos trilhos da Union Pacific. Denominou esta excursão de Grande Caçada Editorial de Búfalos das Montanhas Rochosas, mas não estava ali presente de coração. Durante o verão, conhecera quatro mocinhas ardorosas do mal-afamado Movimento pelo Sufrágio Feminino e se encantara com elas. Como gostava mais de causas desesperadas do que de dinheiro, prometeu ajudá-las no Kansas, que, elas esperavam, seria o primeiro estado a dar às mulheres o direito de voto. Diversos líderes nacionais pelo sufrágio estariam fazendo campanha lá.

No dia 2 de outubro, Train recebeu um telegrama assinado por Susan B. Anthony, Elizabeth Cady Stanton e várias outras; "*Venha para o*

Kansas e faça comícios pelo direito feminino de voto. O povo espera por você. As mulheres esperam por você."

Ele respondeu: *"Estarei com vocês tão logo o grupo editorial tenha caçado seus búfalos e visto as Montanhas Rochosas. Se as mulheres podem governar monarquias, também deveriam votar nas repúblicas. Se o primeiro passo for dado no Kansas, povoaremos a nação com três milhões de mulheres votantes."*

Train mal pôde esperar para se juntar às sufragistas, e por duas semanas agitadíssimas viajou pelas cidades mais populosas do Kansas, entre o final de outubro e o início de novembro, fazendo 30 discursos. Segundo as manchetes dos jornais, Train criou uma considerável agitação nas planícies douradas, onde três séculos antes Coronado procurara riquezas inutilmente: *TRAIN JOGOU UMA BOMBA NO ANTIGO TRADICIONALISMO. AS PLANÍCIES ARDERAM DE ENTUSIASMO. O SUFRÁGIO FEMININO ASCENDE COM ORGULHO. TRAIN LEVA O KANSAS A UMA VERDADEIRA TEMPESTADE. O VOTO FEMININO PARA SEMPRE. TRAIN NO FORTE SCOTT. CUIDADO COM A LOCOMOTIVA QUANDO TOCAR O APITO.*

Antes de toda a alegria passar, os entusiastas que o apoiavam resolveram indicá-lo para as eleições presidenciais de 1868, *"com uma plataforma de ideias: o sufrágio feminino e oito horas diárias de trabalho"*. Embora ele vacilasse e o voto feminino tivesse sido negado unanimemente pelo eleitorado masculino, o vírus da política já entrara em suas veias. Após o outono, George Francis Train passou a ter pouco tempo para a Estrada de Ferro Union Pacific.

Thomas Durant, entretanto, continuou. Brigou com o General Dodge a respeito dos supervisores das rotas e também com os irmãos Ames, que aos poucos assumiam o controle sobre as finanças, através de suas ligações com o Congresso. Enquanto os financistas discutiam, os niveladores trabalhavam com suas picaretas e enxadas, movimentando montanhas de terra e rocha com carrinhos de mão e carroças. Por trás dos niveladores vinham os assentadores de trilhos, as turmas musculosas que levantavam e baixavam extensões do pesado metal para o colocarem em seu devido lugar; os carpinteiros, os cortadores e os ajustadores dos trilhos vinham logo depois. *"É um grande 'coro de bigornas' (...) três*

batidas para cada cravo", disse um observador. "São dez cravos para um trilho, 400 trilhos a cada quilômetro e meio, 2.500 quilômetros até San Francisco — 21 milhões de vezes as marretas serão levantadas e 21 milhões de vezes serão baixadas em sua cadência precisa, antes da grande obra da América moderna ser completada."

Ocasionalmente, havia um fortuito ataque índio, mas nunca um assalto organizado e maciço. Milhares de gritos e xingamentos dos trabalhadores, tinir de metais contra metais e o resfolegar barulhento dos Cavalos de Ferro ao longo dos trilhos — tudo isso estava acontecendo depressa demais para que os atônitos índios das planícies soubessem o que fazer. Eles instintivamente acoassavam os intrusos, mas os trabalhadores morreram muito mais de acidentes, de doenças venéreas e outros males contraídos nos bordéis ambulantes que acompanhavam as construções, além do excesso de trabalho e de frio durante a corrida louca para se cruzar as Montanhas Wasatch, no inverno de 1868/69. Assentaram trilhos em leitos de neve, foram soterrados por avalanchas, voaram pelos ares em explosões de túneis e foram lançados nos regatos congelados.

Poucos trabalhadores se queixavam. Sua competição com os operários chineses se tornara uma obsessão, cuidadosamente incentivada por Durant, Dodge e os irmãos Ames, e ampliada pelo fervor patriótico dos jornais. Os trilhos da Central Pacific já estavam nas Sierras agora, movimentando-se rapidamente através dos desertos de Utah e Nevada, que apenas alguns anos antes quase tinham derrotado Jedediah Smith e vários caçadores de ouro da Califórnia.

Ambas as estradas de ferro estavam tão ansiosas em pleitear tantos quilômetros construídos e tantas concessões de terras ricas em minerais quantos fossem possível, que mandavam turmas de niveladores muito adiante dos assentadores de trilhos. Na primavera de 1869, os niveladores da U. P. e da C. P. se encontraram e passaram uns pelos outros, marcando os níveis paralelos ao longo do norte de Utah, com os trabalhadores entrando em brigas diárias. Em certa ocasião, um grupo de niveladores de U. P. colocou pólvora por baixo de uma turma de niveladores da C. P. e os fez ir pelos ares. O Presidente Grant e o Congresso finalmente tiveram de conter as rivalidades, escolhendo

Promontory Point, logo ao norte do Grande Lago Salgado, como o local onde os trilhos das duas ferrovias deveriam se unir.

No dia 7 de maio, Leland Stanford, um grupo de diretores da Central Pacific e funcionários públicos da Califórnia e de Nevada chegaram a Promontory num trem especial. Levaram com eles quatro cravos de ouro e de prata, uma marreta de cabo de prata e um dormente de rododendro polido, para serem usados nas cerimônias planejadas para a junção dos trilhos. Essas cerimônias se atrasaram três dias, porque os empreiteiros da Union Pacific diminuíram propositadamente o ritmo da parte final do assentamento dos trilhos. Estavam esperando que Thomas Durant saísse com seu trem especial da cidade de Bear River, onde centenas de trabalhadores enfurecidos o tinham cercado até que ele lhes pagasse seus salários em atraso. Os trabalhadores prenderam o vagão especialmente decorado de Durant aos trilhos, com uma corrente, até que ele mandasse o pagador lhes dar o dinheiro.

Durant, com uma terrível dor de cabeça, chegou a Promontory no dia 10 de maio e os discursos e brindes tiveram início, ao som de duas bandas de música. Um jovem chamado Alexander Borthwick, que era transportador de madeira da Central Pacific, estava presente. Um homem mais velho chamado Alexander Majors, outrora rico sócio de Russell e Waddell mas agora reduzido a colocador de dormentes, também estava lá. Borthwick recebeu 25 centavos por cada quatro metros cúbicos de madeira; o pagamento de Majors deve ter sido igualmente baixo. Se não fosse pelo desastre ocorrido em 1861, provocado pelo seu ganancioso sócio, William H. Russell, Alexander Majors provavelmente estaria naquele dia entre os importantes vestidos de fraque, fazendo discursos e bebendo champanha, e não seria um mero espectador esquecido.

"Havia lá uma grande multidão de pessoas e muitos homens importantes de estradas de ferro", disse Borthwick.

"Ficou por ser completada apenas uma seção da estrada, e a preparação do leito e o assentamento de trilhos foram feitos com grandes cerimônias. O último dormente era de rododendro lindamente ornamentado, e foi fixado com dois cravos de ouro e dois de prata (...) O Governador Stanford terminou o ato final martelando os cravos com um martelo de prata. (A multidão embriagada e barulhenta caiu na gargalhada quando ele errou a primeira martelada.) Ao último cravo foi

preso um fio de telégrafo e as notícias foram enviadas para a Califórnia; depois tiraram fotografias de Stanford e do seu grupo e também de muitos outros altos funcionários. (Os fotógrafos tiveram muita dificuldade em persuadir os que iriam ser fotografados a ficarem parados o tempo suficiente para que as fotos fossem tiradas.) O General Stoneman estava lá com um corpo de infantaria vindo de Washington, a caminho da Califórnia. Depois que o trabalho foi completado, muitos chefes se divertiram a valer e o uísque farto era a principal atração.

George Francis Train, cuja oratória tinha inaugurado seis anos antes, em Omaha, esse Maior Empreendimento Abençoado por Deus, estava tão ocupado com sua nova causa — os fenianos irlandeses — que chegou com alguns dias de atraso a Promontory Point. No dia 16 de maio, Alexander Borthwick anotou em seu diário que saía à noite para ouvir os discursos de Isaac Morris e George Francis Train.

Morris era o delegado do governo nomeado pelo Presidente Grant para inspecionar as condições da estrada de ferro transcontinental inaugurada, mas Borthwick não fez comentários sobre as observações dele. Três dias depois, Morris relatou a Grant que a seção oeste da estrada era muito perigosa, a pior pela qual tinha viajado. "*A estrada, segundo a carta patente, deveria estar terminada no primeiro dia de julho de 1876*", disse ele, "*mas seu término está previsto para maio de 1869! Isso tanto pode ser um empreendimento americano com pode ser uma imprudência americana (...)* Toda a estrada foi feita numa pressa muito grande em relação a economia e durabilidade. Houve a tentação de se fazer assim devido aos subsídios e grandes concessões de terras, a que a pobre e gananciosa natureza humana não soube resistir, e foi tudo feito em clara violação do padrão de construção combinado pela diretoria". Tudo que o povo dos Estados Unidos estava conseguindo com a enorme quantidade de dinheiro com que tinha contribuído para a construção da estrada de ferro, concluiu Morris sobriamente, era o direito de passar pela estrada pagando por isso, "*e certamente eles têm direito a uma estrada de primeira classe sob todos os aspectos, sem correrem risco de vida*".

Borthwick não fez comentários sobre o discurso de Train tampouco, mas os pontos em que o orador tocou devem ter incluído o Maior Empreendimento Abençoado por Deus, os direitos das mulheres, os

irlandeses oprimidos, a inépcia dos partidos Republicano e Democrata e a hipocrisia dos religiosos profissionais. Uns dias mais tarde, ele viajou para a costa do Pacífico e descobriu haver tanta demanda por seus discursos que ganhou dez mil dólares, de que não precisava, com palestras feitas por todos os pontos longínquos do Oeste. Gastou a maior parte do dinheiro num desafio que lhe fizeram de que ele não seria capaz de fazer a volta ao mundo em 80 dias. Depois dele terminar este feito, Júlio Verne escreve um livro sobre isso, imortalizando Train no personagem Phileas Fogg.

Quando esteve em Marselha em 1870, durante uma revolta da Comuna Francesa, Train declarou ser um comunista dedicado à libertação da França. O governo francês o deportou. Em 1872, ele se candidatou à presidência dos Estados Unidos, concorrendo com Greeley e Grant, cobrando entrada pelo privilégio de ouvirem seus discursos, ganhando assim 90 mil dólares, dos quais não precisava. Gastar parte desse dinheiro ajudando Victoria Woodhull em sua campanha à presidência. Quando Victoria acusou Henry Ward Beecher de adultério e foi presa por obscenidade, Train batalhou pela sua defesa. A fim de confundir Anthony Comstock, protetor da moral do povo, ele publicou nos jornais trechos da Bíblia que, segundo dizia, eram mais obscenos que a linguagem de Victoria; depois, caminhou nu pelas ruas de Nova York e foi preso. Após a Corte declará-lo "*insano mentalmente, embora inofensivo*", grande parte de sua propriedade foi confiscada.

Nos últimos anos de vida, Train assumiu a "*vida ativa*" recomendada por Theodore Roosevelt, entrando em lutas de boxe aos 70 anos de idade; começou uma dieta de amendoim e mais tarde se candidatou à presidência os Estados Unidos. Na virada do século, ele vivia tranquilamente num hotel em Nova York. A maior parte de sua fortuna tinha ido embora, gasta em causas perdidas ou em auxílio a criança pobres. Ele se tornara tão desiludido com a maldade do homem adulto que às vezes só falava com crianças, durante vários dias. Quando morreu, em 1904, aos 74 anos, nenhum representante da Union Pacific foi prestar homenagem à sua memória, mas uma escola com nome dele em Omaha, Nebraska, perto de onde ele fizera a perfuração simbólica do solo para a primeira ferrovia transcontinental, baixou a bandeira a meio

pau. Em Nova York 50 crianças levaram flores — rosas e cravos — para colocar em seu caixão.

OS ASSASSINOS DOS ÍNDIOS

A 10 de maio de 1869, dia em que os trilhos se juntaram em Promontory Point, William T. Sherman, recém-promovido a marechal, recebeu a notícia pelo telégrafo em seu gabinete em Washington. Poucos minutos depois, o engenheiro-chefe da Union Pacific, General Dodge, enviou a Sherman uma mensagem pessoal: "*Como amigo constante e leal da ferrovia do Pacífico, envio-lhe minhas congratulações pelo fato de ter sido feita, às 12 horas de hoje, a última conexão, e do senhor poder visitar seus velhos amigos da Califórnia por terra, viajando pela estrada de ferro todo o tempo.*" Sherman respondeu: "*Ouvi as batidas místicas da bateria do telégrafo anunciarem o último cravo a ser pregado na grande estrada do Pacífico, Na verdade, serei eu amigo da estrada? Sim.*"

Logo depois, Sherman mandou que o General Philip H. Sheridan, seu sucessor como comandante no Oeste, protegesse a nova estrada de ferro, "*o que ajudará a dar uma solução final ao problema dos índios*". Durante toda a década seguinte, esses dois homens iriam dirigir operações militares contra os índios americanos a oeste do Mississippi, matando milhares deles e esmagando o espírito dos sobreviventes a tal ponto, que mesmo depois de três gerações poucas tribos se recuperaram da desolação que lhes foi infligida. Em suas próprias palavras, Sherman e Sheridan viam os opositores nativos como seres inferiores, animais como o búfalo, que atrapalhavam o caminho de uma civilização superior.

Por ironia, o pai de Sherman tinha-lhe dado o nome do grande líder shawnee, Tecumseh ("*Nós nos deixaremos destruir sem lutar, renunciaremos às nossas casas, nosso país que nos foi deixado por herança pelo Grande Espírito, os túmulos de nossos mortos e tudo o que nos é caro e sagrado?*"). Alguns membros da família de Sherman

protestaram quando ele foi batizado com o nome de um índio selvagem e ele logo começou a ser chamado de "Cump" em vez de Tecumseh. Quando aprendeu a escrever seu nome, sempre se assinava William TV Sherman. Não sentia orgulho algum em ter um nome indígena.

Quando foi iniciada a guerra civil, Sherman era superintendente de uma academia militar na Louisiana. Pediu demissão imediatamente e ofereceu seus serviços à União. Ele se formara por West Point, mas sua única experiência militar real tinha sido de reconhecimento contra os esquivos seminóis, na Flórida. Passou a maior parte do tempo lá colecionando conchas marinhas e peles de cascavéis, e chegou à conclusão de que o único meio de derrotar os seminóis era através de uma "*guerra de extermínio*".

Para Sherman os primeiros meses da guerra civil foram um período de angústia intensa. No posto de coronel, ele sobreviveu a quatro horas de um combate sangrento em Buli Run e se sentiu mais enojado com os mortos e os agonizantes do que com a debandada do Exército da União. Promovido a comandante de brigada, foi mandado para o Kentucky, onde seu estranho comportamento atraiu a atenção dos repórteres de jornais. "*Rabiscadores de jornal nojentos*", era como Sherman os chamava. "*Eles são uma peste (...) e eu os tratarei como espíões, que na verdade são.*" Durante o resto da vida ele lutou contra a imprensa, jurando "*ficar quite com a classe miserável de editores*". Alguns jornais descreviam-no abertamente como um homem maluco, e seus pares militares diziam que ele tinha "*uma expressão estranha nos olhos*", que atribuíam a um "*desequilíbrio emocional*" ou "*melancolia mórbida*", embora um oficial o descrevesse como "*ruim da cabeça*". Evidentemente, ele estava sofrendo de um colapso nervoso.

Sherman pediu demissão do seu comando no Kentucky e foi para casa no Ohio, para se recuperar. A mulher tratou dele, que ficou curado fisicamente, mas, como ela sabia da linha de loucura existente na sua família, tentou persuadi-lo a ficar para sempre fora do Exército. Em dezembro de 1861, contudo, ele foi para St. Louis, designado para uma missão sem combate. Não conseguiu se livrar imediatamente das crises depressivas que o perseguiram, e numa carta franca a seu irmão confessou que "*deveria ter cometido suicídio, se não fosse pelos meus filhos*".

Durante aquele verão, Sherman passou por uma mudança assustadora. Foi convidado a participar de um plano estratégico para a campanha do General Grant no Oeste, em 1862, e lhe deram o comando de uma divisão de combate. Em Pittsburg Landing, na Batalha de Shiloh, ele lutou como se tivesse grande medo de fracassar. Naquela época, aprendeu a ver com serenidade "*as pilhas de mortos, feridos e aleijados*". Tornou-se o flagelo do Sul, decidido a matar até que não houvesse mais inimigos a serem mortos, regozijando-se grandemente com suas conquistas. No início da guerra, no Kentucky, ele proibira seus homens de "*tirar maçãs verdes, ou cercas das casas para queimar e fazer café*". No final da guerra estava saqueando a Geórgia, destruindo casas, prefeituras, bibliotecas, estábulos, plantações e gado, vendo a guerra como "*um grande e belo jogo*".

Depois de tudo terminado e dele ter ficado no comando das forças militares do Oeste, uma de suas primeiras decisões foi construir uma linha de fortes de mil quilômetros ao longo da fronteira, não para proteger os índios da enchente de colonizadores brancos que invadiam suas terras do tratado, mas para auxiliar os colonizadores a avançar pelo Oeste. Para Sherman, os índios do Oeste tinham substituído convenientemente os rebeldes brancos do Sul como, inimigos a serem destruídos num grande e belo jogo. Determinado a melhorar sua experiência como autoridade em assuntos índios, viajou muito pelo Oeste, relatando que bandos nômades e predatórios infestavam toda a área.

"Esses índios são vistos por toda parte, pelo povo de nossa fronteira e de nossos territórios isolados, como hostis, e nós, os militares, encarregados da proteção geral dos novos povoados e das longas rotas de viagem, temos de manter nossas tropas de sobreaviso e agir como se eles fossem hostis; no entanto, pelas leis do Congresso e pelos atos de nossas autoridades executivas, esses índios estão sob a guarda e proteção do governo geral, através de agentes civis". Irritava a Sherman que os civis tivessem autoridade sobre os índios, e ele pedia que fosse dado ao sistema militar "*todo o controle*". Seu plano em relação a eles era afastar as tribos para o norte do Platte e para o sul do Arkansas, deixando um vasto cinturão entre as rotas de viagem e povoações. Além disso, queria construir fortes e colocar tropas ao longo de uma estrada

que ia do Forte Laramie para o norte, até Montana, onde tinha sido descoberto ouro. Não lhe ocorreu que o vasto cinturão através das planícies e da estrada para Montana implicava invasão ou eliminação dos terrenos mais ricos em caça dos índios desta região. Qualquer interferência com a caçada de búfalos e antílopes ameaçava a comida, o abrigo e as vestimentas dos índios das planícies, forçando até mesmo as tribos mais pacíficas a lutar por sua sobrevivência.

Em 1864, quando a corrida do ouro em Montana chegava ao auge, o velho Jim Bridger abriu uma trilha do Forte Laramie a Virgínia City. Sabendo da determinação dos índios de manterem os homens brancos fora da sua região favorita do Rio Powder, Bridger fez uma trilha a oeste das Montanhas Big Horn. O comerciante John Bozeman, contudo, abriu uma estrada a leste das montanhas, diretamente dentro da região de caça, principalmente devido à excelente pastagem para as parelhas das carroças e o fácil acesso à caça para o suprimento de carne. Os viajantes preferiam a Trilha Bozeman, mas alguns temiam os índios e exigiram proteção militar.

Embora as tribos sioux, cheyenne e arapaho, cuja sobrevivência vinha da região do Rio Powder, tivessem resistido com luta em 1865, quando o General Patrick Connor invadira com três colunas de soldados e atacara suas aldeias, eles interferiam pouco com os civis que queriam apenas passar através da região deles. Em junho de 1866, uma caravana civil de 25 carroças atravessou a Trilha Bozeman, do Forte Laramie a Virgínia City, sem nem ao menos se preocuparem em proteger os veículos à noite. No meio do caminho foram vistos cheyennes e arapahos que queriam trocar mercadorias índias por açúcar e farinha. No dia 20 de junho, *"os índios nos guiaram na travessia de outro riacho difícil e viajaram conosco quase toda a manhã, tentando 'barganhar'. Mais índios apareceram perto do rio e um chefe velho deu de presente ao chefe da caravana um belo manto de búfalo"*. As mocinhas brancas da caravana se integraram livremente entre os chamados *"hostis"*, trocando xícaras de açúcar por mocassins.

Naquela mesma semana, no Forte Laramie, uma coluna de infantaria e cavalaria sob o comando do Coronel Henry B. Carrington partiu para o norte, por ordem do General Sherman, para estabelecer três fortes ao longo da Trilha Bozeman e *"completar a estrada para carroças do Forte*

Laramie a Virginia City, onde os índios dão a impressão de que vão resistir. Eles consideram que lá é a passagem da única região de caça que lhes resta; mas esta estrada é necessária para Montana, e deve ser completada e tornada segura".

Embora Nuvem Vermelha e outros líderes da região do Rio Powder avisassem que não tolerariam esta ocupação militar de suas terras do tratado, Sherman aparentemente ficou surpreso quando começaram os primeiros ataques contra os soldados do Forte Phil Kearny. No riacho Crazy Woman, a 22 de junho, antes que os soldados chegassem lá, uma caravana civil que passava acampou com "carroças e barracas espalhadas aqui e ali (...) com fogueiras reluzentes brilhando através das árvores (...) e a lua quieta iluminando a eles todos cá embaixo". No Crazy Woman, um mês depois, os índios atacaram uma vanguarda bem armada de soldados invasores, causando várias baixas. "Estas mortes devem ser vingadas", declarou Sherman. Seis meses depois, ficou pasmo ao receber o relatório de emboscada ao grupo do Capitão William J. Fetterman, composto de 81 homens, parte do Forte Phil Kearny.

"Não compreendo como o massacre do grupo de Fetterman pôde ter sido tão completo", telegrafou ele para o General Grant, de St. Louis. "Precisamos agir com vingativa severidade contra os sioux, chegando até mesmo a exterminar todos, homens, mulheres e crianças. Se não for assim, não atingiremos a raiz deste problema."

Durante semanas, ficou planejando como iria chegar aos guerreiros de Nuvem Vermelha e começar seu extermínio. "Esses bandos errantes não têm verdadeiros chefes", escreveu ele ao General Grant em julho de 1867, "mas são uma democracia pura; cada homem faz o que quer, independente do seu chamado chefe." Continuou recomendando que todos os tratados anteriores fossem anulados e que os índios não estabelecidos nas reservas fossem considerados inimigos em guerra com os Estados Unidos. O Congresso, contudo, que refletia a vontade de uma nação que procurava mais uma solução pacífica que um caso de guerra sangüinária, nomeou uma comissão de paz para lidar com os índios. Para tristeza de Sherman, ele foi colocado na comissão, juntamente com outros dois generais, Alfred Terry e W. S. Harney, e quatro civis.

Em setembro, Sherman e seus colegas da comissão embarcaram num trem da Union Pacific em Omaha e viajaram para o norte do Rio Platte,

onde vários líderes dos sioux e cheyennes tinham concordado em se encontrar para um conselho de paz. Cauda Pintada, Matador de Pawnee, Alce em Pé e vários outros estavam lá, mas Nuvem Vermelha recusou-se a ir, enviando um emissário guerreiro, que 20 anos antes tinha sido grande admirador de Francis Parkman. Seu nome era Jovem-Medroso-de-Seus-Cavalos, e ele se casara com a filha mestiça do guia de Parkman, Henry Chatillon.

Embora Sherman tentasse sumir com os repórteres nas parlamentações com os índios, um jovem do País de Gales apareceu lá como representante dos jornais de St. Louis e Nova York. Seu nome era Henry M. Stanley, que mais tarde ficou famoso em sua busca por David Livingstone na África. "*O General Sherman*", escreveu ele, "*deu três baforadas graves*" de cada um dos cachimbos da paz passados em volta dos chefes visitantes. Depois sentou-se para ouvir os discursos dos índios.

Cauda Pintada foi o primeiro a protestar contra a construção dos fortes e estradas através da região do Rio Powder. "*Quero que essas estradas parem*", disse ele, "*ou que virem para outra direção. Nós então viveremos em paz juntos.*" Matador-de-Pownee disse praticamente a mesma coisa: "*A causa de nossos problemas é a estrada do Rio Powder. Nessa região existe caça. É disso que nós vivemos.*" A maior parte dos chefes não se opôs à construção da estrada de ferro; o trilho de aço já estava lá e eles não podiam fazer nada a respeito.

Durante toda a quente tarde de setembro os discursos continuaram, e então, segundo Stanley, Sherman respondeu "*com seu modo todo especial*". Disse que achava que os índios tinham dado permissão para que a estrada Bozeman passasse pela região do Rio Powder, mas mesmo que não concordassem com isso a estrada não seria deixada de lado "*enquanto os índios continuassem a guerrear*". Com uma lógica militar bizarra, ele explicou: "*A estrada do Rio Powder foi construída para fornecer provisões aos nossos homens*". Prometeu, entretanto, considerar os estragos que poderiam ser causados aos índios pela presença da estrada e dos fortes. "*Se acharmos que a estrada vai prejudicá-los, a deixaremos de lado ou pagaremos por ela.*" Dinheiro e presentes, acreditava Sherman, comprariam qualquer coisa. "*Vocês devem se submeter e fazer o melhor que puderem*", avisou ele. "*Se*

continuarem a guerrear serão mortos (...) vivam como os homens brancos e nós os ajudaremos com tudo o que quiserem."

A maior parte dos líderes índios, contudo, sabia que não havia jeito algum de viverem como homens brancos mesmo, se quisessem. Com Nuvem Vermelha e guerreiros como o jovem Cavalo Doido liderando-os, decidiram manter sua última reserva de caça intocada. Quando os membros da comissão organizaram um segundo encontro com os chefes no Forte Laramie, no outono de 1867, nenhum dos líderes da resistência apareceu.

Na primavera de 1868, os membros da comissão tentaram mais uma vez convencer os índios a cessarem sua oposição à ocupação militar da região do Rio Powder, propondo de fato que eles abrissem mão inteiramente dela e se mudassem para uma reserva em algum canto do Rio Missouri — onde poderiam ser controlados com mais facilidade. Nuvem Vermelha e seus seguidores não quiseram ouvir falar disso, recusando-se a ir ao Forte Laramie até que todos os soldados se retirassem da sua região. Nuvem Vermelha mandou, na realidade, uma mensagem para os membros da comissão: *"Estamos nas montanhas, uma olhando os soldados e os fortes embaixo. Quando os soldados começarem a se mexer e o forte for abandonado, então eu desço e converso."*

Sherman partiu do Forte Laramie exasperado, mas semanas depois aprovou uma ordem para que todos os seus soldados abandonassem os fortes ao longo da estrada Bozeman e saíssem da região do Rio Powder. Nuvem Vermelha e os líderes da resistência tinham vencido, temporariamente: *"Com o tempo precisamos ter índios selvagens na mão"*, escreveu Sherman para Grant, *"e lhes daremos uma surra dos infernos. Eles agora merecem isso, mas estão tão espalhados e tão misturados, que mesmo que estivéssemos preparados não saberíamos onde atacar."*

Meses após ser eleito Presidente, Grant promoveu Sherman a marechal, baseado em Washington. O substituto de Sherman como comandante no Oeste foi o General-de-divisão Philip Henry Sheridan. Embora dez anos mais moço que seu comandante, Sheridan conhecia muito mais do que ele sobre lutas contra os índios. Quando se formara em West Point, em 1865, tinha sido enviado para o Oeste e passado

diversos anos lá, perseguindo e matando yakimas e outros nativos americanos da Califórnia e do Oregon. Meio século antes, essas mesmas tribos tinham auxiliado Lewis e Clark em sua jornada para o Pacífico, mas na década de 1850 invasores brancos estavam tomando suas terras; quando eles se opuseram a isso, os soldados foram mandados para lá a fim de enxotar os habitantes originais. Sheridan, evidentemente, gostou do trabalho.

Durante a guerra civil, Sheridan devastou o Vale do Shenandoah, mais ou menos da mesma forma que Sherman saqueou a Geórgia. Quanto ao temperamento, entretanto, os dois eram opostos. Sheridan abriu caminho na vida vindo de uma família pobre irlandesa e tornou-se um homem de atitudes belicosas. Seu rosto de pele grosseira e seu corpo grotesco faziam dele o centro das piadas em West Point, e até mesmo o Presidente Lincoln ria da sua aparência — *"corpo comprido, pernas curtas, pescoço pequeno demais e braços tão longos que se tivesse de cocar o tornozelo não precisaria nem mesmo se abaixar"*. Montado, Sheridan transformava-se num centauro, e sua suprema alegria era galopar como um louco, com bandeiras tremulando e sabres tinindo. George Armstrong Custer o admirava e imitava.

"O índio é preguiçoso, indolente e vagabundo", declarou Sheridan no final do seu primeiro ano de comando no Oeste. *"Ele nunca trabalha e não tem profissão a não ser a das armas, para a qual é criado desde pequeno; tem sempre à frente dos olhos um escalpa se balançando e a maior honra a que pode aspirar é possuir um tirado por ele próprio. Não é de admirar, portanto, que queira atingir essa honra quando crescer, especialmente senão há punição a este bárbaro. O governo foi sempre liberal com os índios, especialmente quando se estabeleceram nas reservas; as terras que lhes foram reservadas eram da melhor qualidade, tornando-os talvez as comunidades mais ricas do país."* É possível que Sheridan acreditasse no que dizia; nesse caso, ele certamente não levou muito tempo observando os costumes dos índios das planícies ou visitando suas reservas. Em 1868, depois que Nuvem Vermelha obteve sua paz temporária no Norte, Sheridan propôs a Sherman que o Exército voltasse sua atenção para as tribos ao longo do Arkansas, o rio que Sherman tinha escolhido como o limite sul do seu *"vasto cinturão"* através das planícies, que deviam ficar vazias de índios.

Para os cheyennes do sul e arapahos, kiowas e comanches, as planícies a oeste do Kansas eram uma reserva de caça tão importante quanto a região do Rio Powder para as tribos do norte. O sucesso de Nuvem Vermelha em afastar os invasores brancos da sua região teve efeito sobre os líderes do sul, embora o mais sábio deles percebesse que as linhas das diligências, as estradas de ferro e as povoações dos brancos tinham condenado seus antigos campos de caça entre os rios Republican e Smoky Hill. Chaleira Preta, um idoso chefe dos cheyennes do sul, não queria participar da defesa da área dos búfalos. Em 1864, ele quase morrera nos horrores de Sand Creek, onde seu povo tinha perdido muitas mulheres e crianças no ataque dos soldados do Coronel John M. Chivington. A maior parte dos guerreiros estava fora naquela hora, caçando búfalos no Kansas, e alguns deles tinham se engajado desde aquela época numa guerra de vingança contra os Casacos Azuis. No verão de 1868, Chaleira Preta tinha seguido os conselhos dos soldados e agentes e descido para o sul do Arkansas com centenas de seguidores, para caçar búfalos onde lhes tinham dito que seria seguro. No outono armou um acampamento de inverno ao longo do Rio Washita.

Naquele verão, contudo, inúmeros guerreiros cheyennes foram para o norte do Arkansas, onde a caça estava melhor. Um bando de aproximadamente 200 índios jovens, incluindo cheyennes, arapahos e sioux, se exaltaram, atacando as povoações e estações de diligências. Caçavam diligências, emboscavam caravanas, e por vezes estupraram mulheres brancas.

Essas depredações deixaram Sheridan enfurecido, mas seus cavalarianos não tiveram sorte quando tentaram dominar os desordeiros: "*O índio montado no seu pônei forte e conhecedor da região*", queixou-se ele, "*era tão difícil de ser encontrado, enquanto houvesse mato, quanto o Alabama [um cruzador perdido da Marinha Confederada] no oceano.*" Com essa frustração, Sheridan colocou a responsabilidade dos delitos nos líderes das tribos, embora a maioria deles estivesse a centenas de quilômetros dos acontecimentos. Quando esses líderes souberam que Sheridan estava no Forte Dodge, vários chefes cheyennes, arapahos, kiowas e comanches foram lá discutir com ele as possibilidades de manutenção da paz. Sheridan recusou-se a encontrar-se com eles. "*Eles me pediram uma entrevista, mas eu me neguei*", disse

ele, posteriormente. *"O modo dos índios, pelo que vi, era insolente e insuportável."*

Sheridan já se decidira a esperar até que as tribos formassem seus acampamentos de inverno, para que os soldados pudessem cercá-los e atacar de surpresa. Sherman aprovou este plano da campanha de inverno, mas, temendo ser criticado pela imprensa, fez parecer que estava estabelecendo um refugio no Forte Cobb, onde índios pacíficos estariam a salvo das missões de busca e destruição de Sheridan. Os índios que não se apresentassem ao General William B. Hazen no Forte Cobb, no território índio, declarou Sherman, seriam considerados à margem da lei. *"Proponho"*, disse ele, *"que Sheridan faça a guerra com vingativa severidade contra todos os índios hostis, até que eles fiquem cercados ou peçam misericórdia; portanto, todos que querem a paz devem sair do cenário da guerra."* Sherman não explicou exatamente onde seria o *"cenário da guerra"*, nem como o General Hazen iria sustentar os milhares de índios que certamente procurariam abrigo em torno do Forte Cobb. No dia 17 de setembro de 1868, ele escreveu ao Comissário de Assuntos Índios, informando-lhe do refúgio do Forte Cobb e recomendando que os índios fossem proibidos de caçar búfalos (a fonte de sua alimentação, abrigo e roupas), a não ser que tivessem uma permissão do comandante do posto militar mais próximo.

"Quanto mais pudermos matar este ano", disse ele a 23 de setembro, *"menos teremos de matar no próximo, pois quanto mais eu vejo estes índios, mais me convenço de que todos têm de ser mortos ou mantidos como uma espécie de indigentes. Suas tentativas de civilização são simplesmente ridículas."* No dia seguinte, ele informou ao General Dodge, da Union Pacific, que o Exército não iria esperar todo o inverno. *"Antes da primavera chegar, espero que não reste nenhum índio neste cinturão do país através do qual passem as duas estradas de ferro."*

O General Sheridan, nesse meio tempo, organizava com energia uma campanha de inverno. Estabeleceu o quartel-general no Forte Hays, com reforços mandados por Sherman, e empregou dezenas de exploradores civis famosos — inclusive o ex-cavaleiro do Pony Express, Buffalo Bill Cody. Em meio a essas preparações, o velho Jim Bridger apareceu inesperadamente no quartel-general de Sheridan.

No ano anterior, Bridger se demitira do emprego no Forte Laramie como batedor do Exército. Depois de visitar a nova e turbulenta cidade de Cheyenne e tecer uma breve consideração a respeito do avanço da Union Pacific através do Wyoming, viu que o Oeste de seus dias tinha se acabado para sempre. Sofrendo de artrite, com a visão piorando, tinha se retirado para Westport, Missouri, para viver com suas duas filhas mestiças. Porém, quando ouviu falar dos planos do Exército para uma campanha de inverno, viajou até o Forte Hays, para avisar a Sheridan que não fosse adiante com a coisa. Ele conhecia mais do Oeste e seus habitantes nativos que qualquer outro vivo da sua raça, mas Sheridan riu dos seus conselhos.

"Para mim, esses índios devem ser bem fustigados", disse Sheridan a 26 de setembro, "e os líderes do problema que estamos tendo devem ser enforcados, seus pôneis mortos e suas propriedades totalmente destruídas, para que eles se tornem muito pobres."

Depois de uma troca de opiniões, Sheridan e Sherman concordaram que a melhor escolha para um comandante de campo na luta contra os índios seria o General Armstrong Custer, o "Cabelos Dourados". Havia apenas um ano o Exército enviara Custer à corte marcial e o suspendera do comando depois de uma série de atos violentos, como executar desertores sem qualquer julgamento, e depois ele próprio desertando do seu posto para visitar sua mulher. A 9 de novembro, Sheridan recebeu ordens formais de pôr em execução a campanha de inverno. No dia 23 de novembro, Custer marchou com sua Sétima Cavalaria para fora de Camp Supply, dirigindo-se diretamente aos pacíficos acampamentos dos índios no Washita.

Nesse meio tempo, os líderes das tribos do sul tinham se inteirado dos planos da campanha de inverno do Exército contra os "*hostis*" e do refúgio no Forte Cobb para os "*amiguinhos*". No final de novembro, Chaleira Preta e vários outros líderes cheyennes e arapahos fizeram uma viagem às pressas ao Forte e pediram proteção ao General Hazen. Hazen, mais tarde, tentou explicar por que os mandara embora. Disse que acabara, justamente de ser informado que as forças de Sheridan tinham ordens de perseguir e punir os índios que tinham feito depredações no Kansas, mesmo na reserva sob minha responsabilidade e no Forte Cobb.

Quando Chaleira Preta, com uma comitiva, do seu povo e dos arapahos, chegou ao Cobb para fazer a paz (...) aconselhei àqueles que realmente queriam paz que voltassem sem demora a seus acampamentos, que tirassem seu povo do cenário da guerra e que evitassem com cuidado o ameaçador confronto, mas que não viessem ao forte até que eu os mandasse chamar (...) Eles voltaram então aos seus acampamentos no Washita (...) e, na manhã seguinte, o ataque comandado pelo General Custer teve lugar, e Chaleira Preta foi morto.

Hazen sabia que, afastando Chaleira Preta e seus seguidores do Forte Cobb, estava mandando-os para a morte quase certa nas mãos da cavalaria de Custer; e também não devia ignorar que Chaleira Preta era um dos líderes índios mais procurados pelo Exército. Desde Sand Creek, Chaleira Preta se tornara um símbolo que representava todos os erros cometidos pelos militares para com os índios durante a Conquista do Oeste. Chaleira Preta tinha de ser eliminado, e isso devia ser Jeito de maneira que ele e seu povo parecessem ser os que estavam sem razão.

Sheridan usou uma grande mentira para destruir a reputação de Chaleira Preta, dizendo que, antes da campanha de inverno, havia-lhe oferecido asilo num forte, "*Ele se recusou e foi morto em combate*". Depois, declarou que os homens de Custer tinham encontrado fotografias e reproduções, roupas e camas das casas das pessoas massacradas em Solomon e Saline, no Kansas. Não explicou que Chaleira Preta e a grande maioria de seu povo estavam bem longe do cenário das depredações do verão. Para punir os poucos desordeiros no acampamento, a cavalaria de Custer matou indiscriminadamente 103 cheyennes, sendo que apenas 11 deles eram guerreiros. Os soldados queimaram suas tendas, mataram 875 cavalos e levaram em triunfo para Camp Supply 53 mulheres e crianças.

"*Embora Custer tenha dado um golpe terrível, e acabado com Chaleira Preta e seus assassinos e estupradores de mulheres desamparadas*", disse Sheridan, "*acho que nosso trabalho ainda não terminou.*" Com os cheyennes e arapahos vencidos na neve, Sheridan e Custer foram então atrás dos kiowas e comanches. Conseguiram capturar Satanta e Lobo Solitário, sob o pretexto de um conselho, agitando uma bandeira de trégua; então, violando a trégua, prenderam os chefes kiowas, que foram acorrentados. Para forçar a tribo a se render,

Sheridan enviou mensagens aos que fugiram, informando-lhes, que a menos que todos fossem para o Forte Cobb e entregassem as armas, seus chefes seriam enforcados. Foi durante esta rendição em massa dos kiowas que Sheridan pronunciou sua frase famosa; O único índio bom é o índio morto.

Depois que os kiowas se renderam, Sheridan manteve sua palavra e libertou Satanta e Lobo Solitário. *"Vou sempre me arrepender, entretanto, de não ter enforcado esses índios; eles o mereceram muitas vezes; e também sempre vou me arrepender de não ter punido toda a tribo, quando a encontrei pela primeira vez (...) mas a pessoa às vezes se confunde com relação ao seu dever."*

Nos cinco anos seguintes, Sheridan, com a assistência ocasional de Sherman, sustentou uma vendeta com os rebeldes kiowas e seus aliados, os comanches. Ambas essas tribos montadas detestavam ser confinadas em reservas, e diversos de seus líderes morreram voluntariamente nas lutas para manterem seu povo livre.

No verão de 1874, o Exército tinha varrido a maioria dos kiowas e comanches para os confinamentos em território índio. Alguns bandos, entretanto, conseguiram escapar aos soldados e encontraram um lugar de refúgio no famoso oásis do Llano Estacado do Texas onde Coronado e seus homens tinham conseguido se salvar em maio de 1541. Encontrava-se aí o Canyon Paio Duro, invisível da planície, com 300 metros de profundidade em certos pontos, com água e grama perenes, um éden onde viviam as últimas manadas de búfalos das planícies do sul. Os espanhóis de Coronado tinham também encontrado nogueiras e amoreiras, ameixas silvestres, uvas e perus, e essas fontes de alimentação ainda estavam disponíveis para os grupos crescentes de kiowas, comanches e cheyennes. Organizaram suas aldeias de tipis ao longo da margem do canyon em 1874 e tentaram viver como povos livres, do modo como sempre tinham vivido.

Tal paraíso não podia ser mantido em segredo; seus amigos e parentes das reservas ouviram falar de Paio Duro e tentaram se juntar a eles. O Exército ouviu boatos de que havia índios livres nas planícies, mas as patrulhas não conseguiram nenhuma pista deles. Em setembro, Sheridan interrompeu as memórias que estava escrevendo pelo tempo suficiente de ordenar que cinco colunas vasculhassem o Llano Estacado;

enviou milhares de soldados em marcha contra aquelas poucas centenas de índios livres.

A 26 de setembro, a cavalaria do Coronel Ronald Mackenzie encontrou uma trilha estreita descendo para Paio Duro. Ao verem a primeira aldeia de tipis, abriram fogo. Os guerreiros fizeram uma cobertura pelo tempo suficiente para que as mulheres e crianças escapassem; depois fugiram todos, diante do poder superior do fogo dos soldados. Os homens de Mackenzie queimaram os tipis, cobertores e **pemmican***; cercaram dois mil pôneis que os índios tinham abandonado na fuga das escarpas para a planície aberta e então dispararam em todos os animais capturados. Nos dias seguintes, os soldados montados subjugarão os grupos dispersos de índios desmontados e os forçaram a andar mais de 30 quilômetros de volta ao Forte Sill.

* pemmican — alimento concentrado usado pelos índios norte-americanos. Carne-seca magra moída no pilão e misturada com gordura derretida. (N. do T.)

Em menos de dez anos, Sherman e Sheridan tinham destruído as tribos das planícies do sul. Agora podiam voltar todo o poder do Exército para os orgulhosos sioux e seus aliados do Norte. Confiavam que esses índios renitentes também seriam esmagados pelos ambiciosos e agressivos comandantes de campo, tais como Ronald Mackenzie e George Armstrong Custer.

O PAI DOS "COWBOYS"

Nem bem dois anos haviam se passado após os soldados do Coronel Mackenzie deixarem Paio Duro para as aves de rapina — que rapidamente transformaram os cavalos mortos dos índios numa pilha de ossos —» e uma boiada de 1.800 , de movimentos lentos, começou a aparecer no horizonte norte do Llano Estacado. Estavam sendo trazidos do Colorado por um homem de 40 anos, duro como as botinas de couro cru que calçava. Seu nome era Charles Goodnight, e pretendia herdar a vasta planície onde Coronadd tinha encontrado os índios que chamara de teyas e as manadas de búfalos tão numerosas como os peixes do mar. Agora os índios estavam trancafiados nas reservas e os búfalos tinham ido para as planícies do Sul. Para substituí-los, Goodnight chegou com seus cowboys e longhorns.

Os mapas mostravam que o Llano Estacado era um deserto impiedoso, e os viajantes, durante três séculos, tinham se desviado do seu caminho para evitar atravessar a região seca, de ventos escaldantes e áreas desarborizadas, interrompidas por escarpas de tom fosco. *"A região é como se fosse uma grande taça"*, dissera Pedro de Castañeda, *"de modo que quando o homem se senta, o horizonte o rodeia todo até a distância de um tiro de mosquetão."* Charles Goodnight, todavia, era texano havia bastante tempo para se lembrar bem das manadas infinitas de búfalos que desciam o Rio Vermelho para se alimentar da rica grama e capim do Llano e beber em suas fontes e regatos ocultos.

Goodnight nunca tinha visto Paio Duro, mas ouvira falar de um canyon de alguma parte das planícies, um lugar que diziam ser sempre verde. Na primavera de 1876, ele o encontrou, uma fenda profunda na terra árida, uma trilha de búfalos que chegava a um oásis verde de choupos, tuias, cinamomos e um tapete de grama.

Quando Charles Goodnight era menino, no norte de St. Louis, no condado de Macoupin, Illinois, seu pai morreu. Sua mãe casou-se de novo, com um homem tomado pela febre expansionista da década de 1840. Em 1846, no Ano da Decisão, o padrasto do jovem Goodnight se sentiu compelido a migrar para o Texas. Colocou Charles em cima de uma égua, mas não teve dinheiro para comprar uma sela, e o menino de 11 anos andou em pelo por 1.200 quilômetros, as nádegas e virilhas ficando em carne viva, até cicatrizarem e tornarem-se calosas. Três quilômetros a oeste de um posto comercial do Texas chamado Dallas — duas cabanas de toras de madeira e um atracadouro de barcaças — o jovem Goodnight viu seu primeiro búfalo.

Dez anos mais tarde, em 1857, no ano em que John Butterfield começou a preparar a rota para seu Correio Terrestre, Goodnight tinha 21 anos de idade e estava tangendo os longhorns para perto do Forte Belknap, uma das paradas das diligências de Butterfield. Goodnight e seu padrasto tinham sido contratados para guardar 400 vacas ariscas e para marcar as novilhas. Como pagamento por esse trabalho receberiam um quarto das novilhas que nascessem durante o ano. "*Como no final do primeiro ano nossa parte foi de apenas 32 novilhas*", disse ele, "*e como o valor delas era de aproximadamente três dólares por cabeça, calculamos que tínhamos feito os dois, sem contar as despesas, 96 dólares.*"

Na década de 1850, os longhorns tinham de ser tocados por centenas de quilômetros, para Nova Orleans ou Galveston, e se o condutor do rebanho tivesse bastante sorte de arranjar um comprador, ele talvez recebesse no máximo três dólares por cabeça. Para Charles Goodnight, contudo, não havia outra coisa para fazer, e por isso ele foi perseverante. Depois de quatro anos de trabalho pesado, ele e seu sócio juntaram uma boiada de 400 cabeças. E então teve início a guerra civil.

Na região pouco populosa de Cross Timbers, os escravos negros eram raros, a guerra estava tão distante que parecia de pequena importância e as atitudes se baseavam nos laços emocionais da pessoa com a sua região de origem, Goodnight lembrava-se vagamente do Illinois, mas não se importava muito com a guerra. Quando um regimento de carabineiros confederados foi organizado para patrulhar o

Rio Vermelho, 150 quilômetros ao norte dos longhorns de Goodnight, ele se alistou como batedor.

Uma de suas primeiras tarefas foi guiar um destacamento da cavalaria através do Rio Vermelho, para um conselho com os comanches. Os confederados do Texas esperavam convencer a tribo a aderir à causa deles. Considerando-se que havia anos os texanos usavam da força para afastar os comanches do Texas e mandá-los para território índio, esta missão deve ter requerido uma grande dose de descaramento. *"Os comanches recusaram taxativamente uma união com os confederados", lembrou-se Goodnight, "dizendo que nós, texanos, éramos ricos em gado e cavalos, e que eles preferiam nos combater e nos roubar e comerciar com o México — e fizeram isso. Ficamos no acampamento índio apenas um dia e uma noite — não adiantava ficar lá com aqueles patifes."*

Durante o resto da guerra civil, a companhia texana de Goodnight passou a maior parte do tempo disputando o controle da região do Brazos superior e ao Rio Vermelho com os comanches e kiowas. Eles nunca chegaram a ver um uniforme azul ianque, a grande maioria das mortes sendo causada por picadas de cascavéis. Quando a guerra terminou, seus uniformes improvisados estavam gastos e seu dinheiro confederado não valia nada. Tudo o que possuíam eram manadas dispersas de longhorns, e não havia mercado para eles no falido Sul. *"Eu tive altas perdas", disse Goodnight. "As autoridades confederadas tinham arregimentado muitos homens sem pagar um centavo. Os índios tinham atacado nossos bois, e ladrões de gado os estavam marcando em nome deles, sem considerar nossos direitos."* Ele tinha 30 anos de idade e estava financeiramente arrasado.

No início da primavera de 1866, surgiram boatos na região vaqueira do Texas de que a carne estava escassa no Norte e que um bezerro longhorn poderia valer até 40 dólares, entregue em Chicago. O terminal ferroviário mais próximo ficava no Missouri, e nos primeiros dias mornos da primavera os texanos começaram a levar os longhorns pelas trilhas que cruzavam o território índio. Goodnight via as boiadas se movimentando e pressentiu que haveria um excesso de gado no Missouri. *(Ele tinha razão; 100 mil longhorns não foram vendidos por falta de compradores e facilidades de transporte por via férrea.)* Em vez

de se juntar aos que iam para o Missouri, Goodnight e seu vizinho de 54 anos, Oliver Loving, decidiram juntar suas boiadas e seguir rumo oeste, para o Novo México. Diziam que havia demanda de gado lá, por parte dos mineiros e agentes do governo que compravam a carne para os apaches e navajos, confinados em reservas pelo General James Carleton e Kit Carson. O pagamento era em ouro e prata e não em papel-moeda, pois Goodnight e Loving não confiavam nisso depois do colapso da Confederação.

Para chegarem ao Novo México, eles podiam seguir a rota abandonada do Correio Terrestre de John Butterfield. A maior parte das estações, olhos-d'água e poços, que tinham mantido os empregados de Butterfield e os passageiros, ainda estavam lá. No dia 6 de junho, Goodnight e Loving começaram a tocar uma boiada de dois mil longhorns na direção oeste, saindo do Forte Belknap. Para essa jornada arriscada, Goodnight construiu provavelmente a primeira carroça de provisões. Comprou os eixos e as rodas de uma carroça do governo e a reconstruiu com a madeira mais resistente que conhecia, a madeira usada pelos índios para fazer seus arcos — **osage orange** ou **bois d'are*** Substituiu os eixos de madeira por ferro, e para lubrificar a carroça carregava uma lata de gordura e não o habitual balde de alcatrão do Exército. Em vez de cavalos, decidiu alternar pares de seis bois fortes para puxar a carroça. Na parte traseira construiu uma caixa de provisões com uma tampa engonçada, que podia se transformar em mesa para cozinha. Toda uma geração de viajantes das trilhas iria adotar a invenção, de Goodnight para as longas viagens aos mercados, e muitas variações disso ainda são hoje usadas nos grandes ranchos de gado.

* Árvore nativa do centro-sul dos Estados Unidos (Madura pornifera) cuja madeira flexível e durável era usada pelos índios osage para a confecção de seus arcos. (N. do T.)

A viagem foi difícil até entrarem nos últimos 120 quilômetros da rota Butterfield até o Rio Pecos. Na parte mais baixa de Llano Estacado, os olhos-d'água estavam todos secos. Atravessaram a terra árida em três dias, movimentando-se lentamente dia e noite. No terceiro dia, os longhorns foram controlados com dificuldade, por estarem alucinados de sede. Quando a boiada sedenta sentiu o Rio Pecos, houve um estouro e

os bois se empilharam no rio, alguns se afogando por baixo dos que vinham por trás.

Durante três dias os viajantes descansaram, deixando a boiada se recuperar, e depois subiram o rio até o Forte Sumner, onde oito mil navajos confinados em Bosque Redondo estavam quase morrendo de fome» Um fornecedor do governo ofereceu-lhes o fabuloso preço, de 18 centavos por quilo do gado e comprou mais da metade, pagando 12 mil dólares em ouro. Pelos padrões daquela época, Goodnight e Loving de repente se tornaram ricos, e ainda ficaram com parte do gado longhorn.

Enquanto Loving levava o resto da boiada rumo norte, para o Colorado, Goodnight e três de seus vaqueiros voltaram para o Texas com, o ouro Sabendo muito bem que os comanches se opunham às invasões de suas planícies, Goodnight separou quatro mulas para montaria e quatro cavalos rápidos para emergência em caso de ataque. Uma quinta mula foi utilizada para carregar a comida e a fortuna em ouro. Já tarde, numa certa noite, logo antes de chegarem a Pecos, uma tempestade súbita amedrontou a mula de carga e ela ficou/frenética. Arrebentou as cordas e desapareceu, carregando as provisões e o ouro. Goodnight perseguiu o animal na escuridão e finalmente conseguiu subjugar-lo. *"Agarrei uma corda que estava pendurada na carga e sofreei a mula, depois de ter sido arrastado até perto de um precipício cheio de rochas, me arriscando a quebrar o pescoço. O ouro foi salvo, mas nossas provisões estavam inteiramente perdidas e não havia jeito de conseguir outras."*

Na manhã seguinte, eles procuraram por toda a região escarpada de Guadalupe pela comida perdida, mas só conseguiram encontrar um pouco de bacon. *"Aprendi uma lição que nunca mais esquecerei, quando, olhando os rapazes, pensei: 'Aqui está você com mais ouro do que nunca teve na vida e que não pode lhe comprar um gole d'água e nem comida alguma. Por este ouro você podia ter levado três homens à morte... por uma coisa totalmente inútil para você'."*

Goodnight teve mais sorte do que Jedediah Smith 40 anos antes, no Colorado e no Klamath. Ele não perdeu seus "rapazes", mas eles tiveram de viajar três dias através de uma vastidão de 140 quilômetros, sem nada para comer, até chegarem a Pecos, onde *"acidentalmente encontramos um homem que dividiu conosco a pouca comida que tinha"*. Depois

dessa experiência, Goodnight talvez tenha compreendido a preocupação de Smith com os terrores da vida e da morte, seu medo de enredamento com as "*coisas do tempo*" Mas deve ter compreendido o fascínio do Homem da Montanha pelas provações que enfrentava deliberadamente, pelos desafios às violentas forças naturais.

Sem esperar que Loving voltasse do Colorado, Goodnight e seus "*rapazes*" juntaram outra boiada de longhorns e mais uma vez enfrentaram a inclemência do LI ano Estacado. Era final de ano, e quando ele encontrou Loving no Novo México, os dois organizaram um rancho de inverno em Bosque Grande, vendendo carne em pequenas porções mensais para os fornecedores do governo no Forte Sumner e em Santa Fé. O rancho deles foi o primeiro ao sul do Novo México, mas Goodnight não sabia dizer se foi organizado por causa do ouro ou por causa do desafio da aventura.

No ano seguinte, vários outros criadores texanos levaram seu gado pela região que estava se tornando conhecida como a Trilha Goodnight-Loving. A presença de tantos homens e animais no Llano em breve atraiu a atenção dos comanches, kiowas e apaches, que ainda estavam convencidos de que aquela era região dos índios e que eles deveriam controlar a intrusão de qualquer pessoa ou coisa por lá. Os índios se interessavam pouco pelos longhorns; o que queriam era os animais que os acompanhavam: os cavalos.

Pouco tempo depois de regressarem ao Texas e começarem a levar outra boiada para o Novo México, Goodnight e Loving passaram a perceber comanches nos flancos da estrada. Tempestades, estouros de boiada e saques por parte dos índios atrasaram a viagem, e Oliver Loving apresentou-se como voluntário para ir na frente, até o Forte Sumner, e fazer o contrato de carne e provisões antes que seus competidores chegassem, levando em sua companhia Bill Wilson, um vaqueiro maneta.

Perto do Pecos, sentinelas avançadas dos comanches pediram que se identificassem. Os dois homens fugiram e se abrigaram num valão coberto de mato, ao lado do rio. Os índios seguiram suas pegadas, envolveram-nos num cerco e começaram a arremessar flechas em ângulos que as faziam cair apontadas para onde estavam Loving e Wilson. Também jogaram pedras em cima dos boiadeiros abrigados.

Durante esse suplício, Loving feriu-se no pulso. À noite, ele estava fraco demais com a perda de sangue para tentar uma fuga na escuridão. Ordenou a Wilson que tentasse e então deitou-se, esperando para morrer — do ferimento ou de uma bala de seu próprio seis tiros, se os comanches se aproximassem demais.

A escapada de Bill Wilson, o maneta, é uma das lendas clássicas do Oeste. Ele rastejou pela vala até o rio, nadou por baixo d'água, passando por dezenas de comanches vigilantes, e depois andou três dias e três noites pelas rochas e cactos. Quando alcançou Goodnight e a boiada estava quase cego, com o rosto inchado, os pés rachados e sangrando. Goodnight só o reconheceu pelo braço que faltava.

Sem pensar na segurança da boiada, Goodnight convocou voluntários e liderou um grupo de salvamento, viajando rapidamente para socorrer Loving. Não conseguiram encontrar vestígio dele, apenas pilhas de pedras arremessadas no valão e marcas na terra deixadas pelas flechas, que tinham sido recolhidas pelos índios. Depois de uma busca cuidadosa na área, Goodnight considerou seu sócio morto. Quando a boiada chegou ao Pecos, ele levou os longhorns para o Forte Sumner, chorando a morte de Oliver Loving. Assim que entrou no forte, entretanto, viu Loving de pé, com o braço na tipoia. A escapada de Loving dos comanches tinha sido ainda mais milagrosa que a do maneta Bill Wilson, embora no final o destino se voltasse contra ele. Seu braço ferido foi afetado pela gangrena e, apesar de Goodnight ter mandado homens em rodízio de cavalos em busca de um cirurgião em Las Vegas, Oliver Loving morreu. Seu último pedido foi que Goodnight levasse seu corpo de volta para o Texas. Para cumprir sua promessa, Goodnight e seus vaqueiros juntaram latas descartadas do lixo do Forte Sumner, achataram-nas para fazer um caixão; cobriram o corpo de Oliver Loving com carvão e então levaram-no com sua sela para o Texas, pela Trilha Goodnight-Loving.

Pouco depois disso, Goodnight decidiu que tinha feito travessias suficientes pelo Llano Estacado. Talvez os contínuos desafios dos comanches e kiowas o tenham convencido de que os índios queriam mesmo manter suas planícies e seus búfalos. No Colorado as tribos tinham sido enxotadas pelos mineiros inimigos dos índios e pelos colonizadores, e ali a pastagem era bastante e boa. "*Em 1868, comprei*

uma grande área de terra no Colorado, perto de Pueblo\ disse ele, "e em 1871 comprei um rancho grande a 70 quilômetros de Trinidad."

Durante a guerra civil, enquanto fazia reconhecimentos para os Confederados do Texas, ele tinha conhecido Mary Ann Dyer, e toda vez que voltava para a região de Cross Timbers ia fazer uma visita a ela. Em 1869, pediu Mary Ann em casamento. "Depois que me casei, pensei que não iria mais seguir minha vida errante. Decidi me estabelecer e cuidar do rancho.⁵ E assim, enquanto milhares de outros texanos levaram seus longhorns para o norte pela Trilha Chisholm para Abilene, Newton, Ellsworth, Wichita e todos os outros terminais em expansão do Kansas, Goodnight tornou-se um rancheiro do Colorado, um criador que fez dinheiro tão depressa que teve de virar banqueiro para cuidar da sua fortuna.

Sentia falta da excitação da vida nas trilhas, do café da manhã bem cedo e dos biscoitos azedos da carroça, da rotina das viagens que ele tinha aperfeiçoado — o chefe da trilha na frente, depois os cavalos e a carroça, atrás os cavaleiros nas extremidades tocando as reses que lideravam a boiada, em volta da grande extensão de gado os cavaleiros laterais, e finalmente os últimos cavaleiros em nuvens de poeira, cuidando do gado que se movia mais lentamente. Ele sentia falta principalmente da companhia dos "*rapazes*".

No Colorado, ele tentou fazer irrigação e plantar milho. Construiu um teatro de ópera na fervilhante cidade de Pueblo e tentou se aprofundar nos mistérios do negócio bancário. Sabia que o Colorado estava com superprodução e infestado de recém-chegados ambiciosos entrando no negócio de gado, mas nunca pôde entender como os milhares de dólares que passavam por suas mãos desapareceram subitamente no Pânico de 1873. Um dia, em 1875, descobriu que a única coisa que lhe restava era uma boiada de 1.800 longhorns não-comerciáveis, mais ou menos o mesmo número que possuía ao término da guerra civil. Ele estava agora nove anos mais velho e achava-se financeiramente derrotado, como em 1866.

Goodnight lembrou-se das imensas manadas de búfalos do Llano Estacado. A maior parte deles tinha desaparecido, abatidos pelos caçadores de peles. Os ferozes e competitivos comanches e kiowas também não estavam mais ali, para enfrentar a presença dos invasores.

Decidiu levar seus longhorns para as planícies secas e encontrar a água e a grama que atraía os búfalos para lá.

Em 1876, Goodnight reuniu um grupo de "*rapazes*" de confiança para saírem do Colorado de volta ao Texas. Entre eles haviam um escocês e um inglês. (Britânicos enriquecidos vinham-se aventurando no comércio de gado no Oeste na década de 1870, e em breve iriam marcar sua presença do Texas a Montana.) James T. Hughes era o inglês e viera para o Colorado aprender o negócio de gado. "*Nesta vida*", disse ele, "*há uma feliz combinação de negócio e prazer (...) Empreguei-me com um rei do gado chamado Goodnight, para conduzir uma boiada até o Texas.*" O jovem Hughes escreveu cartas entusiasmadas para seu pai, Thomas Hughes, autor de *Os Tempos de Escola de Tom Brown*, o qual usou os rendimentos deste livro popular para fundar a colônia cooperativa experimental de Rugby, Tennessee.

"*No dia 22 lavei todas as minhas roupas, uma tarefa gigantesca*", escreveu James Hughes, com o ardente entusiasmo do herói fictício criado por seu pai, "pois não as lavava desde que deixei o Rio Canadian, Nevou nos dias 23 e 24. Nós nos barbeamos e nos 'lubrificamos' com gordura de urso para o Natal — a única extravagância que podíamos fazer, já que tínhamos consumido toda a boia exceto a farinha; mas farinha, urso, búfalo e peru dão para viver bastante bem."

Quando Goodnight e seus "*rapazes*" desceram o Colorado com os longhorns, ele não tinha ideia formada de onde deveria parar, mas sabia que água e relva seriam encontradas em algum lugar naquela extensa e evitada parte do Texas. Ao longo do caminho, ele encontrou esparsos rebanhos de ovelhas que tinham sido trazidas do Novo México e a presença delas confirmou sua crença de que o Panhandle poderia tornar-se "*uma farta e produtiva parte do Texas*". Certa noite, um velho mascate mexicano, vagando sem rumo pela planície, chegou ao acampamento de Goodnight e deu-lhe a pista que estava procurando. O comanchero contou-lhe ter visto um profundo canyon no Llano Estacado, um vale oculto com árvores, água e grama, onde os búfalos ainda viviam e onde a alvura que se destacava ao sol eram grandes pilhas de ossos de cavalos, abandonados depois que os soldados expulsaram os índios.

Goodnight pediu ao comanchero que o levasse até lá, mas o lugar não era fácil de achar. Eles procuraram por vários dias, seguindo arroios que se dirigiam a parte alguma, e um dia, por fim chegaram à beira de um profundo canyon, O velho mexicano ergueu as mãos. "*Finalmente!*", gritou. "*Finalmente!*" Tinham encontrado o Paio Duro.

Descobriram uma estreita trilha de búfalos, através da qual o gado poderia entrar em fila indiana. No fundo havia fartura de pasto natural e um riacho de águas cristalinas. Manadas de búfalos, últimos remanescentes das devastadoras caçadas nas planícies, estavam ali também em grande número, disputando a pastagem. Goodnight chamou o jovem Hughes e alguns dos outros vaqueiros e afugentaram os búfalos disparando seus revólveres e rifles, até que os assustados animais estouraram através dos arbustos e desapareceram nas profundezas do canyon, em meio a uma nuvem de poeira avermelhada.

A tarefa mais difícil era introduzir no canyon a cozinha ambulante e os carroções de suprimentos. James Hughes contou como conseguiram isso: "*Nós fomos capazes de improvisar algo parecido com uma estrada para o primeiro e o último terço da colina, mas o do meio era muito íngreme e tivemos que descarregar as carroças e transportar as coisas nas costas. Então, fizemos descer as carroças, a parte traseira primeiro, com uma corda atada ao varal e passada em torno de uma árvore e com um homem para firmar cada roda. Conseguimos descê-las a salvo e sem quebrar nada, o que foi uma sorte. A primeira coisa que fizemos no canyon foi abater dois perus selvagens, os quais se constituíram em excelente refeição.*" (Quando os homens de Coronado entraram no canyon, em 1541, uma das primeiras coisas anotadas por Pedro de Castañeda foram os "perus da mesma espécie encontrada na Nova Espanha".)

Assim que os longhorns e as carroças estavam a salvo no Paio Duro, Goodnight voltou apressadamente a Pueblo, sob uma tempestade de neve, para buscar sua mulher. Também precisava muito de dinheiro. Tinha de comprar milho para seus cavalos e equipamentos para o novo rancho, e também queria alguns touros Durham para melhorar seu estoque de longhorns. Foi ver John G. Adair, um dos britânicos ricos recém-chegados ao Colorado. Adair tinha acumulado dinheiro pedindo emprestado a juros baixos na Inglaterra e emprestando a juros altos nos

Estados Unidos. Em 1875, ele montara um escritório de câmbio em Denver, e quando Goodnight lhe propôs uma sociedade num rancho em Paio Duro, Adair se ofereceu para entrar com o dinheiro.

Assim começou o famoso Rancho JA, a marca que representava as iniciais de Adair, o primeiro dos grandes ranchos na terra dos búfalos dos comanches e kiowas. Se Goodnight se ressentiu por não ter seu nome no rancho ou na marca, jamais mencionou isso. Quando a sociedade terminou, 11 anos mais tarde, Paio Duro tinha 100 mil cabeças de gado. "*Para cuidar de boiada tão grande*", disse Goodnight, "*empregamos um pequeno exército de homens chamados "cowboys"*". No início, ele sempre chamara-os de **bos**. A palavra cowboy não foi facilmente aceita no Oeste. Desde a Revolução Americana havia uma conotação pejorativa na palavra, como uma apelação usada pelos revolucionários para descrever os que

* Combinação das palavras cow (vaca) e boy (rapaz). Significa, portanto, "os rapazes das vacas", os vaqueiros. (N. do T.)

apoiavam o Rei Jorge III: "Os cowboys eram os piores **tories***; andavam por trás das moitas, armados de espingardas, e com um sino como os das vacas, para atrair os patriotas que as estavam procurando." A primeira hospedaria para os vaqueiros que viajavam pelas trilhas chamou-se A Cabana do Vaqueiro, e os condutores de gado eram chamados de texanos (ou rebeldes, quando se confrontavam com seus inimigos recentes, os ianques). No final da década de 1870, a palavra cowboy estava sendo usada já por todos, e Goodnight e os outros passaram a usá-la também.

* No singular, **tory**: nome dado aos americanos que eram favoráveis à permanência dos Estados Unidos sob o domínio da Inglaterra. (N. do T.)

Logo depois de iniciadas as operações no Rancho JA, Goodnight começou a substituir os longhorns pelos hereford, embora sempre mantivesse alguns daquela raça, animais de fibra, à sua volta para recordar os tempos passados. Simbolicamente ele colocava os dispendiosos herefords na melhor pastagem do rancho, ao longo do riacho Tule, onde os ossos esbranquiçados dos cavalos de Mackenzie

ainda permaneciam. Os cowboys que trabalhavam nesta área diziam que, em noites de luar, perto de Boné Ford, podiam ver fileiras fantasmas de cavalos mustangues sem cavaleiros, galopando ao longo da beira do canyon.

No final de 1878, um grande bando de comanches e kiowas, alucinados para comer carne nas reservas do território índio, atravessou o Rio Vermelho e se dirigiu para Paio Duro, esperando encontrar búfalos. Os cowboys de Goodnight tinham tirado a maior parte dos animais das planícies, onde os caçadores brancos viviam matando-os a tiros. Embora os índios famintos preferissem carne de búfalo, roubaram diversas cabeças de gado do Rancho JA e mataram-nas para comer.

Assim que Goodnight ouviu falar disso, organizou um encontro com os líderes índios, um dos quais era Quanah Parker, um comanche mestiço. Goodnight disse-lhes que queria fazer um tratado particular com eles.

— Você não sabe que esta região é nossa? — perguntou um dos comanches.

Goodnight respondeu que tinha ouvido falar que era, mas que o grande capitão do Texas também dizia que possuía a terra e o fazia pagar por ela. (*Goodnight e Adair estavam então comprando 945 quilômetros quadrados a 20 centavos por acre*). A conversa continuou por algum tempo até que Guanah Parker e uns outros prometeram permitir que Goodnight ficasse em sua terra, desde que lhes pagasse duas cabeças de gado por dia. Goodnight concordou, é claro; sabia que os soldados viriam em breve, para forçar os índios a voltarem para suas reservas.

Depois de 11 anos gerenciando o Rancho JA, Goodnight decidiu que chegara a hora de estabelecer seu próprio rancho. Adquiriu uma área ao longo da nova Estrada de Ferro Fort Worth & Denver City; a cidade que se desenvolveu perto da sua sede recebeu o seu nome.

Em 1877, quando a sociedade de Goodnight e Adair começara ele estava falido; em 1888, ao terminar a sociedade, tinha mais de meio milhão de dólares. Quando Goodnight ficou mais velho tornou-se ranzinza, tratando os cowboys como crianças. Proibia que jogassem, bebessem, falassem palavrões ou até mesmo jogassem cartas nos alojamentos. Tinha raiva especial do mumbletypeg, um jogo em que se

arremessava uma faca no chão, e na sua tentativa de parar com o jogo pediu à Associação dos Criadores que proibisse o mumbletypeg completamente no Panhandle. Este regime rígido imposto por Goodnight talvez explique por que os cowboys tinham reputação de violentos quando chegavam a Dodge City depois de uma longa viagem pela trilha. Vivendo só de carne e café preto e, algumas vezes, de uma caixa inteira de charutos havana por dia, Charles Goodnight viveu até 1929, morrendo aos 93 anos, o primeiro e último dos pioneiros do gado, o pai dos cowboys do Oeste.

AS REBELDES DE SAIAS

Durante a época da intensa exploração do Oeste americano, na segunda metade do século XIX, as mulheres eram poucas na maior parte das regiões. Enquanto exércitos de homens cavavam ouro freneticamente, conduziam os longhorns, se apoderavam das terras e matavam índios, pequenos grupos de mulheres do Oeste se livravam dos grilhões em que tinham sido mantidas pelos homens através dos séculos.

No início, apenas algumas mulheres que foram para o Oeste perceberam que tinham vantagens estratégicas sobre suas irmãs do Leste. Primeiro, a extrema escassez de mulheres na fronteira elevava seu status; eram uma mercadoria rara e, portanto, mais valorizada pelos homens. Segundo, os homens estavam tão ocupados em tentar acumular riquezas que não tinham tempo para reforçar as antigas leis, que mantinham as mulheres subservientes e sob códigos civis que as consideravam crianças, idiotas e criminosas. Algumas das mais astutas viram rapidamente que, pelo menos temporariamente, nada as impediria de fazer o que queriam. As exigências da vida do Oeste, de fato, muitas vezes forçavam as mulheres a trabalharem ao lado dos homens em tarefas que anteriormente só seriam aceitas como prerrogativas exclusivamente masculinas.

As mulheres descobriram que podiam se igualar aos homens na maior parte dos empreendimentos; e em fases de dificuldades, que eram experiências comuns na fronteira, elas muitas vezes se revelavam melhores do que eles em técnicas de sobrevivência. Por exemplo: no final do terrível inverno passado pelo grupo Donner, que ou preso nas neves das High Sierras, uns comendo a carne dos outros, todas as mulheres sobreviveram, ao passo que oito entre dez homens morreram.

Ao longo do quarto de século que se seguiu à década de 1850, as mulheres do Oeste se desvincularam das leis e costumes repressivos de

séculos atrás, exibindo sua recém-adquirida liberdade e acelerando um movimento que até hoje se espalha pelo mundo. Invadiam os domínios havia muito considerados sagrados dos homens — política, negócios, profissões e até mesmo fiscalização da lei — e fizeram tudo isso com tanta habilidade que os detentores desses bastiões mal se deram conta do que estava acontecendo. Era bem típico o fato de Charles Goodnight, em seu rancho de milionário no Texas, desenhar uma nova sela lateral especialmente para as mulheres do Oeste, exatamente quando elas começavam a montar com as pernas abertas — e fazendo isso em difíceis competições de rodeio. As amazonas tinham se cansado de agradar a seus senhores, atravessando as planícies e as Montanhas Rochosas em posições incômodas nas selas laterais, que torciam sua espinha para o lado.

Não foi por acaso que surgiu o movimento do Sufrágio Feminino no Kansas, em 1867, quando, com a ajuda da oratória de George Francis Train, elas fizeram uma grande tentativa de ganhar o voto para o seu sexo destituído de direitos políticos. As líderes das sufragistas do Leste, como Susan Anthony e Lucretia Mott, tinham consciência de que as mulheres do Oeste estavam se livrando dos grilhões. Tentaram de novo dois anos depois, mais para oeste, no Wyoming, e ganharam — graças à habilidade de Esther McQuigg Morris, de South Pass City. A Sra. Morris convenceu habilmente os candidatos dos partidos políticos de oposição a apoiarem o sufrágio feminino no Wyoming. Depois das eleições, os democratas controlavam o legislativo e os republicanos o gabinete do governador. Para embaraçar seus oponentes, os democratas aprovaram uma lei garantindo o sufrágio feminino, esperando que o governador republicano a vetasse. O governador, entretanto, surpreendeu seus inimigos políticos e assinou a lei. Para espanto de todos os Estados Unidos, as mulheres tinham direito de votar no território do Wyoming — 50 anos antes da emenda constitucional de 1920 dar este direito a todas as mulheres americanas.

Embora as líderes do sufrágio feminino voltassem sua atenção para os outros estados do Oeste, os homens assustados lutaram contra elas por todo lado, até que o Colorado finalmente capitulou, em 1893. Durante aquele longo período, um grupo considerável de batalhadoras pelos direitos femininos surgiu no Oeste. Um grupo lutavam pelo voto,

algumas pelos direitos de propriedade e outras por igualdade social e liberdade sexual. Muitas foram esquecidas, outras lembradas — Esther Morris, Calamity Jane, Laura Fair, Belle Stanv Cattle Kate, Carry Nation, Mary Ellen Lease, Lola Montez, Julia Bulette, Clarissa Nichols, Jeanette Rankin e outras. A que criou maior agitação foi Ann Eliza Young, a esposa rebelde de Brigham Young, que viveu na única parte do Oeste onde havia excesso de mulheres.

Seu nome de solteira era Ann Eliza Webb, nascida a 13 de setembro de 1844, ao lado da casa de Brigham Young em Nauvoo, Illinois. Quando tinha dois anos de idade, Young convenceu seu pai, Chauncey Webb, a ter mais mulheres. Quando Ann Eliza tinha 12 anos, havia cinco esposas na casa de Webb e mais de 12 crianças que dividiam as atenções de um pai ocupado, sempre em viagens missionárias de expansão. Criança sensível numa casa superlotada de mulheres briguentas, ela passou a ter ódio da poligamia e, sem dúvida, uma hostilidade a todos os homens.

Sua família foi uma das primeiras a chegar à bacia do Lago Salgado em 1848. *"Suponho que a viagem deve ter sido cansativa para os membros mais velhos do grupo"*, lembrava-se ela, *"mas eu me diverti muito. Eu corria, durante grande parte do dia, ao lado dos carroções, pegando flores no meio do caminho e conversando com várias pessoas da caravana."* Ao que se sabe, ela foi uma criança bonita, e no início da adolescência atraía os olhares errantes dos polígamos mais velhos, que preferiam casar-se com ninfetas. Seu pai desencorajava as aproximações desses pretendentes e a estimulava a comparecer aos acontecimentos sociais com jovens da sua idade.

Quando Ann Eliza tinha 17 anos, achou que estava apaixonada pelo irmão mais moço de Emmeline Free — a mulher nº 12 de Brigham Young, às vezes chamada de "A Luz do Harém". Finley Free sempre levava Ann Eliza ao esplêndido teatro que o Leão do Senhor tinha mandado construir em Salt Lake City para que seu povo pudesse ter alegrias. Certa noite, Brigham os viu por acaso juntos no teatro; no dia seguinte foi à casa de Webb e avisou à mãe de Ann Eliza que acabasse com aquele namoro. *"Ela não deve ter qualquer tipo de relacionamento com aqueles Frees"*, disse Brigham. *"Eles são gente baixa e não têm valor algum."*

Anos mais tarde, Ann Eliza recordava-se da raiva que tivera do Profeta do Senhor e que fora pedir solidariedade às suas companheiras adolescentes. *"Talvez o Irmão Brigham tenha intenção de se casar com você"*, disse uma das mocinhas. *"Mas ele não vai se casar"*, respondeu Ann Eliza, furiosa. *"Eu não o aceitaria nem se ele me pedisse um milhão de vezes. .. sujeitinho velho e odioso."*

Um dia ou dois depois, ela estava dando uma volta quando Young passou em sua carruagem; parou os cavalos e mandou que ela subisse. Enquanto iam na direção da casa dela, ele observou: *"Ouvi dizer que você falou que não se casaria comigo mesmo que eu a amasse muito."* Ann Eliza ficou tão encabulada que se tornou incoerente, e o Leão do Senhor obviamente se divertiu com seu embaraço.

"Eu acho que Brigham tinha decidido desde aquela época", disse ela mais tarde, *"que eu um dia seria mulher dele, não por qualquer afeição em especial, mas para me punir pela bobagem que falara e para me mostrar que a vontade dele era mais forte que a minha."*

Assim que ela completou 18 anos, Young ordenou que fosse para a companhia dramática do seu teatro e que se mudasse para a Casa do Leão — onde ele mantinha suas mulheres e filhos. Ela viveria com suas filhas mais velhas, que também estavam estudando arte dramática. *"Foi quando eu estava no palco"*, disse ela, *"que conheci meu primeiro marido, o Sr. James L. Dee. Ele era inglês, um homem muito bonito e o grande partido de todas as moças. Foi um desses casos românticos chamados 'amor à primeira vista'."* Eles se casaram a 4 de abril de 1863. *"Eu lhe dei o amor mais verdadeiro que uma mulher pode dar a um homem (...) e ele pagou como os homens de sua classe, egoístas, mandões e dominadores, geralmente pagam — me negligenciando e me usando, a partir do momento em que fiquei sob o seu poder."*

Ann Eliza declarou que James Dee a assustava com seus ataques furiosos de raiva, insultando-a e ameaçando-a. Logo depois da lua-de-mel, ele estava procurando mais uma mulher. Em dois anos de seu relacionamento tempestuoso ela lhe deu dois filhos, mas depois que Dee começou a bater nela e tentar esganá-la, ela decidiu que o divórcio era a única solução. Seus pais sugeriram que ela se aconselhasse com Brigham Young, que, como chefe da igreja, tinha o direito de conceder o divórcio aos seus membros. *"Foi ele quem me aconselhou a ir para as*

cortes regulares, em vez de depender do divórcio concedido por ele, pois sabia que só teria validade na área dos mórmons."

Divorciada e feliz, Ann Eliza levou os dois filhos para viverem na fazenda dos Webbs, em South Cottonwood. Num domingo de verão de 1867, Brigham Young chegou a South Cottonwood para fazer pregações na improvisada igreja local. Ann Eliza estava na congregação e logo se sentiu pouco à vontade com o olhar fixo do Profeta pregador, que denunciava o alcoolismo entre os homens e o vestuário pouco discreto das mulheres. *"Achei que possivelmente havia alguma coisa na minha aparência que o desagradara. Certamente ele não aprovava meu vestido (...) Que ele não estava olhando para mim com indiferença ou pouco caso, eu sabia muito bem, por suas sobrancelhas franzidas e olhar perscrutador, e tive vontade que ele olhasse para o outro lado (...) Quase cheguei a me levantar e fugir e tive vontade de fazer isso para me livrar daqueles olhos penetrantes e daquele olhar firme e permanente. Tenho certeza de que ele sentiu meu mal-estar; mas não teve pena e, enquanto a pregação continuava, mal tirou os olhos de mim um só instante (...) Senti seu poder então, como nunca tinha sentido antes, e comecei a compreender um pouco como é que ele obrigava tanta gente a fazer sua vontade, contra a própria inclinação. Aprendi a lição ainda melhor mais tarde."*

No final do serviço, segundo Ann Eliza, Young a procurou e elogiou sua aparência.

— Você é uma mulher muito bonita. Suponho que tenha tido pedidos de casamento desde que se separou do Sr. Dee.

— Sim, muitos — disse ela.

— Você se sente inclinada a aceitar algum?

— Não, de jeito nenhum; nenhum deles me emociona nem um pouco.

Naquela tarde, Young foi à casa dos Webbs e teve uma longa conversa em particular com o pai de Ann Eliza. Depois que o Profeta partiu de South Cottonwood, Chauncey Webb informou à filha que Brigham Young queria que ela fosse mulher dele.

Ann Eliza sempre insistira que ela — então com apenas 23 anos — não poderia suportar a ideia de se casar com o Profeta de 66 anos que já tinha duas dúzias de mulheres, ou mais. Disse que finalmente persuadiu

seu relutante pai a informar a Young que ela não queria se casar com ele e que Young então passou a fazer chantagem, dando-lhe presentes. Quando isso falhou, disse ela, Young deu um jeito de envolver seu irmão Gilbert num problema financeiro, levou-o à falência, e ameaçou excomungá-lo da igreja. Para salvar seu irmão, ela finalmente concordou em se tornar a décima nona (*alguns registros indicam vigésima sétima ou possivelmente quinquagésima primeira*) mulher de Brigham Young. Por algum tempo, o Profeta manteve o casamento em segredo das outras mulheres, mandando-a para uma casa separada em Salt Lake City.

(Alguns anos depois, quando estava sendo entrevistado por um repórter do Times de Nova York, Young contou uma versão diferente. "Meu casamento com Ann Eliza foi uma bobagem", disse ele, "que os pais dela me convenceram a fazer. Eu me casei para o bem dela (...) Ann Eliza era uma viúva bonita, boba e fútil. Ela nasceu perto da minha casa. Seu pai era Chauncey Webb. Eu a batizei quando tinha 16 anos. Ela casou-se com um homem chamado D... D. .. D...". Young não conseguiu se lembrar do nome, mas acrescentou que "ele teve o bom senso de se afastar de Ann Eliza e deixar que ela e seus dois filhos se virassem sozinhos". Declarou que os pais dela o tinham importunado para que ele se casasse com Ann Eliza porque ela "precisava ter um homem sólido em quem se apoiar, senão seria sua ruína; então, cometi a bobagem de me casar com ela. Porque eu, um homem velho, não queria nada de Ann Eliza, nada mais do que queria do Sultão da Turquia. Ela era como um elefante, boba, fútil e infiel (...) Chegou a mandar a própria mãe embora para ficar na companhia de vários homens. Um homem batizado mais tarde na nossa igreja jurou que ele pecara com Ann Eliza muitas vezes".)

Na primavera de 1870, Young transferiu-a de Salt Lake City para um lugar chamado A Fazenda, a sete quilômetros da cidade, e encarregou-a de supervisionar a produção de leite, manteiga e queijo, para suprir as necessidades das suas várias mulheres e filhos. Segundo Ann Eliza, ela viveu uma vida de escravidão na Fazenda por três anos, quando então Young mandou-a voltar para Salt Lake City. "*Não foi por consideração a mim, ou por se importar com o meu conforto*", disse ela. "*Ele simplesmente queria pôr alguma outra pessoa na casa-grande.*"

(Quando o repórter do Times perguntou a Young o que ele tinha a dizer a respeito da queixa de Ann Eliza sobre mata-se de trabalho para ele na Fazenda, ele respondeu: "*Trabalho para mim! Ora, aquela impostorazinha nunca fez nada para mim na vida, a não ser me enganar e me fazer de bobo. No próprio dia em que fugiu com um sujeito de Boston, que estava em viagem de negócios para uma casa de móveis, ela saiu e fez uma compra de mais de cem dólares na loja da cooperativa.*")

A fuga de Ann Eliza do domínio de Brigham Young ocorreu a 15 de julho de 1873, uns meses depois dele tê-la mandado para uma casinha em Salt Lake City e praticamente cortado "*as necessidades básicas da vida*". Logo depois de ter saído da casa, percebeu que, para manter a si própria e a seus filhos, alimentá-los e vesti-los, teria de aceitar hóspedes.

O término da ferrovia transcontinental, em 1869, tinha levado muitos não-mórmons a Salt Lake City, onde eles estavam estabelecendo negócios, igrejas e até mesmo jornais. Young, evidentemente, achava que esses pagãos seriam os primeiros candidatos à conversão para sua igreja; afinal de contas, ele próprio fora outrora metodista.

Quando Ann Eliza pediu permissão para aceitar hóspedes, ele deve ter sabido que a maior parte deles seria de não-mórmons, mas mesmo assim não fez objeções a que ela tivesse um meio de ganhar a vida.

Entre os hóspedes estavam o Juiz Albert Hagan, um agente de mineração com sua mulher, e James Burton Pond, um repórter do não-mórmon Tribune de Salt Lake City. De um deles, evidentemente, ela ganhou um exemplar do Relatório da Poligamia no Utah, de Fanny Stanhouse, uma inglesa que vivera 20 anos como mórmon e que então se rebelara contra a igreja, por causa do seu endosso ao matrimônio múltiplo. Ann Eliza, que se sentia "*negligenciada, insultada e humilhada (...) e presa a um homem velho*", viu analogias com sua própria situação e de fato encontrou seu próprio nome no livro, como uma das mulheres de Brigham Young.

Foi receptiva, portanto, quando conheceu o Reverendo C. C. Stratton, pastor da nova igreja metodista de Salt Lake City. Para uma moça nascida na seita mórmon, não foi fácil a ruptura final. Ela sabia que, se fizesse isso, também teria de se divorciar de Brigham Young e abandonar a casa que lhe rendia dinheiro. Num esforço final de fortalecer sua fé, conseguiu ser rebatizada, mas a cerimônia lhe pareceu

apenas uma farsa. Nos dias que se seguiram, ela foi conversar com seus amigos não-mórmons e fez planos de sua "fuga" do domínio de Brigham Young.

Para arranjar dinheiro, conseguiu que todos os bens da sua casa fossem a leilão, obtendo 380 dólares com a venda. Apenas com aquela pequena fortuna para sustentá-la, ela e seus solidários hóspedes mudaram-se em silêncio para o Walker House, um hotel de propriedade dos não-mórmons e usado como quartel-general pelo Governador de Utah e outros delegados do território, nomeados pelo governo dos Estados Unidos. Entre eles estava o Juiz James B. McKean, um cruzado contra a poligamia.

"Eu tinha abandonado minha religião, deixado meu pai, minha casa e meus amigos", disse Ann Eliza, "sabendo que aquele passo que estava dando era definitivo (...) Estava entre pessoas que eu aprendera a considerar como meus piores inimigos e fui tomada de um desolador sentimento de desamparo".

O repórter James Pond, contudo, ajudou-a a tirar tais problemas da cabeça, pedindo a ela que contasse sua história à imprensa. Pond sabia o que isso significava. Podia visualizar as manchetes através do país, e, em vez de limitar as notícias das ações de Ann Eliza ao jornal local, mandou-as por telégrafo à Associated Press. Os jornais de todos os cantos transformaram a história em *SENSAÇÃO ENTRE OS MÓRMONS! MULHER DE BRIGHAM YOUNG FOGE EM BUSCA DA LIBERDADE. A POLIGAMIA SOFREU UM DURO GOLPE.*

Pond não ficou nada surpreso quando mensageiros começaram a levar cestas de telegramas para o Walker House, endereçado a Ann Eliza. Vinham de *"empresários do teatro, artistas e especuladores de todas as partes do país"*, disse Pond. *"Um era de P. T. Barnum e outro de James Redpath, proprietário da agência Lyceum Bureau, em Boston. Eu pedi a ela para fazer palestras."*

Ann Eliza ficou desnorreada pela tempestade criada à sua volta; jornaleiros gritando seu nome pelas ruas, cerco dos repórteres de jornais de leste a oeste, pedindo entrevistas com a *"esposa rebelde"* de Brigham Young. Seus novos amigos, ansiosos por desferirem um golpe na poligamia, pediram a ela que agisse mais. O Juiz Hagan se ofereceu para cuidar da ação de divórcio; o Reverendo Stratton convidou-a a entrar

para a igreja metodista; James Pond insistiu que fosse para Washington e contasse sua história ao Congresso dos Estados Unidos. Pond certamente previa que ela seria uma lucrativa fonte de renda, se conseguisse convencê-la a fazer um circuito de palestras, tendo ele como empresário.

Após convencê-la de que era sua obrigação ir a Washington expor os males da poligamia, Pond ajudou-a a preparar uma palestra e ajeitou as coisas para que ela a fizesse diante de uma plateia amiga, no Walker House. "*Fiquei assombrada com o número de pessoas que se juntaram para me ouvir*", disse ela. "*Meu primeiro impulso foi fugir e me esconder no meu quarto. Mas os aplausos que recebi ao entrar, os sorrisos e os rostos encorajadores (...) e a solidariedade que vi todos eles me deram coragem.*"

(*Sobre esse acontecimento, Brigham Young falou: "O Juiz Hagan e alguns metodistas daqui encheram a cabeça dela com palestras e a mulherzinha boba vem viajando desde então, lendo suas composições de colegial sobre os mórmons, quando toda sua participação no caso se deriva do fato de ter ela sido uma mulher de Brigham Young, ou, como a corte decidiu, a 19ª amante."*)

Para a partida de Ann Eliza de Salt Lake City, Pond organizou uma "*escapada*" melodramática, que mais tarde iria dar bom material para suas palestras. Ela dissera aos repórteres que temia ser sequestrada e assassinada, se deixasse a segurança do Walker House. Na noite do dia 27 de novembro, com um pequeno grupo de amigos, entre os quais uma dama de companhia mais velha, saiu pela porta dos fundos, entrou numa carruagem que a estava esperando e viajou 60 quilômetros através da escuridão para Uintah, uma parada da Estrada de Ferro Union Pacific. Lá embarcou num trem de passageiros, para a longa viagem a Washington.

Em vez de levá-la diretamente para Washington, Pond decidiu parar em Laramie, Wyoming, para que pudesse testar suas habilidades diante de uma multidão de estranhos. Fixou a entrada em preço alto para aquela época, um dólar e meio, mas o auditório ficou lotado; até mesmo o cínico Pond se surpreendeu com o desempenho de sua protegida e com o entusiasmo da plateia, ansiosa pelas revelações sobre a "*vida íntima do Profeta*" no vizinho Reino dos Santos.

De Laramie foram para Denver, onde nem mesmo uma nevasca conseguiu deter a multidão que lotou o salão de palestra. Pond imediatamente programou uma segunda palestra para a noite seguinte. As citações dos discursos de Ann Eliza rapidamente se espalharam pela nação, através dos despachos dos jornalistas, e a toda hora chegavam mais pedidos por telégrafo para que ela falasse em várias cidades e vilarejos. A agência de Redpath ofereceu garantia substancial para uma série de 50 palestras e Pond convenceu-a a aceitar, sendo ele próprio o empresário.

Sua missão em Washington teve de ser adiada por cinco meses, enquanto a esposa rebelde de Brigham Young viajava através do país, entusiasmando as plateias com suas histórias do harém de Brigham. Quando finalmente chegou a Washington, na primavera de 1874, o Congresso a recebeu como se ela fosse uma princesa em visita. James G. Blaine, o presidente da câmara, acompanhou-a até a bancada, onde ela foi ovacionada. O Presidente Grant assistiu às primeiras palestras, aplaudiu suas observações e no final deu um passo à frente para apertar-lhe a mão.

A publicidade em Washington só fez aumentar os pedidos para que ela fosse a outros lugares. Por toda a primavera e na entrada do verão de 1874 ela saiu de uma sala de palestra para entrar em outra, pequenina, de olhos azuis brilhantes e rosto bonito, com um sorriso de Mona Lisa que se tornava familiar a milhares de americanos curiosos.

Em agosto de 1874, ela estava segura o suficiente para voltar a Utah e fazer seis conferências programadas pela agência de Redpath. Multidões encheram as ruas de Salt Lake City e uma banda a saudou. Como ela se tornara uma tal celebridade nacional, tanto os mórmons quanto os não-mórmons foram ouvi-la falar na igreja metodista de Salt Lake City. Brigham Young enviou um grupo de suas filhas para sentarem-se nos primeiros lugares e fazer caretas para Ann Eliza. "*Em vez de me aborrecer e fazer com que eu ficasse totalmente nervosa, como esperava o Profeta, aquilo só deu mais força ao meu objetivo, um novo ardor às minhas palavras.*"

Ela continuou a excursionar pelo Oeste no inverno e, depois de um curto descanso, iniciou outra ronda de trens sacolejantes, hotéis desconfortáveis e plateias exigentes. Em 1876, publicou um livro —

Mulher Nº 19, ou A História de uma Vida de Servidão. Embora fosse mais uma diatribe contra os costumes mórmons que uma autobiografia, foi um sucesso financeiro e renovou o interesse público por ela como conferencista.

Até o final da década de 1880, Ann Eliza ainda fazia suas excursões anuais, oito meses por ano; mas o preço do ingresso para as palestras teve de ser reduzido para lotar os auditórios. Em uma de suas viagens, conheceu Moses Denning, que a convidou a ser hóspede em Manistee, Michigan. Denning ficou tão apaixonado pela mulher de Brigham Young, então com 38 anos, que logo depois se divorciou da sua própria mulher e lhe propôs casamento. No dia 24 de abril de 1883, Ann Eliza fez sua palestra de adeus em Napoleon, Ohio, e um mês depois casou-se com Mose Denning. Seu terceiro casamento durou dez anos, a maior parte deles infelizes, a julgar pelas ações de divórcio.

Mais uma vez, ela se tornou uma mulher livre, mas a partir daquela época viveu uma vida tão obscura que é difícil se ter notícia de suas atividades. Brigham Young morrera havia muito tempo, sua igreja tinha abolido a poligamia e Utah era um estado como qualquer outro. Em 1903, ela vivia em El Paso, Texas, numa rua com o nome de um homem que tinha sido muito importante na tomada do Sudoeste aos mexicanos — James Magoffin. Em 1907, voltou para o Leste a fim de reescrever seu livro, chamando-o de Vida na Servidão Mórmon. Foi publicado em 1908, mas o público não estava mais interessado em Ann Eliza Young. Depois disso, ela desapareceu, aos 74 anos, e ninguém sabe onde ou quando morreu.

LIBBIE E AUTIE

Uma das rivais de Ann Eliza Young nas plataformas de conferências da América, durante o último quartel do século XIX, era uma mulher pequena, de traços delicados e cabelos escuros e ondulados, que dedicou os últimos 57 anos de sua vida à criação de um mito sobre um rapaz de cabelos dourados, que morrera tola e violentamente a 25 de junho de 1876, junto ao Little Big Horn, em Montana. Era Elizabeth Bacon Custer, e ela e George Armstrong Custer viram o Oeste pela primeira vez em 1865. Na década em que viveram lá, viam a terra bruta e seus habitantes índios como a solução de seu desejo mais apaixonado: assegurar ao Tenente-coronel Custer um posto permanente de general. Durante a guerra civil, aos 23 anos, Custer se tornou o mais jovem comandante de brigada, e um ano depois tinha sido promovido a general-de-brigada, mas estas foram patentes em comissão ou temporárias que desapareceram com a fumaça da última batalha.

"Libbie" Bacon e "Autie" Custer não foram namorados desde a infância, como dizem algumas lendas, embora vivessem próximos em Monroe, Michigan, na década de 1850. Quando Autie tinha cerca de 15 anos, o Juiz Daniel Bacon costumava contratá-lo para pequenos serviços; depois de concluir as tarefas, o menino ficava por ali, ansiando dar uma olhada na bela Libbie, de 12 anos, que provavelmente nunca o olhava ou trocava palavras com ele. Autie era filho de um rude ferreiro; Libbie, a menina que fizera o discurso de formatura de sua classe, além de filha do jurista mais importante da cidade.

Autie decidiu que também seria jurista, como o Juiz Bacon, mas sua família não tinha posses para apoiá-lo nisso. Seguindo o exemplo de outros meninos pobres e ambiciosos de sua época, ele foi para West Point. Não queria seguir carreira militar, mas sabia que, depois de West Point, teria conhecimentos suficientes para tornar-se advogado. Quando

estava com 17 anos, o Secretário da Guerra, que, coincidentemente, era Jefferson Davis, aprovou sua indicação para West Point. Seu registro na academia militar demonstrou que foi um estudante fraco e um cadete relaxado. Formou-se bisonhamente, pois foi o trigésimo quarto colocado numa turma de 34 alunos, e provavelmente não teria sido comissionado se o ano não fosse 1861 — o início da guerra civil. Entre a Batalha de Bull Run e a rendição de Lee em Appomattox, Custer aprendeu que não eram notas altas e sim exibicionismo o que promovia os militares, e ele nascera para ser ator.

No outono de 1868, quando Custer voltou para Monroe de licença, ele tinha uma estrela de comandante de brigada, um uniforme todo modificado, com um colarinho vermelho, e cachos compridos até os ombros. Todas as melhores famílias convidaram o Menino General para suas festinhas e bailes e Libbie Bacon o achou bonito. Seu pai desaprovou aquela amizade íntima, mas quando finalmente compreendeu que sua Menininha queria o Menino General e ninguém mais, não fez mais objeções ao casamento.

Libbie e Autie se casaram a 9 de fevereiro de 1864. Foram para o Leste na lua-de-mel, carregando uma bagagem imensa, para conter seus uniformes e os nove vestidos dela de saia-balão, mantilhas brancas de lã fina forradas de seda, capas com capuz e borlas próprias para a ópera, que tinha visto as atrizes usarem no palco. Autie organizou o itinerário de modo que eles pudessem passar parte da lua-de-mel em West Point, mas ficou com ciúmes das atenções que ela recebeu lá e carregou-a para a cidade de Nova York. Quando não estavam na cama, no Hotel Metropolitan, estavam comprando mais roupas para Libbie. Também iam aos teatros e choravam com as cenas tristes de *A Cabana do Pai Tomás* e *Rip Van Winkle*.

Quando foi chegando a hora de Autie se apresentar de volta ao trabalho, na Virgínia, mudaram-se para Washington, onde ele arranhou um lugar para Libbie morar, mas ela se recusou a ficar lá. Insistiu em ir para a frente de batalha, para que pudesse dormir todas as noites com o Menino General e seus Cachos Dourados, cujo carinho excessivo já era tão pronunciado que ele a ajudou a fazer as malas e levou-a para seu quartel-general da Brigada de Cavalaria de Michigan, perto de Brandy Station, Virgínia, onde a alojou numa casa de fazenda.

Eles mal tinham se estabelecido quando Custer foi inquirido pelo quartel-general do Exército a respeito de uma certa Annie Jones, que estava na prisão militar em Washington. Suspeitava-se que ela fosse uma espiã dos Confederados. Annie Jones era uma adolescente faladeira que vivia pelos acampamentos e não fazia segredo do fato de ter sido companheira de tenda de Frans Sigel e outros generais da União em suas campanhas. Agora estava tentando assegurar sua libertação da prisão dando o nome do Comandante de Brigada Custer como seu antigo "*amigo e companheiro*", que devia estar disposto a jurar que ela não era espiã, mas uma leal ianque de Massachusetts, que amava generais bonitos. Entre outras declarações, Annie dizia que o General Judson Kilpatrick, da Cavalaria de Nova York, tinha brigado com Custer porque queria que ela fosse sua companheira de tenda exclusiva, mas ela preferira dividir suas atenções.

Em sua resposta às autoridades do Exército. Custer admitiu que Annie Jones tinha visitado sua tenda duas vezes, mas declarou que ele prontamente a mandara embora. Ter seu nome falado aqui e ali pela boca da devassa Srta. Jones, logo depois do seu casamento, evidentemente fez com que ele ficasse nervoso com a proximidade de Libbie e do quartel-general da brigada, onde as comunicações militares podiam não ser secretas. Convenceu a mulher de que os rebeldes estavam aprontando uma campanha de primavera e que ela estaria em perigo em Brandy Station. Conseguindo tirar vários dias de licença para tratar da saúde, Autie levou Libbie de volta a Washington e ajeitou um lugar para ela. A fama dele e a beleza dela os levaram imediatamente a um giro social intenso, e Libbie prometeu aguentar sua ausência por algum tempo, se ele lhe escrevesse diariamente. Autie tentou o máximo, endereçando cartas para "Minha Queridinha", "Meu Botão de Rosa" e "Corvinho do Exército". Ela respondia: "Estrela Querida" ou "Meu Menino Querido".

Custer tinha então se tornado o cavalarião de cabelos louros de Phil Sheridan, e eles passaram o verão juntos fazendo a Virgínia sangrar. Nos intervalos das cargas de cavalaria sobre as tropas dizimadas dos Confederados em Shenandoah, Autie corria para Washington, onde ele e Libbie, sempre alegres e irreprimíveis, se moviam como atores num palco. Conheceram o General Grant, que tinha chegado do Oeste para

terminar a guerra; foram à Casa Branca, onde o Presidente Lincoln tomou a mão de Libbie e disse: "*Então esta é a moça cujo marido entra numa carga com um chicote e um grito*". No outono de 1864, eles promoveram Autie a general-de-brigada. Ele ainda não tinha 25 anos.

Com sua tendência ao exibicionismo, o General Custer conseguiu roubar a cena quando o General Lee se rendeu; foi Custer quem pegou nas mãos a toalha de linho branco usada pelo emissário de Lee para o encontro de rendição. Ficou desapontado por Sheridan não o ter levado à fazenda de Wilmer McLean com Lee e o General Grant para a assinatura de Appomattox, mas depois os dois líderes partiram e a casa da fazenda foi pilhada e foram levados souvenirs, tendo Custer entrado e escolhido uma mesa de tampo oval para Libbie.

Tinha tudo terminado agora, com exceção da grande parada na Avenida Pennsylvania, em Washington. Custer estava à frente da fila, é claro, o Menino General com seus Cachos Amarelos Esvoaçantes, seu nome em todos os jornais, seu retrato em capas do Harper's e outras revistas ilustradas semanais. Os editores de música imprimiam galopes e marchas com seu nome nos títulos e seu retrato nas páginas de dentro. Em sua última grande encenação, ele usou um chapéu de aba larga e uma echarpe vermelha brilhante. Quando passou trotando em seu cavalo, na direção do palanque presidencial de revista, umas meninas vestidas de branco lhe jogaram buquês de flores. Seu cavalo disparou, parecendo voar pelos ares diante do Presidente, enquanto Autie dominava-o com destreza. Foi um esplêndido êxito.

'Phil Sheridan, seu antigo patrono de Shenandoah, já tinha outra comissão para ele na fronteira do Texas. Alguns teimosos oficiais confederados tinham se juntado com Maximiliano, no México, e diziam que havia forças da União aliando-se a Juárez para expulsar os tiranos franceses. Libbie e Autie fizeram as malas para a grande viagem e sua primeira experiência no Oeste. "*Éramos como crianças da escola*", disse ela, "*e tudo nos interessava*". Para atravessar o Texas, Autie arranhou uma ambulância do Exército adaptada de modo tão elaborado quanto a carruagem de Susan Magoffin em sua viagem para Santa Fé, 20 anos antes. Os assentos da ambulância de Libbie eram de tal forma que os encostos de couro podiam ser desafivelado e baixados para formar uma cama. "*Havia um bolso para meu trabalho de agulha e meu livro e uma*

caixa para lanche; minha sacola de viagem e meu xale ficavam presos no lado, à mão mas longe de mim. Era uma casa quase completa por si só". Um soldado que trabalhou na adaptação do veículo lhe deu de presente uma capa de couro para cantil, com seu nome bordado em seda amarela da cavalaria: Lady Custer.

Estabelecidos em Austin e com praticamente nada para fazer, os Custers foram a corridas de cavalos, visitaram San Antônio, passaram um Natal bom e ensolarado e esperaram as ordens para invadir o México. Os civis cujos impostos os sustentavam, contudo, estavam cansados de derramamento de sangue e não queriam saber da aventura mexicana; o Congresso ordenou uma redução drástica no dispendioso Exército dos Estados Unidos, mandando os homens para casa. Autie recebeu a má notícia a 31 de janeiro. Ele não era mais general-de-brigada comissionado, mas apenas capitão de cavalaria, e seu soldo foi reduzido de três quartos, sem perspectiva de nenhuma missão.

A caminho de casa eles pararam em Nova Orleans, o suficiente para gastar a maior parte do último pagamento de Autie, jantando em caros restaurantes franceses e renovando o guarda-roupa fora de moda de Libbie. Quando chegaram a Monroe tiveram de ir morar com o Juiz Bacon, enquanto Autie procurava emprego. Não encontrando nada para fazer na vida civil que lhe agradasse, tomou um trem para Washington; não havia dinheiro bastante para levar Libbie com ele. Encontrou lá pilhas de oficiais como ele, descomissionados, todos implorando comandos no Exército reduzido. Desgostoso, foi para Nova York, esperando que a glória que ainda o rodeava lhe trouxesse algum emprego remunerado. Indo até Wall Street, ficou contente quando os corretores da bolsa pararam seus negócios por um instante para saudá-lo com três vivas entusiasmados, mas ninguém lhe ofereceu um emprego e um salário.

Nessa hora desesperada, o Juiz Bacon morreu providencialmente, deixando Libbie com dinheiro suficiente para que eles pudessem voltar para Washington e tentar um cerco no Departamento da Guerra. Os irrepreensíveis Custers, com seu modo de vida alegre e exibicionista, não seriam postos de lado. Um novo regimento de cavalaria estava sendo formado para retirar os índios das planícies. A 28 de julho de 1866,

George Armstrong Custer foi comissionado como tenente-coronel e enviado para a Sétima Cavalaria.

Três meses depois, ele e Libbie se apresentaram no Forte Riley, um posto nas altas planícies do Kansas, estrategicamente localizado para atacar os índios da região dos búfalos, ao longo das bifurcações dos rios Smoky Hill e Republican. O Tenente-coronel Custer se sentiu irritado por ser o segundo em comando de um único regimento, quando, havia apenas pouco tempo, como general, ele comandara vários regimentos. O destino foi bom, entretanto, e na primavera de 1867 lhe deram o comando da Sétima Cavalaria e o mandaram juntar-se à expedição do General-de-brigada Winfield Scott Hancock contra os cheyennes, sioux e arapahos.

Tudo o que Hancock e Custer sabiam sobre os índios das planícies era o que tinham lido nos jornais, mas os dois estavam buscando a glória. Hancock tinha ambições políticas e Custer queria ser um general como ele. Por 400 quilômetros através do Kansas e Nebraska, eles caçaram pequenos bandos de índio, matando indiscriminadamente e queimando tipis, roupas e pemmican. Para sobreviver, os índios tinham de roubar os colonos, que por sua vez atacavam, até que as Grandes Planícies ficaram fervilhando de conflitos.

Em maio, enquanto a Sétima Cavalaria estava acampada no Forte Hays, Custer recebeu ordens para fazer uma varredura nos cheyennes e sioux, através dos fortes McPherson, Sedgwick e Wallace. Do Forte McPherson escreveu para Libbie, pedindo que ela fosse se encontrar com ele no Forte Wallace, antes do final de junho. Enquanto a coluna estava a caminho do Forte Wallace, cerca de 15 homens desertaram. Assim que deram por falta deles, Custer enviou um grupo para perseguí-los, com ordens de "*seguir esses homens e matá-los a tiro, trazendo-os todos mortos*". Os desertores foram logo descobertos e baleados, ficando três seriamente feridos e os outros se rendendo. Quando foram levados de volta para a coluna, Custer proibiu que o cirurgião cuidasse dos ferimentos dos desertores. Um dos homens morreu.

A 13 de julho, a Sétima Cavalaria chegou ao Forte Wallace, mas Libbie não estava lá e ele sentiu saudades dela. Devia esperar ordens do General Hancock; em vez disso, decidiu ir até o Forte Harker, que ficava 400 quilômetros mais perto de Libbie. Ele tinha ânsia em vê-la que

forçou demais a marcha da coluna através de quilômetros, e muitos caíram de exaustão e calor do verão. Um grupo desses retardatários foi atacado pelos índios; pelo menos houve um morto e um ferido, mas quando Custer foi informado disso não se esforçou nem um pouco em ajudar os homens ou buscar o morto. Ao contrário, ordenou que a coluna continuasse a marchar.

Quando chegaram ao Forte Hays, Custer requisitou uma ambulância para seu uso próprio, e com uma pequena escolta foi até o Forte Harker. Ao longo do caminho encontrou um mensageiro que levava ordens que deviam ser entregues a ele no Forte Wallace. As ordens eram para que permanecesse no forte, usando-o como base de operações contra os índios. Ele ignorou as ordens e continuou para o Forte Harker, apresentando-se a 19 de julho ao Coronel A. J. Smith, o comandante do distrito. Custer não explicou a Smith por que estava em Harker, informando meramente ao coronel que iria pegar o trem no terminal da nova Estrada de Ferro Kansas Pacific, para ir ao Forte Riley.

Na manhã seguinte, o Coronel Smith descobriu que Custer estava desobedecendo ordens e que tinha na realidade abandonado seu comando. Telegrafou para Custer no Forte Riley, ordenando que ele se apresentasse imediatamente ao quartel-general. Autie e Libbie, nesse meio tempo, tinham passado um "*dia longo e perfeito*", como disse ela, antes do telegrama alcançá-los. Nenhum dos dois podia aguentar outra separação tão cedo; quando Autie pegou o trem da Kansas Pacific para Harker, Libbie estava sentada ao seu lado.

No Forte Harker, o Coronel Smith tinha más notícias para eles. O Tenente-coronel Custer seria preso e enviado à corte marcial. Segundo Libbie, eles já esperavam por isso. "*Autie saiu de licença por conta própria, sabendo que nada lhe seria concedido, e o General Hancock ordenou que ele fosse preso (...) Quando correu o risco de uma corte marcial por sair de Wallace, ele esperava as consequências (...) e nós estamos decididos a não nos separarmos mais, mesmo que ele saia do Exército, que nos encanta tanto.*"

As acusações e especificações contra Custer incluíam: ausência sem licença do seu comando, ordenar que desertores fossem mortos a tiros sem serem julgados, proibir tratamento médico dos desertores feridos e provavelmente causar a morte de um deles por ter forçado uma marcha

além do possível, prejudicando os cavalos da Sétima Cavalaria, ter usado sem autorização ambulâncias militares para causa própria, não ter auxiliado um destacamento do seu comando atacado pelos índios ou tentado recuperar os mortos. Para Libbie e Autie todo o caso "*não era nada mais que um plano de perseguição*" para cobrir as falhas militares de Hancock contra os índios, mas, para surpresa deles, a corte considerou o homem dos cabelos dourados da cavalaria culpado. Ele deveria "*ser suspenso do comando, perder sua patente por um ano e ter seu soldo confiscado também pelo mesmo período*".

Tiveram esperanças de que o General Grant indeferisse a decisão da corte, mas, ao contrário, Grant fez uma observação sobre "*clemência da sentença, tendo em consideração a natureza das ofensas*", e mandou que o veredicto fosse executado efetivamente em 20 de novembro de 1867. Dali por diante, Custer tornou-se para sempre um inimigo implacável de Grant.

Nesse meio tempo, Phil Sheridan tinha substituído Hancock como comandante das Grandes Planícies, e aos seus olhos o Menino General não lhe faria mal algum. Cedeu a Libbie e Autie seus luxuosos aposentos no Forte Leavenworth e eles passaram um inverno feliz lá, agindo como se nada tivesse acontecido. Libbie, quase que exultante, escreveu a uma amiga: "*Agora poderemos ficar juntos por um ano e meio (...) Autie e eu somos a grande maravilha da guarnição daqui e estamos com muito boa disposição.*"

Em junho (1868) eles pararam de representar e voltaram para Monroe, onde viveram aparentemente em sua mútua admiração, Autie tinha então 28 anos e os dois estavam certos de que ele já podia começar a escrever suas memórias. Isto encheria o tempo até que terminasse o ano de punição e Phil Sheridan o chamasse de volta para o Oeste, para ele tentar de novo conquistar a patente de general. Sheridan não os desapontou. Dois meses antes de expirar a sentença da corte marcial, Custer recebeu um telegrama do Forte Hays: "*Você pode vir imediatamente? Onze companhias do nosso regimento irão iniciar o ataque contra os índios hostis por volta de 1º de outubro.*" Estava assinado P. H. Sheridan. Seis dias depois Autie estava no Forte Hays, de botas e esporas e pronto para cumprir seu dever.

Para a campanha de inverno ele criou um vistoso uniforme de pele. Na madrugada de 27 de novembro, com a nova banda do regimento tocando Garry Owen, ele liderou a Sétima Cavalaria até a aldeia pacífica de Chaleira Preta, para desferir um golpe esmagador que, tinha certeza, lhe conquistaria a promoção.

Mesmo com a lauta acolhida de Phil Sheridan para apoiá-lo, a promoção não lhe foi dada. Talvez tenha havido muitos cochichos entre os oficiais do regimento em relação a Custer ter abandonado o destacamento do Major Joel Elliot durante o ataque ao acampamento cheyenne de Chaleira Preta, a "*Batalha de Washita*". Quando Elliot e 16 homens estavam em missão de reconhecimento, foram bloqueados por uma força de arapahos, vindos da parte superior do rio para ajudar Chaleira Preta. Quando Custer descobriu que se arriscava a ser atacado pelos guerreiros das vizinhas aldeias arapahos, kiowas e comanches, fez uma retirada em marcha forçada de volta à base em Camp Supply, sem esperar por Elliot. Vários dias depois, quando Custer voltou à aldeia arrasada com o General Sheridan e fortes reforços, procuraram por Elliot e seus homens e os encontraram mortos. A partir daquela época, diversos oficiais da Sétima Cavalaria passaram a não confiar nas habilidades de liderança de Custer; também se lembraram que o Major Elliot não fora uma testemunha especialmente amigável durante a corte marcial de Custer; que Elliot tinha sido comandante do regimento durante a ausência forçada de Custer e que poderia muito bem ser o comandante permanente, se Custer não tivesse conseguido permissão para voltar.

Cinco anos depois, quando o regimento foi mandado para o Forte Abraham Lincoln, no território de Dakota, Artie ainda era tenente-coronel. Para Libbie, entretanto, ele era "*o General*", e, incentivado pela energia inexaurível de Libbie e sua vontade em apoiá-lo, Custer entrou na missão de Dakota como se lhe tivessem dado uma nova chance de glória, em seu mundo glamouroso de clangor de sabres e tilintar de esporas. As Black Hills, centro sagrado das tribos das planícies, ficavam a apenas 300 quilômetros a oeste, e surgiram sempre boatos no forte sobre os imensos depósitos de ouro escondidos nas rochas e nos regatos. Ainda que fosse verdade que o Tratado 1868 tivesse dado aquele território em caráter perpétuo às tribos das planícies do norte, proibindo

os homens brancos de "*passar, se estabelecer ou residir ali*", havia uma ressalva que permitia aos representantes do governo irem lá "*no cumprimento do dever*". Para Custer, explorar as Black Hills era um dever a ser cumprido; se encontrasse ouro, a descoberta lhe daria fama e, talvez, a tão esperada promoção.

Na primavera de 1874, Phil Sheridan saiu de seu quartel-general em Chicago para visitar os Custers e inspecionar o Forte Lincoln. Durante sua visita, os dois homens desenvolveram um plano para invadir as Black Hills. Em maio, depois que Sheridan voltou para Chicago e obteve o apoio entusiástico do General Sherman, despachou ordens ao comandante do departamento de Custer, General Alfred Terry, para que ele mandasse a Sétima Cavalaria para as Black Hills. O objetivo da expedição, segundo Sheridan, era obter "*informações relativas à característica da região*" e investigar as possibilidades do estabelecimento de um posto militar nas Black Hills, "*a fim de controlar melhor os índios*". O ouro nunca foi mencionado, mas Sheridan conseguiu que uns geólogos acompanhassem discretamente a coluna.

Os geólogos acharam ouro nas Black Hills, e as manchetes dos jornais chamaram-no de Ouro de Custer. *RICAS MINAS DE OURO E PRATA SUPOSTAMENTE ENCONTRADAS POR CUSTER*. O Menino General voltou para as primeiras páginas, e dentro de semanas milhares de garimpeiros alucinados estavam violando a santidade de Paha Sapa, como os índios chamavam as Black Hills. Quando líderes dos sioux, como Nuvem Vermelha, protestaram contra a violação do tratado, o governo mandou um pretenso reforço de soldados para afastar de lá os mineiros. Mas os mineiros ficaram, os soldados ficaram, e a terra sagrada foi violada diariamente. Num esforço para evitar uma guerra com os índios, o governo ofereceu-se para comprar a região das Black Hills, mas ela não estava à venda.

Através de uma série de manobras cuidadosamente feitas, o governo então preparou a tomada das Black Hills, ordenando primeiro que todos os índios se apresentassem aos quartéis-generais de sua agência antes do dia 31 de janeiro de 1876, ou seriam considerados "*hostis*". A época da ordem — no meio do inverno — não permitiu que os mensageiros alcançassem muitas tribos, ou que os índios deliberassem a respeito. A 7 de fevereiro de 1876, o General Sherman ordenou que o General

Sheridan iniciasse a preparação de operações militares contra os índios da área das Black Hills. A desculpa do Departamento da Guerra por sua violação do Tratado de 1868 foi que aqueles índios mostraram-se hostis por terem se recusado a se apresentar nas agências até 31 de janeiro, e portanto eram eles os violadores do tratado.

Libbie e Autie estavam de licença em Nova York quando ouviram as excitantes notícias de que o Sétimo Regimento iria iniciar as preparações para uma campanha de primavera na direção dos rios Rosebud e Big Horn, "*onde Touro Sentado, Cavalo Doido e seus aliados se encontravam*". Embora Custer, com a descoberta de ouro nas Black Hills, tivesse precipitado este choque entre a cavalaria e os guerreiros índios, ele quase não chegou a tempo para a ação final em Little Big Horn. Em março, ele foi chamado a Washington para servir de testemunha numa investigação do Congresso sobre o chamado Anel índio, que envolvia o Secretário da Guerra do Presidente Grant, William W. Belknap, com relação a transações comerciais no posto e outras formas de suborno nas reservas índias. Custer vinha havia muito tempo suspeitando de que Belknap ou Grant, ou talvez os dois, estavam bloqueando sua promoção militar. Viajou ansiosamente para Washington e deu ao comitê uma grande quantidade de testemunhos sem comprovação, alguns que implicavam o irmão do Presidente, Orville Grant, na venda de milho roubado do Departamento de Assuntos Índios.

Quando Custer preparava-se para sair de Washington, o Presidente Grant não lhe deu a permissão requerida para se juntar ao seu regimento. Custer, enfurecido com o Presidente, saiu sem permissão, mas viu-se sob prisão militar quando chegou a Chicago. Mais uma vez foi Phil Sheridan quem intercedeu por ele, e, após uma longa troca de telegramas com o Presidente, permitiram que Custer reassumisse o comando da Sétima Cavalaria. Havia duas condições: O General Terry estaria no comando da expedição, em lugar de Custer, e nenhum jornalista poderia acompanhar o regimento para glorificar as façanhas do Menino General.

Estas restrições não incomodaram Autie. Ele conseguiu que um repórter desconhecido, Mark Kellogg, que trabalhava para o Tribune de Bismarck (*no território de Dakota*), o acompanhasse como convidado

especial. E estava confiante de que, uma vez no campo e longe, o General Terry, poderia levar o Sétimo Regimento a uma batalha gloriosa quando e onde escolhesse. Pretendia voltar de sua campanha com uma águia ou talvez com uma estrela de general.

A 17 de maio, com Autie à frente e a banda tocando A Garota que Deixei para Trás, a Sétima Cavalaria saiu do Forte Abraham Lincoln. "*Quando saímos do acampamento, antes do sol subir*", disse Libbie mais tarde, "*a névoa envolvia tudo.*" Quando o sol raiou através da névoa, a luz formou uma miragem, de modo que a linha de cavalarianos parecia elevar-se até o céu. "*Marcharam uma certa distância tão visíveis na terra quanto no céu.*" Para Libbie a miragem era um perigo terrível. Sua ansiedade teria se transformado em terror, se imaginasse que nos acampamentos índios ao longo do Little Big Horn, Touro Sentado estava contando ao seu povo sobre sua visão da Dança do Sol: "*Olhei para o céu e vi soldados a cavalo descendo como gafanhotos, com as cabeças baixas e os chapéus caindo. Estavam caindo bem dentro de nosso acampamento.*"

No primeiro dia de marcha, Libbie cavalgou ao lado de Autie, para passar uma última noite com ele na tenda. Ao amanhecer do dia seguinte, eles se despediram. Ele vestia o uniforme que tinha desenhado para o Oeste — chapéu branco de aba larga, camisa franjada de couro, gravata vermelha.

Foi assim que ela o viu durante os 57 anos restantes de sua vida — um jovem galante, de cabelos dourados, de 36 anos, acenando com seu chapelão e lhe dizendo adeus, e então saindo a cavalo pela planície de Dakota para desafiar a Ameaça Vermelha. Para ela, ele nunca morreu realmente; ele nunca envelheceu.

Logo depois que chegaram ao Forte Lincoln as surpreendentes notícias de que Custer e mais 200 homens tinham sido mortos, o General Terry enviou um relato oficial ao Departamento da Guerra, colocando a culpa pelo desastre em Custer, por ter desobedecido ordens quanto à movimentação das suas tropas. Um jornalista obteve uma cópia do relato oficial e ele foi espalhado pelas primeiras páginas dos jornais. Com raiva dessa acusação, Libbie esqueceu-se da sua dor e começou uma longa campanha para manter o nome do Menino General sempre brilhante na história. Por mais de meio século, sempre que a mínima

crítica sobre Autie aparecia na imprensa, Libbie atacava, exigindo retratações.

Ela angariou o apoio dos generais de cavalaria do Departamento da Guerra; arranhou declarações forjadas para provar que Autie não tinha desobedecido ordens; vivia fazendo manobras para colocar a culpa em seus vilões — Terry, Benteen e Reno. Mudou seu quartel-general particular para Nova York, para vigiar mais de perto os editores que poderiam traí-la. Tornou-se o terror dos autores que ousassem procurar a verdade.

Em qualquer oportunidade, fazia palestras para plateias americanas, aumentando a lenda. Escreveu três livros, modelando e aperfeiçoando a imagem de seu Beau Sabreur, referindo se sempre a Autie como o "General". Aqueles que esperavam explorar seu mito folclórico fizeram uma trégua, na esperança de viverem mais tempo que aquela mulherzinha determinada, para poderem contar a história completa do Tenente-coronel George Armstrong Custer, o adolescente incorrigível e impulsivo que detestava autoridade e ao mesmo tempo era um disciplinador fanático dos homens sob suas ordens. Entretanto, os homens que sabiam a verdade sumiram de cena, um a um. Libbie sobreviveu a eles todos, mantendo a nobreza de Autie imaculada até o dia em que morreu, aos 91 anos de idade, a 6 de abril de 1933, quase sem ser notada durante os primeiros dias agitados do New Deal de Franklin Roosevelt.

OS DESPOJADOS

"*Deixem-nos em paz*", dizia Touro Sentado toda vez que os homens brancos enviavam mensageiros exigindo as Black Hills ou algum outro pedaço de terra cobiçada. Esses homens brancos vinham e voltavam, convidando-o a levar seu povo para as agências, para que os índios pudessem aprender a viver como homens brancos. "*Deixem-nos em paz*", ele lhes dizia repetidamente. "*Nós só queremos ser deixados em paz.*"

Por volta de 1876, o ano em que o Tenente-coronel Custer marchou com sua Sétima Cavalaria para o Little Big Horn, Touro Sentado tinha aceitado a ideia de que os intrusos não os deixariam em paz, a ele ou ao seu povo. A paz com os homens brancos era impossível; eles queriam tudo do Oeste. A única paz que poderiam ter era o aprisionamento numa agência, e para um índio livre das planícies tal paz era pior que a morte.

E assim os Casacos Azuis foram para o Little Big Horn, bem na hora em que Touro Sentado os vira caindo do céu em sua visão da Dança do Sol. Um grupo deles veio atacando pela parte sul de suas aldeias de tipis; outro grupo veio pelo leste. Os sioux e seus aliados cheyennes lutaram muito naquele dia, e todos os soldados nas colinas a leste do Little Big Horn morreram na investida dos guerreiros. Depois que tudo terminou, Touro Sentado tirou seus seguidores vitoriosos do campo de batalha, esperando que agora os homens brancos respeitassem seu poder e o deixassem em paz.

Ele não sabia então que Custer, o Menino General de cabelos dourados, tinha morrido numa das colinas de Greasy Grass; provavelmente nenhum dos seguidores de Touro Sentado soube até mais tarde — quando começaram os mitos sobre o Cabelos Compridos e sua Última Resistência valente. Os guerreiros lembravam-se de um homem valente que lutara como um búfalo, com o corpo ensanguentado, cheio

de ferimentos, e um círculo de cartuchos deflagrados à sua volta. O soldado tinha três divisas na manga e eles souberam depois que seu nome era Sargento James Butler. Mas o bravo sargento foi logo esquecido; o Menino General era o herói que tinha de ser vingado e Touro Sentado era o monstro que o matara.

Tatank Iyotake, Touro Sentado, tinha nascido e se criado na região de Dakota à beira do Grand River, na década de 1830, quando os comerciantes de peles estavam se introduzindo no Missouri, mas o povo sioux teton de Touro Sentado, os hunkpapas, preferia caçar na direção oeste, em volta das sagradas Black Hills, onde poucos homens brancos se aventuravam. Quando George Catlin viajou para o Forte Pierre, em 1832, descreveu os hunkpapas como "*aqueles que acampam sozinhos*", e teve dificuldade em convencê-los a posar. No final da década de 1830, Touro Sentado estava aprendendo a caçar búfalo, e quando chegou à adolescência, na década seguinte, foi convidado a juntar-se à expedição de ataque a cavalo contra os crows.

Como a maior parte dos homens da tribo, ele evitava os brancos que vinham do Leste, não prestando muita atenção a eles até perto dos 30 anos de idade. Isto foi em 1863, durante a época da guerra civil dos homens brancos, ano de pouca chuva nas planícies do Norte. Naquele verão, os hunkpapas seguiram as manadas de búfalos na direção leste, fora da grama ressequida e através do Rio Missouri, e foram atacados pelos soldados do General H. H. Sibley sem qualquer outra razão a não ser pelo fato de serem índios. Embora os caçadores com quem Touro Sentado estava viajando não tivessem participado da rápida escaramuça, alcançaram o comboio de suprimentos de Sibley, e Touro Sentado capturou uma mula das parelhas. Sibley estava terminando sua guerra com os sioux santees de Corvo Pequeno, no Minnesota, e tinha retirado suas tropas das planícies de Dakota para matar os santees em fuga.

Mais tarde, nesse mesmo ano, Sibley enviou centenas de santees capturados para Crow Creek, através do Missouri, onde o solo era árido, a caça escassa, a água alcalina e não-potável. Mais da metade deles morreu durante o primeiro inverno. Touro Sentado visitou seus primos das matas lá na reserva; olhou para eles com pena e ouviu as histórias dos americanos que tinham tomado suas terras e os expulsado de suas casas, Achou que esses homens brancos gananciosos já tinham seus

olhos postos na região dos búfalos dos tetons, mas resolveu que não iria se submeter ao aprisionamento numa reserva.

No verão seguinte, em 1864, os hunkpapas estavam acampados à beira do Little Missouri, perto da Montanha Killdeer, aproveitando uma bela estação de caça. Muitos dos seus parentes tetons se encontraram com eles lá — oglallas, sans ares, minneconjous e outros. Cada tipi tinha suas mantas de carne secando para os meses frios que se aproximavam, e os pôneis cresciam lustrosos e fortes no rico pasto. Havia tempo para se deitarem ao sol, brincarem com as crianças, estudarem as nuvens do céu azul puro, ou ouvirem os passarinhos cantando. Touro Sentado gostava especialmente de aves — águias, falcões, gralhas e cotovias-do-prado. Acreditava que podia conversar com as cotovias e que quando havia perigo elas davam um aviso.

Este intervalo tranquilo foi quebrado no final do verão, com a chegada de alguns santees, que disseram que o General Alfred Sully marchava com centenas de soldados para oeste, vindos dos fortes do Rio Missouri. Esses soldados não só matavam todos os índios que encontravam, como cortavam suas cabeças e as enfiavam em postes. Quando os chefes tetons ouviram falar desses atos bárbaros, viram que seu povo estava condenado, a não ser que pudessem endurecer seus corações o suficiente para se salvarem dos assassinos de farda azul. Alguns chefes queriam a guerra; outros disseram que dariam as costas aos soldados e viajariam para oeste, procurando refúgio em Bad Lands e nas Black Hills. Antes de chegarem a uma decisão, os soldados os encontraram perto da Montanha Killdeer.

Esta foi a primeira vez que Touro Sentado lutou contra os cavalarianos de farda azul. Entraram pelo acampamento de tipis em filas de um quilômetro e meio de extensão, atirando com suas carabinas. Por trás deles ouviam-se o estrondo e o eco, e via-se a fumaça dos grandes canhões que atiravam estilhaços de metais nas mulheres e crianças que tentavam escapar. Os arcos e flechas e mosquetões antigos dos tetons eram impotentes contra as munições mortais dos Casacos Azuis, mas os guerreiros lutaram como se fossem búfalos cercados, protegendo a fuga das mulheres e crianças até que todos pudessem se espalhar pelos morros.

Naquele inverno, o chefe dos soldados do Forte Rice, no Rio Missouri, enviou mensagens a todos os acampamentos dos sioux convidando os índios a irem para o forte na primavera, para um conselho de paz. Touro Sentado não quis ouvir falar disso. Notícias alarmantes tinham chegado do sul sobre o massacre dos cheyennes em Sand Creek; parecia que os homens brancos, que falavam tanto em paz, tinham decidido arrasar com todos os índios que encontrassem. Embora alguns líderes tetons resolvessem ir ao Forte Rice, apenas alguns hunkpapas os acompanharam. Esses hunkpapas eram tão desconfiados que não quiseram entrar no forte, acampando na planície e esperando para ver como o chefe dos soldados trataria os tetons dentro das paliçadas. Enquanto esperavam, os grandes canhões do forte começaram a troar. Era só uma saudação, mas eles tinham sofrido os efeitos desses canhões na Montanha Killdeer e ficaram certos de que aqueles soldados estavam matando seus parentes tetons no forte, exatamente como Chivington matara os cheyennes em Sand Creek. Os hunkpapas montaram seus cavalos e voltaram correndo para o acampamento principal, para dizer que o chefe dos soldados tinha armado uma cilada para os índios no seu forte e estava massacrando-os com os canhões grandes que gritavam alto.

Touro Sentado ficou tão furioso quando ouviu isto, que cortou a própria carne com um faca e cavalgou pelo acampamento, juntando guerreiros para um ataque de vingança ao Forte Rice. Com 600 bravos seguidores, desceu as montanhas, colocou seus homens num círculo do lado oeste do forte e desafiou os soldados a travarem uma batalha. Os Casacos Azuis saíram dos portões aos montes, empurrando seus canhões para os colocar em posição, e durante três horas os exímios cavaleiros de Touro Sentado fizeram ataques rápidos contra os defensores. "*Quando os pôneis dos índios galopavam*", disse um soldado mais tarde, "*iam tão depressa que pareciam um só.*"

Como na Montanha Killdeer, as munições superiores dos soldados foram demais para os sioux. Eles bateram em retirada e logo depois souberam que seus amigos que foram ao forte não tinham sido massacrados de modo algum. Este ataque corajoso ao Forte Rice não passou despercebido ao chefe dos soldados, Alfred Sully. Pela primeira

vez, o nome de um "*chefe chamado Touro Sentado*" entrou nos registros oficiais dos Estados Unidos.

Depois daquele verão, alguns hunkpapas e tetons, que tinham aprendido a gostar de bolachas, melado e uísque dos homens brancos, continuaram a acampar em volta do Forte Rice. Mas a maior parte dos sioux via o Rio Missouri como um caminho saqueado em sua região, com as árvores ao longo das margens cortadas para combustível dos barcos a vapor e a caça toda morta ou espantada. O povo de Touro Sentado ficou o mais longe possível do rio, armando seus acampamentos a oeste das Black Hills, à beira dos rios que corriam para o Yellowstone — o Powder, o Tongue, o Rosebud e o Big Horn. A região do Rio Powder era um paraíso de caça, mas os sioux tiveram de lutar por ela contra os crows e shoshones, e depois contra os homens brancos que invadiam do sul, abrindo fortes ao longo da Trilha Bozeman. Nuvem Vermelha dos oglallas era o defensor heroico, reunindo os tetons, os cheyennes e arapahos para uma resistência inflexível à invasão da região do Rio Powder.

Reconhecendo em Nuvem Vermelha um líder vigoroso, Touro Sentado encorajou os hunkpapas a uma aliança com o chefe oglalla. Se os índios da planície quisessem sobreviver, precisavam se unir e se recusar a entregar mais terras. Os hunkpapas de Touro Sentado atacaram os carroções do Exército ao longo da Trilha Bozeman e lutaram contra os soldados invasores do General Patrick Connor, que tinham ordens de "*matar todo índio do sexo masculino acima de 12 anos de idade*" na região do Rio Power. Touro Sentado e seu povo, entretanto, encontravam-se nos acampamentos de inverno acima do Yellowstone, quando os guerreiros de Nuvem Vermelha tiveram sua grande vitória contra o Forte Phil Kearny.

As notícias daquela Batalha dos Cem Mortos e as proezas de um jovem oglalla chamado Cavalo Doido espalharam-se rapidamente por todas as planícies do Norte, e, com o passar das luas, Touro Sentado não se surpreendeu ao ouvir os boatos de que os homens brancos estavam ansiosos por um tratado de paz. Ele também estava pronto para a paz; queria só que o deixassem sossegado para que seu povo pudesse viver como tinha sempre vivido, livre para ir aonde quisesse e quanto quisesse, vivendo em harmonia com o mundo natural de aves, plantas e

animais. Mas ele não queria paz, se isso acarretasse abrir mão de mais terra e confinamento nas reservas.

Na primavera de 1868, Touro Sentado e seu número crescente de seguidores estavam acampados perto da foz do Rio Powder quando agentes do Grande Pai de Washington convidaram-nos a assinar um tratado de paz no Forte Rice. Depois de saber que o tratado fixava fronteiras dentro das quais os índios deviam viver e criava agências às quais eles deviam se apresentar como se fossem prisioneiros, ele recusou-se a ir. Ficou profundamente desapontado quando soube que Nuvem Vermelha prometera assinar um tratado desses, assim que os soldados se retirassem e os fortes fossem abandonados na Trilha Bozeman.

Em junho daquele ano, Touro Sentado recebeu no acampamento uma mensagem de Antílope-Que-Corre, um chefe hunkpapa que resolvera morar perto do Forte Rice. A mensagem dizia que um amigo branco de confiança dos índios, o Manto Preto (Padre PierreJean De Smet), iria visitar Touro Sentado, que já ouvira falar muito sobre esse padre de 68 anos, que se relacionava regularmente com o Grande Espírito e que, como diziam, tinha poderes divinos. Com Galha, Lua Negra, Quatro Chifres e outros líderes do acampamento, Touro Sentado foi encontrar-se com Manto Preto e lhe dar as boas-vindas. Quando os tetons viram uma bandeira desfraldada na caravana do Padre De Smet que se aproximava, voltaram e se prepararam para dar o alarme no acampamento para que fugissem, com medo que aquela bandeira fosse dos soldados, em sinal de ataque. Porém não era uma bandeira de guerra, mas de paz, com a imagem da Santa. Virgem Maria.

Após trocarem votos de amizade, De Smet e os líderes índios reuniram-se em conselho. O Padre disse ter vindo ajudá-los a parar a luta que estava matando muitos bons homens vermelhos e brancos. Touro Sentado respondeu que ele queria a paz de coração, tanto quanto ele. Paz, disse ele, significava ser deixado em sossego, e ele não sabia como poderia haver paz se os homens brancos continuavam a retalhar sua região com estradas, a construir fortes, a matar os búfalos e a cortar todas as árvores. *"Eu sou e sempre fui um guerreiro"*, disse ele. *"Meu povo fez com que eu fosse assim. Eles foram importunados no passado e ficaram confusos, veem seus problemas como provenientes dos brancos*

e ficaram malucos, sempre me empurrando para a frente (...) Não vou dizer isso na presença deles, seja bem-vindo, padre — o mensageiro da paz. Espero que a tranquilidade seja restaurada em breve em nosso país." Touro Sentado fez uma pausa para apertar a mão de Manto Preto e então acrescentou, com firmeza: "*Desejo que todos saibam que eu não me proponho a vender terra alguma para os brancos, nem quero que eles cortem madeira."*

No final do conselho, entretanto, nem mesmo a persuasão mais calorosa de De Smet conseguiu convencer Touro Sentado a voltar com ele para o Forte Rice e assinar o tratado de paz. O líder hunkpapa nunca entrara num forte dos homens brancos e tinha medo da força corrupta que eles representavam. Em vez de ir, mandou seu protegido Galha representando-o. Galha era coberto de cicatrizes, resultado de chutes, pisadas e golpes de baioneta dos soldados de farda azul, e conhecia o jeito dos homens brancos. Galha assinou o tratado.

Naquele outono, quando o Grande Pai ordenou que os hunkpapas se apresentassem em sua nova agência em Grand River, para começarem a vida como agricultores numa reserva, Touro Sentado ignorou as ordens. Mas disse a Galha que, a partir do momento em que ele deixara sua marca no tratado, a honra exigia que ele fosse. Galha foi, mas nem mesmo seu prazer em comer bolachas e melado, hábito aprendido com os brancos, conseguiu mantê-lo lá por muito tempo. Em breve voltou para o acampamento de Touro Sentado. E depois que Nuvem Vermelha obedeceu às ordens do Grande Pai de levar os oglallas para uma agência e mantê-los lá confinados, o jovem Cavalo Doido fugiu com seu povo para juntar-se aos índios acampados de Touro Sentado e aliar-se ao líder místico que queria apenas ser deixado em paz para viver em liberdade.

Em 1872, o governo fez outro grande esforço no sentido de convencer Touro Sentado a abandonar a liberdade e levar seus seguidores para a reserva de Grand River. Naquele ano seu acampamento consistia de 700 tipis. Mais oglallas vieram juntar-se ao povo de Cavalo Doido. Muitos brulés da reserva de Cauda Pintada também foram para lá, e havia um número cada vez maior de cheyennes e arapahos. Esses índios fugidos eram uma ameaça para todo o sistema de reservas, e o Departamento de Assuntos Índios, alarmado, enviou uma comissão de investigação de Washington para o Forte Peck, no

território de Montana, para falar com Touro Sentado. Após Touro Sentado ignorar os agradamentos enviados pelos mensageiros, os membros da comissão se ofereceram para visitá-lo no seu acampamento, se ele dissesse onde se encontrava.

A resposta de Touro Sentado foi mandar seu cunhado Techanke (Águia Cinzenta) para o Forte Peck. "Vá lá", disse Touro Sentado a Techanke, *"e quando encontrar o homem branco que diga a verdade, volte e eu o verei."* Techanke, evidentemente, não conseguiu encontrar um membro da comissão em quem pudesse confiar. De qualquer modo, Touro Sentado não fez a visita ao forte para enviar seus respeitos. Mais tarde naquele verão, ele saiu numa incursão montada contra os crows, e depois de voltar para o acampamento começou a trabalhar na sua autobiografia pictográfica. No outono, os funcionários do Departamento de Assuntos Índios, desanimados, fizeram mais uma tentativa de convencê-lo. Convenceram Nuvem Vermelha a enviar a seguinte mensagem a Touro Sentado:

Ouçame e salve o seu povo. Não crie problemas para o Grande Pai. Seu coração é bom. Seja amigo dele e ele cuidará de vocês (...) Segure a mão dele e aperte-a depressa (...) Abra seus ouvidos e ouça-o. Suas palavras são boas — lembre-se delas.

Touro Sentado não se preocupou em responder. Os homens brancos tinham levado seu velho amigo Nuvem Vermelha para Washington e jogado poeira nos olhos dele; ele tinha sido comprado pelos brancos.

No ano seguinte, Touro Sentado ouviu dizer que o Grande Pai tinha mudado a reserva dos hunkpapas do Missouri para Stading Rock e estava tentando obrigá-los a cavar o chão com enxadas e a cortar as árvores restantes ao longo do rio, para construírem suas casas. Ele se negou a outros convites nesse sentido. Durante a primavera, muitos índios famintos chegaram ao seu acampamento, provenientes das reservas vizinhas e contando sobre a carne estragada e os cereais bichados que tinham recebido dos agentes brancos. Devido a todas essas bocas a mais, o suprimento de comida do acampamento escasseou e eles tiveram de começar as caçadas de verão mais cedo do que o usual. Com tantas famílias acampadas juntas, as aldeias tinham de ser mudadas frequentemente, para que pudessem encontrar búfalos e antílopes suficientes para alimentá-los.

Aconteceu o mesmo no ano seguinte, em 1874, o verão em que Custer decidiu violar o Tratado de 1868 invadindo Paha Sapa, ou seja, as Black Hills. Touro Sentado estava ocupado, caçando manadas de búfalos no Yellowstone, para manter seu povo alimentado, abrigado e vestido, mas quando ouviu falar na invasão, ficou pensando como o Grande Pai podia esperar que os índios observassem suas obrigações do tratado, quando permitia que seus soldados o desrespeitassem marchando para a região mais sagrada das tribos das planícies. Os soldados, contudo, deixaram o povo de Touro Sentado em paz naquele verão e no próximo.

No final de 1875, Touro Sentado concluiu que os soldados estavam dando um laço cada vez mais apertado em volta das últimas boas terras para caça. Nas quatro direções, eles construía fortés e abriam mais estradas. As Black Hills ficaram cobertas de homens brancos cavando, e nas terras gramadas dos búfalos, ao sul, os rancheiros brancos levavam seu gado para pastar. Na Lua-em-que-o-Veado-Troca-os-Chifres (22 de dezembro de 1875), o agente de Standing Rock recebeu ordens para notificar a todos os sioux hunkpapas que se mudassem para dentro dos limites daquela reserva antes do dia 31 de janeiro de 1876, senão seriam "*considerados hostis e tratados dessa forma pela força militar*".

Naquele dia, Touro Sentado e seu povo estavam no acampamento de inverno no Rio Powder; 400 quilômetros a oeste. As planícies estavam cobertas de neve profunda. Só em meados de janeiro é que o mensageiro de Standing Rock os encontrou. Touro Sentado enviou o mensageiro de volta para o agente, dizendo que iria considerar aquela ordem, mas que só poderia fazer isso quando a Lua-que-Faz-Crescer-o-Capim-Verde chegasse, pois então teria bastante forragem para alimentar os pôneis na grande viagem através de Dakota.

Touro Sentado não tinha o calendário dos homens brancos, mas em junho, quando o capim verde brotou, ele estava acampado no Little Big Horn, com suas aldeias aliadas aumentadas de centenas de outros refugiados das reservas. "*Nós estávamos acampados lá, esperando a vontade do Grande Espírito*", disse Touro Sentado mais tarde ao Padre Jean Genin, "*e ao mesmo tempo rezando para o Grande Espírito nos salvar das mãos de nossos inimigos, agora próximos, que vinham, sem provocação, completar nosso extermínio.*" Quando os soldados chegaram, Touro Sentado continuou: "*Meus homens destruíram todos*

eles em pouco tempo. Agora eles me acusam de tê-los assassinado. Porém, o que foi que eu fiz? Nada. O Grande Espírito salvou nossas vidas porque nós o tínhamos chamado. Deveriam então acusar o Grande Espírito, pois na verdade foi ele quem nos salvou, permitindo que eles morressem (...) Nós não saímos da nossa própria área para matá-los, eles é que vieram nos matar e foram mortos. O Grande Espírito assim ordenou."

Após a luta com Custer, que "não levou nem o tempo suficiente para se acender um cachimbo", eles deixaram os soldados de Reno acovardados num morro, mudaram-se para as Montanhas Big Horn e as tribos se separaram ao longo do caminho, tomando diferentes direções. Tudo o que Touro Sentado queria era ser deixado em paz.

Nunca procurou nenhuma guerra com os homens brancos; eles sempre levaram a guerra a ele e a seu povo, forçando-os a lutar ou morrer.

Naquele verão, ele tentou se manter o mais afastado possível dos fortes dos soldados, mas todo o país estava infestado de colunas de Casacos Azuis, procurando os índios para vingarem a morte de Custer. "O que foi que nós fizemos que os homens brancos querem que paremos de fazer?", perguntou ele "Nós vivemos correndo para cima e para baixo do país, mas eles nos seguem de um lugar para o outro."

Quando veio o outono, ele levou seu povo para o Yellowstone, onde havia muito búfalo e não havia fortes de soldados. Mal tinham acabado de montar seus tipis e souberam que os soldados estavam construindo um forte na foz do Rio Tongue e abriam uma estrada através da região de pastagem dos búfalos. O mundo todo parecia estar se enchendo de soldados de farda azul.

Numa última tentativa de convencer os soldados a deixá-lo em paz, Touro Sentado enviou uma mensagem ao chefe deles, Nelson Miles, pedindo-lhe gentilmente para afastar seus Casacos Azuis, para que os índios pudessem caçar os búfalos em paz, Miles sugeriu um conselho e Touro Sentado concordou em encontrar-se com ele, embora sabendo que corria perigo de vida. O encontro foi uma perda de tempo; Miles disse que seus soldados sairiam da região assim que Touro Sentado se rendesse e levasse seu povo para viver numa reserva. Quando Touro Sentado respondeu que não era um agente índio e nem pretendia ser,

Miles se enfureceu e seus soldados começaram a engatilhar as armas. Quando Touro Sentado fez um sinal para seus guerreiros se retirarem, alguns dos soldados abriram fogo e os sioux tiveram de começar de novo a andar por toda região, para cima e para baixo.

Na primavera de 1877, Touro Sentado estava cansado de fugir. Não havia mais espaço suficiente no Oeste para os homens brancos e os índios viverem juntos em paz. Decidiu levar seu povo para o Canadá, para a terra da Rainha-Mãe, a Rainha Vitória. Antes de ir, tentou encontrar Cavallo Doido, na esperança de convencer o líder oglalla a levar seu povo para lá também. Mas Cavallo Doido estava fugindo por todo o país, de cima a baixo, para escapar dos soldados, e Touro Sentado não conseguiu encontrá-lo.

Na Lua-em-que-os-Pôneis-Estão-na-Muda (maio de 1877), Touro Sentado conduziu seu povo para o país da Rainha-Mãe, o Canadá, e durante as luas de verão muitos outros índios fugitivos atravessaram a fronteira para se juntarem a eles. Os Casacos Vermelhos (soldados da Rainha-Mãe, a Real Polícia Montada do Noroeste) contaram 5.600 índios.

De início os Casacos Vermelhos se mostraram muito amigos e Touro Sentado achou que podia sorrir de novo. (*"Quando ele sorria, o que fazia sempre"*, disse um dos comissários canadenses, *"seu rosto ficava incrivelmente iluminado."*) Os Casacos Vermelhos convidaram os refugiados a acamparem perto do Forte Walsh, mas em breve estavam tentando persuadir Touro Sentado a voltar com seus seguidores para o outro lado da fronteira. *"Tenham piedade de mim"*, disse-lhes Touro Sentado. *"Nós vamos ser criados com um povo novo (...) Meu coração era forte, mas agora está fraco de verdade; e é por isso que os americanos querem chupar o meu sangue. Por que os americanos querem me afugentar? Porque eles só querem americanos lá. O Grande Espírito me fez líder de um povo, e é por isso que estou seguindo os búfalos. O Grande Espírito me disse que, se vocês fizerem alguma coisa errada, o seu povo será destruído, e é por isso que estou aqui. Eu estava com medo. Olhem para mim. Vejam se tem alguma coisa errada presa no meu corpo; eu tenho apenas minhas mãos para lutar contra os homens brancos."*

Do outro lado da fronteira, as notícias eram ruins. As Black Hills tinham sido roubadas; os Casacos Azuis tinham invadido as reservas, levando os rifles de caça e os cavalos dos índios das agências; quando Nuvem Vermelha protestou, eles o puseram na prisão, no Forte Robinson, com as mãos amarradas e amordaçado para não poder falar. Então, vieram as piores notícias de todas — os soldados tinham prendido Cavalo Doido, matando-o a golpes de baioneta.

Poucos dias depois disso, na Lua-em-que-as-Folhas-Caem (outubro de 1877), o acampamento de Touro Sentado ficou de repente cheio de índios nez percés, feridos e sangrando. Após uma fuga difícil e longa dos Casacos Azuis, seu chefe guerreiro, Cara de Vidro, tinha sido morto e o Chefe Joseph se rendera. Apenas uns cem nez percés escaparam para o Canadá, "*Choravam e gritavam muito*", disse o Padre Genin, que estava de visita ao acampamento de Touro Sentado. "*Ao fugirem dos soldados, tinham colocado seus filhos pequenos no lombo dos cavalos, galopando a noite toda, e descobriram na manhã seguinte que os filhos também tinham sumido. A desolação das mães era enorme. Voltar seria morrer na certa.*"

O padre católico, Jean Genin, tinha ido ao Canadá como um observador em caráter oficioso dos Estados Unidos e do governo da Rainha. Através do Comandante James McLeod, da Polícia Montada do Noroeste, os funcionários canadenses tinham negado o pedido de Touro Sentado de que seu povo passasse a ser um grupo de índios britânicos, com direito ao mesmo tratamento e terras dos outros índios britânicos. "*Vocês são índios americanos*", disse-lhe McLeod. "*Não devem esperar nada do governo da Rainha, a não ser proteção, desde que se comportem.*" Para se alimentar, se abrigar e se vestir, o povo de Touro Sentado teria de depender do búfalo, como sempre acontecera.

O Padre Genin não achou Touro Sentado receptivo à pressão dos dois governos para que voltasse aos Estados Unidos. "*E muito difícil*", disse o hunkpapa, "*ter qualquer fé na palavra dos americanos. Desde que me conheço, minha experiência com eles provou que enganam os índios todo o tempo, chegando às suas terras com grandes promessas, nunca cumpridas, e finalmente encontrando algum pretexto para matá-los (...)* Quando o senhor voltar para minhas terras em Dakota, o povo branco lhe perguntará o que Touro Sentado disse e o que pretende fazer.

Por favor, diga-lhes que não estou interessado no ouro ou na prata deles, e nem nas suas mercadorias, mas que desejo voltar e viver nas minhas terras; pois há muita caça e pastagem lá e nós podemos viver bem se eles nos deixarem em paz."

Esperançoso de que seu povo tivesse permissão de voltar e viver livremente em seu país, Touro Sentado concordou em encontrar-se com a comissão do General Alfred Terry em um conselho no Forte Walsh, no final de outubro. Terry começou as discussões repreendendo Touro Sentado, por ser o líder dos únicos índios do Oeste que ainda não se haviam rendido. Prometeu ao hunkpapa, contudo, perdão total, se ele trouxesse seu povo de volta para os Estados Unidos, entregasse suas armas, munições e cavalos aos soldados e vivesse na Grande Reserva dos Sioux. *"As armas e os cavalos entregues serão vendidos"*, disse Terry, *"e com o dinheiro obtido compraremos vacas e as mandaremos para vocês. Com essas vacas vocês poderão criar umas manadas."*

A arrogância da proposta de Terry era demais para Touro Sentado aguentar. *"Eu gostaria de saber"*, replicou ele, *"por que você veio aqui. Em primeiro lugar, eu não lhe dei as terras, mas vocês me seguiram de um ponto ao outro, até que eu tivesse de sair e vir para este país (...) Se pensa que sou tolo, você é mais tolo ainda (...) A parte do país que me deram já foi tomada de volta."* Depois de avisar a Terry que não tinha nenhuma intenção de voltar para os Estados Unidos — desarmado, desmontado e desamparado ante a vontade dos soldados do Grande Pai — Touro Sentado induziu os líderes das outras tribos a falar livremente. A maior parte deles foi o eco de suas palavras, dizendo abertamente a Terry e a seus membros da comissão que *"voltassem para o lugar de onde tinham vindo"*.

Quando a reunião terminou, o General Terry sentiu que era inútil fazer qualquer outro tipo de apelo a Touro Sentado. A Polícia Montada do Noroeste escoltou os membros da comissão americana até a fronteira e Terry relatou a Washington que Touro Sentado e seus seguidores eram uma *"ameaça verdadeira à paz de nossos territórios índios (...) eles não podem deixar de exercer sua má influência (...) dando maus conselhos, estimulando o rancor e encorajando-os a atos de hostilidade"*.

Durante algum tempo, a presença de Touro Sentado no Canadá serviu como um ímã a todos os índios das planícies que preferiam viver

sua vida a seu modo e não segundo o padrão das reservas dos homens brancos. Na primavera de 1878, os 700 tipis do bando original de refugiados tinham aumentado para 1.579 — mais de sete mil índios em busca de liberdade. Se os canadenses os tivessem aceitado como índios britânicos, a maioria deles teria vivido pacificamente nas planícies de Saskatchewan. O governo da Rainha, entretanto, queria se livrar dos "*índios de Touro Sentado*". Não foi oferecida ajuda de espécie alguma para que eles se estabelecessem na nova terra; sua área de caça era tão restrita que não conseguiam encontrar carne suficiente para comer, peles para fazer roupas e as coberturas para os tipis. A maior parte deles passou necessidades por dois anos, até que o terrível inverno de 1880 produziu tal fome e frio que grupos de eLivross começaram a atravessar a fronteira — viajando a pé, porque foram forçados a comer seus cavalos congelados. Até mesmo o leal Galha abriu mão do seu cavalo e atravessou a fronteira na direção da Grande Reserva dos Sioux, em Dakota. Touro Sentado aguentou mais um ano, com seu bando de seguidores mais fiéis reduzindo-se a menos de 200. Ouviu falar que o Grande Pai colocara sua cabeça a prêmio, oferecendo 20 mil dólares para quem o entregasse do outro lado da fronteira, no Forte Buford. No verão de 1881, toda a comida do acampamento tinha terminado; não havia nem mesmo cavalos para serem comidos, e os canadenses viraram as costas aos seus apelos de ajuda. Mas quando o comerciante Jean Louis Legaré ofereceu-se para arranjar uma transferência para Forte Buford, com a garantia de segurança pessoal para Touro Sentado, o chefe o rechaçou: "*Você está tentando vender índios a peso!*"

Mas finalmente Touro Sentado desistiu, para salvar a vida de sua família e de seus amigos leais, que morreriam de fome se tivessem de voltar para os Estados Unidos sem ele. A 19 de junho de 1881, o chefe hunkpapa, com 186 seguidores restantes, chegou ao Forte Buford. Suas roupas estavam em tiras e ele parecia velho e vencido, mas quando entregou seu rifle ao chefe dos soldados, sua voz estava firme: "*Quero que se lembrem de que fui o último homem da minha tribo a se render e a entregar o rifle!*"

Em vez de permitirem que Touro Sentado acompanhasse seu povo a Standing Rock, os soldados o levaram ao Forte Randall e o mantiveram como prisioneiro de guerra. Ele se resignou ao confinamento e fez

amizade com o chefe dos soldados, que descobriu que Touro Sentado era "um homem muito especial (...) Aprendi a admirá-lo por suas belas qualidades (...) Fiquei maravilhado com sua paciência e abstenção. Com tempo de sobra, o líder destituído escreveu canções e poemas de suas memórias do passado e fez outro registro pictográfico de sua vida. Dentre os numerosos visitantes que iam vê-lo no Forte Randall, encontrava-se Rudolph Cronau, um ilustre alemão que o ajudou a melhorar suas habilidades de desenhista e o ensinou a salpicar de manchas Os pôneis dos seus desenhos.

Finalmente, o governo decidiu que Touro Sentado fora suficientemente punido, e na primavera de 1883 transferiram-no para a reserva de Standing Rock, onde o presentaram com uma enxada para cavar o solo com os homens de sua tribo derrotada. Ele não precisou de muito tempo para descobrir como seu povo se tornara pobre. Todos os búfalos tinham desaparecido, mortos pelos caçadores de peles brancos, e os sioux estavam vivendo em tipis de pano de má qualidade, que não ofereciam nenhuma proteção ao frio, do inverno ou ao calor do verão. As rações distribuídas na agência eram escassas e de má qualidade... Em agosto, quando uma comissão encabeçada pelo Senador Henry L. Dawes saiu de Washington para convencer os sioux a cederem metade de suas terras das reservas ao governo, Touro Sentado foi ao conselho sem ser convidado. Ele não teve de falar contra a cessão das terras; os outros líderes presentes se opuseram veementemente a isso. Mas ele iniciou um forte ataque contra o governo por confinar seu povo numa reserva e esperar que eles vivessem como homens brancos quando não possuíam nada do que os brancos possuíam *"É por causa de vocês que estamos aqui; vocês nos mandaram para cá e nos pediram para viver como vocês,; e não é direito que vivamos na pobreza."* Se o Grande Pai esperava que os índios se tornassem iguais aos homens brancos, acrescentou ele, então eles deveriam ter ferramentas, gado, cavalos e carroças, *"pois é assim que os homens brancos ganham a vida"*. Em vez de ouvirem o que Touro Sentado tinha a dizer, os membros da comissão o repreenderam, por tentar assumir a posição de chefe. *"Você não tem seguidores, nem controle, e nenhum direito de controlar, gritou o Senador John Logan, enraivecido. "Vocês estão numa reserva índia meramente por tolerância do governo."*

Esses membros da comissão foram logo embora, quando viram que os sioux não iriam assinar a cessão de mais terras, mas outros homens de Washington foram para lá, esquadrinhando tudo o que os índios estavam fazendo, lisonjeando os líderes, fazendo grandes promessas, oferecendo subornos abertamente. O agente de Standing Rock, James McLaughlin, acreditava que era seu dever na vida destruir a cultura dos sioux e substituí-la pela civilização dos brancos. McLaughlin via Touro Sentado, que era o modelo do índio, como um inimigo primordial, e tentou ao máximo isolá-lo dos sioux mais jovens, que já começavam a perder a lembrança da liberdade tribal. Em 1885, quando o ex-cavaleiro do Pony Express e ex-cocheiro de diligência, Buffalo Bill Cody, convidou Touro Sentado a participar do seu Show do Oeste Selvagem, McLaughlin concedeu prontamente sua permissão oficial para que o chefe encenqueiro saísse de Standing Rock. Quanto a Touro Sentado, o convite foi bem-vindo como um alívio ao tédio e ao confinamento da vida da reserva; também teria oportunidade de ver as maravilhas da alardeada civilização do homem branco do Leste.

Cartazes e anúncio para o Show do Oeste Selvagem mostravam o *RENOMADO CHEFE SIOUX, TOURO SENTADO*, e ele atraiu grandes multidões, dando a Buffalo Bill muito mais que os 50 dólares semanais que ele lhe pagava. Às vezes soavam vaias e botinas batiam no chão contra o "Matador de Custer", mas, depois de cada show, essas mesmas pessoas lhe davam moedas em troca de cópias de sua fotografia autografada. Um comerciante canadense amistoso lhe tinha ensinado a escrever seu nome em inglês.

Durante a excursão ao Leste, Touro Sentado ditou uma carta ao Comissário de Assuntos Índios, assinando-a com sua caligrafia forte. Queria que o comissário soubesse que os vaqueiros brancos estavam usurpando as terras de pastagem da Grande Reserva dos Sioux; também que os soldados dos postos do Exército estavam cortando a madeira e o feno da reserva, e que ele temia que a terra em breve ficasse inteiramente despida de árvores. Mostrou que só um único comerciante tinha licença para fazer negócios em Standing Rock e que estava passando os índios para trás. Concluiu sugerindo que os homens enviados pelo Departamento de Assuntos índios, para ensinar seu povo a trabalhar a terra, deveriam conhecer a língua dos sioux, se o governo tencionava que

o programa tivesse sucesso. Touro Sentado nunca recebeu resposta e nem ao menos acusação de recebimento da sua carta.

Em outubro, quando a excursão terminou, os jornalistas lhe perguntaram o que ele achava das cidades que tinha visto e se ele iria ou não fazer outra viagem com o show na temporada seguinte, "*O tipi é melhor*", disse ele. "*Estou cansado das casas e dos barulhos e multidões de homens*". Quando Buffalo Bill lhe pediu no ano seguinte para viajar com o show para a Europa, o chefe disse que não: "*Sou necessário aqui*", disse ele. "*Andam falando de novo em tirar nossas terras.*"

Não estavam só falando em tirar mais terras dos índios, havia também uma ação governamental nesse sentido. A 8 de fevereiro de 1887, o Congresso aprovou o Decreto de Distribuição de Terras de Dawes, que era destinada basicamente a acabar com a Grande Reserva dos Sioux. Com esta lei, cada família da reserva receberia um título correspondente a apenas 160 acres, e a terra restante iria para o governo, para ser vendida aos colonizadores brancos. Como a Grande Reserva dos Sioux tinha aproximadamente o dobro de terra necessária as cotas de 160 acres, isso significava que os sioux perderiam metade de suas terras. Embora os organizadores desse programa em Washington certamente soubessem que 160 acres da terra marginal de Dakota não podiam manter uma família, quer trabalhando na terra, quer cuidando do gado, o decreto foi aceito como o único meio de "*acabar com a massa tribal*" e forçar os índios a se tornarem iguais aos homens brancos.

O único empecilho a este plano era o Tratado de 1868, que proibia a "*cessão de qualquer porção ou parte da reserva, a não ser que fosse executada e assinada por pelo menos três quartos de índios adultos do sexo masculino*". Usando o tratado como arma, Touro Sentado lutou por dois anos para manter a terra. "*Eles querem que a gente abra mão de mais uma fatia de nossa terra tribal*", disse ele ao seu povo. "*Não é a primeira vez e nem será a última. Tentarão tomar posse do último pedaço de solo que nos pertence (...) Não quero considerar nenhuma proposta de ceder qualquer porção de terra de nossa propriedade tribal (...) Se eu concordar em dispor de uma parte da nossa terra aos homens brancos, me sentirei culpado por tirar a comida da boca de nossas crianças, e não desejo ser assim tão mesquinho (.. .) vamos permanecer*

como uma só família, como éramos antes dos homens brancos nos terem tirado do nosso caminho."

Touro Sentado e os que o apoiavam estavam tratando com advogados e políticos espertos que representavam poderosos interesses pelas terras. Os usurpadores de terras primeiro tentaram subornar os índios; quando não o conseguiram, tentaram assustá-los fazendo-os crer que, se não assinassem a desistência de metade das terras, o governo tiraria a terra toda.

No verão de 1889, uma comissão encabeçada pelo General George Crook viajou pelas agências da Grande Reserva dos Sioux, absolutamente determinada a obter as requeridas assinaturas de três quartos de índios adultos. Primeiro foram às agências pequenas, lisonjeiros e intimidadores, prometendo vacas e touros àqueles que assinassem, dando a entender que se vingariam dos que deixassem de assinar.

Temendo a teimosa oposição de Touro Sentado, os membros da comissão deixaram propositadamente Standing Rock por último. Como esperavam, os hunkpapas estavam irredutíveis. Tendo o agente James McLaughlin como um aliado de boa vontade, entretanto, os membros da comissão começaram uma forte campanha para convencer os sioux de Standing Rock de que eles perderiam tudo, caso se negassem a assinar. Mas Touro Sentado recusou-se a ceder. McLaughlin e os homens da comissão então concentraram seus esforços nos líderes jovens tais como John Grass, que começou a titubear quanto à sua oposição, e acabou finalmente aceitando os argumentos da comissão de que a quantia de um dólar e meio que os sioux receberiam pela cessão das terras os tornaria ricos para o resto da vida.

A 3 de agosto, McLaughlin organizou uma reunião sem que Touro Sentado soubesse, na qual John Gras discursaria com a intenção de fazer com que todos os índios assinassem a cessão das terras. Para evitar possíveis interrupções de Touro Sentado ou de seus aliados, McLaughlin colocou sua polícia indígena em formação de quatro colunas em volta do lugar do conselho. O plano funcionou. Antes que Touro Sentado soubesse o que estava acontecendo e pudesse chegar para falar contra a cessão das terras, os membros da comissão obtiveram as assinaturas de que precisavam. Naquele dia a Grande Reserva dos Sioux

perdeu sua unidade. Dentro do período de uma geração o Decreto de Distribuição de Terras de Dawes iria tomar cem milhões de acres de terra das reservas, deixando cem mil índios, sem propriedade e na pobreza.

"Nosso povo foi cegamente enganado", disse Touro Sentado. Ele sabia agora que o *"protetor dos índios"* era um homem branco que dava aos índios alguma coisa que já pertencia a eles antes e depois a tomava. Quando ia saindo do conselho para o qual não tinha sido convidado, um jornalista lhe perguntou como os índios se sentiam quanto à cessão das terras. *"Índios!"*, gritou Touro Sentado. *"Não há mais nenhum índio a não ser eu!"*

Nem havia tampouco nada mais para Touro Sentado. Naquele inverno, ele se mudou com a família para uma cabana de madeira, porque não havia cobertura suficiente para o tipi e a lona enviada pelo Departamento de Assuntos Índios não aguentaria nem uma chuvinha. Sob um pretexto e outro o governo reteve o dinheiro prometido aos sioux pelas terras, e depois, arrogantemente, cortou sua cota de alimentos em 20 por cento. A falta de comida deixou os muito velhos e os muito jovens fracos demais para sobreviverem às doenças do inverno e houve luto em quase todas as famílias.

Em seu desalento, os índios de todo o Oeste então criaram uma nova religião, a Dança dos Fantasmas, com sua promessa de salvação. Durante o verão de 1890, a religião passou de reserva a reserva. Os crentes tinham a certeza de que se dançassem a Dança dos Fantasmas a terra em breve seria coberta com um solo novo que enterraria todos os homens brancos. Nova grama e novas árvores cresceriam, os regatos correriam com água clara novamente e grandes manadas de búfalos retornariam às planícies.

Touro Sentado era cético quanto à Dança dos Fantasmas, mas sabia que seu povo precisava da nova religião para se manter. Não passava muito tempo com os dançarinos; preferia ficar em volta da sua cabana, ouvindo os passarinhos cantarem e lembrando-se dos outros verões. Queria só que o deixassem em paz. As cotovias-do-prado falavam com ele frequentemente. Diziam-lhe que seu próprio povo iria matá-lo.

No outono de 1890, tantos índios estavam dançando a Dança dos Fantasmas que os homens brancos ficaram assustados com a intensidade

do fervor religioso. Pediram ao Exército que mandasse soldados para protegê-los dos "*selvagens*". Se o Exército ou o Departamento de Assuntos Índios tivessem gasto um pouco de tempo para examinar a religião da Dança dos Fantasmas, teriam descoberto que seus dogmas se baseavam na não-violência do início do cristianismo; os crentes eram proibidos de lutar ou fazer mal a quem quer que fosse. Em vez disso, as agências do governo procuraram um líder dos índios em quem pudessem pôr a culpa quanto ao "*sistema pernicioso da religião*", como disse o agente de Standing Rock, McLaughlin.

Como Touro Sentado era o líder mais conhecido, os burocratas de Washington decidiram que era ele o poder por trás da religião da Dança dos Fantasmas. McLaughlin apoiou os burocratas, a imprensa e o público quanto a esta visão e recomendou que Touro Sentado fosse retirado de Standing Rock e colocado numa prisão militar. Nem mesmo nos seus últimos dias eles deixariam o velho hunkpapa em paz.

Na madrugada de 15 de dezembro de 1890, com o apoio do Exército e do Departamento de Assuntos Índios, McLaughlin enviou 43 sioux vestidos com uniformes de polícia da agência para prenderem Touro Sentado. O chefe hunkpapa desprezava os índios que se vestiam com uniformes dos brancos e que oprimiam os homens da sua própria tribo, mas submeteu-se calmamente. Tinha acabado de sair de sua cabana quando começaram os tiros. Uma bala fez um grande furo na sua cabeça. Como as cotovias-do-prado o tinham prevenido, ele foi morto pelo seu próprio povo — aqueles que tinham sido comprados pelos brancos.

TEDDY, O CAVALEIRO DESTEMIDO

Sua cabeça de 18 metros esculpida em granito no Monte Rushmore, nas Black Hills, estende-se sobre a sagrada terra que foi roubada dos índios. Além da dele, ali estão as cabeças de Washington, Jefferson e Lincoln, incongruentes neste cenário de rochas e pinheiros do Oeste. Teria sido mais apropriado se os escultores e os que promoveram este "*relicário da democracia*" para os turistas tivessem esculpido as cabeças de Touro Sentado, Cavalo Doido, Nuvem Vermelha e outros heróis nativos de lá. Dos quatro presidentes, só ele pertence a essa galeria do Oeste, e está distanciado dos seus sisudos companheiros como que inseguro da sua posição, uma atitude tipicamente sem propósito. Um escultor de mais imaginação o teria esculpido com duas caras, um lado virado para o passado e o outro olhando o futuro.

Ele foi o primeiro cowboy a entrar na Casa Branca, um novaiorquino de família burguesa de classe alta, que usou a imagem do homem do Oeste — cowboy caçador, combatente dos índios, Cavaleiro Destemido — para se tornar o Presidente Theodore Roosevelt, dos Estados Unidos da América. Teddy nasceu no Bowery, a apenas um quarteirão de distância e no mesmo ano em que nasceu William Bonne (Billy the Kid). Ambos eram franzinos na infância, sofrendo constantemente de asma, e passaram seus últimos anos cuidando de sua fragilidade física e doenças.

Billy the Kid e Teddy Roosevelt nunca se conheceram, mas teriam reconhecido as semelhanças de seu código de honra — admiração pela frieza em horas difíceis, lealdade aos amigos, adulação das mulheres e uma violenta beligerância contra aqueles que tivessem códigos "*menores*". Ambos gostavam da vida dura das cordilheiras abertas do Oeste, passavam horas montados em suas selas, testavam-se em épocas de rodeio, aceitando desafios e lutando para vencer. Ambos acreditavam

no poder de uma espingarda carregada e ambos eram exímios atiradores. Mataram homens e animais. Billy the Kid matou 21 homens, muito mais que Teddy, responsável pela morte de um espanhol na Montanha de San Juan, em Cuba, mas a coleção de animais abatidos por Teddy teria feito com que Billy Bonney o admirasse muito. Billy se tornou um homem do Oeste muito antes de Teddy; na verdade, ele foi morto por um tiro, no Forte Sumner, no território do Novo México, dois anos antes de Teddy ter chegado ao território de Dakota para iniciar o extermínio dos búfalos, antílopes e ursos-pardos.

Teddy não tinha interesse pelos animais soltos; preferia vê-los mortos e empalhados. Não gostava dos índios americanos em seu estado natural tampouco, mas apreciava-os bem vestidos, com falsos cocares de penas e roupas fantasiadas. Para a cerimônia de sua posse em 1904, mandou soltar Gerônimo de uma prisão militar no território índio apenas pelo tempo necessário para que o velho apache desse uma volta em carro aberto pela Avenida Pennsylvannia, fantasiado com uma cartola preta de seda.

Na sua primeira mensagem anual ao Congresso, Teddy declarou que era tempo de serem dissolvidas as restantes reservas do Oeste, para forçar os índios a viverem como homens brancos. "*O Decreto Geral de Distribuição*", disse ele, "*é um poderoso e pulverizador instrumento para dissolver a massa tribal (..) Nas escolas a educação deveria ser elementar e altamente industrial. A necessidade de uma educação de mais alto nível dos índios é muito, muito limitada.*" Anos antes, ele tinha admitido francamente que sua "*visão dos índios do Oeste*" era resultado de suas experiências nos ranchos no território de Dakota. "*Eu não chego a ponto de pensar que os índios bons são aqueles que estão mortos*", disse ele aos seus amigos de Nova York, "*mas acredito que nove entre dez são, e preferiria não tecer muita consideração quanto ao décimo. O cowboy mais maldoso ainda tem mais princípios morais que o índio padrão.*" Teddy passou muito tempo com os cowboys, mas evitava os índios como se eles fossem animais muito perigosos, mantendo-os à distância com seu rifle sempre pronto, de modo que, na verdade, sabia menos sobre os índios que sobre os numerosos ursos-pardos que matara.

...No início da década de 1880, quando os índios das planícies foram desarmados, desmontados e confinados seguramente nas reservas,

tornou-se moda entre os homens ricos visitar o Oeste e demonstrar sua masculinidade caçando animais de pelo com rifles poderosos. Teddy Roosevelt foi ao Oeste pela primeira vez em setembro de 1883, descendo de um trem de passageiros da Northern Pacific numa cidade que teria servido de cenário para um filme de faroeste de Hollywood. O lugar se chamava Little Missouri e ficava no coração, da região que outrora fora o local de caça de búfalos de Touro Sentado antes da estrada de ferro passar por lá, em 1880, apoderando-se de 40 divisões de terras dos índios dos dois lados de cada quilômetro e meio dos trilhos. Apenas uma semana antes de Teddy ter chegado ao Little Missouri, o Exército transferira Touro Sentado para Standing Rock, a menos de 300 quilômetros de distância. Naquele outono, os caçadores sioux tiveram permissão de sair das reservas para, fazerem sua última caçada ao búfalo.

...Umamadas esparsas ainda sobreviviam nas planícies do Norte, mas depois de 1883 eles ficaram fora dos limites dos índios. Foram reservados para os caçadores brancos do Leste e da Europa, que chegaram em números maiores que os animais que procuravam para matar. Uma espécie de concurso, promovido pelos jornais do Oeste, foi criado devido a essa febre de encontrar a última manada das planícies. Quanto mais próximo se tornava o extermínio da espécie, mais ávidos se tornavam os caçadores pela honra e fama de matar o último búfalo vivo e, no final da década de 1880, quando se sabia que só restavam quatro animais em Dakota, dez em Montana e 26 em Wyoming, a Associated Press começou a fazer crônicas sobre os animais abatidos como fizera sobre as mortes dos velhos pistoleiros do Oeste.

A convite de amigos que estavam se aventurando no negócio de Ranchos no território de Dakota, Teddy Roosevelt foi ao Oeste em 1883, para se juntar à caçada do último búfalo vivo. Da parada da ferrovia ele viajou 70 quilômetros de carroça até uma cabana de rancho, conversou sem parar até meia-noite, dormiu de duas a três horas sobre cobertores no chão de terra e de madrugada estava de pé, ansioso para ir atrás do búfalo. Durante vários dias, com chuva e numa lama escorregadia do norte das Bad Lands, batendo o queixo de frio, causou espanto aos seus guias pela sua incansável perseguição. Avistou três búfalos, feriu um touro velho que fugiu, perdeu um tiro numa vaca e finalmente chegou a

50 metros de um esplêndido espécime dos búfalos em extinção. "*Seu pelo acetinado era bem aparado e brilhava quando os raios de sol batiam nele*", disse mais tarde Roosevelt, "*e sua atitude de orgulho mostrava que ele tinha todo o vigor de um búfalo novo.*" Fez o animal cair com um tiro, dançou uma dança de guerra de vitória em volta da sua carcaça e depois cortou a cabeça, para acrescentá-lo aos seus troféus.

Durante a caçada, Teddy ficou encantado com as planícies de Dakota e impressionado com as histórias que ouviu acerca de fortunas rapidamente obtida com criação de gado nos ranchos, decidindo tornar-se também um rancheiro. A vasta área gramada que mantivera manadas de búfalos e tribos de índios durante séculos estava agora vazia. A terra podia ser arrendada, a baixo preço, da estrada de ferro que a conseguira de graça e não era preciso fazer construções ou cercas. O necessário era apenas dinheiro para comprar longhorns e contratar uns cowboys, que ganhavam um salário baixo. Os potenciais de lucro eram enormes; os rancheiros estavam dobrando seus investimentos em dois a três anos. Teddy tinha herdado bastante dinheiro do pai para viver uma vida moderadamente confortável, mas aos 24 anos achou que era tempo de arriscar alguma parte disso para fazer uma fortuna ainda maior no Oeste. Antes de embarcar no trem da Northern Pacific de regresso ao Leste, assinou um cheque e fez sociedade com dois criadores que iriam tomar conta de seu Rancho Maltese Cross.

Naquele inverno, a mulher de Roosevelt morreu, logo após dar à luz uma filha, Para amenizar sua tristeza, ele dedicou-se mais à política de Nova York, na qual se iniciara logo depois de formado em Harvard, em 1880. Aos vinte e poucos anos, Teddy ainda não conseguira decidir se seria advogado ou escritor. (Em 1882, publicou seu primeiro livro, *A Guerra Naval de 1812.*) Depois de se casar e se instalar na Rua 45, Oeste, achou que era seu dever de homem de ótima estirpe e cultura entrar na política, a fim de reformar o governo que acreditava ter-se tornado corrupto com a administração de irlandeses sem princípios e ignorantes do Partido Democrata. Filiou-se ao clube republicano do seu bairro e para seu espanto foi logo eleito para a assembleia de Nova York. Após a morte da sua mulher em 1884, dedicou a maior parte de sua energia numa campanha para evitar que James G. Blaine (a quem

considerava corrupto) fosse indicado como candidato dos republicanos à presidente. Ao perder sua luta na Convenção Republicana em Chicago, afastou-se do Leste. Estava viúvo, era pai de uma menininha e decepcionara-se com a política. Então, sonhou tornar-se um homem do Oeste, iniciar vida nova e ficar rico com negócio de gado.

Em meados de junho, quando chegou a Dakota, descobriu que a cidade de Little Missouri chamava-se agora Medora, nome dado em homenagem à mulher de um nobre francês, o Marquês de Mores, que também fora para Dakota a fim de entrar no negócio de gado. A cidade e toda a região das Bad Lands fervilhava de homens gananciosos em busca de fortuna rápida.

Indo imediatamente para a cabana que seu sócio tinha construído como quartel-general do Maltese Cross, Roosevelt soube que sua manada tinha sobrevivido ao inverno; 25 longhorns tinham morrido nas tempestades de neve, mas 150 vacas haviam nascido. As perspectivas pareciam tão boas que ele assinou outros cheques para comprar mais gado e fez planos de comprar um segundo rancho com o nome de Elkhorn, mais ao norte, às margens do Rio Little Missouri.

Um de seus primeiros atos como rancheiro em comando foi mandar uma costureira local fazer-lhe uma camisa de pele de gamo. "*A túnica franjada ou camisa de caça de pele de gamo*", disse ele, "*era a roupa nacional mais pitoresca e distinta que jamais foi usada na América. Era a roupa que Daniel Boone vestia ao atravessar pela primeira vez as florestas sem trilhas dos Alleghanys e penetrar no coração do Kentucky (...) era a roupa vestida pelo implacável Davy Crockett quando morreu no Alamo.*" Depois de vestir sua camisa de pele de gamo, Teddy convenceu-se de que pertencia finalmente "*à antiga raça dos caçadores armadilheiros das Montanhas Rochosas, de lutadores arrojados e destemidos contra os índios (...) precursores da entrada dos brancos através de toda a nossa terra do Oeste*". Para comemorar, saiu e atirou em seu primeiro antílope. Mais tarde, acrescentou à sua indumentária um sombrero grande, calças de couro para montar, botinas de cowboy e esporas de prata.

Quando pela primeira vez Teddy esforçou-se com seriedade para aprender o lado prático da vida do rancho — desde os rodeios até marcar o gado e andar pelas trilhas — os cowboys viram nele uma figura

cômica. Seu rosto pálido e dispéptico, com um bigode curto e ruivo por cima da boca de dentes grandes com enormes óculos redondos, lembrava aos cowboys a imagem de uma coruja. Chamavam-no "Quatro Olhos" e riam abertamente de seu modo característico de falar.

Sua posição de calouro terminou subitamente num bar de hotel de uma cidade de gado. Ouvindo tiros ao se aproximar do hotel, Teddy entrou no bar do modo mais discreto possível, pretendendo só comprar comida e secar as roupas que tinham sido molhadas num temporal. Um bêbado arrogante estava andando para baixo e para cima no bar lotado, de vez em quando dando um tiro de revólver num relógio de parede. Quando viu Teddy ele gritou: "*Quatro Olhos!*" Roosevelt riu, um pouco nervoso, e sentou-se ao lado da estufa. "*Quatro Olhos vai pagar a conta!*", gritou o desordeiro. Roosevelt ignorou-o, mas isso só fez com que o homem se sentisse mais ofendido.

"Ele ficou lá encostado em mim", disse Roosevelt mais tarde, "com um revólver em cada mão, usando uma linguagem muito porca. Foi bobagem dele ficar tão perto, e, além do mais, seus calcanhares estavam unidos e sua posição sem equilíbrio. Em resposta à sua ordem reiterada de que eu pagasse as bebidas, eu disse: 'Bem, se tenho de pagar, tenho', e me levantei, olhando para ele."

Uma coisa que Teddy tinha aprendido bem em Harvard era o boxe, e se orgulhava de continuar a ser bom nisso.

Quando me levantei, bati depressa e com força com a minha direita, só de um lado do seu queixo, com a esquerda quando me aprumei e depois de novo com a direita. Ele atirou, mas não sei se foi apenas um ato compulsivo de suas mãos ou se estava tentando me acertar. Quando caí, bateu com a cabeça na quina do balcão. Não se podia correr risco num caso desses, e, se tivesse se mexido, eu estava pronto para pular em cima das costelas dele; mas ele tinha perdido os sentidos. Tirei seus revólveres, e as outras pessoas do bar, que agora falavam abertamente contra ele, empurraram-no para fora e o puseram num barracão. Eu jantei assim que pude, sentado num canto da sala de jantar, longe das janelas, e depois subi para dormir, no escuro, para que não houvesse chance de ninguém atirar em mim do lado de fora. No entanto, nada aconteceu. Quando meu agressor voltou a si, foi para a estação e partiu no trem de carga.

Depois deste incidente, que podia ser usado sem nenhuma modificação num roteiro de filme de faroeste de Hollywood, Teddy perdeu sua imagem de calouro. Embora tivesse aparência pouco simpática, Teddy tinha um certo carisma até mesmo naquele tempo, e a súbita mudança da atitude dos cowboys lhe ensinou como desenvolver isso. Daquela época em diante ele foi um ator político, aperfeiçoando suas interpretações ao longo dos anos, fazendo o papel de herói, anfitrião, estadista, liberal romântico, conservador astuto, salvador dos recursos nacionais, guerreiro, caçador, cowboy, imperialista— conforme a ocasião exigisse.

Conquistou os cowboys, mas nunca tentou fazer amizade com os índios vizinhos. Sempre que a pastagem de sua porção de terra pegava fogo, ele culpava os índios; sempre que um novilho ou um cavalo sumia, ele tinha certeza de que os índios o haviam roubado. Certa manhã em que cavalgava sozinho pelas cordilheiras, viu ao longe quatro a cinco sioux montados, que tinham permissão de saírem de suas reservas para caçar ou fazer comércio. *"Esperei até que os índios se distanciassem uns cem metros"*, disse ele, *"e então levantei meu rifle para o alto e fiz pontaria no que estava na frente. O efeito foi mágico. Todo o bando se dispersou como os pombos selvagens ou os patinhos fazem quando levam bala; deram para trás e seguiram pela trilha dobrados por cima dos cavalos."*

Os sioux ficaram alarmados, naturalmente; tinham acabado de sobreviver às espingardas apontadas dos homens brancos quando o Exército fizera uma varredura nas planícies na década de 1870, visando enviá-los para as reservas. Um dos índios, evidentemente querendo conversar em paz, jogou o rifle no chão e acenou com seu cobertor por cima da cabeça em sinal de amizade. Roosevelt, entretanto, não permitiu que ele se aproximasse mais que 50 metros, embora o índio lhe mostrasse seu papel de permissão. *"Quando seus companheiros começaram a chegar mais perto, eu apontei o rifle para ele e obriguei-o a se afastar, o que ele fez num segundo, com uma irreverência canônica anglo-saxã (...). Nunca mais vi os índios. Talvez eles não tivessem nenhuma má intenção além de me dar um susto, mas não me arrisquei a deixá-los chegar perto de mim, pois provavelmente teriam roubado meu cavalo e meu rifle e talvez tirado meu escalpo."*

No final do verão, depois que a maior parte das turmas do rancho terminaram suas tarefas, ele e dois guias foram para as Montanhas Big Horn para caçar ursos-pardos. Ao longo do caminho, acamparam no Rio Powder, na região em que os índios tinham lutado tanto pela sobrevivência enquanto Teddy era uma criança doentia e protegida na cidade de Nova York. Seu interesse pela história americana, contudo, não se estendia a essa fase da conquista do Oeste e ele não tinha o menor desejo de conhecer os vencidos. Numa tarde, quando o guia descobriu que os cheyennes que estavam fora da reserva tinham acampado nas vizinhanças, sugeriu a Roosevelt que eles fossem falar com os índios.

— Para que você quer ir até lá? — perguntou Roosevelt, alarmado.

— Nessa área — disse o guia — a gente sempre gosta de saber quem são vizinhos.

Com certa relutância, Roosevelt foi e ficou imensamente aliviado ao ver que os cheyennes não eram hostis. Ficou ainda mais aliviado na manhã seguinte, quando ele e seu companheiro foram para oeste, para longe deles. Seguiram o riacho Crazy Woman, passando por perto do antigo Forte Phil Kearny, até alcançarem a região dos ursos-pardos do Big Horn.

Teddy respeitava a ferocidade dos ursos-pardos, fazendo mira cuidadosa entre os olhos deles a uma distância segura, enquanto os animais lutavam na sua agonia da morte. Viu, sem qualquer comentário, quando um dos guias quebrou de propósito a perna de um urso com seu primeiro tiro, "*para ver o que ele iria fazer*". Durante esta caçada, Teddy matou três ursos-pardos e seis alces, empilhando as cabeças e os corpos numa carroça que tinha levado para transportar seus troféus de volta à estação ferroviária para serem enviados à sua casa, impressionando assim sua família e seus amigos.

"*Tenho tido um bom esporte*", escreveu ele à irmã a 24 de setembro. "*Mas se não estivesse caçando urso o tempo todo, acho que ficaria tão inquieto com esta vida quanto com a minha vida em casa.*"

Durante o outono, sua inquietação o levou até o Leste, onde fez campanha sem grande entusiasmo por James G. Blaine, que perdeu as eleições para Crover Cleveland. Passou o inverno trabalhando no seu livro *Viagens de Caçada de um Rancheiro*, um relato de suas experiências em Dakota, e quando lhe pediram fotos para a publicidade,

ele envergou suas roupas de cowboy para posar num estúdio de Nova York. Um de seus amigos do Oeste que recebeu um exemplar achou a fotografia muito engraçada. *"A grama de imitação que não escondia totalmente o tapete por baixo, o fundo pintado, as pedras do cenário (ligeiramente manchadas) nas quais o cowboy se encosta, olhando vagamente pelas pradarias imaginárias, a pose do caçador com o rifle pronto e o dedo no gatilho, enfrentando a caça perigosa que não está lá — tudo revela um encanto infantil em representar."*

A atração do Oeste real o levou de volta a Dakota, para os rodeios da primavera. Ele passou um verão atarefado, arrumando seu "novo rancho, o Elkhorn. Construiu uma casa espaçosa, enfeitou a varanda da frente com a galhada de um alce que tinha matado onde ainda se podia encontrá-los. Foi à convenção dos corretores da bolsa em Miles City e convidaram-no a fazer o discurso do Quatro de Julho em Dickson. Seu círculo crescente de amigos começou a sugerir que ele entrasse para a política de Dakota. Nas suas horas de lazer, ele lia os livros da biblioteca que tinha levado para lá; trabalhava de quando em vez numa biografia de Thomas Hart Benton (o homem que conspirara com os irmãos Magoffin para a conquista sem derramamento de sangue do Novo México). Também pensou em fazer um trabalho maior sobre o movimento, a oeste da fronteira americana; iria dar o título de A Conquista do Oeste.

Na primavera de 1886, Roosevelt teve uma esplêndida aventura no Oeste, que começou com o roubo de um barco que ele mantinha ancorado às margens do Little Missouri. Tudo provava que tinham sido três homens, um deles Mike Finnegan, um "*homem mau*" local que tinha se envolvido em diversos tiroteios de bar.; Com dois dos seus capatazes, Roosevelt começou uma rápida perseguição que o levou além das Montanhas Killdeer, onde 20 anos antes Touro Sentado tinha enfrentado seu primeiro batismo de fogo dos soldados dos Estados Unidos. Se Roosevelt sabia disso, nunca o mencionou, e teria considerado o incidente insignificante para ser citado sequer num pé de página do A Conquista do Oeste.

Os ladrões foram capturados à moda do Oeste Selvagem, Roosevelt apontando a arma para Finnegan, que *"hesitou por um segundo, com os olhos enfurecidos (...)* Eu dei uns passos, mantendo a mira no meio do seu peito, para evitar que ele atirasse. Repeti a ordem de comando e ele

viu que não era brincadeira; disse um palavrão jogou seu rifle no chão e pôs as mãos para o alto, acima da cabeça"Oito dias foram gastos para levar os prisioneiros para o xerife, devido às chuvas, ao frio e à lama de Dakota; mas, durante as dificuldades, Roosevelt conseguiu ler Anna Karenina, de Tolstoi, que levava em seu alforje. Quando terminou o clássico russo, pegou uma novela barata sobre Jesse James, que Mike Finnegan tinha consigo, e leu-a. Teddy era um leitor compulsivo.

Naquele verão, o Oeste estava muito agitado em função de uma possível guerra com o México, resultado de um ataque de soldados mexicanos às forças do Exército americano que perseguiram Gerônimo do outro lado da fronteira. O Capitão Emmet Crawford tinha sido morto, e o Exército dos Estados Unidos queria se vingar. Na biografia de Roosevelt sobre Thomas Hart Benton, ele expressou seu ponto de vista de que os Estados Unidos deveriam ter conquistado toda a América do Norte. "*Nós éramos o povo que poderia dar melhor uso a ela e devíamos tê-la tomado toda.*" Ele estava ansioso portanto, por qualquer oportunidade de expandir as fronteiras de seu país, e enviou rapidamente uma carta ao Secretário da Guerra oferecendo-se para organizar um regimento de cavalaria no Oeste, caso houvesse guerra com o México. Em outra carta a Henry Cabot Lodge, pediu ao amigo para lhe telegrafar imediatamente, caso a guerra fosse inevitável. Roosevelt escreveu: "*Creio que lá existe uma boa luta para os cavaleiros destemidos daqui.*" Foi uma previsão do episódio da Montanha de San Juan, que iria se dar 12 anos depois.

No Leste, naquele inverno, Teddy casou-se com uma namorada de infância, Edith Carow, e levou-a para a Europa em lua-de-mel. Quando voltaram para Nova York na primavera de 1887, as notícias de Dakota eram ruins. Excepcionalmente, houvera fortes tempestades de neve e milhares de cabeças de gado morreram nas planícies do norte. Os criadores gananciosos perceberam tarde demais que tinham superlotado os pastos; por mais severas que tivessem sido as nevascas, muito animais teriam sobrevivido, se houvesse menos cabeças para dividir as pastagens do inverno. Em meados do inverno, manadas de reses esqueléticas tinham subido pelo Little Missouri até Medora, invadindo a cidade, comendo até a morte papel de alcatrão em torno de barracões abandonados.

Quando Roosevelt lá chegou, em abril, o Little Missouri estava inundado e suas águas cheias de carcaças de gado rolando pela corrente agitada. "*Tivemos um grave desastre financeiro*", escreveu ele a 10 de abril. "*Os prejuízos foram tremendos.*" Só depois de vários dias percorrendo os pastos com seus sócios é que Roosevelt pôde avaliar como tinham sido enormes suas perdas. Nas pastagens de Maltese Cross eles encontraram reses dispersas ainda vivas, mas em Elkhorn "*não restava uma só vaca*". Os empreendimentos do rancho de Teddy tinham sido quase que totalmente perdidos; seu prejuízo financeiro era assombroso.

Embora Roosevelt saísse do Oeste, a fim de recuperar sua fortuna e sustentar sua família ampliada, manteve uma participação no Rancho Elkhorn, como uma base para suas viagens de caça, pelo período de alguns anos. Durante muito tempo ficou sem dinheiro e escreveu bastante, para suplementar sua renda como Comissário do Serviço Civil dos Estados Unidos e depois como Comissário da Polícia de Nova York. Em seus artigos sobre problemas contemporâneos, ele exigia constantemente que os Estados Unidos aumentassem sua força militar, expandissem seus limites geográficos e se tornassem uma potência mundial. Estava preocupado com os distúrbios civis surgidos por volta da década de 1890 — as revoltas de Haymarket e Homestead, a greve de Pullman, o exército de Coxey e via tudo isso como sintoma do início de um levante semelhante à Revolução Francesa.

"*O país precisa de uma guerra*", escreveu em dezembro de 1895, e um ano mais tarde, após o Presidente McKinley tê-lo nomeado Assessor do Secretário da Marinha, ele se viu em posição de ajudar a gerar uma guerra. Em Cuba, os insurgentes estavam se rebelando contra o domínio espanhol e os americanos foram solidários com os rebeldes, em parte por idealismo e em parte porque queriam terminar o tumulto e voltar a ganhar os milhões de dólares com o comércio perdido.

Em toda oportunidade, Teddy pregava as "*virtudes de bravura*", declarava que "*a paz só é deusa quando vem com uma espada por cima da coxa*". Embora o Secretário da Marinha, John D. Long, ficasse às vezes apreensivo com as palavras e ações do seu assessor, nada fez para deter os esforços de Roosevelt no sentido de pôr a Marinha em pé de guerra e armar uma poderosa esquadra asiática no Pacífico.

Após o misterioso afundamento do vapor americano Maine na baía de Havana, a 15 de fevereiro de 1898, a guerra com os espanhóis se tornou inevitável. "*Era nosso dever intervir em Cuba*", disse Roosevelt, "*e usar essa oportunidade de tirar os espanhóis do mundo ocidental.*" A guerra foi declarada a 21 de abril e Teddy finalmente teve a oportunidade de organizar um regimento de "*cavaleiros destemidos e temerários do Oeste*". Por falta de experiência militar, ele não foi capaz de obter uma comissão de coronel, mas aceitou ansiosamente o segundo comando, sob as ordens de seu amigo Leonard Wood. Teddy se encarregou dos deveres de recrutamento, despachando telegramas aos governadores do Oeste, pedindo "*voluntários que fossem jovens, bons atiradores e bons cavaleiros*". Um de seus primeiros atos foi telegrafar aos irmãos Brooks, da cidade de Nova York, encomendando "*um uniforme azul regular de tenente-coronel, sem amarelo no colarinho e com polainas brancas*". Também encomendou seis óculos extras de aro de metal para serem usados em combate.

Num raro momento de modéstia no meio de sua atividade frenética, Teddy comentou: "*Realmente somos todos heróis falsos*", e depois apressou-se a ir para o Texas, para pôr em forma os Cavaleiros Destemidos. Para se certificar de que seu regimento chegaria em primeiro lugar em Cuba, apossou-se de um navio em Tampa, que esperava a chegada de outra unidade de cavalaria, e com Richard Harding Davis ao seu lado, para reportar todos os incidentes ao Herald de Nova York, os Cavaleiros Destemidos em breve desembarcavam em frente à fortaleza dos espanhóis, em Santiago. Outras unidades juntaram-se a eles; Leonard Wood tornou-se comandante de brigada e Roosevelt finalmente foi promovido a coronel dos Cavaleiros Destemidos.

Se tomaram a Montanha San Juan ou a Montanha Kettle não importa; Roosevelt e seus Cavaleiros Destemidos na verdade atacaram um morro de Cuba e por esta glória ele foi levado diretamente à Casa Branca. "*Acenei com meu chapéu e subimos a montanha rapidamente*", disse ele. "*O ataque foi muito divertido.*" Para Teddy foi o maior acontecimento esportivo da sua vida. Ficou orgulhoso do alto número de baixas de seu regimento, porque acreditava que isto provava que os homens do Oeste eram os melhores combatentes. "*A percentagem de*

perda do nosso regimento", gabava-se ele, "foi aproximadamente sete vezes maior que a dos outros cinco regimentos de voluntários."

A febre amarela e a malária, contudo, mataram mais Cavaleiros Destemidos que as balas dos espanhóis. As condições se tornaram tão ruins no final do verão que o Exército ordenou que o regimento fosse transferido de Cuba para Nova York. "*Eu me diverti muito e lutei muito!*", falou Teddy aos repórteres que foram encontrar-se com ele no desembarque. "*Sinto-me grande e forte como um touro!*" Mas tão poucos de seus homens estavam em condições de marchar que a parada planejada ao longo da Broadway teve de ser cancelada.

Em setembro, os Cavaleiros Destemidos foram dispensados depois de apenas 133 dias de serviço, mas ainda assim, naquele breve período, eles fizeram de Teddy Roosevelt um herói da pátria.

Naquele outono, ele foi eleito Governador de Nova York. Dois anos mais tarde, foi indicado e eleito Vice-Presidente na chapa republicana de McKinley e Roosevelt. Em setembro de 1901, McKinley foi assassinado e Teddy, o Cavaleiro Destemido, foi feito subitamente Presidente dos Estados Unidos da América.

Durante seus sete anos de presidência, Roosevelt estabeleceu, aceitando todas as consequências, o padrão que a América iria seguir através da maior parte do século XX. Era um padrão do Oeste do bem e do mal, dos super-homens do Oeste, formados para dominar os vastos poderes das trevas. Roosevelt acreditava que o modo de vida americano era tão superior aos outros que todos deveriam ser como eles, mesmo se tivessem de ser forçados a isso. Se os cétricos do mundo não pudessem ser disciplinados com palavras então se deveria usar uma grande vara ou uma grande espingarda.

Prometeu aos cubanos: "*só se se comportarem é que serão felizes*", e depois ofereceu-lhes liberdade com algumas condições. Subjugou os filipinos para americanizar seus habitantes. Com a Marinha dos Estados Unidos apoiou o levante de separatistas "amigos" para que o Panamá se libertasse da Colômbia, e depois construiu um canal através do istmo. Enquanto o canal estava em construção, ele foi para lá e operou uma das escavadeiras a vapor; foi criticado por ser o primeiro Presidente a sair do território norte-americano, mas seus críticos não compreenderam que,

do ponto de vista de Teddy toda a América pertencia aos Estados Unidos.

Na política interna ele atacou os consórcios econômicos "maus" e deixou em paz os "bons". Criticou os malfeitores ricos, mas teve medo dos denunciadores de jornais que os expunham. Condenou William Jennings Bryan por ter "*todos os vícios de Thomas Jefferson*" e depois adotou muito da política de Bryan. Considerou como suas as reformas ecológicas que outros tinham lutado para conseguir, enquanto ele estava ocupado em matar tantas espécies de animais selvagens que os museus não tinham espaço suficiente para conter os inúmeros troféus que lhes enviara. Trabalhou muito no sentido de preservar parte das florestas do Oeste e outros recursos como "*propriedade do povo*", mas teria considerado sem sentido restituir qualquer riqueza desse domínio aos índios. Afinal de contas o Oeste tinha sido "tirado" deles, e os vitoriosos não devolvem território aos vencidos. Abriu um precedente ao convidar um preto, Booker T. Washington, a jantar na Casa Branca, mas quando um regimento de negros foi acusado de passar a cavalo por Brownsville, Texas, atirando pela cidade, sem pedir provas ou fazer um julgamento ele ordenou que 167 soldados negros fossem "*desligados com desonra*". Aquele regimento tinha protegido o flanco dos Cavaleiros Destemidos na Montanha de San Juan.

Próximo ao fim do seu primeiro mandato presidencial ele viajou para o Wyoming, a fim de iniciar uma campanha de reeleição, andando a cavalo cem quilômetros num só dia, para provar sua resistência. Para os fotógrafos ele usou seu chapéu desabado de Cavaleiro Destemido, calças de montaria marrom e polainas. "*Descendo da montanha para o vale, lá vinha ele num turbilhão de poeira*", escreveram os jornalistas. "*Montado soberbamente, sentia-se à vontade como um homem das planícies, sentado para a frente da sela e com o ombros soltos. O Oeste estava descrito em cada linha do seu arcabouço, das suas roupas e da sua postura; podia bem ser um rancheiro liderando um grupo de rodeio (...)* Era Theodore Roosevelt, rancheiro, soldado, Presidente dos Estados Unidos."

Ele venceu as eleições de 1904 com o maior número de votos populares e leitorais jamais ganhos por um candidato à presidência. Quatro anos depois, quando deixou o gabinete, Mark Twain comentou:

"*Ele tem até hoje 14 anos de idade.*" Na festa de despedida da Casa Branca, Teddy rodeou-se de seus antigos camaradas do Oeste — vaqueiros, caçadores, xerifes — homens musculosos, queimados do sol, seguidores de uma vida exaustiva. Antes de terminar a noite, eles choravam abertamente porque seu cowboy estava deixando a Casa Branca.

Em 1912, tentou voltar para a Casa Branca, candidatando-se à presidência numa cédula de um terceiro partido. Viajou por todo o país, gritando com sua voz estridente que era forte como um touro, levando as plateias a cantarem Para a Frente, Soldados Cristãos.

Mas o que conseguiu foi apenas dividir os votos do Partido Republicano. Woodrow Wilson e os democratas ficaram com a Casa Branca.

Nos seus últimos anos, Teddy tornou-se um anacronismo, um orador verborrágico, recomendando ao mundo que caçasse animais de grande porte, fazendo conferências para reis e intelectuais, passando em revista as tropas de Kaiser Guilherme e assegurando aos alemães que eles eram um "*povo viril e poderoso*". Alguns meses depois, quando essas mesmas tropas alemãs invadiram a Bélgica, ele primeiro apoiou a estratégia militar do Exército Alemão e depois, subitamente, mudou de opinião e foi às pressas para Washington, pedir ao Presidente Wilson que o deixasse organizar outro regimento de soldados montados no Oeste para combater os hunos. Mas Wilson recusou-se. Nessa época, Teddy parecia mais velho do que era; a febre e outras doenças adquiridas nas expedições de caça na África e na América do Sul tinham sugado a força do seu corpo. Ainda estava vivo e sofreu muito quando morreu seu filho mais moço, numa batalha aérea da Guerra para Tornar o Mundo Seguro para a Democracia, a Guerra para Acabar com as Guerras, e então, no dia 6 de janeiro de 1919, morreu Teddy, o Cavaleiro Destemido.

Na época de grande popularidade de Roosevelt, nos primeiros anos do século, os americanos o admiravam porque era o Presidente mais parecido com eles — fluente, ativo, exuberante, autossuficiente, autoconfiante, amigável com os da sua espécie, altamente desconfiado dos povos diferentes, fiel ao uso da força para conseguir seus objetivos, honrado, messiânico, contraditório, avarento e generoso. Ele

representava a destilação final da experiência do Oeste, e, como Presidente, fez muito para imprimir estes traços ao caráter americano, onde eles perduram até hoje.

FIM

BIBLIOTECA DO EREMITA

